

marilusa moreira vasconcellos

A moça da ilha

pelo espírito Tomas Antonio Gonzaga



ROMANCE

MARILUSA MOREIRA VASCONCELOS

A Moça da Ilha

Romance Mediúnico ditado por Tomás Antonio Gonzaga

Distribuição: Editorial Espírita Radhu Ltda

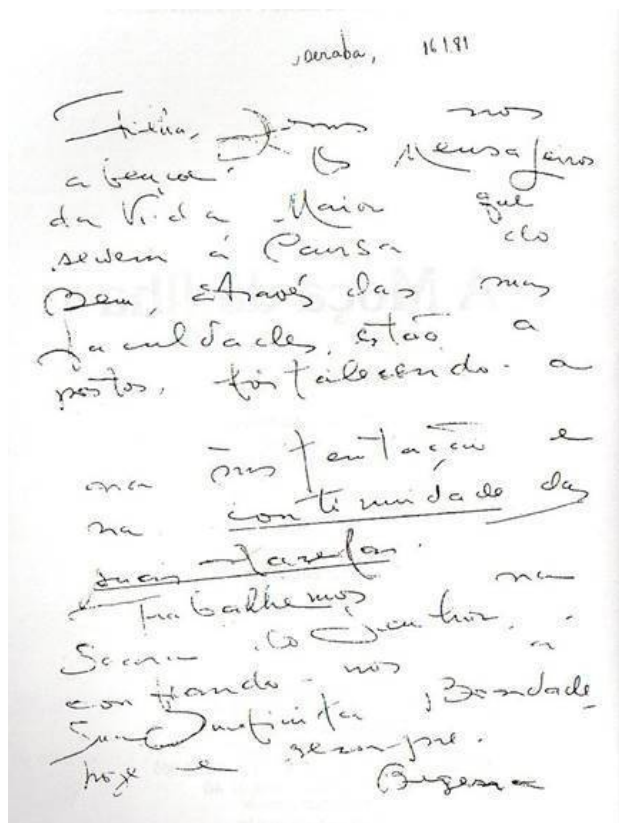
R. Maria Oliano Gerassi — 288

fonefax: 11 2274-3818

Moinho Velho. São Paulo- CEP- 04284-065 CNPJ:
54.456.216/0001-40

www.radhu.com.br

radhu@terra.com.br



Uberaba, 16 de janeiro de 1981.

Filha, Jesus nos abençoe. Os Mensageiros da Vida Maior que servem à Causa do Bem, através das suas faculdades, estão a postos, fortalecendo-a na sustentação e na continuidade das suas

tarefas. Trabalhemos na Seara do Senhor, confiando-nos à Sua Infinita Bondade hoje e sempre.

Bezerra.

(Página recebida em reunião pública do Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier.)

ÍNDICE

- Do autor

- Palavras iniciais

Primeira parte

I — A reunião

II — Artur

III — Rememorando

IV — Desfilando lembranças

V — Um salto no tempo

VI — Auxílio Anônimo

VII — Prenúncios de dores

VIII — Um porto

IX — O barco

X — Choque inevitável

XI — Dona Tereza

XII — Traçando planos

XIII — Procurando meios

XIV — Mais fatos

XV — Novo desprendimento

XVI — O namoro

XVII — Esperanças

XVIII — A viagem

XIX — A volta

XX — O retomo

XXI — O embarque

Segunda parte

I — Ao mar

II — Dificuldades

III — O cansaço, a fome e a incerteza

IV — A tempestade

V — Ainda no mar

VI — Na Itália

VII — Entre irmãos

VIII — O pretor Glauco

IX — Encontro de pai e filho

X — Retomo à Óstia

XI — Em Óstia

XII — Em casa de Sérvulo

XIII — Traçando rumos

XIV — Júlio

XV — Lúcius

XVI — A caminho

XVII — Na confraria Mitráica

XVIII — A caminho da luta

XIX — Várias batalhas

XX — Morte na arena

XXI — A soltura de Lúcius

XXII — Em Minas

XXIII — Em Minas (Praxiteles - José de Sá Bittencourt)

Encerramento

- Elenco

- Palavras finais

DO AUTOR

Amigo leitor:

Jesus nos abençoe.

Desde que as pistas, de nossos rastros de antanho, foram deixadas no volume "Confidências de um Inconfidente", muita curiosidade nos tem buscado a sintonia.

No entanto, nosso propósito é o de servir sem alarde, a Deus e trilo i inconstância dos homens.

O presente volume que viemos a te entregar, foi escrito em épocas JIA Tentes. A primeira parte, toda ela visualizada pela nossa medianeira, (exceção feita ao último capítulo da mesma) foi escrita no período de anterior, portanto, ao "Confidências..." A segunda parte só foi transcrita em fins de 1981 e começo de 1982, portanto, posterior à recepção do mesmo.

Usamos um recurso literário muito válido. A narração vai por conta da jovem protagonista do romance, mas não se pense seja eu a personalidade que a encarna, como será devidamente esclarecido ao final do quando daremos o que nomeamos por "elenco" do drama vivido, nos longínquos tempos da guerra Dácia. ***(Dácia — Antigo país da Europa, compreendido entre o Tisza, o Danúbio, o Ponto Euxino, o Dnistre e os Cárpatos. Os seus habitantes foram subjugados por Trajano, e os romenos são provavelmente descendentes dos antigos colonos romanos.)***

Esta pequena peça do quebra-cabeças de nossas vidas, por certo, não completa de forma exclusiva, todo o cenário das experiências nossas.

Se Deus o permitir, outros virão com as elucidações necessárias. Mas, nem por um momento, teríamos a pretensão de relatar tudo, com relação a todos os irmãos, que se nos ligaram nas Minas Gerais.

A luta secular pelo progresso de cada um e pela implantação do Bem na Terra prossegue.

Sejas tu, também, querido amigo, mais um a se engajar nas Coortes da Paz e do Amor.

Jesus te abençoe e a nós.

Tomás

PALAVRAS INICIAIS

Querido irmão:

Em 1975, quando estávamos cursando o terceiro ano da Escola de Médiuns, uma noite, após o curso, em desdobramento, vimos toda a primeira parte de um drama que muito nos impressionou. Resolvemos transcrevê-lo, porém, sempre que tentávamos fazê-lo, malgrado o conhecimento do enredo, faltavam-nos vocabulário e concatenação nas ideias. Após alguns meses, contudo, marcamos com um espírito amigo, cujo o nome não sabíamos até então, as anotações, que passaram a se desenvolver uma vez por semana.

Nossa preocupação era com o final que não tínhamos visto. As mesmas cenas a nós mostradas, também foram apresentadas a uma outra pessoa, para alicerçar nossa confiança. Assim foi vindo a primeira parte, com o fecho inesperado, só mostrado psicograficamente. Julgávamos, então, estar o livro completo, mas ele fora apenas o treino para a recepção de outros. O amigo espiritual identificou-se com o nome de dr. Tomás Antonio Gonzaga.

O tempo passou. Veio o "Confidências de um Inconfidente" e só em 1981 recebemos ordem de retomar o volume antigo, mais identificados com o autor e um tanto familiarizados com sua linguagem e tarefas.

Ai fica, pois, este trabalho, que tantas lições nos trouxe, derramado com tanto sacrifício do Plano Maior, para apreciação de todos os que o lerem.

Em conversa com nosso orientador, comentamos o perigo da abordagem do homossexualismo ou aos cultos de Mitra, mas ele nos alicerçou a confiança em que todos compreenderão os

conceitos emitidos, sem qualquer intenção nossa de julgamento ou permissividade.

Por certo, este volume não responde a todos os questionamentos, nem pretende dar a última palavra; apenas testemunha nosso passado secular, tal como o admirável Aleijadinho, quando, no púlpito da Igreja Francisco de Assis, coloca o touro ao lado de Jonas.

Perdoa, amigo, se mais não dizemos, a não ser saudar-te com a paz do Cristo, esperando que Ele nos ampare e guie.

Marilusa

Uberaba 25/5/84

Nossa irmã conta com
toda uma equipe de
amigos espirituais que lhe
supervisionam as atividades.
Através da oração, receberá
sempre as sugestões e inspira-
ções de que necessita
no desenvolvimento de suas
tarefas. Confiemos no amparo
de Jesus, hoje e sempre.

Bezerra

Uberaba, 25 de Maio de 1984.

Nossa irmã conta com toda uma equipe de amigos espirituais que lhe supervisionam as atividades.

Através da oração, receberá sempre as sugestões e inspirações de que necessita no desenvolvimento de suas tarefas.

Confiemos no amparo de Jesus hoje e sempre.

Bezerra.

(Mensagem recebida em reunião pública no Grupo da Prece, pelo médium Francisco Cândido Xavier, para a médium Marilusa, como

orientação para seu trabalho.)

I — A Reunião

Estávamos nos primórdios do Cristianismo nascente.

A Roma poderosa dominava as ilhas ao longo dos mares Egeu, Adriático e Jônico.

Eu e minha família morávamos numa destas ilhas e acudíamos com um grupo e irmãos, a todos os deserdados que nos procuravam. ***(Estes aldeões eram provenientes da ilha de Quios, célebre pelos seus vinhos, e que pretende ter a honra de haver sido o berço de Homero, pertence ao arquipélago grego.)***

Tínhamos erguido um largo salão, onde nos reuníamos amiúde, para auxiliar outros irmãos, ou para nos entrevistarmos com companheiros da mesma crença.

Nestas tardes, quando obtínhamos algumas horas de descanso para o estudo religioso, sem que as autoridades desconfiassem que nosso Uivai era o cristão, passávamos em preces mentais por doentes que nos procuravam.

Acreditavam eles que tínhamos um poder especial a nós outorgado por algum dos deuses da mitologia antiga, e, nem por um instante, podiam supor o que nos inspirava. Havíamos assentado entre os irmãos do culto crista^o de nada deixar transparecer, quanto à nossa posição religiosa. Ministrávamos água fluída, que pensavam ser medicação dos deuses, enquanto, de uma câmara própria, irmãos irradiavam passes, em direção aqueles que nos procuravam.

Com toda discrição possível orávamos em conjunto às escondidas, preparando-nos espiritualmente, para atender a todos. Havia entre nós um senhor de idade mediana, tez clara e cabelos brancos, cuja autoridade moral indiscutivelmente impusera-o como tutor espiritual de todo grupo, Senhor Venâncio. Um homem que trabalhava o campo herdado dos pais. Tendo já criado os filhos, viúvo, dedicava-se a nosso pequenino grupo com o afeto de um pai experiente e amoroso.

A nossa clientela de plebeus, porque éramos uma espécie de minoria privilegiada, uma casta de antigos nobres, ora sob a custódia romana, era em sua maioria uma turba de obsedados comuns, a pedir-nos constante paciência e orientação.

Quando nos reuníamos, a fim de medicá-los e suprir algumas de suas necessidades naturais, era comum que o sr. Venâncio tomasse a palavra, orientando-os, incitando-lhes bom ânimo, prescrevendo-lhes a paciência, o amor e o trabalho como terapêutica dos deuses. Tínhamos que nos censurar os lábios para não pronunciar o nome amado, que poderia nos colocar sob os grilhões da turba infeliz, com a aquiescência de Augusto. O Imperador ali era o poder. Era a lei. Trajano era justiça e a religião. ***(Trajano — Imperador romano de 98 a 117 (52-117), Sucessor de Nerva, reinou de 98 até à morte. Venceu os Dácios e os Partos (101 a 105). Mostrou-se excelente e grande construtor, mas perseguiu os cristãos)***

Quem ler o que relato talvez pense que, após tantos mártires cristãos, nós nos constituíamos de uma minoria de covardes que abdicavam ao culto aberto a Cristo, por medo das represálias. Quando nossos patriarcas haviam sido informados da vinda do Messias, por um de seus discípulos, em viagem à nossa ilha, encantaram-se com as maravilhosas revelações a seu respeito. Abertamente alguns, entre os quais meu pai, começaram a disseminar a Boa Nova, entre aquela gente ignorante e ingrata.

Em curto- espaço de tempo, uma escolta romana levava meu pai prisioneiro e, somente com grande sacrifício e a doação, de nossa parte, como prova de fidelidade, aos deuses e a César, de grande parte de nossas propriedades, foi impedido que fosse ele levado aos porões de um navio, como um animal feroz. Argumentamos que o pobre pai estava senil e com o cérebro doente e nos comprometemos a trazê-lo sob severa vigilância. Nosso genitor não aprovou nossa atitude, mas, mesmo assim, estávamos felizes por tirá-lo de um cativeiro que o apartaria de nós para sempre. Talvez muitos que atualmente podem gozar da felicidade de pronunciar o divino nome de Jesus, não possam mesmo como meu pai, então, compactuar com o nosso silêncio com relação a Ele. Só

fazíamos adeptos com pessoas que pudessem gozar de nossa confiança, trazendo-as a nossos círculos por túneis subterrâneos e com os olhos vendados, até que nos provassem pelos seus atos merecer ser mais um dos nossos. Com todo este cuidado, conseguíamos subsistir e ainda podíamos fazer reuniões públicas em salão, no campo, ajudando assim aos menos favorecidos.

Nossa atividade, se não era bem vista pelas autoridades, também conseguia seu beneplácito, visto que sempre combatíamos a rebelião, o crime e a balbúrdia. Éramos tidos à conta de idealistas comuns, mas sem perigo, para a majestade do imperador.

Numa dessas tardes o sr. Venâncio ocupava a tribuna, enquanto Iniba inquieta aguardava a distribuição' de roupas e mantimentos.

Venâncio estava inspirado por uma entidade altamente amorosa humilde. Falava da natureza, das nossas praias, da abundância de peixe, que podia prover nossas necessidades. Explicava a quietude de nossos campos e vegetação tão vistosa, como dádivas destes entes divinos a nos preparar, para uma vida melhor de amor e de compreensão. Instava a que cada qual buscasse interiormente conhecer e sentir .1 beleza de tudo o que nos rodeava, a utilidade de tudo o que pudéssemos ver e tocar... As pedras se transformando em abrigos agradáveis, o peixe convenientemente tratado pelo sol e pelo sal, para ser armazenado, a fim de que não passassem nossos filhos por provações. Insuflava os bons hábitos e bons pensamentos em todos, a fim de participarem, com os pequenos seres divinos da natureza, da sua divina sabedoria.

Sentíamos que alguns dos presentes mal pressentiam, aturdidos, o sentido dos conselhos do patriarca, enquanto a maioria ficava inquieta Indo término de duas palavras.

Com que dificuldade o velhinho dissertava sobre as riquezas íntimas, para tornar forte o indivíduo. Aquelas mentes embrutecidas não gostavam de nós, que julgavam privilegiados material e espiritualmente, sem saberem como.

Foi numa destas tardes, que eu me empolguei ao ouvir Venâncio, quando tentava incutir neles a crença de um Deus maior que todos os outros, e a quem obedecessem.

Eu via uma aura azulada em volta dos cabelos brancos de meu venerando amigo. Tinha eu então dezoito primaveras. Era jovem, ardorosa, inquieta. Alguns de meus companheiros achavam-me diferente das moças e rapazes de minha época. Não procurava namorar, não ria com frequência, não brincava. Era séria, calma e desconfiada como um adulto.

Aquele dia eu quis ensinar aqueles seres a orar em conjunto e fiz um sinal a Venâncio para me permitir falar-lhes.

Uma nuvem de preocupação parecia tisonar-lhe a vista, mas o velhinho fez-me sinal para que ocupasse seu lugar. Não sei se, pelo fato de ser mulher, ou porque quer que fosse, um sussurro abafado percorreu a assistência.

Venâncio me apresentou com carinho, solicitando a todos que me ouvissem com cuidado.

As últimas palavras de "cuidado" eu sentia que também a mim ele dirigia, tendo em vista que jamais, em nossos círculos, eu expressara vontade de conversar com os aldeões e pescadores.

Eu comecei por dizer que iria tentar com eles absorver do ar, do sol, das plantas lá fora e das pedras, a divina força da vida. Sentia-me inspirada. Queria ensiná-los a orar ao grande Deus de forma semelhante à prece que sempre murmurávamos: o Pai Nosso. Mas não cheguei a começar. Malgrado meu entusiasmo e boa vontade, não tinha a autoridade moral de Venâncio. Não exercia sobre a turba, o seu alto poder magnético.

Um pequeno grupo de mulheres começou a se mexer, inquietas, cochichando. Pressenti que estavam envolvidas por entidades infelizes, que se utilizariam delas a qualquer momento. Tentei mentalizar o grupo, em prece, que eu sabia não longe dali, fluidificando a água e limpando o ambiente.

Venâncio se dirigia ao grupo entre a multidão, para com sua presença impedir um desastre.

Mal eu pronunciara as primeiras palavras de oração, três mulheres puseram-se a rir de um modo simiesco, e, em breve, assustavam grande parte dos que ali se achavam e debandavam, fugindo às carreiras, como loucos.

Venâncio retomou a palavra, como se nada houvesse acontecido.

Anunciou o início da distribuição dos mantimentos, o que acalmou os mais afoitos, e começou a agradecer a presença de alguns amigos que estavam ali, chegados de uma ilha vizinha à nossa.

Compreendi que, com meus arroubos, eu quase fizera ruir todo um esquema de fluidificação no ambiente.

Nossos companheiros trouxeram os sacos de mantimentos às famílias e as bilhas de água que haviam preparado para serem levadas e tomadas por todos.

Em pouco tempo, restávamos ali nosso grupo e o dos irmãos que nos visitavam. Pudemos, então, aliviar a tensão e abraçarmos-nos com alegria, como irmãos do mesmo ideal em Cristo Jesus.

Venâncio evitou falar sobre os acontecimentos de há pouco e eu senti que o fazia para não me humilhar diante dos companheiros. O grupo tinha grandes esperanças em mim e em minha mediunidade, que em nossa câmara subterrânea estava sendo desenvolvida em reuniões noturnas.

Ao lado do salão de reunião, tínhamos duas salas, uma das quais continha alguns leitos, onde eventualmente colocávamos algum doente, que durante nossa distribuição mensal pudesse sentir-se mal.

Aquele recinto era alvo de muitas mentalizações nossas, para que quem ali entrasse fosse imediatamente assistido pelos irmãos superiores.

Em meio à conversa generalizada dos irmãos, ninguém sequer tocou uma palavra a respeito de minha desastrada intromissão.

Uma senhora, de um grupo vizinho, pedia a Venâncio elucidações e conselhos para um fato que se passava em sua ilha. Dizia ela que havia em sua aldeia uma moça diferente, de fisionomia desagradável, ombros retorcidos, cujos pés eram de tal forma mal postos, que andava como se fizesse sempre nas pontas dos pés. Era crença, então, que rim pessoas eram assim nascidas, por alguma maldição dos deuses e os aldeões de sua ilha estavam empenhados em matá-la. Contudo, ela havia ne ocultado em uma região rochosa, que era também tida como maldita, por um sinal que os romanos deixaram inscrito na parede.

Assim, duplamente amaldiçoada, a pobre moça passara a ser temida pulos aldeões, que evitavam tocá-la. Mas o conselho havia resolvido que, na sua primeira aparição, o povo deveria apedrejá-la até à morte, para livrarem-se dela.

Os cristãos, condoídos da sorte da infeliz aleijada, tinham-na procurado em vão por toda a ilha. Já fazia uma semana que ninguém a via e eles estavam preocupados. Sabendo do grande desenvolvimento mediúnico de nosso grupo, tinham vindo ali a procura de conselhos, para melhor ajudar a irmãzinha a fugir do atroz destino que a aguardava.

Ouvi perdida a narração dos companheiros. Lágrimas desciam-me pelos olhos e eu estava entontecida e distante. Maquinalmente sal sem ser percebida. Tinha vontade de me encolher toda, dormir, e procurei, assim, a câmara com os dois leitos preparada fluidicamente para me receber, sem que eu soubesse.

Ali, isoladamente, ouvia a voz dos amigos no salão e queria mexer-me, falar, mas não conseguia. Um torpor estranho desceu sobre mim. Tinha a impressão de que estava morrendo, e, deitada, comecei a sentir-me girar lentamente sobre mim mesma, fugindo ao corpo. Embora estas sensações me assustassem um pouco eu pressentia que estava sendo atraída para algum lugar, a fim de auxiliar a moca que era objeto dos cuidados de nossos vizinhos. Senti que o Sr. Venâncio e nossa companheira adentravam o recinto e, quando ela objetou que eu estava adormecida, ele respondeu:

— Não. Não dorme. Apenas está a caminho para um trabalho muito importante. Façamos silencio.

Em pouco tempo deixei de ouvi-los. Atravessei uma região escura e meu espírito viu-se numa gruta fracamente iluminada. A rocha era úmida e o chão escorregadio. Aos poucos, comecei a divisar um caminho na semiobscuridade. Segui. Atrás de mim, a poucos passos, o chão estava forrado de areia e, a um canto, galhos de árvores à guisa de um leito. Eu não sabia onde estava, mas sentia a necessidade de seguir adiante e o fiz com cuidado, para não escorregar e cair, batendo nas rochas. Fui andando por um caminho estreito, ascendente, que acabava em larga câmara de pedras. Morcegos voavam nele e eu tive medo. Recuei um pouco. Alguém, sentado nas rochas, parecia alimentar-se de raízes cruas. Eu via suas mãos deformadas, com tocos de dedos. Os cabelos duros e abundantes quase lhe cobriam o rosto. Por sons emitia uns grunhidos estranhos e percebi, a custo, que ela era a moça da ilha, e que chorava.

Seus olhos muito abertos e redondos tinham as pálpebras pequenas e grossas, a boca era deformada e o nariz adunco. Os dentes pontiagudos e a testa saliente. Seu aspecto geral, com os braços e pernas pouco desenvolvidos e roliços, era desagradável e triste. Os pés tinham ficado de tal forma deformados que ela os tinha sempre, como se andasse sobre a ponta dos pés. Ciente de que não poderia me ver, aproximei-me pobre criatura. Ela continuava a se alimentar vagarosamente. Uma bilha partida continha água, que ela armazenava, aparando as gotas do teto. Estava em farrapos. Via-se a um canto uma trouxa de roupas, que ela conseguira, sabe Deus como. Fitei-a de perto. Pousei minha mão sobre a sua cabeça. Senti que uma corrente fria e energética atravessou me os braços, atingindo a moça no alto da cabeça. Ela estremeceu ligeiramente. Eu não via a entidade que me levara ali, e me usava, naquele instante, para ajudar à moça, mas estava agradecida de poder ajuda-la. Largando as raízes, ela colocou as mãos estranhas sobre o rosto e chorou. Soluços sacudiam-lhe o corpo. Depois deste desabafo, ela foi à bilha e lavou as mãos e o rosto, dirigindo-se a uma passagem quase oculta entre a escuridão. Segui-a.

Depois de breve tempo avistei claridade e saímos no topo de um morro, avistando a aldeia e o mar lá embaixo. Tive minha atenção voltada para um sinal na rocha. Era um punhal e uma cobra nele entrelaçada. Parecia-me que alguém me pedia para observar bem aquele sinal e, com ele impresso na minha memória, senti, numa vertiginosa velocidade, que voava rapidamente de volta ao meu corpo.

Sr. Venâncio transmitia-me passes. E acordei como quem desperta sem saber bem onde se encontra. Daí a instantes punha meus amigos a par do que se passara durante meu desprendimento. Por alguma razão desconhecida eu estivera com a moça aleijada e tinha comigo a descrição do local onde ela se abrigara.

II - Artur

Os nossos vizinhos foram convidados a repousar ali e companheiros nossos trouxeram alimentos para todos. Desta forma, nossa reunião se alongou. Eu pude explicar com detalhes o que me acontecera e os amigos eram unânimes numa coisa: todos eles sabiam, conheciam o estranho sinal, que eu vira. Era um sinal da maldição e onde quer que o encontrassem, os aldeões não passavam além dele. Quanto à tal gruta, com tantas passagens na rocha, ninguém jamais tinha ouvido falar dela. Eu notei que um rapaz do grupo estava calado, absorto em cogitações, e não participava de nossas conversas. Era um rapaz moreno, de uns vinte e nove anos presumíveis. Assim que me viu sozinha, aproximou-se e pediu-me que descrevesse a moça, que repetisse tudo aquilo que eu já havia dito. Intrigada atendi. O rapaz cismou durante alguns instantes e depois disse para consigo:

— "É ela mesma. Não resta dúvida!"

Sr. Venâncio e nossa companheira, que parecia a líder do outro grupo, observavam-nos e aproximaram-se:

— Que andas a cismar, irmão?

— D. Tereza, eu preciso lhes dizer uma coisa muito importante.

Não precisam mais se preocupar com a moça da ilha, porque eu irei buscá-la. Eu cuidarei dela. É meu dever.

Aquela atitude me intrigava, mas o sr. Venâncio não discutiu.

— Acho que lhes devo uma explicação

— tartamudeou o moço.

— Nada nos diga, se não quiser — considerou o sr. Venâncio.

— Esta moça é minha irmã — falou ele com emoção.

— Todos nós somos irmãos em Cristo, meu filho — respondeu D. Tereza.

— Não. A senhora não entendeu. Ela é minha irmã de sangue. Eu a vi nos seus primeiros anos de vida. A gruta, que vocês não conhecem, nos serviu de lar. Eu sim a conheço. É um longo corredor que vai dar numa praia de coral. Faz tanto tempo! Eu fugi! Queria esquecer aquela vida, aquela maldição...

Seus olhos pareciam perdidos num tempo distante. Absortos ouvíamos. E ele continuou:

— Meu pai era um pobre demente. Devido à sua natural insanidade, bem cedo foi expulso da ilha. Como vocês sabem, os aldeões creem que qualquer deformação física ou mental é um sinal de maldição dos deuses. Desta forma, quando minha pobre mãe nasceu cega, foi expulsa do convívio de todos. Com o tempo, todos julgaram que morrera vítima de sua dependência. Acreditavam que rolara o despenhadeiro e virara comida para os peixes, mas tal não se deu. Meu pai, do qual todos fugiam, acreditando-o dominado pelos demônios, recolheu minha mãe, no mesmo lugar onde se abrigara.

Esta história da gruta é muita antiga. Pelo que eu pude observar todos estes anos, eu deduzo que aquela passagem foi usada pelos soldados romanos, para chegar a nós e dominar-nos. Quando partiram, para que ninguém desconfiasse a forma pela qual nos haviam surpreendido, gravaram um sinal na rocha. E disseram

que todo aquele que passasse além daquele sinal seria amaldiçoado pelos deuses.

Com o tempo, os aldeões acabaram por descobrir que minha mãe não morrera, mas juntara-se a meu pai. Ambos, às vezes, apareciam entre as rochas. Queriam descer até à aldeia, mas o povo, julgando-os duplamente amaldiçoados, pelos seus defeitos físico ou mental, e por serem vistos sempre perto do sinal de maldição, atiravam-lhes pedras. Com o tempo eu nasci. Nem sei das lutas de minha pobre mãe, para que eu sobrevivesse. Mas, lembro-me que poucas vezes cheguei a ver a aldeia, quando menino. Minha grande alegria era quando meu pai nos levava ao outro lado da gruta, de cuja altura eu sentia o sol bater-me nas faces amarelas e via, lá embaixo, o mar. Aquela visão era a coisa mais bela que eu jamais vira. E, desta forma, fui crescendo, até o dia em que meu pai saiu comigo à noite, para que aprendesse com ele a roubar, caçar e pescar, para nosso sustento. Desde então, saíamos os dois sempre à noite, e, as poucas vezes em que falava a meu pai a respeito do porquê vivermos daquele modo, isto o punha tão irritado que logo eu desistia de procurar as razões daquilo.

Se eu falava a minha mãe, ela logo dizia que eu devia agradecer, nos deuses, por poder enxergar e aquilo já era uma bênção muito grande para todos nós.

Um dia, minha mãe, pretextando estar enferma, pediu a meu pai que fosse sozinho à aldeia, e depois de se certificar que estávamos sós, ela me disse, acariciando-me o rosto:

— Preste atenção, filho. Pelas nossas deformações, eu, com a vista e seu pai com os ataques nervosos, o povo da ilha nos considera amaldiçoados. Enquanto meus pais viveram, eles puderam me esconder, até que, um dia, quando partiram, eu me vi sozinha. Ao tentar subsistir, fui escorraçada do convívio dos aldeões e só com a ajuda de seu pai é que sobrevivi. Não quero esta vida para você. Prometa-me que assim que puder fugirá daqui. Irá para outra ilha e esquecerá o passado. Você terá novas oportunidades se ninguém souber jamais de onde veio. Lágrimas rolavam pelos olhos de minha mãe. Eu não me conformava. Vendo-a, ninguém poderia

supor que não enxergasse. Tinha os olhos perfeitos, de um negro profundo, muito belos.

— Não, mamãe. Jamais deixarei a senhora. Se os deuses assim resolveram, assim será.

Ela sorriu um pouco desconcertada. Depois, recuperando a energia que eu já lhe conhecia, disse:

— Você é meu filho, e não deve desobedecer-me. Assim que estiver maior, partirá, sem que seu pai jamais saiba o que houve. Fará o que eu disser. Eu lhe avisarei quando chegar a hora.

Em seguida, fazendo um gesto que eu já conhecia, com o qual sempre encerrava as discussões, pediu-me para acender o fogo, depois disse:

— Breve você terá mais um irmão ou irmã. Seja o que os deuses quiserem. Assim que você tiver que partir, não estarei mais sozinha. Esperaremos mais algum tempo.

Depois daquela noite, minha mãe não mais tocou no assunto e eu voltei a sair com meu pai todas as noites, sem ter coragem de lhe falar dos projetos de minha mãe. Eu pensava sempre o que seria dos dois, no dia em que eu partisse e depois mentia para mim mesmo que, por certo, mamãe já se esquecera de nossa conversa. Aqueles dois eram a minha família e aquela a única maneira de viver que eu aprendera. Tinha medo de partir, mas, aos poucos, comecei a ter vontade de partir também.

III - Rememorando

Os meses se passaram e, uma noite, enquanto eu e meu pai saímos mamãe deu à luz a uma menina. Ao voltarmos deparamos com minha mãe, que enrolara a pequenina em trapos, e a embalava. A pequena tinha um aspecto peculiar. Era feia demais, os membros atrofiados, a fisionomia horrível. Eu mal podia acreditar que aquela menina fosse minha irmã."

Lágrimas embargaram a narração de nosso companheiro. Esperamos em silêncio que ele se recompusesse. Aos poucos ele retomou à narrativa:

— "Eu não queria, mas sentia uma repulsa pela minha pobre irmã. Meu pai nervoso ao vê-la, praguejou maldições e graças aos céus saiu de novo. Se ficasse era bem capaz de num dos seus acessos de loucura matar todos nós.

Aproximei-me de minha mãe, mal podendo conter as lágrimas. Ela pressentiu minha presença e perguntou:

— É você, Artur? Aproxime-se, meu filho.

Ajoelhei-me aos seus pés, olhando a pequenina adormecida, horrorizado e com pena.

— Diga-me, filho, nossa pequena, pois é uma menina, eu sei, acha que ela enxerga?

Eu tinha vontade de gritar-lhe, de dizer-lhe que aquilo parecia mais um animal que gente, mas me contive, pelo grande amor que lhe tinha. Minha mãe era a única pessoa que eu conhecia que me amava. E menti. Passaria a mentir sempre.

— É claro que ela enxerga, mamãe. É perfeita. Quase um anjo.

Minha mãe sorriu reconfortada. A breve tempo ambas adormeciam. Eu contava, então, uns onze anos, acredito. Minha tristeza se reconfortava no saber que minha mãe jamais poderia vê-la, tal como ela era, mas, no mesmo tempo, eu estava muito preocupado. Conhecia meu pai. Aprendera a ter medo dele, pois, sempre que ficava furioso, costumava nos bater e geralmente ficava assim quando o contrariavam. Saber que minha mãe esperava um filho aborrecera-o muito, depois ela conseguira convencê-lo de que se fosse outro menino, poderia se tornar útil como eu. Agora viera uma menina e, pior ainda, era toda defeituosa. Eu precisava evitar que ele contasse a verdade à minha mãe.

Andei pela gruta mal iluminada, enquanto lágrimas me rolavam pelas faces. Eu pensava: "por que os deuses nos teriam abandonado?" A revolta começou a crescer dentro de mim. Por que tínhamos que viver como animais, presos entre aquelas rochas? Por que, como se não nos bastasse o infortúnio que já herdáramos, só podíamos sair à noite em surtidas e viver de furto e da sorte, como um bando de ratos? Cada vez que eu fitava minha mãe sentia a

coragem crescer dentro de mim. Ela era um anjo. Bondosa, calma, inteligente. Não merecia ser cega! Não merecia partilhar a vida com um homem como meu pai, tão sem escrúpulos e perverso às vezes. Mas eu não podia julgá-lo. Era meu pai. Tinha passado maus bocados, e se não fora por ele, minha mãe e eu estaríamos mortos. Ele nos provia as necessidades. Nunca me fizera um carinho, tinha um certo orgulho de mim; eu o sentia, quando me batia as mãos rudes às costas e gargalhava, quando eu apanhava um peixe ou caça, ou ainda quando lograva roubar algum mantimento ou roupa. Aquilo me envergonhava. Eu não sabia porquê. Minha mãe tinha maneiras polidas, educadas. Às vezes falava dos pais, que lhe haviam ensinado muitas coisas e depois ficava longas horas calada, apática, sem ânimo para nada, como se a saudade a martirizasse, mais do que tudo. Eu sempre achei que ela se sentia furtada por aquele tempo haver passado. Mas era resignada e valente, como se os pais a houvessem preparado para a outra vida que enfrentaria sem a proteção deles, sempre esperando que tal não acontecesse. Nunca me falou da morte de meus avós.

Uma noite, quando meu pai estava de bom humor, o que era raro, eu lhe dei a entender que desejava saber como meus avós tinham morrido e se me ficara algum parente.

Então ele me contou que numa noite tempestuosa um raio caíra sobre a casa de minha mãe. Meus avós morreram carbonizados, e minha mãe só escapou porque ficara escondida num porão, que eles haviam construído em surdina na casa. Ela era a única filha do casal. Não tínhamos mais ninguém.

Conversar com meu pai era raro. Ele apenas se preocupava em me ensinar a fazer armadilhas, e fisgar um peixe, a saltar nas rochas, e nadar ou arrombar residências sem incomodar os donos ou acordar os cães."

Artur parou de falar. Seu pensamento parecia procurar nas imagens do passado uma explicação por estar ali e para tornar mais real possível toda aquela narração, que nos parecia quase irreal e romanesca.

Eu estava emocionada. Vira a moça sozinha. Sentia-lhe a angústia e agora via seu irmão ali, ao nosso lado, contando aquelas

coisas quase inverossímeis. Toda aquela desgraça para mim, que sempre fora muito sensível, era demais, e, quando dei por mim a fitá-lo, soluzei sem querer e abracei ao sr. Venâncio.

— Que é isto, menina? — censurou-me com bondade o velhinho — Lágrimas são boas para o desabafo, mas não deve se envolver tanto com o problema dos outros. Assim você será levada fatalmente pela corrente e não poderá ajudar. Eu devia dar-lhe umas palmadas — acrescentou sorrindo — E depois, para Artur:

— Meu jovem, você tem tido uma pesada cruz, não é mesmo? Mn s Jesus foi bastante bondoso para atraí-lo ao seu rebanho. Se não quer continuar, não precisa, porque nós o entenderemos e aceitaremos. Estávamos resolvidos a tirar a moça de onde se encontra. A mediunidade Mariita nos ajudaria, mas o seu conhecimento do local nos é uma dádiva dos céus. Assim, se não nos quiser explicar mais nada, entenderemos, mas pedimos apenas que nos forneça indicações mais precisas, para que possamos ir buscar a infeliz irmãzinha, que contará com o ii.so carinho irrestrito, e também, quem sabe, sua mãe e seu pai.

Ante o carinho do ancião eu já me recuperara, mas nosso amigo que não conseguia pronunciar qualquer palavra. A muito custo balbuciou:

— Deus lhe abençoe, amigo. Ajude-me a continuar.

Sr. Venâncio segurou-lhe as mãos com firmeza e ficamos alguns instantes em silêncio. Então, nosso bondoso amigo disse:

— Como conseguiu convencer seu pai a nada dizer?

— O senhor percebeu também isto — comentou Artur— Eu estava muito nervoso, revoltado com tudo e com todos. Tinha ímpetos de arrasar com a aldeia e matar todos aqueles que nos desprezavam daquela forma. Tinha ímpetos de agarrar minha mãe e aquele monstro, que era minha irmã, e descer com elas a encosta até os recifes, arrostar a fúria das ondas quebrando nas pedras e fugir com ambas para longe dali, de meu pai, de todos. Mas sabia que aquilo era impossível e me sentia revoltado, aniquilado, com um vulcão em mim prestes a explodir em fúria e sem nada poder fazer... Nada... Cheguei a pensar que teria um

daqueles acessos que meu pai tinha às vezes, quando chovia semanas adentro e mal podíamos sair e pegar algo com que nos alimentássemos. Sem mesmo dar conta, saí pela entrada da gruta e caminhei sem rumo. Não sabia para onde iria. Sentia-me um gigante. Enorme, forte, valente, desesperado. Andei subindo as rochas a custo. Nem aquele exercício estafante tirou-me a fúria inicial. Quando me vi sobre o penhasco, sob cujas rochas nos abrigávamos, como abutres, vi meu pai sentado numa pedra, com o rosto entre as mãos, praguejando. Pobre papai! Jamais soube chorar. Se soubesse, talvez não sofresse tanto! Aproximei-me dele e coloquei a mão em seu ombro. Um sentimento de fraternidade me invadiu, mas, ao contrário do que eu esperava, papai me olhou com raiva. Seus lábios estavam contraídos. Segurava os cabelos longos sob a nuca como se os quisesse dilacerar e seus olhos tinham aquela expressão doentia.

— Suma-se daqui! — disse entre os dentes.

Como sempre acontecia eu o obedecia sem reclamar, temeroso, mas aquela vez era diferente. Eu sentia que ia amanhecer e era como se eu estivesse nascendo àquela hora. Estremeci ligeiramente, tomado por uma força que nunca tivera, e, tal como ele me falara, respondi determinado, sem raiva, mas com segurança.

— Não vou! Vim para falar com você!

Eu nunca tratara meu pai com' aquela intimidade e ele berrou:

— Pirralho! Imbecil! Com quem pensa que está falando? Mandeí que sumisse daqui!

As montanhas distantes, do outro lado, pareciam repetir-lhe as palavras ríspidas, mas, por incrível que possa parecer, eu não tive medo dele, naquela hora.

— Não vou — respondi. — Não vou agora, mais irei para sempre, se você contar à mamãe que a menina é... aleijada.

— Ora, isto é uma ameaça! — disse meu pai se erguendo.

Eu me sentia pequeno ao seu lado. Ele tinha um corpo avantajado, e eu era um moleque.

— Não é uma ameaça, papai. É uma promessa, Irei embora para sempre.

— E como pensa fazê-lo? Vai atravessar o mar a nado? — perguntou meu pai em desafio.

— O senhor me ensinou a roubar — disse eu. — Roubarei um barco, se for preciso.

— E para onde irá?

— Para onde ninguém me conheça.

— Ora, seu pirralho! — meu pai avançou para mim com o punho cerrado.

As minhas costas estava o abismo, a morte, e, no entanto, eu não tive medo. Disse-lhe calmamente:

— Morrer é uma forma de partir também. Bata-me e eu morrerei. Ficarão só você, mamãe e a menina!

Ele titubeou alguns instantes e compreendeu que eu estava decidido. Bater-me, matar-me, não mudaria minha opinião.

— Está bem — disse. — Mas só porque eu quero! Não vá pensar que lá pode mandar em mim.

Meu pai voltou comigo para nossa gruta e dormiu. Eu não podia conciliar o sono. Estava aturdido comigo mesmo. Onde fora encontrar til agem para enfrentá-lo? Eu, que sempre o temera? Como era possível que eu tivesse feito tudo aquilo? Senti uma pena tremenda do bebê adormecido. Aproximei-me e beijei-lhe a testa. Só então, contente comigo mesmo, consegui dormir de novo.

IV - Desafiando Lembranças

"Aos poucos, fui vencendo a aversão que a pequenina me causava. Em tão bebê, tão indefesa. Minha mãe cuidava dela e eu preparava nossa alimentação. Ver minha mãe amamentá-la, cantar para que dormisse, embalá-la com uma ternura indizível, fazia-me pensar em mim mesmo, quando fora pequenino. Uma mulher como

mamãe, sem nenhum conforto material sem um companheiro compreensivo, devia, a meu ver, ser nervosa e irascível. A vinda de um filho deveria se constituir num tormento. No entanto, aquela mulher franzina tinha uma energia e uma serenidade que eu admirava e gostaria de possuir. Desta forma, cada vez Mais me apegava a ela, ajudando-a como podia e fazendo com que sentisse meu carinho. Estava, pois, intimamente decidido a não partir, por mais atrativa que fosse esta ideia, quando eu divagava. Via-me em outras terras, querido, respeitado, mas, depois, bastava olhar para o lado e ver minha mãe e minha irmã, para que a tentadora visão se desfizesse em nada. Ambas precisavam de mim. Eu ficaria.

Os dias foram passando. Acostumei-me a ouvir o choro do bebê. Em breve tempo, ela começou a se desenvolver. Acompanhava-me com os olhinhos pela gruta e parecia gostar de mim. Era tão ingênua e feliz. Como seria bom se pudesse permanecer assim para sempre, como um bebê, sem jamais conhecer sua condição.

Um dia, animei-me e tomei-a nos braços. Minha mãe vivia a me perguntar coisas sobre a menina.

— Ela enxerga, não é Artur? A nossa Leila não é cega, como eu.

— Claro que não, mamãe. Ela enxerga muito bem. Acompanha-me com os olhinhos o tempo todo. Já me conhece.

Eu já dizia aquilo sem tanta dificuldade. Habituara-me ao aspecto da menina. Sabia quando estava contente, quando adoecia e, como ela viveria sempre entre nós, talvez pudesse livrá-la de maiores aborrecimentos, evitando comentários a respeito de seu aspecto.

Às vezes meu pai, ao nos ver entretidos ao lado da pequenina, punha-se a resmungar palavras de baixo calão. Eu ficava temeroso que ele acabasse por dizer o que não devia, mas sempre ele saía do nosso lado e ia perambular pelas redondezas. Ficava aliviado que ele estivesse cumprindo tão bem o nosso acordo e me esforçava por agradá-lo sempre, caprichando nas

armadilhas e na pesca, e trazendo para casa, tudo aquilo que nos pudesse ser útil."

Artur voltou-se para mim e falou:

— "Aquela gruta com o chão coberto de areia, que você viu, nos servia de casa. Ali havia, durante o dia, alguma claridade. Ela ficava no meio de um penhasco. Era inacessível e agradável. Quente à noite, rescendendo o calor do Sol que batera nas pedras todo o dia, e agradável, durante o dia, quando uma brisa marinha vinha de fora. A areia era trazida, aos poucos, pelo vento que batia na praia ao lado do penhasco, nas tardes de ventania forte, prenunciando chuvas. Com o tempo, eu fiz para nós toscos leitos de palha, uma mesa de refeição e bancos. Meu pai não me ajudava, mas se aproveitava daquele rústico conforto que eu lhe oferecia.

Quando minha irmã Leila completou um ano, começou a andar. Fazia-o com muita dificuldade, pois os seus pés tinham o aspecto de uma pata de cavalo. Só conseguia apoiar a parte da frente dos pés e balançava, de um lado para o outro, cruzando os pezinhos com dificuldade. Eu a ajudava, tomando-a pelas mãozinhas. Minha mãe vinha tentando ensinar-lhe a falar, porém, a pequena emitia uns sons estranhos, que longe estavam de ser inteligíveis.

A este tempo, eu descobri na primeira câmara, pela qual passávamos o que era habitada por morcegos, de tempos em tempos, uma fonte natural de água. Não precisávamos mais ir longe, ao rio, buscar o líquido precioso para nos sedentar. Adaptei bilhas sob o gotejar contínuo da rocha e tínhamos, para nosso regalo, água pura e cristalina. Cavei um tronco com fogo e fiz uma espécie de tanque. Leila se divertia grandemente, batendo as mãozinhas deformadas n'água.

Mas aconteceu que meu pai, talvez sucumbido pelas lutas nossas, não tendo aquela fortaleza moral de minha mãe, deu para beber.

Nas nossas surtidas eu o via a contragosto e, sem que pudesse impedir, roubar galões com bebida alcoólica, que tomava

depois na gruta. Punha-se, então, a praguejar. Erguia-se, cambaleante, sobre as pernas e gritava para os céus:

— Deuses miseráveis! Venham aqui, para conhecer um homem de verdade! Eu acabo com vocês!

Minha mãe se encolhia em um canto, tapando com as mãos os ouvidos de Leila, para que ela não chorasse assustada, vindo a enraivecer ainda mais meu pai.

A revolta crescia em mim. Tinha ímpetos de avançar nele e expulsá-lo dali. Mas não podia. Tentava acalmá-lo, mas isto parecia pô-lo ainda mais irritado.

Por fim, ele caía num estado de profunda depressão. Sentava-se e chorava até cair de cansaço e dormir.

Era um alívio. Todos nos deitávamos. Minha mãe tartamudeava orações, abraçando Leila e adormecíamos, aguardando outra noite, para sairmos de novo."

V - Um Salto no Tempo

"Naquele ano eu crescera demais. Pelos finos me cobriam partes do rosto e eu percebi que me transformava num homem. Estava da altura de meu pai, porém mais magro. À custa de meus constantes exercícios, tinha os músculos fortes e rijos e a voz engrossara.

Um dia em que estávamos a sós, minha mãe chamou-me. Sentou Leila sobre as pernas e disse-me:

— Está chegando a hora de você partir, meu filho, como combinamos. É um homem forte já. Tem sido muito bom para mim. Os deuses lhe recompensarão por isto.

— Não, mãe. Eu não irei. A senhora e Leila precisam de mim. Além disto, eu não tenho vontade de partir. Para que? Para onde? Como?

— Não torne tudo mais difícil, Artur. Não deve ficar aqui. Temos tido sorte, mas ela pode acabar. Um dia, os aldeões podem pegá-los. Será o fim.

— Ora, mamãe. Temos muito cuidado. Só nos aventuramos na aldeia, às vezes, à cata de roupas e alimentos. E devo lhe contar uma coisa que nos tem acontecido nas últimas semanas. Perto do sinal da rocha, tenho encontrado, uma vez por mês, roupas e alimentos. Não sei se é uma dádiva de alguém muito bom, ou se é uma oferta dos deuses, mas isto nos tem ajudado muito.

Minha mãe sobressaltou-se:

— Como não me disse antes? Pode ser uma armadilha para apanhá-los, filho.

— Não acredito, não! O local não se presta a uma emboscada.

— Talvez estejam à espreita para segui-los até nosso refúgio.

Falando sobre aquele assunto, pareceu-me que conseguia afastar de minha mãe a ideia de minha partida. Ela começou a pensar e fez-me prometer que vigiaria, para ver quem é que nos obsequiava e porquê. Prometi.

Papai retornava para me buscar. Era noite. Beijeí minha mãe, minha irmã e saímos.

VI - Auxílio Anônimo

“O ar fresco da noite batia-me no rosto. A liberdade era o vento, o mar, as estrelas. Pequena alegria a minha, noturna, inquieta a qualquer estalido, os olhos vagando na semiobscuridade, medroso de que alguém nos surpreender.

Não sabia o que me estava reservado naquela noite, mas, pela primeira vez, eu tive um medo estranho, como um aviso dentro de mim. Olhei para trás. A entrada da gruta, com um buraco na rocha, da qual saíramos e o estranho sinal ao meu lado: a cobra e o punhal. Estremeci. Foi preciso que meu pai me puxasse pelo braço, para que seguisse.

Arrancado dos meus pensamentos, carreguei em silêncio a corda e as forquilha para armadilhas, que colocaríamos no restrito mato da

Com sorte, apanharíamos algum animal faminto. Com meu facão a cinta, logo depois, apanhei raízes silvestres e frutos das árvores, enchendo com eles o embornal que levava às costas.

Voltei à gruta, deixando meu pai na pilhagem da aldeia. O embornal Graças aos deuses eu conseguira muito alimento. O outono estava bastante promissor e era uma pena que não tivéssemos meio de reservar frutas para o tempo de escassez, como o fazíamos com os peixes.

Enfiei o embornal pela abertura da rocha e passos ligeiros me fizeram suspeitar estar sendo seguido. Com um pulo felino pus-me atrás de uma rocha, ofegante, o coração aos saltos e instintivamente eu, que sempre fora contra a violência, tomei de meu facão e o empunhei, aguardando. Um vulto apareceu temeroso. Vinha auscultando as trevas, um capuz cobrindo-lhe o rosto. Parecia uma mulher, mas eu não estava certo.

Aproximou-se de nosso esconderijo e depôs, ali perto, uma cesta. Depois saiu de manso, olhando para os lados. Esperei que desaparecesse de minha vista e depois me certifiquei de que ninguém a seguira. Tomei a cesta. Um bolo caseiro, geleia de frutas, um queijo e mel. Quem era a estranha criatura que, vinha à noite, mais uma vez nos obsequiar? Por que o fazia? O que sabia a nosso respeito? Estava com os sentimentos contraditórios a me martelarem na cabeça e entrei cautelosamente pela abertura, tomando o embornal e a cesta e levando para minha mãe. Sentia gratidão e medo pela figura franzina. Deveria tê-la abordado, a fim de saber quem era e a que vinha? Seria uma cilada? A comida me parecia boa, mas, pela dúvida, experimentei um bocado de cada uma. Se ali houvesse veneno somente eu seria atingido por ele.

Minha mãe adormecera ao lado de nossa pequena Leila. A pequenina debruçara a cabeça em seu colo e se encolhera em sua direção, como a pedir proteção e amor. Acariciei-lhe os loiros cabelos duros e ela sorriu no seu sono de criança. Afastei-me para procurar meu pai. Era-me penosa a pilhagem, porém, Leila tinha frio de madrugada, quando o mar mandava um vento gelado a nós. Eu já pensara em fazer uma porta interna de madeira ou folha de palmeira trançada, para cortar, ao menos um pouco, o efeito do

vento que a fazia tossir dolorosamente. Mas, precisávamos de ar e aquele era o único que tínhamos. Melhor seria ajuntar sua caminha no canto mais quente das rochas e arranjar-lhe agasalhos. Estava resolvido a conseguir alguma coisa naquela noite. Pena que tivesse que roubar. Como seria bom se aquele vulto trouxesse-nos também alguma roupa. Saí devagar. À entrada da rocha uma trouxa bem feita, como resposta aos meus pensamentos, ali se achava. Olhei em torno. Nada. Ninguém. Tomei-a e voltei para dentro. Na claridade da lua, eu abri o embrulho feito num lençol muito fino e dentro havia uma manta de lã de carneiro trabalhada à mão, roupas de homem e outros objetos, pente, espelho...

Fiquei encabulado. Aquilo era mais do que precisava. Urgia buscar meu pai. Podíamos ocupar as horas na pesca que nos seria tão necessária, para salgar o peixe e conservá-lo para o inverno. Saí apressado. Precisava encontrá-lo. Impedi-lo de roubar. Por algum tempo não seria preciso.”

VII - Prenúncio de Dores

“Vaguei pela ilha à procura dele nos locais onde costumava estar. Era-me muito embaraçoso prosseguir, pois a claridade da lua desvendava meu vulto entre as casas e a praia.

Mas, não o pude encontrar. Revirei os locais onde colocáramos ali armadilhas, um ou outro animalzinho consegui levar para casa. Também aquela carne poderia ser salgada para o inverno.

Detive-me, em nosso recanto preferido para a pesca, e ali fiquei algum tempo, à procura de mais alimento e à espera de que meu pai, aparecesse. As horas foram se arrastando e a quietude do local não conseguia me apaziguar o íntimo. Uma angústia sem nome, um medo Interior crescendo dentro de mim, sem qualquer explicação, me afligia, atormentava... Tudo era quieto, o próprio vento parecia mais tranquilo àquela noite, mas alguém parecia espreitar-me. Levantei-me por um pouco e sondei o lugar. Não havia um só vestígio de que alguém ali me tivesse acompanhado... Murmurei cá dentro as orações que mamãe ensinara e uma imensa

vontade de chorar, um cansaço de tudo deu-me no chão. Queria voltar à nossa gruta, mas sabia que tinha ainda algumas horas para tentar a pesca. Três peixes era tudo o que eu conseguira, mas, mesmo assim, embora meus esforços por ficar, eu vi impelido morro acima, numa ansiedade estranha, indefinível. Quase corri, meio automatizado para o nosso esconderijo. Um pressentimento de dor me oprimia o coração. Atravessei e ouvi minha mãe que tentava explicar a meu pai as circunstâncias pelas quais toda aquela comida i. impa ali se achavam.

Logo percebi que meu pai bebera e estava meio alucinado.

— Diabos! — dizia ele praguejando. — Onde está aquele moleque que não vem nos explicar onde arrancou tudo isto?

— Estou aqui, papai — falei-lhes às costas.

— Vem cá, pirralho. Que coisas são estas tão arrumadas a propósito? — perguntou-me ele. — Por onde andaste?

— Andei como sempre à procura de raízes e frutos. Ao voltar encontrei os alimentos à porta. Parece-me que alguma mulher a trouxe. Estava coberta por um capuz e um casaco, mas, o andar era de uma mulher franzina. Ela nos trouxe isto e acredito que, logo depois, enquanto eu guardava tudo, também trouxe a mochila de roupa que aí está...

— E vem me dizer isto com esta cara sonsa? Que está pensando? Ao pegar estas coisas você mostrou o lugar onde nos escondemos — gritou papai, dando um murro no ar.

— Calma, papai. A comida é boa. Já provei. Não está envenenada e a roupa nos será útil. Afinal, qualquer um que achasse tal prenda a tomaria, não apenas nós. Veja, mamãe — disse eu procurando fugir a uma discussão com meu pai — pegue esta manta. Veja como é bem feita e quente. Abrigará Leila neste tempo frio que está para chegar. — E estendi-lhe a manta.

— Leila, Leila — vociferou papai. — Demônio de criança inútil! Acordada pelos seus gritos, a pequenina começou a chorar e mamãe tomou-a nos braços, tapando-lhe os ouvidos e embalando-a nervosamente. Mas papai parecia disposto a comprar briga. Para impedi-lo sugeri:

— Faltam algumas horas para clarear. Que tal sairmos, a fim de vermos se conseguimos mais alguma coisa?

— Quem decide aqui sou eu. Ou só porque deu de arrecadar esmolas já pensa que pode dar ordens aqui? Não saio mais hoje! Não quero! Estou cansado, cheio desta vida desgraçada! Cale a boca, pequena megera! Maldita seja a hora em que permiti que nascesse — vociferou meu pai para a pequena que ainda chorava.

Mamãe lá se foi com ela para o lugar mais afastado da gruta, e cobriu-a com a manta que eu lhe dera, para a aquecer e, ao mesmo tempo, abafar seu choro.

Papai lançou-se praguejando à cama, e pouco depois dormia a bom dormir.

Cada vez mais era difícil para mim controlai- minha revolta pela atitude dele.

Trouxe mamãe até sua cama e prometi que havia de conseguir mais agasalho para ela também. Fiz com que comesse uma fatia de bolo e beijei-lhe as mãos.

— Filho querido — disse mamãe — vai ser difícil para nós vivermos sem você. É uma bênção dos céus em minha vida!

— Não fale assim, mamãe.

Ela me acariciou os cabelos com carinho e continuou:

— Um dia destes, você não conseguirá acalmá-lo de suas crises e acabarão por brigar.

— Isto não acontecerá.

— Irá acontecer. Eu sei o que digo. Deve partir antes deste dia, para que seu pai não descarregue sua revolta contra você.

— Que bobagem a senhora está dizendo! Ele só faz praguejar e gritar, mais nada...

— Eu o conheço bem. Não minta, Artur. Esta noite quase que tudo se precipitou. Mas, esperemos pela bondade dos deuses. Talvez você ainda possa ficar até o próximo ano.

Pondo o indicador nos meus lábios, como a indicar que a conversa terminara, mamãe se recolheu.

Com o coração sobressaltado, olhei-a já adormecida.

Só então as lágrimas me explodiram no peito e chorei... chorei com medo que ela estivesse com a razão. Talvez eu tivesse de partir."

VIII - Um Porto

"Passei a tarde salgando a carne. Não era difícil, pois, com uma corda, descia o balde pelo penhasco da encosta e recolhia a água do mar. Eu a armazenava em bilhas, à entrada da gruta, para que o sol fizesse o vapor sair e, aos poucos, tinha o sal que precisava. Salgava, então, o peixe e a carne que não tínhamos comido e os punha com cuidado à entrada. Era preciso guardá-los para que não atraíssem aves de rapinha ao lugar.

As horas se estendiam lentas. Eu olhava o mar e, ao longe, os barcos que se afastavam. Nossa entrada para eles era apenas um ponto escuro, em meio ao rochedo inexpugnável. Lá embaixo, o mar batia nas rochas com fúria. Eu quase ficava tonto de olhar. Fugir por ali era seguro, mas, impossível. O mar não só lançaria qualquer barco de encontro às rochas e o despedaçaria, como levaria consigo quem se aventurasse. Alongando a vista à minha esquerda, havia pequena enseada de areia. Ali um barco poderia ser escondido, mas para chegar lá era preciso descer e escalar todo um rochedo.

Mamãe aproximou-se de mim. Vindo de encontro com os meus pensamentos, tocou-me o ombro e falou:

— Artur, estava pensando. Se você precisar ir embora repentinamente, seria melhor que tivesse alguma coisa preparada. Filho, uma destas noites, quero que procure um bom lugar, seguro, onde possa esconder um barco. Quero que depois tome um e o deixe pronto com algumas roupas para sua fuga.

— Ora, mamãe, pensei que não sealaria mais nisto.

— Tive um pesadelo estranho esta noite. Alguém perseguia você e eu gritava para que fugisse. Artur, procure saber a distância da ilha mais próxima. Há alguma coisa que se aviste daqui? Vá para

lá, filho. Você pode fingir-se de náufrago. Começar vida nova com outro nome. Pode mentir que perdeu sua família e os bens na viagem. Poderá trabalhar. Mais tarde, terá uma família e sempre meu eterno carinho. Mas tem que me prometer, Artur, procurará um esconderijo seguro esta noite.

— Isto não será necessário — argumentei.

— Prometa, meu filho. Logo Leila começará a andar. Depois, com o tempo, aprenderá a me ajudar. Seu pai bastará a ambas. Se um dia eu vier a partir, espero que ela já esteja crescida como você e saberá se defender sozinha. Talvez possa ir embora também e ser feliz.

Aquela esperança inútil de mamãe me fez calar. Leija jamais seria feliz. Somente eu poderia cuidar dela com amor. Quem a visse, amaldiçoaria sua presença. Não. Eu não podia partir.

— Prometa-me, Artur — disse mamãe, apertando-me os ombros com força.

— Prometo — mas será uma preocupação inútil, mamãe. Logo anoitecerá. Vou pegar lenha para defumar alguma carne. Esta noite não deverei sair.

— Sairá sim, meu filho. Quero que escolha o local esta noite ainda.

— Não será preciso. Já conheço um local muito bom — disse eu, alongando a vista para a praiazinha lá adiante, entre as rochas.

— Que bom! — disse mamãe. — Quanto mais cedo puser um barco lá, melhor. Eu arranjurei uma pequena trouxinha com roupas. Deve ter sempre pronta uma bilha de água pura e algum mantimento para viagem. Remos fortes e uma vela para ajudar a ir mais depressa.

— Está bem, mamãe. Sei como fazer. Não se preocupe. Vindo lá de dentro meu pai reclamou:

— Parecem duas comadres faladeiras. Um homem não precisa comer, neste buraco?

O seu mau humor era uma constante.

Lá se foi mamãe preparar-lhe qualquer coisa, enquanto eu apanhava alguma lenha verde e folhas com que fazer fumaça para a defumação.

Por certo, algum barco talvez a visse. Mas não haveria perigo de tentar chegar a nós. A gruta era inexpugnável e ninguém sabia como chegar ali, exceto nós.

Olhei ao longe. Os barcos já se perdiam no horizonte. Podia começar a defumação. Dificilmente alguém poderia nos localizar.

À noite papai saiu. Não conseguia ficar na cama, ainda mesmo quando não tinha necessidade de sair. Deixei-me ficar a trançar folhas de palmeiras, para fazer uma cama mais macia para Leila. Estava imaginando uma forma de prendê-la suspensa para que não tomasse tanta corrente de ar. Precisava de madeira e tábuas. Seria difícil conseguir, mas eu tentaria."

IX - O Barco

"Na outra noite não houve como ficar em casa. Nem bem papai saíra e já mamãe vinha ao meu lado.

— Artur, hoje é uma boa noite. Lua nova. Precisa conseguir o barco. Não precisa ser grande. Bastará que seja novo e forte, para que possa usá-lo. Um barco pequeno mesmo serve. Aqui está uma trouxa com roupas para a viagem. Quero que esconda num lugar bem seco para que não se molhe e bem protegido.

— Mas eu estou quase terminando esta tela de palmeira...

— Pode fazer isto depois. A qualquer hora. Vá agora e que os deuses o acompanhem. Tome cuidado, meu filho.

Mamãe beijou-me a testa com carinho e empurrou-me em direção à saída, colocando em minhas mãos a trouxa.

Eu não queria obedecer... mas, se ela tivesse razão, eu precisaria de um barco. E, assim, beijei-a também e saí pelo estreito corredor de cócoras até a saída.

Quantas vezes eu vira aquele sinal: o punhal e a serpente. Jamais esquecerei dele. Era um sinal maldito, mas, graças a ele,

não éramos importunados.

Bem... eu precisava ir até a praia. Urgia encontrar um barco. Levá-lo até à prainha talvez não fosse difícil. Com um pouco de sorte conseguiria logo. O mar estava calmo. A maioria dos pescadores tinha partido. Era muito difícil, pois, encontrar alguém que me pudesse impedir de consegui-lo:

O difícil seria escalar o morro até chegar lá em cima e dar a volta até nossa casa. Precisava fazer tudo depressa, para que voltasse para casa junto com meu pai.

Andei pela praia com cuidado procurando num e noutro ancoradouro algum barco. Ao lado de algumas rochas, na curva da praia, onde desembocava um pequeno riacho, eu o vi. Era um barco pequeno, bastante fácil de manejar. Eu poderia afastar-me dali oculto pelas próprias rochas e conseguiria me fazer ao largo, até poder dar a volta para alcançar a pequena praia de areia que já vira tantas vezes.

Joguei a trouxa dentro do barco. Dois remos jaziam no fundo, meio ocultos por cordas. O dono devia estar bem seguro do esconderijo que achara. A poucos metros dali havia uma choupana, com pequena claridade em seu interior. Era bem possível que fosse a casa do dono do barco. Se assim fosse, quanto antes eu saísse dali, melhor. Recolhi a pequena âncora que o prendia ao local e a corda presa numa estaca. E sem ruído, manobrando o barco devagar, fui seguindo. Estava sob a água até à cintura. Podia empurrá-lo até mais adiante, para depois subir nele e remar. Seria mais seguro.

Assim fiz. Logo, apoiando-me sobre a borda, saltei com cuidado. Era um bom barco. Poderia até mesmo levar Leila e mamãe comigo para outro lugar, longe dali. Como seria bom. Mas, mamãe concordaria? Fiquei pensativo. Para levá-la, seria preciso que ocultasse o barco num lugar onde pudesse alcançar facilmente. O morro da prainha era difícil de escalar e descer. Nem mamãe nem Leila teriam segurança em descer por ele.

Mas eu não conhecia outro local. Sempre percorrera aquela ilha e nenhum outro lugar era bastante seguro. Bastaria que alguém

achasse o barco e estaria armada uma cilada terrível, para nos esperar.

Remei com fúria. Guardaria o barco na enseada, mas, procuraria outro esconderijo entre as rochas. Era possível até que eu o achasse.

Em pouco mais de uma hora, aportei à prainha. Empurrei o barco entre as pedras e ocultei-o o melhor que pude, com galhos secos. Depois, procurei uma reentrância na rocha e deposei a trouxinha que mamãe me preparara.

O barco era pesado para arrastar fora e também achei que, n'água, ele se conservaria melhor.

Olhando agora para a rocha, que deveria escalar, ela me pareceu maior e mais íngreme do que eu vira lá de nossa gruta. Procurei divisar a saída dela, mas não consegui. Estava muito escuro. Se ao menos pudesse voltar nadando. Mas era impossível. Muita distância me prostraria de uma vez. Era bem possível que eu não conseguisse.

Escolhi o lado menos liso e procurei uma fresta onde me apoiar. Segurei nas mãos a corda que estava no barco. Tinha preparado com um ferro um gancho rústico e joguei-o até que o senti bem firme, preso lá em cima. Apoiado a ele fui pondo os pés e mãos aqui e ali e subindo passo a passo. A cada vez que alcançava o primeiro ponto, lançava a corda e subia um pouco mais. Não olhava para baixo nunca, nem para o alto. Só o suficiente para escolher um melhor lance entre as rochas. Precisava chegar lá em cima logo. Se meu pai desconfiasse de qualquer coisa nem sei o que faria.

Estava subindo, decidido, como se alguém me mantivesse às costas e me dissesse seguro: "Suba mais! Mais e depressa!"

Longas foram as horas e bastante penosas. Houve um momento em que parei numa reentrância maior e olhei para baixo. Vi o local onde pusera o barco, mas não podia vê-lo. Era como se muitos gravetos ficassem presos nas rochas. Eu o cobrira bem. Nem um temporal poderia tirá-lo do lugar. Se batesse em qualquer rocha poderia despedaçar-se, mas preso de todos os lados, não

seria jogado daqui para ali. Faltava ainda muito para chegar ao topo. Não podia descansar. Meu tempo era curto. Retomei a subida com determinação.

Depois de algumas horas atingi a parte mais alta. Precisava circundar o morro e chegar à gruta depressa. Estava cansado. Os membros me doíam. A roupa rota e suja grudava na pele. Como explicar a meu pai o que me acontecera? Comecei a imaginar uma estória. Fora descoberto, perseguido. Precisara correr para as rochas, caíra e me machucara. Acabara tendo que fugir pelo mar, nadando para longe.

Com esta ideia meio maluca dirigi-me à nossa casa. Preferiria que ele ainda não tivesse voltado.

Como se os deuses me houvessem protegido, encontrei-o dormindo de tanto beber.

Mamãe providenciou-me roupa limpa e contei-lhe minha aventura. Ela ficou sossegada. Depois disse:

— Deve arranjar mais corda para descer esta encosta e deixá-la pronta quando tiver que partir.

— Só partirei com vocês duas — disse baixinho. Ajeitei-me em minha cama e dormi quase imediatamente.

X - Choque Inevitável

"No dia seguinte, nem bem acordei, meu pai se dirigiu a mim com estranheza:

— Que andaste a caçar ontem, que não te vi?

Mas antes que eu respondesse mamãe interrompeu-o:

— Este pirralho saiu tão tarde que mal pode ter feito qualquer coisa, Ficou a trançar as tiras de palmeira toda a noite.

— Bah! — fez meu pai. — Trabalhos de mulher, enquanto eu Me esfolava vivo por um pouco de comida. Belo homem estás a me sair!

Comemos alguma coisa e aguardamos a noite. Eu sabia que teria de ir com ele de qualquer maneira e isto não me agradava. Sua

companhia começava a me irritar. Seus modos grosseiros, a avidez com que procurava bebidas pelos quintais das choças, tudo me punha nervoso, cheio de desgosto.

Percebi que mamãe separava um rolo de cordas sob sua cama e Intui que procurava o melhor momento para dá-lo a mim. Ela estava tão abatida pelos cuidados comigo na noite anterior... Olheiras fundas lhe marcavam os olhos. Leila se arrastava por ali, andando de lado, sobre as nádegas, de maneira diferente.

— Parece um animal! — comentou papai.

Como eu detestava ouvi-lo falar daquele modo. Era bem provável que mamãe já percebera os defeitos de Leila, mas, de qualquer forma não os via; poderia sempre viver sem saber, ao certo, como ela era de verdade.

— É melhor irmos — disse eu, para livrar mamãe de seus comentários maldosos.

— Viste? Viste? — Perguntou meu pai para mamãe. — Temos um novo homem em casa a dar ordens. Anda lá, pirralho, quem te põe tanto brio ao ponto de pensar que já és o melhor aqui?

— Não é nada disto, homem — disse mamãe. — Estás de mau humor. Deve ser o vinho de ontem. Estou sempre a te dizer que ele te faz mal. O menino só quer aproveitar o tempo.

— E aproveitou bem o tempo ontem, não foi? Fazendo uma cama para este monstinho.

Eu tinha vontade de gritar, de sair dali, precisava fazer com que ele parasse de falar daquela maneira.

A menina inocente se entretera a brincar com uma pedra e a mirava nas mãozinhas deformadas. Mamãe empalidecera ainda mais.

— Bem — disse eu afetando uma segurança que não tinha — se não quer ir, dê-me licença, papai, que eu vou sozinho...

— Pois não vais mais sair sozinho por aí — retorquiu meu pai visivelmente contrariado. — Ainda sou eu quem manda aqui, entendeste?

— Certo, certo, papai. Então, o senhor quer vir ou não?

— Ah! Já sei — disse meu pai com um ar debochado — estás preocupado que eu fale de uma vez por todas o que não queres ouvir. Lá vamos nós, dois homens, a sustentar uma cega e um monstrinho, não é mesmo?

Era demais. Eu já não conseguia mais me controlar. Saltei sobre ele e esmurrei-o no rosto, com quanta força tinha. Mas meu pai era mais forte e começou a me bater, enquanto me xingava:

— Ingrato! Pensas que já podes comigo? Eu já te mostro, pirralho! Vou te deixar o lombo em frangalhos, miserável.

Mamãe gritava desesperada. Leila chorava, em seus braços, para os quais correra assustada e ela a colocou na caminha improvisada, procurando, tateante, se colocar entre nós.

Eu evitava, tanto quanto possível, os murros formidáveis de meu pai.

Era óbvio, para mim, que começara uma luta da qual dificilmente sairia vencedor. Armei-me de um pedaço de pau e ameacei:

— Não se aproxime! É melhor pararmos por aqui.

— Pensas que me intimidas, seu moleque? — vociferou meu pai.

Mamãe correu para ele tentando interpor-se entre nós.

Aquilo parecia um pesadelo. Ele a empurrou de encontro às rochas, como um traste inútil, avançando para mim. Desesperado, bati-lhe com o pau com toda força que eu tinha e o vi cambalear para trás, sangrando no alto da cabeça.

— Deuses do céu! — exclamei fora de mim — eu o matei!

Mamãe se levantou cambaleando e correu para mim. Chorando, pegou a cabeça de meu pai no colo. Apalpou-a. Embebeu um pano na bilha e voltou, tentando estancar o sangue.

Eu estava penalizado. Tremia dos pés à cabeça, tonto com o que se passara. Leila ainda chorava na caminha. Sentia-me tão pesado que mal podia me mover.

— Artur, venha cá, — disse minha mãe.

— aproximei-me como sonâmbulo, como se não fora eu.

— Olhe bem o corte. Não é muito grande, nem muito fundo quanto eu pensei. Dê-me uma toalha velha, que vou fazer umas tiras para amarrar aqui E também um pouco de sal. Ande. Já vi seu pai pior que isto. Não há de ser nada. Logo estará bom. Não se aflija.

Fiz o que ela me pedia e sentei-me no chão, a seu lado, as mãos à cabeça, como um louco. Meu pai gemeu, meio fora de si. Mamãe ajeitou-o como pôde e depois, tomou o rolo de corda, sob a cama, e estendeu-o a mim:

— Fuja, Artur, enquanto pode. Não se preocupe com nada. Já lhe disse. Ele ficará bom. Eu cuido dele e de Leila. Temos um bom suprimento de comida.

— Não, mãe. Não posso ir. — disse eu, chorando desesperado.

— Vá, Artur. Quando seu pai acordar, ele matará você, se ainda estiver aqui. Não quer me causar este desgosto, não é mesmo?

— Papai está mal. Não acordará tão cedo.

—Ele é mais duro do que você pensa. Fuja, meu filho. Espere. Leve esta bilha com água e mais este alimento.

Mamãe arranjava tudo apressada.

— Não quero ir — falei em desespero.

— Eu sei, mas tem a minha bênção.

Ela me beijou na testa e me empurrou resoluta para a saída.

— Como pensa que eu me arranjei antes de você nascer? Ande. Vá logo, Artur. Não perca mais tempo! Talvez um dia volte, hein?

— Voltarei para buscar vocês duas... uma noite, quando ele não estiver — prometi indeciso.

—É isto mesmo, meu filho. Agora vá.

Um abraço a mais e pus-me a descer como um louco, fugindo dali, em desespero. Eu não queria ir. Eu não queria. Aquilo

me martelava o cérebro. Não sentia as dores dos machucados provocados pelos murros de meu pai. Aquilo tudo parecia uma loucura, uma coisa irreal. Eu brigara com ele. Por que não me contivera? "Deuses, deuses, ajudai-me!" Pensava sempre correndo em direção ao morro, à prainha, ao barco, à liberdade..."

XI - D. Tereza

Às últimas palavras, o moço prorrompeu em pranto convulsivo. Seu Venâncio precisou ampará-lo nos braços amorosos e convidou-o a descansar.

— Pobre moço! — murmurou D. Tereza de si para consigo. — Como tem sido pesada sua cruz.

No entanto, vozes de outros irmãos em regozijo, não longe dali no salão lateral, avisavam-nos do avançado da hora e da necessidade de voltarmos aos nossos lares.

— Calma agora, meu filho — disse seu Venâncio com a doçura e a autoridade que lhe eram características. — Você está emocionado e também bastante cansado pela viagem e o dia, que foi muito proveitoso. Convido-o a vir até minha casa, onde tomará uma refeição quente, um bom banho e descansará. Podemos bem imaginar o que se seguiu após o que acaba de nos narrar. Não precisa se esforçar tanto em detalhes. Amanhã, logo que o Sol se ponha, reunirei alguns companheiros e retornaremos aqui, com Mariita, procurando orientações novas de Jesus, que nos esclarecerá como agir, para salvar dos aldeões sua querida irmãzinha.

Havia tanta doçura, tanta ternura na sua maneira de agir, que Artur se recompôs, balbuciando:

— Meu Deus, ajude-me e abençoe estes meus novos amigos, que se constituem em minha esperança de recuperar Leila.

De minha parte convidei D. Tereza a partilhar de nossa casa, por aqueles dias. E, de certa forma, cada grupo se dispersou, levando seus convidados em calma, buscando seus lares.

— Estendi minha mão a Artur:

— Não fique tão preocupado. Sua irmã está sendo muito bem acompanhada. Pude sentir isto no ambiente onde se encontra. Velam por ela. A noite é boa conselheira. Confiemos em Jesus. Quem sabe amanhã não nos surja uma boa ideia para chegar até ela?

Arthur sorriu para mim, e aceitou meu aperto de mão. Seu olhar era profundo, de um magnetismo carregado pela dor.

— Boa noite — disse a D. Tereza, e para mim. — É melhor nos apressarmos. Não devemos chamar a atenção da população para estas reuniões sabemos o perigo de uma perseguição, e o que significaria para cada um de nós.

Feitas as despedidas, tomamos as duas o caminho de minha casa, onde minha mãe e meus irmãos me aguardavam cheios de apreensão. Eu me demorara mais do que de costume e estavam zelosos. Apresentei-lhes nossa hóspede e mamãe se apressou em pô-la à vontade. Papai gostou muito de ter com quem conversar. Queria saber dos progressos do Cristianismo. Pedia notícias dos conhecidos da ilha vizinha à nossa.

Nada dissemos sobre os acontecimentos que havíamos presenciado.

Após o jantar, mamãe encaminhou D. Tereza para meu quarto, pois não dispúnhamos de um local mais espaçoso para acomodá-la. Eu desejava conversar com ela sobre a moça, mas achei que seria uma indelicadeza. Nossa amiga devia estar exausta. No entanto, foi ela mesma quem procurou tocar no assunto.

— Mariita — disse-me com gentileza — sei que você está cansada, mas quero lhe confiar um pequeno segredo, para que você possa avaliar a dificuldade da empresa que nos convoca no auxílio à Leila.

Aquelas palavras me deixaram curiosa. O que poderia ela saber que não nos contara?

— Você poderá depois falar com o sr. Venâncio tudo quanto vou lhe contar. Talvez ajude. Praza aos céus, ajude mesmo!

D. Tereza suspirou e depois continuou:

— Serei breve. Você se lembra do que Artur contou e quero que saiba que a pessoa que levou os mantimentos e roupas à gruta foi minha mãe.

Olhei-a admirada.

— Mas, então, sabe como chegar até lá, tanto quanto Artur!

— Não menina, calma. Não sei não. O que acontece é que minha mãe fora amiga da avó de Leila. Ela sabia da existência da moça cega e não contou a ninguém. Na noite em que o raio caiu sobre a choça, mamãe pensou que a moça cega, que conhecera, também morrera. Quando todos se afastaram e chegou a noite, mamãe voltou ao local. Sabia da existência de um cômodo, sob o chão do quarto da avó de Leila, onde escondiam a mãe de Artur. Mamãe a encontrou. Mas não podia levá-la para nossa casa e não sabia onde escondê-la. Contou à moça o que lhe acontecera. Ela ouvira o ruído ensurdecedor, sentira o calor das chamas e quisera subir, mas o alçapão estivera trancado por fora e nada pôde fazer. A fumaça acabara por colocá-la desacordada e só Deus sabe como conseguira sobreviver. Então, mamãe lembrou-se do sinal da rocha. O sinal da maldição, onde ninguém ousaria ir. Tomando a mão da moça cega, levou-a até lá, com agasalhos e mantimentos. Escondeu-a, entre as pedras, e pediu que ficasse ali oculta sem sair, enquanto minha mãe pensava em um meio de socorrer a pobre moça, mas ela conhecia meu pai e sabia que não poderia contar com ele. Tinha eu, então, mais ou menos a sua idade, e minha mãe confiou-me seu terrível segredo. Se os aldeões soubessem da existência da moça a matariam. Passamos a noite a conjecturar o que fazer. Aventurei a hipótese de conservá-la no porão onde vivera sempre, mas era impossível. Os aldeões não o tinham visto, dado o excesso de entulho e cinzas no terreno, mas, tão logo o solo fosse limpo, descobririam tudo. Lembrei-me de vários recantos na praia e cogitamos de, utilizando o barco abandonado de seu pai, levá-la ao outro lado da ilha, quase deserta, e abrigá-la entre as rochas. Seria perigoso para ela por causa dos animais. Ficaria só ali e, para nós, seria sempre difícil estar a sair para levar-lhe o necessário. Apesar disto, nos pareceu a melhor ideia, até que encontrássemos outra solução. Dormimos de cansaço já de madrugada e aguardamos

ansiosas a noite, para buscar a moça. Contávamos nos utilizar do barco de seu pai, que ficara ao largo, enquanto os homens saíssem para a pesca.

Com o coração aos saltos, cheias de apreensão, subimos a encosta que levava ao morro maldito. Não queríamos que ninguém nos visse. Íamos cobertas por grossas mantilhas. Mas, ao chegarmos ao local, só vimos rastros de que alguém lá estivera. Alguns víveres espalhados pelo chão como se ali houvera luta, mas ninguém. Mamãe ficou aturdida. Esquecendo-se de nossas precauções, pôs-se a chamar desesperada:

— Luci! Luci! Onde você está, Luci?

Pedi-lhe que parasse de gritar. Poderiam ouvir-nos.

— Talvez saísse a andar e se perdesse, mamãe. Vamos procurá-la. Nós a acharemos.

De fato, procuramos durante horas, chamando-a sem cessar, com cuidado, mas nada achamos.

Mamãe teve uma crise de choro.

— Pobre moça! O que eu fiz, ó meu Deus?

Só então nos lembramos de pedir a Jesus sua proteção e auxílio. Ali Mesmo, nos ajoelhamos e oramos durante algum tempo, sentindo-nos mais calmas.

— Voltaremos outra noite. Quem sabe a encontraremos? — disse eu à minha mãe. — Mas, alguma coisa me dizia que aquilo não nos seria mais possível.

— Deus sabe o que faz, mamãe, e velará por ela.

Minha mãe estava muito abatida e voltamos para nossa casa tristes e cansadas.

— Só a deixei porque pensei que não corria perigo. Por um dia, pobre moça. Uma noite, perde o pai, a mãe e agora que eu devia ajuda-la...

Compreendia bem a tristeza de minha mãe, que fora confidente da mãe de Luci. Uma pena que não pudéssemos contar

com mais ninguém, nem meu pai nem meus irmãos partilhavam nossa crença e nossa maneira de pensar...

Voltamos outras noites sem encontrá-la, contudo. Acabamos por nos convencer de que ela morreria, rolando por alguma encosta e caindo ao mar. Mas, não houve nenhum corpo encontrado e não sabíamos o que pensar.

Depois de alguns anos, começou a correr um boato na ilha. Um homem e um menino eram vistos à noite a roubar. Sabíamos que o homem era um antigo pescador, que tinha ataques de cólera e matara dois de seus companheiros, no mar. Para fugir ao castigo, refugiara-se no morro da maldição. Mas, e o menino? Minha mãe e eu tínhamos medo de pensar o- que nos ocorria. Teria Luci sido presa por aquele pescador assassino?

— Ah, meu Deus — dizia minha mãe, quando tocávamos no assunto — se assim for jamais me perdoarei! Pobre Luci, tão meiga, tão inteligente!

Eu não conhecera a rapariga cega, mas mamãe falava-me dela tanto, das vezes em que a visitara, de sua resignação em viver presa no porão, de onde só saía raríssimas vezes para a companhia dos pais, mesmo assim a portas e janelas fechadas, que era como se eu já a conhecesse.

Nós não sabíamos o que pensar, mas desejávamos antes que Luci houvesse partido aquela noite ao encontro dos pais, do que sofrer a companhia de um homem tão cruel e grosseiro, como era o pescador Toni. Infelizmente, tudo agora se aclarou. Nós nos enganávamos. Pelo que Artur contou, sua mãe é Luci e eu não tenho coragem de lhe contar o que acabo de dizer a você. Espero que possamos fazer alguma coisa por Leila, agora.

— Mas, porque, pensando que Luci morreria, sua mãe levou-lhe mantimentos e roupas aquela noite? — perguntei.

Um dia antes, minha mãe voltara ao local e ficara escondida. Pensava em descobrir onde Luci estava. Tinha tido um sonho incrível em que a moça a chamava, pedindo-lhe socorro para seu filho. O sonho fora tão real que, malgrado a idade, e, para não me preocupar, nada me disse e lá se foi morro acima, enquanto eu

dormia. Viu Artur e seu pai que saíam e tentou penetrar pela mesma entrada. Mas, já tinha idade e não conseguia subir aquele corredor estreito e escuro. No entanto, escutou o choro de criança vindo de longe e adivinhou que Luci deveria ter tido outro filho. Voltou para casa, apanhou o que pôde e deixou à entrada. Faria isto depois, muitas vezes, até sua morte.

Eu estava pensativa. "Que mundo estranho" — eu pensava, mas, tirando-me de minhas cismas, D. Tereza convidou-me a orar com ela antes de dormir. E oramos:

— Jesus, amado Mestre, que nunca nos deixaste órfãos de Teu amor. Não te conhecemos os desígnios e nos alicerçamos à prece para te pedir que nos ajudes a encontrar a maneira certa de agir, diante das circunstâncias em que nos achamos. Senhor, abençoa os nossos propósitos de auxiliar nossos irmãos sofredores, a quem não falta a Tua misericórdia, mas, a quem devemos o mesmo amor que nos reservas.

Que à noite nossos espíritos adejem as regiões mais altas, onde teus desígnios a nosso respeito poderão ser conhecidos por nossas almas endividadas. Abençoa os Teus pobres filhos transviados e livra-os do mal. Que nosso querido Artur possa ter a felicidade de salvar a irmãzinha das mãos de seus perseguidores, Senhor, se tanto o desejas, que sejamos sempre os instrumentos fiéis de Tua vontade.

Repetimos a oração do Pai Nosso e dormimos quase instantaneamente.

No dia seguinte, teríamos muito a fazer.

XII - Traçando Planos

Acordamos bem dispostos, apesar de havermos dormido poucas horas.

Após o desjejum, convidei D. Tereza a visitar nosso vilarejo, a fim de poder conversar a respeito de Leila, mas, papai não o permitiu.

Acompanhou-nos por todo o canto, a obsequiar-nos com suas explicações acerca do Cristianismo, e de nossa pequena ilha.

— Veja a senhora. Aqui estamos nesta ilha cheia de formosura, o mar, os rochedos, e Deus foi muito bom nos legando tudo isto, mas os jovens são ingratos. Não cuidam dos campos, reclamam das pedras, fogem do trabalho no mar.

— Ora, papai, não é tudo tão negro assim...

— É sim. Porque falta a todos a coragem verdadeira, a convicção, a fé do destemor...

Eu sabia que papai falava assim para ferir meus brios e de meus irmãos, mas D. Tereza veio advogar nossa causa:

— Ora, permita-me discordar do senhor, num ponto. Se o senhor tivesse uma joia de muito valor, e de grande apreço, a entregaria às mãos estranhas ou a guardaria para reservá-la a seus descendentes?

— Muito pouco valor dou às riquezas — objetou meu pai.

— Mesmo assim, se tivesse tal joia, a quem entregaria: aos seus ou aos estranhos?

— Reservá-la-ia aos meus...

— Então, — disse D. Tereza; — sejamos valorosos, mas não temerários. O Cristianismo é nosso maior bem, a joia mais preciosa que devemos cuidar, para dar a nossos filhos e netos. Se nós nos colocarmos em posição tal de destemor que sejamos todos dizimados, quem se encarregará de transmitir a Boa Nova? Além disto, o senhor é injusto. Não constituem estas reuniões, na calada da noite, um perigo para todos os que de boa vontade acodem a elas? O senhor, acaso, se deteve a pensar o que aconteceria se, malgrado nossos cuidados, fôssemos descobertos?

— Negariam a Jesus para salvar a pele — respondeu meu pai com energia.

— Nossa vida a Ele pertence e não nos é lícito abusar da sorte. Ao que sei, os companheiros preferem que o senhor passe por senil, a perdê-lo. Talvez tenham perdido o respeito que o senhor tinha por eles, mas o salvaram. Arriscaram-se a ser mal vistos, mas

não negaram Jesus. Ninguém lhes perguntou a crença, nem foi preciso, porque as propriedades doadas compraram a boa vontade da Corte Romana.

Não precisa viver amargurado. O que os outros pensam do senhor não importa, porque nós sabemos o quanto é querido pelos seus, a ponto de preferirem arrostar o seu desprezo a perdê-lo do círculo familiar.

Diante da argumentação amorosa de nossa companheira, papai se emocionou. Meneou a cabeça, quis articular novos argumentos, mas, não conseguia.

— Vamos, seu Dino — falou D. Tereza — ainda quero ver a ilha hoje, pois breve partirei de volta à casa...

E, apressando o passo, levou o assunto para novas paisagens e direções...

XIII - Procurando Meios

À tarde, D. Tereza saiu em companhia de um grupo de amigos, enquanto eu ficava em casa, ajudando minha mãe nos nossos afazeres. Tecendo e arrumando a comida para o jantar.

Quase à tardinha, nossa hóspede voltava queimada do sol e poeirenta.

Providencie-lhe uma tina de água morna, e logo juntava-se a nós nas refeições noturnas.

Papai agradeceu a Deus o alimento e, logo após, rumamos para local de reunião. Cada grupo chegaria num horário diferente, para não despertar suspeitas, mas tínhamos ali muito material de artesanato, com o qual nos desculparíamos, se houvesse uma batida.

Sr. Venâncio afastou umas rochas meio soltas e tirou o Evangelho, num pergaminho surrado e antigo. Abriu-o ao acaso e leu:

— "E o Senhor apresentou-se diante deles, estando todas as portas cerradas e disse: A paz seja convosco."

Aquele momento de estudar a vida do Senhor, enchia-nos de júbilo intenso. O bom velhinho solicitou que D. Tereza abrisse nossos trabalhos com a prece costumeira, e convidou-nos a pensar no trecho sorteado.

D. Tereza não se fez de rogada. Ergueu-se e, numa atitude muito sua. Elevou os braços aos céus, dizendo em voz pausada:

— Senhor, ei-nos aqui. Abençoei-nos. Abri as portas de nossos corações aos Vossos ditames e alçai-nos à compreensão maior de Vossas lições gratificantes. Muito temos a Vos agradecer, nestes instantes maravilhosos em que sentimos a Vossa presença nos dulcificar a vida, mas, queremos sentir que nos abençoeis, servindo-se de nós para disseminar no mundo o Vosso amor e a Vossa verdade. Ouvi-nos ó ritmo do coração ainda ressabiado é inseguro, e ajudai-nos, nesta reunião, a fim de que seja proveitosa e venha resultar em maior progresso para nossos espíritos.

Em seguida, ouviu-se o Pai Nosso, cheio de sentimento e harmonia.

Após algumas considerações, acerca do assunto em pauta, **(a aparição do Senhor na Assembleia dos discípulos amedrontados)**, falou-nos Venâncio:

— Bem oportuna foi a lição de hoje, amigos. Como a maioria dos membros presentes não ignora, também nos achamos aqui tal como os discípulos, de portas cerradas e amedrontados, diante da imensa responsabilidade que o conhecimento de Jesus nos trouxe. Quanto ao problema de hoje, pelo qual nos reunimos, que é o de salvar a irmã Leila da sanha de seus perseguidores, Jesus se apresenta diante de nós, atravessando os obstáculos criados por nós mesmos e nos saúda. "A paz seja convosco". Meditem em paz. Concentremo-nos na figura meiga do Nazareno a nos estender as mãos num sorriso calmo.

A voz de Venâncio parecia-me distante, como se uma pressão nos meus ouvidos quase me ensurdescesse. Olhava-o com os olhos pesados de um sono diferente e o via também longe, cercado por uma luz dourada, falando... falando.

Eu já conhecia aquele processo de distanciamento. Experimentara-o muitas vezes e, quando falara sobre isto com Venâncio, ele me aconselhara a não opor resistência. Deixar-me levar por aquele torpor sem medo... assim, eu o olhava e cada vez mais me distanciava dele. Senti que debruçava sobre a mesa de trabalhos e via, à minha frente, uma esteira de luzes, que ia aumentando e mudando de cor... amarela, azul, violeta...

Depois, já não ouvia mais nada.

Estava de novo rodando no espaço e indo depressa para a gruta.

Procurei a moça, mas, uma voz me disse:

— Olhe apenas!

Parecia um sonho. Olhei e vi uma mulher franzina, que chorava e balbuciava preces ao lado de um homem de aspecto rude e forte. Ela se arrastava até uma bilha e molhava seus lábios com água fresca, enquanto punha um pano molhado em sua testa. O homem suava e se debatia em estranhos pesadelos. Via-se que tinha febre. Uma feia ferida na testa apresentava aspecto purulento.

Após tartamudear orações, Luci, pois percebi que era ela, ergueu-se e, tomando de um caldo, fez uma menina tomá-lo a custo. Depois sentou-a num cercado tosco e voltou-se para o lado do homem. Apalpou a ferida. Cheirou-a

Tomada de resolução, tomou de pequena faca e esquentou-a nas brasas da fogueira que já quase se extinguia. Depois, cortou a ferida. Sangue e pus escorriam dela. Apertou bastante com as mãos as bordas do ferimento, e limpou com um pano molhado. Tomou de um outro pano embebido em água fervendo e limpou a ferida aberta. Repetiu o gesto por três vezes. Depois deitou sal na ferida e cobriu-a com um pano. Continuou banhando a cabeça quente de Toni até amanhecer. Quando o Sol surgiu, ele não tinha mais febre. Acordou e olhou para os lados com um olhar mau. De repente, ergueu-se de um salto. Luci adormecera ao lado de Leila. O homem levantou-se cambaleante, olhando para todos os lados, à procura de alguma coisa. A vista lhe escureceu e precisou apoiar-se na tosca mesa

para não cair. Foi à bilha e, tomando-a, jogou água sobre a cabeça, recompondo-se um pouco.

Tomou Luci pelos ombros, chacoalhando-a com força:

— Onde está ele? Onde está aquele fedelho?

Luci, que adormecera, acordou assustada.

— Graças aos deuses você está bem, homem. Por favor, não faça esforços. Há três dias que você está desacordado, Toni. Deve estar fraco. Descanse.

— Três dias? Três dias, diz você? — perguntou o homem pondo a mão sobre a cabeça dolorida — e depois mais baixo — onde está ele?

— Artur?

— E quem haveria de ser? Onde está ele? — gritou em desespero.

— Não sei. Desde que vocês brigaram não o vi mais.

— Ele foi embora! Ele foi embora! — tartamudeou o pobre desesperado. E desmaiou de novo.

Eu sentia que as vozes do grupo voltavam a mim. Que eu retomava a eles e pensei desesperadamente que o que eu vira não nos oferecia resposta para o resgate de Leila. Mas uma voz me sussurrou nos ouvidos: "A fuga é a volta."

— A fuga é a volta — repeti em voz alta, tomando a mim, ao mesmo tempo em que a nossa reunião estava para ser encerrada.

XIV - Mais Fatos

Da prece, seguiu-se um bate-papo acalorado, e cada um dos companheiros opinava em um termo para ir buscar a filha de Luci.

D. Tereza cismava e Artur, visivelmente preocupado, acercou-se do sr. Venâncio:

— Não seria melhor que eu tentasse sozinho ir buscá-la? — perguntou o rapaz.

Sr. Venâncio olhou-o com simpatia. Todos se calaram, aguardando a opinião do bondoso mentor.

— Vocês não observaram o que Mariita disse ao final do transe. Ela disse: "A fuga é a volta." Em outras palavras, o melhor meio de buscá-la é voltar pelo mesmo caminho de Artur, o qual ele fez ao fugir. Para tanto, precisamos de um barco, cordas, uma noite escura e boa vontade. Eu irei com Artur. D. Tereza e Mariita nos acompanharão. Acredito, pelo que Artur já nos disse a respeito do local, que somente ele e talvez Mariita consigam escalar o rochedo, passar pela entrada da gruta. O que vai ser mais difícil é convencer a moça de nossas boas intenções, para conseguir trazê-la.

Artur pareceu desmoronar sob tal argumentação. Posto que ele soubesse que a moça da ilha era sua irmã, como, no entanto, convencê-la a acompanhá-lo? Por certo, fugiria dele.

O velhinho continuou:

— É possível que Artur o consiga, mas acho de bom alvitre que levemos algum sonífero de efeito rápido e duradouro, o que nos ajudaria muito.

— Eu posso conseguir a droga — tartamudeou um rapaz do grupo. — Ensiná-lo-ei como usá-la.

—E, agora, não seria melhor que Mariita nos contasse o que viu? — Perguntou o sr. Venâncio voltando-se para mim.

Expus aos demais o que me fora dado saber dos acontecimentos posteriores à fuga de Artur e o senti extremamente sensibilizado. Após terminar, ouvi-o dizer:

— Senhorita, muito lhe agradeço pelo que me diz, porque eu sempre temi que matara meu pai na noite de minha fuga, e, vezes sem conta, fui perseguido por um remorso terrível.

— Amanhã tornaremos a nos reunir de novo — disse sr. Venâncio, levantando-se. — Vejam entre os conhecidos quem pode alugar um barco para seis pessoas, com um bom equipamento e bem seguro. Faremos tudo com o fundo de reserva e espero que todos estejam concordes nisso.

Todos nós concordamos nesta disposição, e tomamos o caminho de casa. Artur acompanhou-nos, devido ao adiantado da hora. Ia calado quase o caminho todo. D. Tereza comentava:

— Vai ser difícil escalar o rochedo, Mariita. Não sei se você vai conseguir. Vou levar ataduras para o caso de algum machucado. É melhor que tenhamos bastante suprimento. Deus nos dará a ajuda precisa. Estou cheia de esperanças. Sei que minha mãe nos ajudará dos planos mais altos e também seus avós, Artur.

— Verei ainda minha mãe? — perguntou o rapaz de Si para si.

Eu e D. Tereza nos olhamos mudamente. Pela linguagem dos olhos nos entendemos. Nenhuma das duas acreditava que Luci ainda vivesse.

— Eu só tenho visto na gruta a moça, Artur, e presumo que ela lá sozinha — disse-lhe eu, engolindo em seco.

— Seu pai morreu há alguns anos, Artur — disse D. Tereza, quebrando o silêncio que vinha se impondo sobre o assunto.

— Não lhe disse antes, porque não achei oportuno.

— Como foi? — perguntou o rapaz pronto para novas e amargurantes declarações.

— Eu não sei bem. Há mais ou menos cinco anos, acordei com gritos de pessoas, pescadores, ao longo da praia. Corri para a janela, ao mesmo tempo que meu pai e irmãos demandavam as areias, pois haviam voltado mais cedo. Vi muitos homens, alguns com archotes, a perseguirem Toni. Adivinhei que era ele. Vinha sempre nos assaltar e nós, aldeões, estávamos colocando homens de atalaia a se revezarem, para ver se o pegávamos. O pobre estava visivelmente embriagado. Vi quando tropeçou. Atarracou-se com dois oponentes e jogou-os ao chão, praguejando e voltando a correr.

Dado o alarido, logo se juntaram mais homens à caçada.

Toni pôs-se a escalar a encosta, provavelmente buscando o esconderijo de vocês. Foi quando alguém teve a infeliz ideia de atirar-lhe pedras. Elas começaram a chover sobre ele, que teimava

em fugir. Em dado momento, gritando como um louco, parou, tomou uma enorme Pedra, e, erguendo-a sobre a cabeça, "lançou-a sobre seus perseguidores. Um jovem teve uma das pernas esmagadas pelo peso da mesma e alguns tiveram que acudi-lo. Os outros, entretanto, continuaram a acuá-lo de maneira ainda mais irada.

Mais pedras choveram e, quase atingido o topo, vi Toni rolar ensanguentado. Se já não estava morto, não sei. Os aldeãos o rodearam e, a breve tempo, lançaram-no ao mar.

Artur tinha os olhos marejados de lágrimas, mas não conseguia chorar.

Percebi que pensava na mãe e na irmã, há cinco anos só, sem o auxílio de Toni. Como teriam sobrevivido as duas?

Chegáramos à casa e Artur despediu-se de nós duas, agradecendo pelo interesse demonstrado aos seus muitos problemas.

Demandamos o interior.

D. Tereza arrumou a cama e, em silêncio, oramos as duas. Depois me disse:

— Desde aquele dia, tenho levado mantimentos e roupas para a gruta, sem contudo entrar, já que não conheço a passagem. Ao vir para cá encarreguei uma amiga muito querida e íntima de fazer o mesmo. Mas os aldeões desconfiam de nós e tem sido difícil sair para aqueles lados com algum fardo. Levo pouca coisa, escondida sob as roupas, e largo nalguma pedra, na esperança que Leila encontre. Não acredito que Luci esteja viva. Não sei porque, mas acho que a moça está só, o que dificultará trazê-la.

Concordei com ela e procuramos dormir, pois muito em breve teríamos que partir, para tentar trazer Leila de volta.

XV - Novo Desprendimento

Nem bem deitei, senti que flutuava acima do corpo, leve e etérea, enquanto duas entidades, uma de cada lado, ajudavam-me a subir. O rosto de uma delas quase se delineava sobre mim. Era uma jovem bela, de cabelos negros ondulados a lhe caírem sobre

os ombros enquanto a outra figura, de porte masculino e tez clara, à minha esquerda, permanecia em concentração. Quis firmar melhor as duas imagens, mas aquele incessante e crescente espocar de luzes, como se eu penetrasse a grande velocidade em um túnel, começou. Eu sabia que ia, a breve tempo para algum lugar distante e que ia à pressa, mas não sabia mesmo se ao “acordar” me lembraria onde estivera. Algumas vezes a única coisa que sentia ao “acordar” era a sensação de ter ido a algum lugar ou ter leito alguma coisa, o que me dava ao levantar um regozijo interior quase Inexplicável.

Achei-me, a breve tempo, na antiga moradia de Artur. A gruta da ilha. Uma tristeza mística me invadia. Sentia o coração oprimido como se as novas revelações me fossem penosas. Era noite e o fogo, quase a se extinguir, dava uma cor avermelhada às paredes de pedra. Sobre um tosco leito, uma mulher débil definhava, murmurando a custo:

— Leila, filhinha, dê-me sua mão.

A pobre moça com os olhos muito abertos, as lágrimas a lhe escorrerem pelas faces, aproximou-se ainda mais da mãe, procurando transmitir-lhe, através do seu carinho e amor, as forças que lhe faltavam.

— Minha, querida Leila, minha menina, minha adorada. Escute. Prometa-me que não vai se aventurar muito lá para fora. Tome muito cuidado, querida. E não perca as esperanças, Leila. Seu irmão virá buscar você. Sabe, ele deve ser um homem muito forte, agora, como seu pai. Eu já lhe disse: ele se chama Artur. Ele virá aqui buscá-la. Quando ele chamar você pelo seu nome, então, você saberá que é ele, compreende?

A moça soltou uns sons estranhos e Luci sorriu.

— Fico contente que você tenha compreendido. Não se esqueça, Leila, o nome dele é Artur. Filhinha, eu sei que logo estarei morta. Não chore, Leila. Quando isto acontecer, deve lançar meu corpo ao mar. Assim ninguém me achará. Fará isto?

A moça, soluçando agora, concordou de novo.

— Agora, Leila, vá dormir, querida. Deve estar cansada. Mamãe está bem. Só um pouco exausta. Não chore, meu bem. Eu sempre velarei por você, esteja onde estiver. Dê-me um beijo, Leila.

A moça, já sem conter os soluços, beijou-lhe a testa, e, sentando-se no chão, debruçou a cabeça na borda da cama, quase no colo materno, e ali ficou breve tempo, até que adormeceu.

Vi que duas entidades, um homem e uma mulher, se aproximaram dela e a retiraram dali com carinho, enquanto Luci se desprendia do corpo.

Passado e presente se confundiam naquele instante. Vi que Luci, agora muito mais formosa, se aproximava de mim sorrindo e estendia-me as mãos:

— Sê bem vinda, minha filha, ao meu passado e ao nosso futuro. Sabes, agora, como parti. Aguardo-te no amanhã, no cuidado de Leila. Ela é qual flor enclausurada à espera do Sol para se abrir. Ajudaremos meu filho e teus irmãos, no resgate da minha pobre filhinha. Sê bem vinda ao meu coração de mãe, que desde já é teu.

Sua presença me enterneceu até às lágrimas, e abracei-me a ela em pranto convulsivo, acordando em minha cama, ainda com as lágrimas a me descerem sobre os olhos.

XVI - O Namoro

Durante todo o dia, prosseguiram os preparativos para o resgate, à moça da ilha. Sr. Venâncio com meu pai tinham alugado um bom barco e ficara acertado para a noite, daquele mesmo dia, a busca. Estávamos à mesa do almoço e sr. Venâncio expunha-nos os planos.

— Sairemos à tardinha, pretextando um passeio e levar D. Tereza. Arthur nos Indicará a praia de coral da qual fugiu e devemos chegar lá à noite. Será a vez de escalarem a parede rochosa e ir ao esconderijo. Talvez, então, já esteja clareando e, desta forma, não poderão voltar. Esperaremos, na praia, escondidos novo anoitecer e, então, virão com Olha, Artur, para nos certificar de que tudo está

bem, você deve balançar um archote três vezes na entrada da gruta.

Se houver complicações, não o faça. Neste caso, voltaremos à praia, como se nada tivesse acontecido e D. Tereza tentará descobrir o que liara que possamos ajudar.

— De qualquer forma, acho de bom alvitre que, durante o dia, demandemos à ilha pelo outro lado, como se só então tivéssemos chegado — comentou D. Tereza.

— É uma boa ideia. Em terra firme talvez possamos ajudar, caso haja algum novo impedimento. Tão logo anoiteça, tornaremos à praia de coral e daremos o sinal, para resgatar Mariita, Artur e Leila.

Papai teimava em querer ir conosco e tivemos que acabar concordando, mas mamãe achou de bom alvitre que também nosso irmão nos acompanhasse, para ajudar a manobrar o barco.

— Bem, — disse sr. Venâncio, com um sorriso, enquanto demandava a varanda, após a refeição, — agora quero que você escute a outra parte do plano.

— Que outra parte? — quis saber eu.

— Você não ignora que será muito difícil ocultar Leila.

Nenhum de nós havia pensado nisso, tão preocupados nos encontrávamos com o seu resgate da ilha.

— Pensei que ela poderá ficar oculta em nosso refúgio, Artur, mas como tudo pode acontecer, dado os riscos que todos corremos, isto seria por pouco tempo.

— Irei embora com ela para algum lugar — tartamudeou o rapaz. Vocês já estão fazendo muito por mim.

— Calma, rapaz. Há um fato novo. Muitos companheiros, pressionados pelas questões religiosas e de dinheiro, resolveram partir para uma ilha distante que, segundo nos têm informado os marinheiros que aqui aportam, é cheia de vegetação, rios... uma verdadeira maravilha... Irão brevemente para lá e pensei formar um núcleo em bases cristãs, com muitas famílias. Estão muito entusiasmados com este empreendimento... Sou velho e creio que

não me aventurarei, mas posso juntar você ao núcleo, na próxima viagem, bem como sua irmãzinha. Tenho um filho que conta seguir nesta caravana e tudo tem feito para persuadir-me a ir junto...

Sem que nós notássemos, os olhos de papai brilharam durante a explanação de nosso amigo.

— Pois eu não sei por vocês, mas eu irei para esta ilha, esta Terra Prometida — disse meu pai enchendo-nos de pasmo.

— O que? E deixar a casa, os nossos pertences, a ilha onde meus filhos nasceram? — disse mamãe.

— Podemos levar muita coisa no barco. E, quanto à casa, construiremos outra melhor — argumentou papai.

— Não e não — falou mamãe. — Deixa-me estar aqui que muito bem estou.

E demandou a casinha.

Assim acertado, cada um tratou de ir cuidar do que precisava: alimentos, cordas, bilhas, apetrechos para a viagem.

Acompanhei sr. Venâncio a breve percurso e lhe contei o que me acontecera na véspera. Sorriu bondosamente e falou:

— Direi a Artur, da melhor forma, a respeito de sua mãe. Sei que será duro, mas, se a moça já está preparada para esperá-lo, então as coisas poderão se encaixar melhor. De qualquer maneira, levarão o soporífero de Frei para uma emergência. Será mais difícil trazê-la desacordada. Melhor mesmo se ela cooperar.

Voltei à casa pensando em Artur. Mantivera-se quase calado durante o almoço, mal comera. Estava tenso, preocupado. Encontrei-o na praia e falamos um pouco, enquanto eu provia o barco com algumas frutas, e água doce para a noite.

Tomou-me as mãos com ternura, e, mal podendo conter as lágrimas, Me disse:

— Mariita, você é uma das pessoas que eu jamais esquecerei, enquanto viver, e por quem sempre sentirei um carinho muito profundo.

Senti-me muito feliz com aquela demonstração de afeto e abracei-o espontaneamente, afastando-me em seguida, sem nada dizer.

XVII - Esperanças

— E se a moça resistir-nos? — perguntei a D. Tereza. — Devemos pensar em tudo. Estamos ansiosos por buscá-la, mas ela, o que sabe de nós? Tem vivido sempre na defensiva, sempre acuada naqueles morros malditos, à mingua de tudo. Mal pode falar. Tenho receio que ela fuja de nós.

— Isto seria muito embaraçoso — disse D. Tereza. — Ainda mais que à noite ela deve estar acordada. Talvez até haja saído da gruta para tentar algumas sortidas pelos matos. Mas o que eu acho perigoso é que alguém veja vocês neste lugar de maldição. Vocês seriam perseguidos até à morte, já que ninguém os conhece ali. Cuidado, Mariita, muito cuidado. Acho que vou ficar rezando o tempo todo. Que Deus nos ajude, senão vai tudo dar mal. Além do mais, será cansativo. Todo o rochedo para escalar. Vocês deverão levar água e frutas, porque senão, no dia seguinte, ao tornar, estarão exaustos e famintos. E tomara que não chova, arrematou D. Tereza cheia de receios.

Eu bem podia avaliar como seria dura para nós aquela empreitada. A nosso favor tínhamos a noite escura, o fato de Artur conhecer bem o local, esperarmos a receptividade de Leila e o auxílio dos bons espíritos. Lembrei-me de Luci. Parecia vê-la ainda a me sorrir como no "sonho":

— "Aguardo-te no amanhã, no cuidado de Leila..."

Suas palavras ainda me soavam aos ouvidos e era como se ela estivesse ali, ao meu lado, amparando-me.

Disse a D. Tereza:

— Tudo vai dar certo.

— Se Deus quiser, falou ela num suspiro.

XVIII - A Viagem

O mar estava calmo. Sr. Venâncio, papai e meu irmão tocaram o barco para o largo, recomendando a Artur que descansasse, pois logo mais seria a sua vez de fazer força.

Eu e D. Tereza, sentadas no banco tosco, orávamos em silêncio. Assim, à noite, em meio as águas, o céu nos parecia mais belo do que nunca. Tantos pontos luminosos pareciam uma festa na noite escura, a coroar nossas cabeças. Não sei porque vinha-me a vontade de cantar, e comecei a fazê-lo baixa e languidamente:

A noite nos convida,
a passear.
No seu bojo de estrelas,
vamos andar.
A noite é calma.
A brisa
sussurra-nos amores.
A terra aquecida
nos manda seus calores.
Vamos velejar
até o horizonte.
Não há mais o tempo,
nem que hoje ou o ontem.
Amanhã, quando o sol vier
no seu carro de fogo,
estaremos num arco-íris,
de novo.

Era uma canção singela que minha mãe gostava de cantar á noitinha, quando arrumava as coisas, antes de dormir e os homens tinham partido para a praia.

— É uma linda canção. — falou D. Tereza. — Cante de novo, Mariita. Quero aprendê-la.

Mal eu começara a repeti-la e Artur passou a cantar comigo com emoção.

Depois nos disse:

— Mamãe às vezes cantava esta cantiga. É como se ela estivesse aqui.

E Realmente Luci fazia parte de nossa caravana. Pena que nossos olhos materiais não a pudessem ver, naquele instante. Bela e graciosa, frágil e prestativa, ela nos acompanhava, doando-nos energias com o simples toque de seus dedos claros. E seus olhos negros brilhantes podiam ver muito além, até onde jamais nos seria dado saber, naquele instante.

Foram horas lentas, terríveis. Estávamos cheios de esperança e temor. Parecia que aquela viagem não terminava. Mas, bem antes da noite estar ao meio, aportamos à praia de coral. Não cruzáramos com nenhuma outra embarcação e, ao que parecia, ninguém nos havia visto. Tudo parecia correr segundo os planos traçados.

XIX - A Volta

Sr. Venâncio e papai ficaram no barco, já lançada a âncora, com D. Tereza e meu irmão Fábio.

Fábio era calado e, se me ative pouco a falar dele, é que, para mim era tão comum conhecê-lo e tê-lo à volta que parecia certo como se todo mundo também o conhecesse. Fábio era um ano mais jovem que eu. Era alegre, prestativo, até mesmo descuidado. Sua aparência era a de quem não ligava para nada, mas não era assim. Fazia-se de desligado para relaxar as preocupações e assim ajudar. Papai dizia que ele era um "cabeça de vento", mas nós sabíamos que era inteligente e perspicaz, desprendido de seus haveres e sempre amigo de todos, pronto a nos favorecer.

Assim foi que, tão logo o barco aportou, ele disse:

— Mariita, é melhor eu ir em seu lugar. O rochedo é bem íngreme, e eu sou mais forte, para mim será mais fácil.

— O que é isto, agora? Um motim? — falei, caçoando.

— Estou falando sério, Mariita. O senhor não acha que tenho razão, papai?

Vi que papai hesitava, mas sr. Venâncio acudiu:

— Precisamos de você no barco, Fábio. Sua irmã estará bem. Pode deixar.

Dando um beijo em papai e Fábio, desci para a água com Artur, e nadamos até a praia. Ele trazia uma mochila às costas. Acenamos e caminhamos para o rochedo à nossa frente.

— Acho que Fábio tem razão — disse Artur. É melhor que eu vá sozinho.

— Nada disto. Vá na frente, mas sozinho jamais permitirei — disse eu brincando com ele. — É melhor andarmos logo.

Artur lançou o gancho e logo ele se prendeu à rocha. Subiu com cuidado. Segurou-se na cintura preso à corda e logo eu o segui.

Começara a dura escalada que duraria horas. Por várias vezes, esfolei meus membros e senti a atração da altura. Artur sempre repetia a cada lance da subida:

— Não olhe para baixo, nem muito para cima. Dá tonturas.

Uma ocasião ouvi-o murmurar baixinho:

— Mamãe, me ajude.

Foi quando ele lançou o gancho várias vezes para o alto, estando mal amparado em uma reentrância. Não podíamos enxergar muito longe e parecia que aquele paredão chegava ao infinito.

Quando Artur solicitou o auxílio de sua mãe eu senti que ele já sabia que não a encontraria na gruta, pelo menos não fisicamente.

Falar de nossos temores, de quantas vezes quase nos precipitamos abaixo, parece-me impossível, já que ao recordar tudo isto, não encontro, em mim mesma, coragem para o que fizemos. Estávamos impulsionados pelos nossos mentores amigos, que se

empenhavam em salvar a moça a qualquer custo, e o mais depressa possível. Eles nos orientaram, desde o princípio, eles nos amparavam, dando a força e coragem que não tínhamos. Cada vez que as mãos de Artur tocavam as minhas, eu me sentia amparada. Naquele instante, eu achava que, durasse quanto durasse a escalada, nós chegaríamos à gruta sãos e salvos.

Afinal, sem quase falar, senão o necessário, esfolados e rotos, mas não abatidos, chegamos ao topo. Olhamos para os lados. Era quase certo não haver ninguém por ali, que se aventurasse a atravessar o sinal gravado na rocha: a serpente e o punhal, mas todo o cuidado era pouco e da sombra pareciam emergir inimigos. Mal divisamos o barco embaixo, depois de muito firmar a vista.

— Vamos — disse Artur, levando-me pela mão. — Não podemos descansar agora. Todo descuido poderia ser fatal.

Segui-o calada, procurando não tropeçar na escuridão. Tinha medo de topar com algum animal, cobra ou o que quer que fosse. Mas ele lá à frente, e isto me encorajava. Árvores ralas, ao longe, me pareciam monstros desconhecidos. Mal me aproximava de alguma, firmava bem os olhos nas folhas, para me convencer de que não havia nada ali.

Correndo entre as rochas, descemos leve encosta e fomos saltando sobre as pedras. Artur, logo à frente, amparando-me a cada passo.

Olhando-o, era como se eu o tivesse visto sempre acossado, em meio Àquela paisagem noturna.

— Logo chegaremos — ciciou-me ele, enquanto se apoiava em min pedra oval. Estávamos arfantes. Sentia eu uma pontada do lado direito, coisa que sempre me acontecia quando fazia muito esforço físico. Tomamos um gole de água e seguimos.

Logo divisamos o sinal. Um arrepio me percorreu a espinha de cima abaixo. Era o local que eu vira. Podia até mesmo divisar a entrada da gruta, logo adiante.

— Meu Deus, — disse Artur, tomando o frasco de sonífero nas mãos e seguindo para frente. — Meu Deus, fazei com que ela

venha de boa vontade. Mamãe, ajude-me, pelo amor de Jesus, a resgatar Leila como prometi.

Apertei sua mão com força.

— Vai dar tudo certo. — falei, encorajando-o.

Agachando-se, Artur penetrou pela abertura meio escondida num vão entre as pedras e eu o segui.

De joelhos, bem agachados, os cotovelos apoiados no chão duro e liso, fomos subindo devagar. Procurávamos não fazer qualquer ruído.

Foi uma ascensão bastante difícil e logo estávamos numa câmara escura, onde quase dei um grito, ao perceber os' morcegos voando em nossa direção. Felizmente Artur tapou-me a boca a tempo. Fez-me sinal para que eu o seguisse e, com o dedo sobre os lábios, para que não fizesse barulho.

Atravessamos um corredor sinuoso e logo avistamos alguma claridade. Eu já estava cansada de tatear no escuro e aquilo foi um alívio. Agora, ao menos, eu podia divisar o ambiente rochoso que me cercava e sentir já, não aquele cheiro desagradável de mofo, mas a leve brisa marinha. Estávamos parados, procurando divisar melhor a gruta, quando ela nos viu.

Urrando como louca, correu com os punhos fechados em direção a mim.

Artur deu um grito:

— Leila, pare, sou eu, Artur!

Mas ela já havia me derrubado. Julgava-se descoberta. Ele tomou seus braços e puxou-a para trás, com energia, mas sem brutalidade, enquanto repetia:

— Leila, Leila, sou eu, Artur, seu irmão, seu irmão! A moça deixou de oferecer resistência aos poucos. Parecia aturdida com a revelação. Não sabia se acreditava ou não. Ele soltou um de seus braços e a fez olhar para si.

— Leila — repetiu chorando — sou eu, Artur. Mamãe deve ter lhe falado de mim. Eu voltei. Eu vim buscar você. Vai ter uma casa,

roupas, comida. Não vai precisar mais se esconder, Leila, Leila, querida, sou eu, Artur, sou eu...

Abraçou-a chorando, enquanto a moça também chorava, sem saber se acreditava. Em seguida, apontou para mim.

— Ela é... — o rapaz não sabia o que dizer e talvez, para que a moça da ilha se sentisse mais à vontade, com a presença intrusa, que eu representava disse:

— Ela é minha namorada, Leila. Ela também gosta de você.

Olhei-o admirada. Sua namorada? Mas só pude tomar as mãos que a moça me estendia e seguir para o banco tosco que ela me apresentava, enquanto me passava as mãos deformadas pelos cabelos, talvez encantada por serem mais macios que os seus.

Só, então, Artur se lembrou de que devia dar o sinal para o barco, lá embaixo. Deveriam estar aflitos.

Explicou a Leila, mas ela não conseguia entender. Então, tomou de duas pedras e algumas folhas secas e logo fez arder um pedaço de pau. Tomando-o foi para a entrada de ar e balançou-a três vezes. Logo veio idêntico sinal lá debaixo.

A primeira etapa fora vencida. Estávamos cansados, mas tão excitados que não conseguíamos dormir.

Leila tomou o archote das mãos de Artur e parecia outra pessoa, diferente, feliz. Pôs uma panela meio quebrada entre as pedras e fez uma fogueira. Tomou um pedaço de peixe e fez-nos uma sopa, que se não era de todo saborosa, como as de mamãe, foi bastante reconfortante.

Arthur tomou de alguns frutos da mochila e água fresca e tivemos banquete. Entre nós, ele explicou à irmã que voltaríamos à noite, do dia seguinte, para casa e ela fez que sim, sorrindo muito, mas parecia não compreender. Ela não me causava aversão. Tinha mesmo medo e fita-la muito, pois temia que pensasse que eu a estivesse observando pelos defeitos físicos. Ela não largava minhas mãos. Parecia, afinal, gostar de ter companhia e acabou debruçando sobre meu peito.

Logo, estávamos tão exaustos que era difícil ficar mais tempo acordados, Acabamos dormindo sobre as esteiras no chão, mas eu notei que Arthur teve o cuidado de prender à sua a mão de Leila. Talvez tivesse medo, que ela mudasse de ideia, quando acordasse.

XX - O Retorno

O sol já ia bem alto, quando acordei com um ruído. Era Leila. Zangada, por se ver presa, puxava o braço resmungando... Artur tratou de soltá-la depressa, antes que se enfurecesse. Ela já não sorria. Olhou para ele desconfiada. Precisávamos acalmá-la, ganhar-lhe a confiança. A atitude de Artur em atá-la a ele não ajudara em nada.

— Venha, Leila — disse eu, chamando-a, enquanto lavava o rosto na água da bilha.

Ela me olhou séria. Procurei dar-lhe o melhor dos meus sorrisos, enquanto mentalmente solicitava ajuda.

— Venha! Venha! — e eu lhe estendia os dois braços.

Sem perceber que, naquele instante, repetia os gestos de Luci, que me envolvia, de maneira sutil, fiz a moça da ilha vir a mim, tomei-lhe as mãos, levei-a, qual criança, à bilha e levei-lhe o rosto. Em seguida, pus-me a pentear-lhe os cabelos com um pente que trouxera na mochila. Eles estavam muito embaraçados e eu os fui ajeitando em mechas, afastando-os da testa, prendendo-os para os lados.

Comecei a ganhar de novo sua confiança.

Enquanto isto, Artur, caminhou para a abertura e olhou em todas as direções. O mar explodia lá embaixo, batendo nas rochas, numa festa de espuma. No horizonte, o Sol parecia tingir de doirado as águas, tal a intensidade de sua luz a banhar de todos os lados as rochas, as praias, a rala vegetação, as ondas.

— Venha ver, Mariita, que beleza! Quantas vezes eu perdia horas a fitar esta paisagem...

Olhei para aquele cenário de lutas em movimento constante, enlevada. Depois para a praia de coral.

— O barco não está mais lá — comentei.

— Devem ter ido levar D. Tereza à casa. Voltarão à noite.

Sentimos fome. Artur tomou da mochila e estendeu no que tinha sido uma boa mesa outrora, nossa refeição: uns pães, frutas e doces.

Os olhos de Leila brilharam. Percebi que já há bastante tempo não via uma refeição tão completa. Eu a fiz sentar ao meu lado, enquanto lhe afagava os cabelos. Ela punha toda a vez as mãos neles. Estava encantada com o pente que eu lhe dera.

Comemos. Artur falou a Leila a respeito da fuga à noite.

— Leila, preste atenção. Nós vamos embora. Para longe. Para muito longe.

Ela pareceu temerosa.

— Hoje à noite — continuou Artur — quando todos dormirem nós iremos. Mostrou-lhe com as mãos o mar ao longe, a praia de coral.

Ela olhou para mim.

— Você vai para casa, Leila. Terá muitas coisas. Roupas bonitas. Terás bolos, pães. Ficarão com Artur.

Ela apontou para mim.

— E comigo.

Abracei-a e beijei-lhe o rosto, para ganhar sua confiança. Ela gostou daquilo e beijou-me no rosto também.

Arthur se afastara. Tocado pela emoção de se achar de novo naquele recanto de tantas e amargas recordações, tocava com as mãos a rocha, como se cada uma delas fosse um amigo muito querido, que não via há muito tempo. Lágrimas boiavam em seus olhos e notei que se afastava para um recanto mais escuro, a fim de poder dar vazão ao soluçar resignado e dolorido que lhe explodia n'alma, cheia de saudades de sua mãe, Apesar da liberdade que fruíra tanto tempo em outros lugares, das novas amizades e vitórias materiais com que se felicitara, mercê de seu valor e esforço, eu bem o sentia, tudo isto daria para ter ficado ali aqueles anos todos,

encarcerado e acuado, qual fera perigosa, suportando a presença irada de seu pai, para ajudar sua mãe e irmã.

Artur chorava e eu pude sentir que um anjo de vestes diáfanas lhe afagava com as mãos os cabelos e chorava com ele. Era Luci.

Quase me contagiei com sua presença e, para disfarçar, tomei as mãos de Leila, que não saía de perto mim e abracei-a junto ao peito. Pobre criança! Como deveria ter sofrido também à míngua de tudo e sem a presença de sua mãezinha.

O restante do dia, Artur esteve a emendar as cordas e a dar-lhes novos nós, a verificar-lhes a resistência para a descida, logo mais à noite. As vezes, eu o surpreendia a observar, a procurar entre os cantos alguma coisa, que nos pudesse ser útil. Mas em vão. A mente infantil de Leila não armazenara coisa alguma que pudesse nos servir. Procurei alguma roupa para a vestir, mais conveniente, e que lhe protegesse melhor o corpo, para a empreitada da fuga. Nada havia ali, senão trapos e cacos velhos. Tirei, então, meu abrigo e coloquei-lo. Artur me olhou reconhecido mas nada falou.

Os olhos de Leila brilhavam de satisfação. Olhava para si mesma enlevada. Então, para a agradar ainda mais, tirei do pescoço um cordão de contas que sempre levava comigo e lhe dei também. Ela ficou admirando o colarzinho encantada e pediu que eu lhe pusesse. Assim fiz, rindo e encorajando-a.

— Muito bem, Leila. Você está linda.

Ela correu a se mostrar a Artur, que balançou a cabeça sorrindo.

Lembrei-lhe a necessidade que eu sentia de orar, e, como a mochila e as cordas já estivessem arrumadas a um canto, nos ajoelhamos ali mesmo em oração.

A moça da ilha nos acompanhava os gestos e, ao nos ver em atitude humilde e grave, ajoelhou-se a custo e ficou ao nosso lado.

— Faça a prece em voz alta — solicitou-me Artur.

Ao que eu, deixando-me banhar nas dulcíssimas evocações do grupo cristão a que me unira, e que também orava naquele instante, não muito longe dali, principiei:

— Senhor Jesus, amado entre todos aqueles que Vos conhecem e se submetem felizes aos ditames de Vossos ensinamentos. Abençoei-nos neste instante. Deixai-nos o coração ao embalo de Vossos carinhos, mais brando para seguir os conselhos felizes de Vossos mensageiros. Sabemo-nos mesquinhos e imperfeitos. Arrojamo-nos à terra diante da presença de Vosso nome em nossos lábios, porque o júbilo de Vos encontrar só se compara à grande miséria de que somos portadores.

Eis-nos aqui, Mestre e Senhor, pendentes entre as mãos dos algozes ignorantes e infelizes e a Vossa misericórdia que nos tem reservado sempre o melhor. Ajudai-nos. Inspirai-nos nos instantes próximos à fuga encetada, crentes que sempre estivemos de Vosso amparo... Dai-nos a felicidade de resgatar a querida irmãzinha Leila em paz. Abençoei nossos propósitos a acobertai-nos com o Vosso manto, na escuridão da noite, para que os assassinos não nos encontrem. Somos devedores de Vosso amor e pedimos a Vossa proteção. Conhececi-nos o íntimo pejado de preocupações e afeitos aos cuidados, para o acólito que nos propusemos realizar.

Sede conosco, Senhor bendito, e estaremos mais fortes e confiantes. Tudo nos falta se nos faltardes. E ouvi-nos a prece que nos ensinastes em obediência a Vossa bondade.

Nossas vozes se cruzavam então na repetição das luminosas palavras do Pai Nosso, que nos penetravam o íntimo, ao eco daquelas paredes rochosas, que davam impressão de se distenderem ao infinito. Permanecemos, após uns instantes, em silêncio e era como se uma força nova e vigorosa nos fosse insuflada pelas entidades que eu sentia presentes ao nosso lado, Senti que alguém me tocava de leve a testa com os dedos e pousava sua mão em meu ombro direito.

— Graças a Deus — murmurei impulsionada pela vontade vibrante que estava ao meu lado. — Tudo dará certo, Artur. Tudo! Vai ver!

Eu sorri e Leila ficou muito contente por nos ver de novo menos sérios. Penso que julgara que estivéssemos zangados ou tristes, porque, erguendo-se, tomou-me pelas mãos e só sossegou quando nos pusemos de pé de novo.

O sol mandava seus últimos raios vestidos de vermelho-alaranjado às vagas ao longe. Era um lençol ondulante, que cintilava para a fuga.

— Esperemos o barco e as sombras da noite. — comentou Artur acendendo uma pequena fogueira, para mais tarde dar o sinal de partida.

Tomei algum alimento e dei-lhe. Ele estava muito tenso e não quis comer, por mais que eu insistisse. Compreendi. Também eu sentia aquele nó a me apertar por dentro. Seria medo? Tensão? Jamais o saberei. Os músculos me doíam, devido à escalada da véspera, e tinha algumas arranhaduras nas mãos e nos joelhos, mas o que mais eu sentia era como se os nervos fossem fios de metal duro e esticado. Só Leila comeu à vontade.

As horas corriam lentas. Afinal, lá se foi o Sol. Leila adormeceu e as estrelas salpicavam aquele veludo negro, onde mal se podia separar mar e céu. Depois de algumas horas, vimos luz lá embaixo. Era o barco. Artur esperou o sinal. Três vezes levantaram o archote e o balançaram. Então ele repetiu o gesto. Era hora de partir.

Artur ia à frente. Tomei a mão de Leila e a fiz me acompanhar. Ela nos seguiu de bom grado. Acho que pensava que iríamos roubar à noite como se acostumara a fazer. Atravessamos aquele corredor sinuoso, ele à frente com o archote e adentramos à câmara onde os morcegos voavam, fugindo à luz da chama. Deixando o archote ali, Artur agachou-se e passou a descer a estreita passagem. Fiz Leila ir à minha frente e segui atrás. Foi uma descida silenciosa. Artur saiu e, logo após certificar-se que não havia ninguém na redondeza, deu a mão Leila e a mim para seguir. Antes de fugir daquele lugar para as rochas acima, tive novamente a minha atenção voltada para o sinal na rocha. Era como se alguém me dissesse: "Olhe o sinal! Olhe o sinal!"

Abaixo dele parecia haver uma cobra enroladinha, mas, prestando mais atenção, vi tratar-se de uma corda. Artur notou minha hesitação e disse:

— Vamos, depressa!

— Espere! — pedi avançando para a gravação na pedra. — Era um rolo de cipós amarrados, com o colar de Fábio. Um colar igual aquele que eu dera a Leila.

— Bom menino! — pensei.

Durante o dia, como eu soube depois, pretextando conhecer a ilha, ele saía com D. Tereza e acabara por nos brindar com aquela preciosidade. Tomei o rolo e disse:

— É de Fábio.

— Bom, bom. — respondeu Artur.

E lá fomos nós.

Após algumas horas de caminhada, atingimos o topo do penhasco. Lá embaixo mal divisávamos a praia, não fora as areias brancas a se sobressaírem, como um abrigo, no negror da noite.

Uma brisa fresca fazia-me tremer de frio, pois dera o meu fato a Leila. Artur percebeu e, tomando seu abrigo, pôs-me nos ombros. Em seguida, atou os dois rolos de cipó e verificou-o ponto por ponto, a ver se estava bem amarrado. Leila parecia hesitar. Olhava-nos sem entender. Pedi-lhe que descesse pela corda, mas ela, nada. Artur quis ir na frente, mas, notando eu que a moça confiava mais em mim, pus-me a descer, apesar dos protestos dele. Era mais fácil agora do que na noite anterior. Suspensa como uma aranha, eu balançava o corpo, evitando e servindo-me das pernas para oscilar entre as rochas e o abismo.

Desci até onde foi possível. Encontrei um bom ponto de apoio, com urna larga reentrância. Verifiquei ser oportuno fazer ali nossa primeira parada e balancei a corda três vezes, dando o sinal a Artur para descer Leila. Mas ela não queria. Tinha medo. Foi preciso que Artur a prendesse às costas, fazendo-a segurar à roda do seu peito, para descer com ela. Quando percebi o duplo vulto a se desenhar bem acima de minha cabeça, tive um sobressalto.

Prouvera Deus a corda fosse bastante forte, para aguentar o peso dos dois. Artur descia devagar, apoiando-se às rochas, querendo suavizar o peso com o apoio dos pés. Chegou a mim exausto, molhado de suor. Desceu Leila, no que eu o ajudei, e pôs-se a dar uns empuxões à corda, objetivando soltá-la do topo, a fim de prosseguir. Pensei que ela ficaria enrodilhada lá. Mas, com um puxão maior, cedeu e a tivemos novamente. Artur a enrolou devagar e procurou novo apoio nas rochas, mudando o lugar do gancho, tornando-a agora dupla. Percebi que ele temia que ela se rompesse.

— Vou à frente agora — disse-me ele, tomando Leila pela mão.

A moça deixou-se conduzir, agarrando-se a ele temerosa. Afinal, parecia que ela começava a entender. Reiniciamos a marcha. Quando veio o sinal, foi a minha vez de descer o que fiz o mais rapidamente possível. A descida foi dura. Já amanhecia quase, quando chegamos A praia onde Fábio impaciente nos esperava. Ajudou-nos a levar Leila até o barco e partimos, antes que a claridade nos denunciasse aos pescadores, que voltavam de suas andanças pelo mar. Tomando um rumo diferente, fizemo-nos ao largo, ocultando Leila e fugindo às pressas, cheios de alegria em Jesus, que nos ajudara, até então, na vitória daquele resgate doloroso. Leila jamais estivera em um barco. Olhava para os lados admirada. Quis tocar a água com as mãos e depois ficou observando Fábio, meu pai, e o sr. Venâncio com curiosidade. Cada um lhe trouxe um presente. E logo estava nossa amiga, dormindo o sono dos inocentes. Aproveitei para descansar também, enquanto Artur contava alguns lances daquela nossa aventura.

Em meio ao cansaço dolorido do meu corpo, senti que flutuava no espaço, cheia de alegria, leve e livre. Voltava sobre as ondas, num voo delicioso em retomo à gruta, da qual acabáramos de fugir. A mão de Leila, segurando a minha, qual criança que encontrou algum refúgio para sua longa solidão, era-me uma sensação deliciosa, cheia de paz, mas que não me prendia. E eu voava levemente, até passar pela abertura da rocha e a brisa da madrugada me afagava os cabelos, tanto no barco, onde eu sentia meu corpo, quanto naquele recanto cheio de recordações. Aos

poucos, aquela percepção do barco longe cessou, para só restar a análise do local onde me encontrava, como se sonhasse, vivendo aqueles momentos para mim tão importantes e reais.

Numa esteira ao chão uma mulher respirava com dificuldade, baixinho, como se o mundo pesasse no seu peito, oprimindo-a. Luci, pois era ela, logo eu a senti, fazia um esforço para falar a Leila, que, ajoelhada ao seu lado, segurava sua mão, chorando em silêncio.

— Filhinha, mamãe vai embora.

A moça balançava a cabeça, negativamente, com aflição, beijando ainda mais a mão da querida mãezinha, que era tudo para ela.

— Leila, — repetia com sacrifício, quase sussurrante, enquanto um suor álgido lhe cobria as faces macilentas, onde os olhos eram duas luzes a tremeluzir na semiescuridão — quando mamãe dormir, será para sempre. Não acordarei mais. Porém ficarei sempre com você. Deve lançar meu corpo lá embaixo. Quero que ele fique no mar.

Leila não parecia entender, mas eu percebi a preocupação de Luci. A putrefação atrairia aves de rapina e prejudicaria a menina.

— A alma bondosa que nos traz roupa e alimento ajudará você. Depois Artur virá buscá-la. Artur — repetia num sopro, resumindo naquele nome uma ternura indefinível, plena de esperança.

Olhando para Leila, como se a pudesse ver pela primeira vez, Luci ergueu as mãos e tocou em seu rosto, acariciando-o trêmula. Como se o braço lhe pesasse, deixou-o cair sobre o catre, repetindo:

— Jogue meu corpo no mar, antes que o Sol venha. Fará isto?

Leila balançou a cabeça negativamente.

Luci suspirou profundamente.

— Tem que fazer. Eu lhe peço, filha. Tem que ser feito. Dê-me um beijo, Leila. Eu já vou dormir, que os deuses a protejam, querida.

Leila beijou o rosto da mãe e debruçou-se sobre ela soluçando.

Eu vi que Luci tombava a cabeça para o lado e parecia remoeçar subitamente. Aos poucos foi se erguendo, e olhando ao redor. Era como se saísse do corpo em repouso. Eu a vi ao pé de si mesma, e as lágrimas lhe tingiam rosto muito suave, emoldurado pelas madeixas negras que lhe caíam em caracóis sobre os ombros. Luci avançou para Leila soluçante, cercada de várias entidades que ela não via, mas que a acompanhavam com doçura. A moça da ilha estava inconsolável. Pressentira e percebera o desenlace materno e uma mágoa profunda, a solidão dorida era extravasada em uns lancinantes gritos, que cortavam a noite povoada de mistérios. Luci abraçava-a, beijava-a, com carinho indescritível, tentando acalmá-la a qualquer preço. Não conseguia articular palavra. Estava preocupada com a pobre moça, que lhe abraçava os despojos em desespero.

Eu soluçava a um canto, observando aquela cena que me era mostrada, como um filme, numa dimensão real de teatro, sem poder, contudo, chegar até aos personagens daquele enredo lancinante. Eu mal me dava conta de que o que estava acontecendo já se passara há muitos anos. Eu vivia aquele episódio em todas as suas minúcias espantosas e dramáticas. Após um longo desabafo, a moça ergueu ainda o rosto desfigurado pela dor. Era quase menina ainda. Ergueu-se a custo sobre os pés magoados, o corpo dolorido pela flagelação que se impusera. Limpou o rosto com as mãos toscas e puxou para junto da mãe o seu leito, deitando-se ao seu lado, como uma criança à procura de calor.

Virou-se encolhida para junto dela, fechou-lhe os olhos e, debruçando a cabeça em seu peito, adormeceu.

Luci (**espírito**) acariciava-lhe os cabelos, ajoelhada ao seu lado. Quando a moça sossegou, no sono da exaustão moral e física, alguém tocou o ombro da mãezinha aflita, com carinho inexcedível. Ela se voltou, atraída mais pelo amor da entidade que já a envolvia há tempo, do que pelo toque intangível de seus dedos. Não precisou saber, adivinhou:

— Mamãe — gritou ela, erguendo-se na câmara iluminada pelo fulgor da entidade que se apresentava. E Luci, cedendo a um impulso natural, lançou-se aos braços da antiga genitora, num desabrochar de saudades e alegria, que lhe explodiam o espírito macerado pelos constantes testemunhos, que lhe impusera a triste condição da cegueira e penúria, naquela terra recortada de beleza e agreste poesia.

— Querida, querida! — balbuciou a entidade, deixando-se abraçar, enquanto osculava o rosto amado. — Vim te buscar, meu bem.

Mas Luci olhou para a moça da ilha, adormecida ao lado de seu corpo, a cabeça sobre seu peito sem vida. E a mãe compreendeu. Como partir, buscar descanso, quando a pequena Leila ficava ali, solitária e indefesa? Era preciso ficar mais, ajudá-la com seu amor. Era preciso procurar Artur, fazê-lo voltar, para resgatar a irmã a qualquer custo.

Não foi preciso dizer. Ambas compreendiam. E, tomando também a si aquela preocupação, a avó se aproximou da moça, transmitindo-lhe forças. Leila passou a ressonar com a inocência das crianças, enquanto as duas mulheres, ao seu lado, velavam por ela.

Eu via ainda um homem ao lado de Luci, e pressenti que fora seu pai. Estava intrigada. Porque ele não se lhe mostrava? Mas a avó ponderava conversando:

— Breve verás teu pai, querida. Está muito saudoso.

A entidade sorriu enternecida para a ex-esposa e sentou-se ao lado de Luci, que estremeceu ligeiramente.

— Papai, que saudade! — murmurou Luci, emocionada. — Quero vê-lo, agora.

Como se seu desejo fosse uma ordem irrevogável, o progenitor ergueu-se e seu corpo adensou-se a seu comando, enquanto ele, tocado por uma vontade imperiosa, lhe estendia ambas as mãos, tornando-se-lhe visível.

Tal como com a mãe, Luci adivinhou nele o pai querido, que seus olhos carnis nunca puderam ver. Então, adivinhou os júbilos do espírito e reconheceu-se viva, mais do que nunca, junto dos entes amados, e percebeu, só então percebeu, que estava vendo, enxergando, que não era mais cega. A preocupação com a filhinha lhe toldara a percepção. Chorando e rindo, Luci dizia num transporte de júbilo:

— Papai querido, eu vejo. Eu te vejo. Como tu és belo!

— É melhor levá-la daqui — ponderou a mãe atenciosa.

Novamente Luci olhou para Leila adormecida. Mas o pai, com autoridade, amparou-a, levando-a dali para um lugar de repouso, a fim de que não mais se magoasse pelo que iria suceder.

— Vovó tomará conta dela, enquanto você descansa.

Luci, mais reconfortada, deixou-se levar. Só então, o cansaço a abateu.

Mal eles se retiraram e a avó prestimosa, aproximando-se de Leila, lhe transmitiu, através da imposição das mãos, energias novas.

Via-se que a menina moça adquiria leve colorido nas faces. Observando que a madrugada prenunciava o sol, a vovó apressou-se, sussurrando no ouvido da moça:

— Leila, precisa obedecer sua mãe. Fazer sua última vontade. Precisa fazer isto, Leila! Ao mar! Lance seu corpo ao mar!

A moça acordou sob a impressão daquela ordem irretorquível.

Olhou para a mãe já sem lágrimas, com uma força que não era a alui, e, levada pela entidade que a envolvia totalmente, ergueu-se sonambulamente, e arrastou a esteira com o corpo da mãe à beira do penhasco. Beijou-lhe as mãos lívidas, olhou o céu que começava a desabrochar em luz, o mar rebentando nas rochas, lá embaixo, em um movimento cadenciado e, determinada, empurrou o corpo abismo abaixo. Depois voltou cambaleando com lágrimas a rolar pelas faces silentes, como se o esforço lhe custasse a própria vida, e tombou sobre o chão desmaiada.

Voltei para o barco, sob as fortes impressões das dramáticas cenas que eu vira. Um dia talvez eu contasse a alguém o que vira, mas achara triste demais, dorido demais.

Leila me olhava sorrindo. Abracei-a com muito amor. Pobre criança! Como sofrera. Chorando e rindo, beijei-a no rosto e fiquei ali, abraçada a ela, como se quisesse compensá-la por todos os sofrimentos pelos quais passara.

XXI - O Embarque

Também amanhecera, enquanto eu dormia e já quase chegávamos à casa.

— Não podemos prosseguir. Devemos lançar âncoras. Ficar aqui até escurecer — disse sr. Venâncio.

Sabíamos que ele tinha razão. À luz diurna era perigoso desembarcar Leila, que ficaria escondida comigo e Artur, até ser levada para a nova ilha de que falavam os poucos marinheiros que passavam periodicamente por nós.

Ficamos todo o dia balouçando sobre as águas, enquanto os homens pescavam, eu e Leila preparávamos nosso almoço.

Conversávamos sobre as esperanças do novo lar, que esperava por Artur e a irmã, tão logo pudessem partir. Papai continuava obstinado à ideia de seguir com eles, e, por mais que eu brincasse sobre o assunto, percebi que aquela era uma decisão inamovível. Fábio aproveitava para desatar os nós da parte do cordame que nos levara, arranjando o barco com zelo, cuidando principalmente de desfazer qualquer pista da presença de Leila a bordo.

Percebi sua preocupação.

Descansamos em palestra e pesca todo o dia. Quando caía a tarde, voltamos e velejamos rumo a nossa casa.

Sem incidentes, chegamos à praia de noite. Mamãe e meu outro irmão nos aguardavam ansiosos. Por que o fariam?

Logo que aportamos, Fábio desceu a parlamentar com eles, e de lá mesmo, fez-nos sinal para ficarmos a bordo. Em breve espaço de tempo, aturdidos, percebemos que meu irmão voltava ao barco, acompanhado de minha mãe e meu irmão:

— O que teria acontecido em nossa ausência? — perguntei olhando para papai e o sr. Venâncio cheia de preocupação.

Artur abraçou-se à irmã, renunciando novos perigos e esperamos atentos o barco que se aproximava. Que novas seriam essas que trariam mamãe e meu irmão àquela hora tardia, numa espera angustiante?

Mal subiram a bordo e Fábio correu a puxar a âncora, enquanto dizia:

— Precisamos partir!

— O que aconteceu? — perguntou papai, sustendo-lhe os movimentos.

— Mamãe explica — fez meu irmão decidido, continuando a puxar as amarras e dando nova direção ao velame.

Ajudei mamãe a pôr sobre o casco os pesados fardos que trazia. Secundada por Artur, enquanto Leila se encolhia a um canto assustada com as pessoas que chegavam.

— Precisamos partir! Nosso esconderijo foi descoberto!

Marco dava as explicações, enquanto mamãe sentava-se exausta, dando-nos as anotações acerca de Jesus. Meu irmão tirava de sob a roupa o rolo precioso de pergaminho e entregava-o ao sr. Venâncio:

— Consegui salvar isto — dizia cheio de satisfação.

— Mas, como? — quis saber sr. Venâncio.

— Alguém do grupo nos delatou. Não sei quem foi. A maioria dos companheiros já partiu. Sei que alguns foram presos. Infelizmente, nada pudemos fazer por eles.

— Preciso voltar — disse sr. Venâncio, pensando nos seus.

— Não há ninguém de sua família na ilha — ponderou minha mãe. — Sossegue. Já partiram. Temos a rota. Iremos também para

o novo lar que nos espera. Enquanto vocês estavam longe, aportou aqui um barco de amigos e nos indicou o caminho a seguir. É longe. Trouxe o que pude em suprimento de água e comida. Precisamos seguir logo, porque estivemos todo o dia ocultos, enquanto nossa casa era invadida. Nem sei como pudemos escapar.

Só então, lembrei-me de Leila e levei-a até mamãe.

— Minha nova irmã — disse eu apresentando-a.

Mamãe tomou-a pelas mãos e ficaram ali entretidas, enquanto Marco ia ajudar Fábio e Artur.

— Mamãe, conta-lhes o resto — disse ele procurando dar mais força ao barco com um novo velame auxiliar.

— Graças a Deus temos vento — comentou Artur.

— Terso foi preso com a família — disse minha mãe, de olhos baixos, como se revivesse mentalmente os episódios que narrava. — Mira nos avisou a tempo. Por sorte, Marco havia pego as anotações na véspera e escondido em outro lugar. Fizera isto sem falar nada a ninguém. Disse que fora um impulso irresistível.

Enquanto ela falava, eu olhava para meus irmãos e Artur cheios de vitalidade e resolução, traçando sobre as águas a rota de nossos destinos, nosso novo lar, nossa nova colmeia de trabalho. Seriam dias e noites cheios de incerteza cheios de luta, eu o pressentia. Mas na nova ilha talvez pudéssemos mais livremente falar o nome querido do Mestre. Eu pensava em Terso, em suas filhas tão meigas, em sua esposa, em seu filho. Era difícil admitir o que deveriam estar passando àquela hora.

— Também Simão foi pego. Só sua mulher e filha escaparam no barco de Mário.

Mamãe continuava a expor os acontecimentos.

Enquanto nós resgatávamos a moça da ilha, quantos de nossos afeiçoados caíam sob a traição na calada da noite. Era inacreditável.

— Não devo levantar falso testemunho — disse mamãe — mas para mim acho que foi Sidon quem delatou o grupo. Nunca pude confiar naquele moço.

Percebi que Marco estremecia ao nome. Eu sabia do amor que ele sentia pela irmã de Sidon e, se aquela suspeita fosse verdadeira, nunca mais provavelmente ele voltaria a ver a moça.

— Por que diz isto, mamãe? — perguntei.

— Um moço que nunca olhava a gente nos olhos, quando falava. E, depois, foi o- último que entrou para o grupo. Além disso, não tenho certeza, mas pareceu-me vê-lo entre os invasores de nossa casa.

Mamãe calou-se.

— Sua família não queria seguir sem o senhor — disse ela ao sr. Venâncio — Mas eu lhes disse que era melhor fugirem. Nós ficaríamos para avisar, Afinal, eu tinha meu marido e dois filhos aqui. Tinha mais razões para esperar.

Sr, Venâncio sorriu para ela e olhou para as águas ao longe.

— Faremos nova colmeia de trabalho e amor, — falou ele — onde não haverá lugar mais para as superstições e seremos uma grande família, feliz com Jesus.

Olhando para a direção que o barco seguia, eu via espiritualmente sobre as águas uma esteira de flores de espuma, onde o sol que despontava era o Senhor, com os braços estendidos a nos esperar, para novos testemunhos de amor, pelo seu nome.

2ª PARTE (28-07-81)

I - Ao Mar

O Sol nascera ardente e o mar parecia um espelho gigantesco. Nunca o sentira assim tão esplêndido e maravilhoso, bordejando a espuma que a água fazia ao bater no casco, trazendo-me à lembrança as histórias dos pescadores inocentes sobre o vestido de ouro de alguma ninfa das águas. Suas doces e ternas credices vinham-me à mente do meu tempo infantil, com toda a saudade que ela podia trazer. Mamãe cansada adormecera, enquanto os homens se revezavam, dando às velas enfundadas pelo vento a direção que haviam aprendido com marinheiros mais experientes.

Sentia meus membros doloridos e comecei a pensar no futuro com preocupação. O que nos estaria reservado? Lembrava-me de nossa casa, dos amigos, que, desde que eu podia recordar, nos cercavam, daqueles cenários puros e agrestes, de nossas reuniões tão amenas...

Os cabelos do sr. Venâncio refletiam as luzes da manhã. Houvera guardado com cuidado o pergaminho, salvo por meu irmão. Ocultara-o bem sob uma reentrância a bordo. Caso encontrássemos algum perigo, todos sabiam onde estavam as nossas escrituras, envoltas por um protetor de couro. Eu sabia que aquele repositório de bênção era cópia de um original, que um discípulo nos legara. Não o conhecera, nem havia nascido quando um naufrágio o levara às nossas paragens. Se, naqueles longínquos anos, o naufrágio de um navio, tendo a bordo um dos ungidos Deus, para ser um seguidor direto do Messias, fora-nos uma bênção, por encontrá-lo — pensava eu — o que não seria para nós aquela tragédia que nos abatera? Era mister esperar com paciência. Sempre soubemos que, de um momento para o outro, poderiam nos descobrir. Era uma sorte podermos estar ali, ao Sol, tendo o mar por caminho, com os nossos entes queridos, entre as vagas, quando sabíamos que outros deviam estar pagando bem caro suas novas disposições, sua fé, suas certezas... Talvez fossem levados para Roma, para julgamento, ou, quem sabe, tivessem sido sumariamente executados pelos pretores encarregados da ordem em nossos

recantos? Mas... algo me inquietava profundamente. Algo me magoava mais e mais, quanto mais eu me detinha a pensar no assunto. Por que eu não pudera ser avisada, através das faculdades que possuía, pondo todos a salvo?

Martirizava-me interiormente pela desgraça de tantos. Não era verdade que eu pudera ver Leila primeiro que todos, indicar um roteiro à noite, não me fora revelado também quanto à morte de Luci? No entanto culpava-me — porque falhara quando tantos precisavam de ajuda?

— Jesus! — pensava interiormente — De que me valem as faculdades que me deste, se não as sei conduzir, com segurança, em benefício dos outros? Por que às vezes vejo e de outras pareço cega e surda à evidência? Como não vi em Sidon o perigo que nos ameaçava? Pobre de mim, Senhor, que para nada sirvo, malgrado a esperança de tantos posta em mim!

Engolfada em pensamentos tristes, não vi que o sr. Venâncio se aproximava de mim com modos calmos:

— Mariita, querida menina, disse ele arrebatando-me da angústia em que me prostrara, nós não somos nada, não é mesmo? No entanto, nem uma só folha da árvore cai, se não é da vontade do Pai. Ele prometeu que estaria conosco até o final dos tempos!

— Eu sei, sr. Venâncio. Eu bem sei. Não duvido da bondade de Deus, nem do apoio de Cristo. Ele estará sempre com todos, ainda mesmo com aqueles que não O conhecem, mas nós não sabemos estar com Ele.

— Menina, ponderou com um sorriso, achas que tu poderias afastar a hora presente, de nosso caminho? Acreditas, então, que bastaria tudo saber para evitar o desastre? Pois eu te digo, querida, que julgas mal. O discípulo que nos legou a bênção da Boa Nova, sabia, pelo que me contaram, que seria preso e condenado em Roma. Um homem de sensibilidade divina, durante uma reunião, atara-se com sua cinta e o informara:

— “Assim farão com o dono desta cinta.” (***Refere-se a Paulo de Tarso.***)

Mesmo avisado, prosseguiu, incansável, e, pelo que sei, foi degolado na Cidade Imperial.

Um arrepio me passou pelas costas. A cidade imperial, dos Césares, dos Augustos... e os pesadelos que tantas vezes me povoavam as noites, pelas coisas que ouvira falar dela. Às vezes gostaria de conhecê-la, mas de outras me dava um terror insopitável. Ainda bem que não iríamos para lá, mas para ilhas despovoadas, a criar novos núcleos fraternos. No entanto, uma voz interior parecia dizer-me:

— Não sabes o que te aguarda amanhã!

— Não queria aborrecer o senhor, que tem sido tão gentil, com minhas tristezas, bondoso amigo. No entanto, adivinhaste. Nunca me senti tão inútil e tão fraca quanto me sinto hoje, depois de tanta beleza, de termos podido trazer Leila, de vermos Artur mais feliz, de poder ter estado com Luci, sua mãe, e, no retomo, a dizimação dos nossos, a traição... Ah! sr. Venâncio, somos mais frágeis que este barco que as ondas levam. Nós não somos nada, e, apesar da fé, apesar de saber tanta coisa bela, eu tenho muito medo...

Como que sintonizando as vibrações da entidade que me falava, telepaticamente, sr. Venâncio arrematou:

— Acalma-te Mariita. Não sabemos o que nos espera amanhã, mas Deus o sabe. Ele é o nosso timoneiro. Às vezes pensamos estar conduzindo os acontecimentos, mas é a vida que nos conduz.

Artur aproximou-se de nós, tímido e educado, como sempre.

—Preciso falar com vocês, — disse sem jeito, — Tenho necessidade de me desculpar com o senhor, pois, se não fora por mim, estaria agora junto dos seus a caminho do novo lar. E, você, Mariita, se não tivesse ficado tão envolvida com os meus problemas, talvez pudesse perceber a tempo o que se passava e avisar todos. Sinto-me culpado, mais uma vez, da infelicidade daqueles de quem me aproximo. Pareço sempre fazer o mal a todos.

Levantei-me, fazendo com que se calasse imediatamente, pondo os dedos sobre seus lábios:

— Não diga mais nada. Já é bem ruim o que nos está acontecendo, sem que comecemos a sintonizar a perturbação da tristeza. Estávamos falando agora mesmo sobre isto, não é, sr. Venâncio? Nós não somos nada, porém, tudo o que nos acontece, deve ter uma razão de ser, que nos escapa. Eu não sou profeta, nem tenho dons especiais. Não poderia, de forma alguma, prever os acontecimentos. Se nós trouxemos Leila, era porque a pobrezinha precisava mais que todos nós da ajuda do Senhor, e não por mérito nosso. Artur, você é um membro querido que se une a nós. Leila é bem-vinda, e o sr. Venâncio logo estará junto dos seus, porque o Senhor é bom e estamos caminhando para aquilo que é melhor para todos.

— Mariita tem razão, rapaz. Agora, o que me preocupa, é que nós trouxemos poucos víveres, dada a correria da fuga. Precisamos ver tudo o que temos e racionar os víveres e a água, pois o percurso é de alguns dias, talvez até quase um mês, e, nesta época, às vezes a chuva vem prejudicar a navegação. Assim que tua mãe acordar, menina, providencie a relação do que temos, e, por ora, deixemos de maus pensamentos ou de pessimismos, porque não podemos mudar o que já passou, nem é bom nos determos naquilo de desagradável que já foi, senão para orar pelos nossos queridos irmãos, procurando ajudá-los nas provas. Artur, querido, vou descansar um pouco. Por que não faz companhia a Mariita, enquanto descanso? Afinal, teremos dias bem duros pela frente.

Sr. Venâncio retirou-se para um canto do convés e, usando uma trouxa de roupa que mamãe arranjara, à guisa de travesseiro, recostou-se a fim de descansar. Artur sentou-se ao meu lado, enquanto Leila adormecera com a cabeça ao meu colo.

O silêncio, apenas era cortado pelo marulhar das águas e pelo vento, que nos ajudava a caminhar, envolvendo-nos. Olhei para ele e sorri como para infundir-lhe ânimo.

— Obrigado! — disse ele, tocando-me a mão de leve. — Obrigado!

II - Dificuldades

Eu também estava exausta. Acabei dormindo sentada, e pelo desconforto da posição em quem me encontrava, logo Artur, penalizado, apoiou-me com o como, dormindo também. Via-me numa terra estranha. Sonhava. Estava muito bem vestida, com sedas e colares, pulseiras e pedrarias, mas estava sendo perseguida por uma multidão de gente furiosa. Debatia-me em desespero, corria pelas ruas mal iluminadas, enquanto percebia que muitos, com archotes, estavam à minha procura. Não tinha a quem recorrer. Sabia-me condenada pela multidão enlouquecida.

— Assassina! Assassina! — ouvia vozes anônimas na perseguição cruel.

A fuga prosseguia. Belos palacetes me cerravam suas portas. Nenhum vão parecia seguro para me ocultar. Precisava sair da cidade, conseguir animais que me levassem com segurança fora dos portões, procurar amigos que me valessem. Se eles me pegassem seria morta. Não me dariam trégua, nem mesmo uma chance para me defender. Era uma estrangeira em terra estranha. Meus protetores estavam distantes. Precisava fugir! Fugir!

No entanto, por mais que me ocultasse, sempre pareciam adivinhar-me. Acabei prisioneira deles, cujos rostos mal podia divisar na escuridão. Somente seus gritos a me dizer:

— Assassina! Assassina! Feiticeira!

Bateram-me, levavam-me aos empurrões, para o alto de uma montanha.

Eu já sabia qual o suplício que me esperava. Tentava argumentar, debatia-me, inutilmente. Por fim, lançaram-me lá do alto, e eu ia caindo, batendo a cabeça e o corpo ao encontro das pedras.

— Que horror! Que horror! — gritei, acordando assustada, num sobressalto.

Com meu grito acordaram Artur e Leila.

— O que aconteceu? — perguntou-me procurando ajudar.

— Não foi nada! Tive um pesadelo, — respondi envergonhada por perceber nossa proximidade. — Assustei você?

— Não. Dormi bastante. Deve ser hora de eu ir render o Fábio. Espero que tenhamos ganho bastante terreno, pois, pelo que sei, temos muito a seguir ainda.

— Eu vou ver com mamãe o que temos e racionar nossos víveres.

Fiz um agrado em Leila, e procurei mamãe que já estava atarefada, relacionando nossos parques haveres.

Aquele pesadelo voltaria mais vezes à minha mente, no entanto. Era como coisa vivida, há muito tempo, mas eu veria ainda o palco daqueles infaustos acontecimentos.

A noite logo chegaria e mamãe preparara algo com que nos alimentarmos.

— É melhor nos servirmos primeiro destes pães e das frutas, por que podem estragar. Daqui a alguns dias, só teremos o peixe que pudermos pegar e um pouco de cereais. O pior é a água, que é muito pouca — falou por fim. O melhor é evitar o sol e também evitar falar demais. Fazer só o indispensável. Tenho medo por seu pai. Está tão tagarela como uma criança, só porque vai para o Novo Lar. Faça com que ele se aquiete, senão acabará doente à toa.

Todos procurávamos não demonstrar preocupações maiores, mas estávamos à mercê de um destino novo, e isto nos inquietava. Se o vento e o tempo ajudassem, no entanto, tudo poderia terminar mais depressa do que pensávamos.

III - O Cansaço, a Fome e a Incerteza

Semanas se passaram sob o sol inclemente. Estávamos à beira de um colapso físico. Por estranhas razões, o leme parecia avariado. Fábio tentara costear algum lugar, com que pudéssemos tentar o conserto, mas não avistávamos terra. Os homens estavam cansados, sedentos, exauridos. Era preciso chegar depressa.

Percebi que a angústia nos envolvia pouco a pouco. Havíamos perdido o roteiro, pela avaria estranha. Artur e Marco sondavam as estrelas à procura do caminho. Papai e Venâncio

confabulavam, estudando velho mapa, copiado às pressas para empreender a fuga.

Como se não bastasse, o barco, que havíamos alugado para o resgate a Leila, não fora feito de molde a suportar grandes percursos marítimos e estávamos com excesso de pessoas a bordo, pois era um pesqueiro que não comportava grandes distâncias.

A água estava racionada, quase acabando. O mar nos provia de peixes, que estávamos comendo crus, a fim de que o líquido do alimento nos repusesse as deficiências orgânicas.

Apesar de tudo, comecei a perceber, bem no fundo de minha alma, o nascimento de uma sensação nova, diferente, envolvente e terna, que me enchia de preocupação. Surpreendia-me a fitar demoradamente Artur, a observa-lo disfarçadamente, a me encantar com seus modos, a vibrar com qualquer gesto seu de atenção, por menor que fora.

— Será, — perguntava-me, — que isto é algo mais do que o carinho de uma irmã, por alguém tão necessitado de atenção e amparo?

Olhava-o e lembrava-me de seus sofrimentos ingentes, de sua vida, sempre tão cheia de amargura e luta.

Estava barbudo e decomposto, mas os olhos, de um magnetismo sofrido, às vezes me pareciam perscrutar, nos instantes de reflexão.

Mamãe parecia perceber em mim as transformações íntimas, e não demonstrava aprovar a minha inclinação sentimental em direção ao rapaz, que tão recentemente se incorpora ao nosso grupo. Às vezes, indiretamente, comentava, com certo azedume:

— Cria-se os filhos com tanto zelo e, quando menos se espera, um dia, aparece um estranho, sabe lá Deus com que intenções, e no-los arrebatam.

De outras, falava intencionalmente:

— É preciso conhecer bem as pessoas, antes de confiar nelas. Tem gente que parece ter nascido para arranjar encrencas.

Suas falas me magoavam, porque não a queria, de forma alguma, Indisposta com Artur.

Afinal, ele nada fizera que pudesse explicar aquela repentina prevenção, que mamãe demonstrava. Estava se comportando com fortaleza Indiscutível. Já há alguns dias que vinha obrigando papai e Marco a maior repouso, pois ambos estavam febris e os substituía em parte de seu turno.

Comigo agia até com uma atitude desconcertante, que me magoava. Quase parecia evitar-me. Somente às vezes lhe reconhecia qualquer gesto mais carinhoso. Usava agora de uma cerimônia que eu não conseguia entender. Parecia distanciar-se de mim propositadamente.

Mas, aquele dia, estava eu adormecida, enquanto ventos fortes batiam sobre o convés. Leila, que não se desgrudava de mim, cobrira-me com uma manta de lã e eu adormecera sob o carinho de suas mãos tão judiadas.

Acordei, mas, não sei por que intenções, talvez para agradá-la, já que se sentia feliz por mimar-me e ver que eu aceitava participar daquilo, como se fosse uma sua bonequinha de brinquedo, fingi estar adormecida.

Percebi que passos se aproximavam de nós e soube que eram de Artur. Continuei a fingir que dormia, virando-me de costas para ele, com a cabeça ao colo de Leila.

Ele se acocorou ao lado da irmãzinha e ajeitou-me a coberta, abrigando-me, pondo-se a conversar com ela, quase num cicio.

— Ela dorme, não é mesmo? Não façamos barulho — disse em cochicho. — Você gosta muito dela, não é Leila?

A jovem balbuciou algo no seu linguajar peculiar que eu traduzi por:

— Gosto muito.

— Eu também gosto muito dela, Leila. Tanto que tenho medo — falou o jovem sem perceber, contudo, que eu ouvia.

Ficou uns instantes em silêncio, como se aquela declaração caísse sobre nós, envolvendo-nos em blandícias temas e suaves.

Não consegui conter-me. Sentia o coração transbordante de felicidade. Queria ouvir mais. Queria que me dissesse que me amava, que me amaria sempre, mas ele continuava calado. Tinha ímpetos de levantar-me, de me atirar em seus braços, mergulhar meus olhos nos seus, procurando arrancar dele a verdade, as palavras que eu tanto vinha querendo ouvir e que temia jamais me seriam ditas.

Abri os olhos devagar e voltei-me para ele, olhando interrogativamente.

Percebi que se assustou. Li em seu rosto o temor que eu tivesse ouvido o que acabara de pronunciar.

Nossos olhos se cruzaram. Os meus pediam, suplicavam, prometiam. Mas os dele temiam, fugiam e envergonhavam-se.

Por um instante, sustentou a situação, e depois, de repente, um leve rubor cobriu-lhe o rosto, fugiu de mim com o olhar, levantou-se abruptamente e falou como se nada houvera:

— Sr. Venâncio nos chama para as orações da tarde. Pedi-me que eu te chamasse. Rogaremos a Jesus que, através de ti, nos dê orientação quanto ao que devemos fazer. A água acabou. Eu não queria te acordar, mas, infelizmente, é preciso. Sinto muito, Mariita.

Tocando de leve seu braço, após erguer-me, disse-lhe num sentido dubio e com lágrimas nos olhos:

— Eu também sinto muito.

Eu sentia não apenas por nós, por nossa situação delicada e perigosa, mas por mim e por ele, porque eu o amava e ele me fugia, porque havia entre nós algo que nos apartava um do outro, algo que ele pusera entre nós e eu não sabia o que era. Porque seu modo cerimonioso me magoava profundamente.

Uma dor funda fechou-me a garganta. Queria chorar e os olhos estavam marejados, mas não podia.

Artur afastou-se e eu, tomando Leila pelas mãos, e abrigando-nos mi a manta, dirigi-me ao grupo, que, ao centro do convés, já nos esperava, para a leitura sagrada e as orações da tarde.

Mamãe olhou-me e depois a Artur com preocupação. Marco largara a rede de pescar e estava com os olhos muito vivos e o rosto encovado. Fábio demonstrava grande desgaste físico e papai tinha olheiras fundas e tosse constante. Onde quer que olhássemos víamos apenas o céu e o mar imenso e terrível.

Sr. Venâncio, evitando alongar-se demais, porque também estava abatido pelos dias que havíamos já passado, em extrema penúria e preocupação crescente, principiou a falar:

— Meus queridos, não sei se todos perceberam, mas o vento forte que nos vem chegando, nas últimas horas, dá conta de um perigo iminente. Trata-se do euro-aquilão (***Vento do nascente ao leste, vento forte, que provoca uma tempestade a noroeste no Mediterrâneo.***) que tem feito muitos navios perderem sua rota ou soçobrar. Somos uma casca de noz no mar imenso. Perdemos completamente o leme, em razão de algas que lhe forçaram o manéjo. Acredito mesmo que ele já estava em péssimas condições. A água esgotou-se e também quase não há comida. Dentro de algumas horas estaremos ao sabor de ondas enormes, que provavelmente nos atingirão. Leila e D. Fedra devem ficar com Mariita na cabine interna. Marco já lançou todas as âncoras e o peso inútil foi alijado. Eu e sr. Dino, embora na cobertura, ficaremos amarrados, a fim de não sermos levados de roldão, já que não podemos nos iludir, a idade nos é adversa. Aconselho Artur, Fábio e Marco a fazerem o mesmo, porém, aproveitemos estes momentos para orar. Quem sabe, o Senhor, que nunca nos tem faltado com Sua assistência, nos ilumine o pensamento, nos indique uma saída da situação tormentosa em que nos encontramos? Que Ele nos salve do infortúnio e da desgraça. Ouçamos um trecho evangélico pra meditação, a fim de vermos se o Pai nos envia algum mensageiro amigo com os conselhos adequados a esta ocasião.

Abrindo o rolo de tiras de couro emendados papai leu gravemente o texto sorteado:

"E partindo Jesus dali, foi para as partes de Tiro e de Sidon. E eis que uma mulher cananeia, que saíra d'aquelas cercanias, clamou, dizendo:

— Senhor, Filho de David, tenha misericórdia de mim, que minha filha está miseravelmente endemoniada.

Mas Ele não lhe respondeu palavra. E os seus discípulos, chegando ao pé dele, rogaram-lhe dizendo:

— Despede-a, que vem gritando após nós.

E Ele respondendo disse:

— Eu não sou enviado senão às ovelhas perdidas da casa d'Israel.

Então chegou ela e adorou-o, dizendo:

— Senhor, socorre-me.

Ele porém respondendo disse:

— Não é bom pegar do pão dos filhos e deitá-lo aos cachorrinhos.

E ela disse:

— Sim, Senhor, mas também os cachorrinhos comem das migalhas que caem da mesa dos seus senhores.

E, então, Jesus respondeu e disse-lhe:

— Ó mulher, grande é a tua fé; seja-te feito como tu desejas.

E desde aquela mesma hora a sua filha ficou sã" (**Mateus 15:21 a 28**).

...Ficamos uns instantes em reflexão acerca do trecho lido, e papai considerou:

— Quem sabe o nosso roteiro também nos leve para Tiro e Sidon, para junto das multidões idólatras que ainda persistem no sacrifício de animais aos deuses, conforme relato dos marinheiros que conhecemos?

— Não creio seja tão simples a interpretação dos textos, respondeu por sua vez o amigo Venâncio, talvez nós sejamos como a mulher cananeia, pois não pertencemos a tribo de Israel e estamos atrás do Messias a suplicar: Socorre-me! Neste caso, creio devamos ter esperanças, pois a fé daquela mulher não é menor que a nossa e também temos confiança em que nos ajudará. Conquanto

nosso merecimento seja discutível, a misericórdia divina é infinita. Oremos e que Ele nos fale pelo dom amorável do Espírito Santo que vela por todos.

Artur, encarregado da oração, elevou a Deus sua voz grave e terna pedindo:

— Senhor, socorre-nos. Somos fios divinos em Tuas mãos. Não permitas, Senhor, que fiquemos no emaranhado de nosso temor, ou partamos ao embate das lutas santificantes. Aqui estamos, a poucas horas de uma terrível catástrofe que, tudo indica, nos atingirá breve. Nossas vidas repousam em Tuas mãos. Sê nosso leme, agora que perdemos o roteiro, e nossa âncora ao batel das ondas e nosso porto seguro, a fim de vivermos para Ti.

Acompanhando a prece eu me sentia leve e diáfana, perdendo as preocupações do instante vivido, para sentir mais uma vez a grandiosidade da realidade espiritual. Despreocupava-me da vida material, bebia sofregamente as vibrações dos Altos Planos, sentindo de longe a voz de Artur, nimbada de emoção pura, na prece singela e sofrida.

Tão logo a prece terminou nos pusemos, como sempre fazíamos em nosso grupo, à disposição dos Amigos Espirituais para a comunicação entre os dois planos.

Marco passou a respirar profundamente. Percebi que logo falaria, mas as vibrações emitidas pela entidade comunicante me atordoavam e causavam um certo temor. Logo ele entrou a falar, num envolvimento pungente e duro:

— Este demônio quer a paz? Quer ser o farol a guiar todo um grupo? E onde está tua luz, assassina? Onde está o teu poder, feiticeira dos Infernos?

Abri os olhos entontecida ante a singular disparidade das vibrações etéreas que me felicitavam e a agressão verbal e fluídica da insensata entidade a me perquirir.

— Que agressividade é esta, minha amiga? — ponderou sr. Venâncio. — Não vês que estamos em perigo iminente e suplicamos a intercessão de Jesus?

— Jesus? — E a entidade riu gargalhando de pronto. — Pois achas que Ele haveria de ajudar esta miserável? Quero vê-la arrastar-se na lama, de onde nunca devia ter saído! Miserável assassina! Perseguir-te-ei onde quer que vás! Morrer afogada é pouco, diante do que fizeste!

— Deixa de lado o rancor, minha amiga. Ele só pode te conduzir a maior desespero e sofrimento. Percebemos que te diriges a Mariita, mas, quaisquer que tenham sido os seus crimes do pretérito, é ela hoje uma alma sedenta de luz, cheia de amor ao semelhante, cúmplice apenas do Senhor, no tentame de ajudar a todos.

— Dizes isto, porque não a conheces. Víbora peçonhenta! Hei de calcar teu orgulho sob meus pés!

Sob a imposição das mãos do sr. Venâncio, a entidade não pôde mais articular suas ameaças e Marco tomou a si do envolvimento que o acometera. Percebi que Fábio se prestava à nova comunicação, enquanto Leila nos fitava admirada, sem entender bem o que se passava e mamãe me olhava com estupor.

Fábio sempre tivera um pouco de dificuldade para o relacionamento com o Plano Espiritual. No entanto, desta vez, percebia-se que estava envolto em rósea emanção luminosa, que lhe comandava os mínimos gestos.

— Paz em Jesus — disse com voz possante e cheia de entusiasmo. — Amigos e irmãos queridos, as horas que se aproximam prometem ser terríveis, mas devo afiançar que não se perderá nenhum de vós. O Senhor não pode compactuar com as trevas, que intentam derrubar-vos, sucumbindo-vos e às vossas esperanças. No entanto, amiguinhos do nosso coração, tereis ainda uma decepção quanto ao roteiro, porque está nos desígnios divinos que vos vejais, em parte, separados do núcleo fraterno, para novos recantos, aqueles mesmos, querida Mariita, que te fazem lembrar cenas tão terríveis, aqueles mesmos cenários do passado, nos quais importa retomeis para o resgate necessário. Não desfaleçais, amiguinhos. Estaremos ao vosso lado, amparando-vos, em nome do Cristo a quem devemos amor e serviço! A obra precisa de obreiros! E o trabalhador fiel será sempre recompensado pelo Senhor!

Completamente entontecida com as revelações que ouvia, eu mal divisava os irmãos presentes ao convés. Luzes estonteantes me envolviam em ondas multicores. As vibrações eram tão intensas, que me sentia qual pena leve, que, de repente, pudesse ser lançada para longe, sob um vendaval de emanções.

— Mariita — ouvi sr. Venâncio falando — querida, procure falar. Dá-nos mais algumas indicações! Por favor, menina, é preciso que ouçamos o conselho maior!

Meu pensamento girava e parecia que eu ia desmaiar. Tive medo de cair, sem apoio seguro, mas me ouvi falando, enquanto via as emanções fluídicas me envolverem, como ondas gigantescas.

— Amados, nada é sem motivo! A hora presente foi pedida por vós desde há muito. Regozijai-nos e tende fé. O Senhor vela! Viva o Senhor! Não há mais tempo. Correi! Abrigai-vos! Enrolai a vela! Preparai-vos, que a tormenta se aproxima!

Realmente, no horizonte, nuvens caminhavam céleres. Não havia mais tempo. Papai enrolou o pergaminho e balbuciou a pressa:

— Obrigado, Senhor. Socorre-nos!

Entregou-me as escrituras, enquanto Artur nos levava para a cabine, recomendando:

— Não saiam daí, haja o que houver!

Leila olhava espantada, e agarrou-se a mamãe, quando a pequena porta se fechou com força.

Vi pela janela lateral que papai e sr. Venâncio se atavam a grossas cordas, mão e pé, enquanto Fábio e Marco enrolavam às pressas o velame principal e Artur recolhia o outro, procurando os três também atarem-se pela cintura em algum mastro, evitando, contudo, ficar sob algum peso que viesse a ruir.

Ondas fortes começaram a nos balançar com fragor. O céu escurecera completamente. Dir-se-ia fosse noite. Relâmpagos ribombavam nos céus, e o vento forte levantava as vagas em alturas inimagináveis.

— Oremos! — falou mamãe — Nada mais podemos fazer!

IV - ... A Tempestade

Parecia um pesadelo incrível, uma hecatombe. O furor do vento e das águas marinhas faziam um barulho ensurdecedor. Eu não conseguia orar. Mamãe, encolhida em um canto, no espaço apertado onde nos acolhêramos, abraçava Leila, apavorada como um animalzinho assustado.

Eu olhava sem ver o convés varrido pelas vagas, os relâmpagos que iluminavam, de vez em quando, os meus queridos, meu pai, sr. Venâncio, meus irmãos e Artur. Meu pensamento redemoinhava. Eu suplicava sem muito nexo, sem controle maior para o momento vivido: "Jesus! Jesus! Jesus! Ajudai-nos! Mensageiros bondosos! Protegei-nos! Meu Deus!"

Vi que meus irmãos procuravam ficar por perto de papai e sr. Venâncio, como meio de ajudá-los a suportar a fúria da tormenta. Discutiam. Papai parecia teimar, mas Marco o prendia na mesma corda a que se atara, que fizera passar pelo velame principal, e a qual dera uma folga grande, que lhe permitisse andar de um lado para o outro, tomando a si o controle do navio, sem, contudo, estar solto ao sabor do temporal. O barco era lançado de um lado para o outro, na escuridão que chegara. De quando em quando, eu tornava a ver que meus irmãos discutiam com os dois bons velhinhos, e o sr. Venâncio já parecia aceitar seus argumentos. Percebi pelos gestos o que intentavam. Queriam que ambos ficassem conosco na cabine. Era bom que viessem, pois não via meio de resistirem às investidas das fortes ondas que, ora ou outra, pareciam varrer o convés. A sede era muita. Estava cansada e abatida, contudo, apesar da chuva, como poderíamos apanhar alguma água? Olhei ao redor e vi algumas bilhas e panelas. Se nós pudéssemos armazenar a água pura dos céus! Mas como?

Com o nariz colado à abertura, percebi que Marco conseguia trazer papai a custo. Uma onda os derrubou, quase conseguindo lançá-los contra o frágil parapeito da amurada. Artur veio em socorro de ambos e, aos poucos, eu os via se aproximando da porta. Abri e papai entrou encharcado e trêmulo. Mamãe largou Leila e abraçou-o com carinho:

— Venha! Tire esta roupa molhada. Agora quer bancar o rapazinho, não é mesmo? — falou ela zangada, era o modo como mamãe procurava ocultar sua preocupação.

— Eu estou bem! Eu estou bem! — falava meu pai, tentando impedi-la de o cuidar.

— Ponha alguma roupa seca, papai. Precisamos do senhor com saúde — falei, observando que Marco agora tomava com sr. Venâncio.

Ficaríamos apertados naquele cômodo. Eu não via, contudo, meios de conseguir maior espaço, porque precisávamos dos instrumentos que estavam ali guardados.

Quando abri novamente a porta, para sr. Venâncio entrar, sugeri a meu irmão, aos gritos, para que me ouvisse:

— Marco! Marco! Venham também. Não podem lutar contra as ondas. É loucura ficar aí fora! Abriguem-se!

— Feche a porta! — gritou ele, empurrando nosso venerável amigo para dentro e forçando-me a atendê-lo.

— Durma um pouco, meu velho — falou mamãe, ajeitando uma coberta sobre papai que estava trêmulo de frio.

Sr. Venâncio livrava-se da toga molhada e colocava sobre si uma coberta surrada:

-- Já que nada podemos fazer, oremos.

Mas ninguém se moveu. Eu estava com os olhos magnetizados nos três jovens que estavam lá fora. Leila não entendia o que se passava, e ficara a um canto encolhida, tapando com as mãos toscas os ouvidos, apavorada com o ruído ensurdecedor do mar lá fora e dos trovões que ribombavam longe e perto.

— Que estão fazendo lá fora? — perguntou-me mamãe, vendo que eu não arredava pé da janela.

— Eles não vão aguentar por mais tempo! — falei em prantos. Precisam entrar!

— Mas não há espaço — falou mamãe desconsolada.

— A senhora não entende? Eles não aguentarão! Acabarão por ceder às ondas! Morrerão afogados! — gritei em desespero.

Uma vaga maior pareceu de repente cobrir todo o barco. Pensei que soçobraríamos. Ficamos instantes mergulhados nela, e, quando passou, percebi que meus irmãos e Artur ainda permaneciam a bordo, mas, por quanto tempo?

Olhei em torno de mim apavorada. Vi um rolo de cordas em um canto. Atei-o ao banco, que servia de prateleira de guardados. Depois amarrei-a em minha cintura. Papai, sr. Venâncio e mamãe me olhavam, percebendo-me as intenções.

— Você não vai! — gritou mamãe segurando-me com força e autoridade.

Olhei para papai, como a pedir-lhe seu consentimento no meu tenta-me. Mas, notei que temia por mim.

— Solte-me! — disse à minha mãe em desespero.

— Precisa parar de querer saber tudo, Mariita! — falou mamãe — Você não pode fazer nada, nada! Deixe de querer ser mártir!

Oh! Não! Nenhum argumento do mundo pararia a minha resolução. Nada me faria obedecer, nem meu amor por ela, nem a ordem de meu pai, que eu nunca desobedecera. Entrei a tremer e chorar, numa crise de nervos e exaustão, que assustou mamãe:

— Não tente me impedir! — gritei — Quer que eles morram? Que mãe é a senhora?

Ela ergueu para mim o braço. Esbofeteou-me.

— Não me deterá! — gritei com uma ousadia que nunca tivera.

— Deixa-a! — pediu sr. Venâncio, querendo apartar de vez a discussão.

Abri a porta e saí. A água fria e o vento quase arrastavam-me. Ia me agarrando aqui e ali, caminhando, a muito custo, em direção dos meus Irmãos. Nem a água fria conseguira aplacar o calor da minha resolução, e que me impulsionava. Eu não sabia, mas estava agindo sob o Impacto de um envolvimento espiritual de

Luci, que percebia o tremendo perigo que corriam seu filho e meus irmãos.

Artur foi o primeiro que me viu. Fez gestos para que eu retornasse. Respondi-lhe que não, com outros gestos também, enquanto o barco me lançava de uma banda a outra, e eu mal conseguia agarrar-me, tal o ímpeto dos movimentos desencontrados. Vendo que eu não cedia, a afastar-me mais e mais da cabine, pôs-se a gritar com quantas forças nítida tivesse:

— Mariita! Volte! Volte! E começou a caminhar em minha direção.

Atraídos por seus gestos desesperados, Fábio e Marco voltaram-se e me viram.

— Mariita! — gritou Marco — Volte para dentro! Você está louca?

— Não! Vocês veem comigo! — gritava eu em resposta.

Eu caminhava para eles e eles em minha direção. Percebia-lhes, contudo, a disposição de obrigar-me a voltar à cabine, enquanto eles continuariam fora.

Marco foi o que primeiro chegou-se a mim.

— Deixe de bancar a maluca, que não é hora para isto! — disse-me, ao mesmo tempo que tomava meu pulso com força e obrigava-me a voltar.

— Solte-me! — gritei por minha vez — Vocês veem comigo! Comigo!

Lágrimas de dor corriam pelos meus olhos, mas ninguém parecia perceber meu desespero.

— Não banque a criança! — era Fábio quem vinha em socorro do Marco. Fique quieta lá dentro.

— Vocês não entendem? — dizia a debater-me. — Se ficarem aqui irão morrer!

— Mariita, que loucura! — era Artur que nos alcançava. — Precisamos levá-la de volta.

— Você também não me atende? — perguntei já quase sem forças. — Por que não me escutam? Não vêm que é a voz de Deus que se manifesta por mim? Não percebem que só terão uma chance de se salvar se deixarem o barco ir à deriva, abrigando-se até que a tempestade amaine ou passe? Para que desperdiçar o resto de energia que lhes resta, inutilmente?

Artur pareceu ceder ao meu rogo, mas meu irmão Fábio respondeu:

— Vamos levá-la. Não há espaço lá dentro para todos! E, depois, se cair o mastro principal sobre a cabine, esmagará os que lá estiverem.

Mal podíamos ouvir o que um e outro dizia, devido à borrasca.

— Não irei! — gritei com uma força que nunca tivera. Não irei! Antes disto solto-me das cordas e deixo-me levar pelas ondas!

Com um jogo de corpo soltei-me deles, segurando a corda à minha cintura ameaçando soltar-me.

Apavorados com a minha resolução ficaram a olhar-me sem saber o que fazer.

— Decidam-se! — gritei — Antes que eu acabe de vez com tudo!

— Eu irei! — gritou Artur, com a intenção evidente de deter-me.

— Iremos! — falou Fábio, puxando Marco.

— Na minha frente! — ordenei ainda a tremer, sob o impacto das emoções vividas.

Os três caminharam em direção à cabine. Talvez pensassem depois em voltar atrás e saírem na tormenta. Eu estava com receio que me enganassem.

Caminhávamos com cuidado, e dificilmente vencemos os poucos metros que nos separavam dos demais. Fiz sinal para que entrassem. Fábio foi o primeiro, depois, Artur e, por fim, Marco. Entrei por último, e, quando tentavam me subjugar e tornar fora, ante meus gritos, sr. Venâncio apartou.

— Calem-se todos! Mariita tem razão! Não temos mais leme. Não podemos levantar as âncoras ou soltar a vela. O melhor é ficarmos aqui, pelo menos não teremos que lutar contra o mar e as vagas!

Todos se calaram. E eu, chorando e rindo, atirei-me nos braços de minha mãe, soluçando de medo e alegria.

O barco continuava a ser lançado de um lado para outro. Vagas varriam o navio e a água entrava até mesmo no compartimento onde estávamos, mas sentamo-nos ao chão exaustos, e prendemo-nos da melhor forma, com o que não éramos lançados uns contra os outros. Não sabíamos se era noite ou dia. Não sabíamos quanto tempo duraria aquele tormento em meio ao oceano, mas estávamos juntos, tínhamos a nossa fé e o amor de uns pelos outros. Acabei por dormir, encostada em papai que dormiu também.

V - Ainda no Mar

Não sei dizer quantos dias e noites estivemos ali, amarrados pelas cordas, a fim de que o balançar do barco, ao sabor das ondas, e do temporal, não nos matasse a todos, atirando-nos ao encontro das próprias paredes do madeirame que nos abrigava.

A exaustão nos tomara as últimas forças. Às vezes acordava do meu atordoamento, com mamãe a nos dar algum resto de pão endurecido, que guardara para o nosso sustento.

Abria os olhos devagar, comia a custo, voltava a adormecer ou desmaiar, sei lá, de inanição e cansaço.

Num daqueles instantes terríveis, que pareciam não findar mais, tomos abalados com um forte tremor. Tudo indicava que um raio nos atingira em pleno mar.

Marco, que era o mais forte, ergueu-se com esforço e, atada às cordas abriu a portinhola olhando para fora. A chuva continuava.

— Foi o mastro principal — comentou para nos esclarecer.

Olhei pela abertura e vi o grosso madeirame estatelado bem rente à porta, quase impedindo que abrisse. Mais um pouco e

estariamos todos esmagados sob seu peso.

— Isto não acaba nunca — suspirou mamãe.

Estávamos sujos, molhados, alquebrados.

Marco observou mais, a ver se o mastro abria algum rombo no convés pequeno, que pudesse nos fazer soçobrar, dando entrada a água abundante. Mas, não. O estrago não fora tão grande, e tomou a dentro, fechando a porta e caindo no chão exaurido.

As horas se alongavam. Cheguei a pensar que houvéssemos soçobrado, sem saber, e continuávamos ao sabor das ondas, sob a inclemência das fúrias infernais. Via um rosto de mulher a rir-se de mim, a gargalhar sinistramente. Pedia-lhe que relevasse meus erros. Suplicava clemência e parecia adormecer no próprio sono, sonho dentro do outro, para mim visões incompreensíveis. Pesavam-me os membros, doía-me o estômago, erguia-me a ver lá fora. Mas, a tormenta não cedia. Suplicava a Deus não nos abandonasse e tentava recordar as falas de Fábio. A memória me cobrava as palavras de alento da entidade que se manifestara prometendo-nos ajuda e salvação.

Um dia, depois de muitos se passarem para nós em trevas e bravios ruídos, constante balançar a nos lançar uns sobre os outros, magoando-nos os músculos doloridos e cansados, quando eu estava numa dormência estranha, dormindo sob as roupas molhadas, senti que alguém me tocava os ombros. Olhei e percebi Fábio- que, ao pé de mim sorria, e, sem dizer palavra, como que encantado por alguma visão doce e arrebatadora, apontava lá fora.

Ergui-me a custo e olhei por minha vez. Vi o que encantava e trazia à sua fisionomia aquela felicidade. No mastro da frente, uma luz azulada, talvez efeito da eletricidade formada no ar pelos raios, boiava, acompanhando o madeirame surrado, as velas e cordas ainda atadas. Quem de nós não conhecia aquele sinal? Era a bonança, o fim da tempestade atroz, que nos atingira e levara de um lado para outro. Era o santelmo **(Santelmo (de São Telmo) — Pequeno penacho luminoso que aparece às vezes na extremidade dos mastros e das vergas dos navios ou nos filamentos dos cabos e que é devido à eletricidade**

atmosférica.), que todos os marinheiros sabem ser o sinal de bom tempo. Comecei é rir numa alegria incontida. Abracei Fábio e choramos com esperança. Os outros começaram a acordar da atonia que nos envolvera. Procurando saber o que acontecia, alegravam-se por ver os sinais que o céu nos mandava, por fim, após aqueles terríveis dias.

Em poucas horas o céu se mostrava novamente limpo e claro, o mar calmo. Saímos para fora aturdidos e mal podendo caminhar. O sol fez-se luz entre as nuvens e Marco, recorrendo ao prumo, conheceu que estávamos próximos de alguma terra. Era tempo, pois não conseguiríamos mais navegar nem um dia.

Soltaram a vela menor e deixaram, o barco seguir até avistarmos adiante um porto bom que nos permitia atracar. Mal tocamos as partes mais rasas e percebemos que o joelho da frente da armação se rompia a o casco era invadido indo tocar o fundo.

Marco tomou as escrituras e mamãe tratou de apanhar o que de valor pudesse ter ainda. Artur amparava Leila e Fábio a papai, enquanto eu e o sr. Venâncio descíamos da coberta para um barco que nos ajudava a chegar a terra firme.

Pessoas se chegavam a nós, perguntavam o nosso roteiro, percebiam o estado de extrema fraqueza que apresentávamos, as vestes rotas, os rostos encovados. Foi quando um cidadão, que era romano, logo conhecemos pela indumentária, acercou-se de nós com simpatia. Olhando-nos, do alto do de seu cavalo, ordenou a um seu escravo núpide:

— Leve esta gente na carroça até a casa de campo. Dê-lhes roupa, comida e os abrigue. Quando estiverem mais fortes conversaremos.

E, voltando-se para um guarda seu subalterno:

— Soldado, veja que ninguém toque a embarcação. Veremos depois do onde provém, o que contém, e se pode ser reparada.

Eu mal podia lhe agradecer. Com um sorriso puxou as rédeas ao cavalo que brilhava ao sol, o pelo luzindo, tratado com esmero, e sumiu entre o povo.

Marco voltou-se para o escravo núpido que nos levava e dera a cada um, um pouco de água, perguntando:

— Onde estamos?

— Em Óstia (*óstia — Porto da Roma antiga, nas proximidades da foz do Tibre.*) — respondeu o mesmo ajeitando mamãe na carroça e olhando para Leila, que Artur cobria com um cobertor, rosto e mãos, afim de evitar que fosse motivo de curiosidade dos outros. O escravo o olhou com estranheza. Foi sr. Venâncio quem respondeu:

— É um porto da Itália, meu filho. Um dos maiores portos, para onde vêm as nossas plantações de uva, em forma de vinho. Tudo indica que nosso amigo, que falou por ti, antes da tormenta, tinha razão. Dificilmente veremos, ou teremos chance de rever os outros membros do nosso grupo. Afastamo-nos muito da rota.

O pobre velhinho guardou o soluço da saudade antecipada dos seus, que dificilmente tomaria a ver.

Só então me lembrei das falas mediúnicas e entendi que estávamos sozinhos dali para a frente, e, amparando o querido amigo, beijei-lhe as mãos para lhe infundir confiança.

VI - Na Itália

... Rodamos algumas horas levados pelo servo que se chamava Igala, e ali mesmo nos cedera algum alimento. Embora a vontade de fazer perguntas com as quais pudéssemos avaliar em que situação nos encontrávamos, a extrema fraqueza já nô-lo impedia.

Papai delirava e mamãe, preocupada com ele, não tinha sequer forças para ampará-lo.

Marco olhava aqueles campos ensolarados, como a pedir aos céus que ali pudesse recomeçar e esquecer a jovem que, por um tempo, lhe abalara o coração bondoso.

Eu o observava. Que carinho imenso tinha por ele. Fábio era divertido, alegre, mas Marco tinha sobre mim uma ascendência moral fora do comum. Um olhar de censura seu me punha triste. Era

calado, só dando rédeas à conversação, quando tinha algum assunto importante para discutir, ou um ideal a defender. Quietos e calados, meu irmão mais velho tinha um corpo atlético, as feições bem feitas; os cabelos claros abundantes caíam-lhe em anéis pelo rosto e os olhos de um castanho esverdeado, quando o sol lhe punha sua luz, tinham reflexos de imensa doçura. A boca era que demonstrava a firmeza de seu caráter. Aparecia um doce sorriso não desabrochado sob o bigode abundante. Agora que a barba crescera, estava me parecendo um deus de tão belo e majestoso assim ao sol pensativo.

Fábio era moreno e, sendo mais novo, ainda não tinha a musculatura de Marco, porém percebia-se que era um homenzinho valente e temo, alegre e bom, e que podíamos confiar nele.

Artur ao lado de Leila adormecera. Olhei-o com meiguice. Inquiria-me mentalmente, o que sentia por ele, e ele por mim. Por que me fugia daquele modo desconcertante? Por certo, ao se recordar das cenas vividas no barco, quando eu os forcara a abrigarem-se, me julgasse meio doida, estouvada ou imprudente.

O sacolejo da carroça era incômodo, mas aquele sol era-nos abençoado, sob seu efeito, aos poucos, adormeci de exaustão, ao lado de Venâncio.

Nem sei quantas horas se passaram de percurso, só dando conta do mim quando percebi que me acordavam, e pessoas, à nossa volta, atendiam às ordens de Igala, com o que fomos instalados em uma vivenda humilde e nos deram roupas e alimentação com que nos saciar.

Recolhidos em aposentos limpos, onde colocaram camas improvisadas, adormecemos, incapazes de dizer mais que algumas palavras de agradecimento. Só Marco perguntou a Igala o nome de seu senhor:

— É o pretor Glauco (***Pretor - Magistrado romano que era o segundo dignitário da República. A sua missão consistia em administrar a justiça. Pouco a pouco, os seus poderes tornaram-se legislativos.***) — respondeu o servo núpido — Estão

em boas mãos, não te preocupes, — disse a meu irmão deixando-nos a sós.

Em algumas semanas começamos a nos reabilitar. Papai, sob os cuidados de Igala, recuperou-se e já podíamos sair um pouco e andar fora, perguntando pelo local onde estávamos, pelo porto onde chegáramos e pelo senhor que nos acolhera, e que, diziam, estaria conosco breve a resolver nosso destino.

VII - Entre Irmãos

Aos poucos, fomos recuperando as forças físicas. Igala cuidava pessoalmente de nós. Parecia-me um homem amadurecido pelo sofrimento e percebia-lhe a delicadeza com a qual evitava fitar mais demoradamente à Leila.

O servo núpido (***Núpido — Pessoa natural ou habitante da Numídia (região da África antiga entre o país de Cartago e a Mauritânia, conquistada pelos romanos a Jugurta. Forma hoje a Argélia)***) nos obsequiava sempre com comida boa, e, após dias e dias de repouso, pudemos erguer-nos e caminhar até os campos que se alongavam clareados de Sol. Igala nos acompanhava de perto explicando:

— Adiante estão os vinhedos de nosso amo, aos quais tem grande amor, porém Trajano, o Augusto, tem solicitado a todos o plantio maior do trigo. A plebe precisa de comida e o Imperador não quer ocupada com outra coisa além do circo. Além disto, o senhor Glauco preocupa-se em dar a todos o indispensável e ainda nutrir grande parte de seus "clientes" (***Clientes — Na Roma antiga pessoas da plebe que se colocavam sob o patrono de um patrício.***), que abriga no seu palácio próximo do Capitólio (***Capitólio — Templo dedicado a Júpiter e cidadela no Monte Capitolino, onde os triunfadores eram coroados. Perto do templo estava a Rocha Tarpéia, donde eram precipitados os traidores.***). Estou certo que, muito em breve, ele nos visitará e fará uma boa oferta de trabalho. Com as festas em Roma, quase ninguém fica nos campos, e há necessidade de trabalhadores rurais. Percebe-se que os

senhores são gente que aprecia o trabalho e o sossego, coisas que aqui há muito.

— De onde veio você? — perguntou Marco.

Igala abaixou o rosto, para depois erguê-lo, fitando o horizonte em direção ao porto de onde havíamos vindo.

— Vim da África. Fui feito prisioneiro, como meu povo o é há séculos dos romanos. Quem não lhes conhece a força, não é mesmo? O ouro perdeu meu povo, tanto quanto as minas do Báltico estão a atrair os soldados à Dácia. Sofre ela, presentemente, a invasão aguerrida das legiões de Trajano. Mas não me queixo. Muitos de meu povo, por rebeldes, foram sacrificados. Eu, contudo, tenho fé em Deus, que me vela e guia.

Olhou-nos intencionalmente. A referência a um Deus único lhe escapara Inadvertidamente, porém parecia pôr nisto alguma esperança de que também pensássemos por mesmo modo. Após uma pausa, continuou:

— O pretor Glauco é quase um amigo. Amo estes campos. Encontrei aqui uma nova família. Posso até dizer que sou feliz.

— Ouvi-o falar de Deus? — perguntei curiosa — Não sei das crenças africanas, senão que cultuam muitos deuses, como os romanos, os gregos e os sírios

— Eu cultuo o Deus desconhecido — Falou Igala, procurando fugir ao assunto, de repente.

Venâncio, percebendo-lhe o receio fez leve sinal em cruz disfarçadamente sobre o peito, com o que alguns cristãos se davam a conhecer, pois todos sabiam que se Trajano, o Imperador, era mais liberal e humano do que os imperadores que o haviam precedido, nem por isto a perseguição aos seguidores de Jesus arrefecera.

Igala percebeu-lhe as intenções e olhou-nos incrédulo.

— Também cremos num Deus único — replicou Marco — Aquele que enviou seu Filho amado para pregar a palavra do "Reino dos Céus".

— Jesus! — falou Igala comovido abraçando Marco — Meu filho! Que bom poder contar com novos irmãos. Temos um grupo pequeno de cristãos nestas terras e todos ficarão igualmente contentes em conhece-los. Posso lhes dizer agora que eu esperava por isto, porque me fora avisado com antecedência. E, se puderem, deixem-se ficar aqui no campo, onde a perseguição não é tão dura. Meu amo e senhor não é tão avesso às nossas ideias, porém não nos permite liberalidades. Foi passar uns dias com Plínio no seu Sítio dos Laurentis, a fim de conseguir, com sua amizade, a candidatura senatorial em Roma, já que Plínio goza de grande prestígio e amizade do Imperador. Tão logo retorne, pedir-lhe-ei que os deixe ficar como novos assalariados aqui. Irão gostar. O trabalho é duro, mas ainda assim é uma bênção. Poderiam economizar e rematar o barco, ou comprar outro para retomar os caminhos escolhidos antes. Além disto, Glauco deve retornar ao campo de lutas, contra os dácios, já que voltara apenas para se recuperar de ferimentos sofridos, em combate, e deve partir às longínquas fronteiras, para comandar seus subordinados.

Descontraídos pela sincera amizade e interesses fraternos de 'gala, aos poucos lhe relatamos nossa aventura e tratamos de nos recuperar depressa, cheios de esperança naquele novo lugar e gratos pelo novo amigo que Jesus nos mandava na pessoa do servo númide.

Ele prometeu breve nos apresentar aos demais membros do grupo e aguardamos isto com alegre ansiedade.

VIII - O Pretor Glauco

Detenhamo-nos a analisar, por uns instantes, a figura do pretor Glauco, homem de uns presumíveis trinta e oito anos, que, tendo herdado dos pais terras cultiváveis, próximas a Roma, destacara-se como militar valente, nas legiões de Augusto Trajano, durante as batalhas de fronteiras e, em especial, nas lutas contra a Dácia, que já se arrastavam por três longos anos. Era homem impoluto, orgulhoso de sua condição de patrício, mas magoado com a falta de nomes ilustres na árvore genealógica familiar. Todos que

tratavam com ele sabiam-no justo e bom, afeito à leitura dos gregos, às quais fora iniciado por um servo, que estava entrado nos anos, mas, que o servia desde a mais tenra idade.

Praxíteles era um homem calmo e perspicaz, que soubera aproveitar a proximidade com o senhorzinho, a fim de implantar-lhe no espírito os ideais socráticos. Com rara delicadeza e tino, soubera abrandar-lhe o gênio intempestivo, facultando-lhe o início e continuidade nas ideias helênicas, móvel, às vezes, de perseguição dos patrícios que, por conhecerem a superioridade dos gregos, temiam sua cultura. Apesar de vencidos por Roma, feito escravos e servos de suas famílias mais nobres, os gregos, por sua inigualável ascensão intelectual conquistavam os conquistadores, pelas graças de sua eloquente e indisfarçável cultura.

Glauco tivera uma esposa de nome Terência, à qual houvera repudiado, cansado de suas exigências e extravagâncias, bem como de sua mesquinha preocupação com as festas, as orgias de Roma. A antiga consorte havia-lhe dado um filho, que estava já com 15 anos e era-lhe o encanto de viver. O rapazinho era pupilo de Plínio, o jovem, o qual, por sua vez, tinha ascensão sobre o Imperador e estreita amizade, filha da admiração e respeito recíprocos.

Glauco, afeito às lutas, preferia confiar ao amigo a educação de seu querido filho, que primava com ele o extremado amor por aqueles campos, que tinham sempre sido, no passado, o motivo das primeiras brigas entre ele e Terência.

Dizia-se que Plínio (***Plínio, o moço — Literato romano, nascido em 62 e morto cerca de 113, amigo de Trajano autor do "Panegírico de Trajano", documento histórico inestimável, e de Cartas Célebres, interessantes para o conhecimento dos costumes antigos, mas um pouco afetadas.***) e o Imperador eram membros de uma sociedade secreta, que era antiquíssima, desde os tempos imemoriais dos egípcios e que também dela já haviam participado antigos Imperadores. Glauco sabia, mas evitava tocar em tão melindroso assunto, preocupado, principalmente, com cuidar de suas imensas propriedades e, no interregno das guerras,

aproveitar-se para subir na carreira política, a fim de um dia atingir o consulado e participar do Senado Romano.

Partira, a fim de matar a saudade do seu amado Júlio, conhecer-lhe os progressos e avaliar suas possibilidades, com aquela franqueza que conhecia em Plínio. No entanto, sabia que dificilmente poderia ser um senador, porque aquele cargo exigia anos de dedicação, na magistratura, e idade mais avançada. Apesar disto, sondaria com o amigo as suas chances com cuidado e tato.

Já quase se esquecera dos seres que houvera recolhido, sob as vistas de [gala, e preocupava-se com a estadia que teria por força de fazer em Roma, a fim de aliciar influências para suas ambições.

Ouvira boatos alarmantes de que o Imperador voltava suas vistas para os partas **(Partas - Povo da Pártia, antigo reinado a sudoeste do mar Cáspio.)** e suspirava por novas conquistas. Mas como, se ainda instavam às voltas com tantos bárbaros, que fugiam, mas sempre haveria a ameaça de voltarem, e as fileiras e os recursos estavam desfalcados pelas últimas lutas? É bem verdade, que a vitória era quase certa, mas até lá... Ele mesmo, Glauco, tinha necessidade de se retemperar nos exercícios da Academia e era o que pretendia fazer em Roma, junto aos novos aspirantes, a fim de ver se ainda tinha a agilidade e força, que tantos invejavam.

Era forte, sim, os músculos rijos, o olhar duro, a barba azulada bem cerrada, os cabelos negros cercando um rosto emoldurado pelo capacete militar. Todo seu corpo complexo, de uma plástica invejável, suscitava, à sua passagem, olhares de admiração que o enchiam de orgulho. Era belo e o sabia. Era forte e inteligente. O nariz latino afilado e os lábios carnudos, as mãos, tudo parecia talhado no mesmo molde de seu espírito inquieto e turbulento, mas inquebrantável e bom.

Glauco partira a cavalo com pequena escolta. Preferia galopar até o sítio dos Laurentis, próximo a Óstia, aproveitando a estadia do amigo, que tinha outros três sítios dos quais dois chamava prosaicamente de Tragédia e Comédia, dentro daquele seu senso crítico e humorístico, que ele bem conhecia.

Amava os puros-sangues, que trouxera, comprando-os a peso de ouro dos árabes, que comerciavam ao longo das fronteiras da Dácia e fazia questão, ele mesmo, de cuidar de seu animal predileto, e do cavalo que lhe servia nas incursões militares, ou pelos campos, cujo pelo esfregava até vê-lo luzir, com o que dava a todos o exemplo do seu cuidado em tudo o que fazia. Sempre que estava atento a isto, vinha-lhe à mente o comentário azedo de Terência, àquelas predileções:

— Ficarás com o cheiro das estrebarias. Por que não ficas nas termas um pouco e vais aos banhos com o que sairás depois para uma massagem, com os óleos aromáticos? Afinal, és um homem e não precisas ficar cheirando a cavalo só porque és das fileiras!...

Terência... Como lhe magoava ainda a lembrança dela e de suas pequenas impertinências. Daquele casamento, ao qual os pais haviam desde o início sido contrários, lhe ficaram as ligações com a família de Catão, cuja influência palaciana não era pequena e seu amado Júlio, para quem reservava toda sua fonte de amor e cuidado. Precisava saber se o filho pretendia preparar-se para a magistratura ou ingressar nas fileiras, porque todos seus anelos ficavam para o jovem que lhe tinha certa semelhança, malgrado os claros cabelos herdados da mãe.

Glauco pensava em ficar, ao menos algumas semanas, como hóspede de Plínio, a convite daquele, que deste modo o obsequiava com um remanso tranquilo, após tantos anos nos campos de batalha, e preso de tantos excessos, de tantos sobressaltos e exaustão. Depois talvez tornasse, a fim de se abalançar a uma viagem a Roma, e uma estadia, caso o amigo assim aconselhasse. Por certo, Plínio poderia melhor do que ninguém analisar seus interesses e o ajudaria com o mesmo zelo, com o qual sempre o reconhecera amigo inigualável.

Enquanto isto, seus novos tutelados se refaziam e iniciavam seus labores, preferindo as lides junto aos rebanhos, por amor zeloso aos animais.

Mariita, Artur e todos os amigos da ilha aguardavam a chegada de seu benfeitor, no trabalho, melhor meio de se

adaptarem ao novo lugar e de sentirem a bênção da vida.

No porto, o barco fora recolhido e reconheceram que não poderia ser reestruturado, passando-o a venda a terceiros, que lhe aproveitariam o material ainda utilizável. Eram as ordens expressas de Glauco, que pretendia, por este modo, pagar aos quase náufragos parcela de seus perdidos haveres.

IX - Encontro de Pai e Filho

Com indisfarçável alegria, Glauco avistou a larga propriedade de Laurentis, cercada por longos pinheiros, que, como triângulos negros cercavam parte da vivenda ampla e hospitaleira.

Um servo de confiança correu a avisar Plínio da chegada inesperada do amigo e esse veio recebê-lo à porta com um sorriso brando e largo. Glauco desmontou e abraçou o querido patrício, enquanto com o olhar buscava o interior ansioso por ver seu adorado Júlio.

— Cubram os deuses a ti, sábio Plínio, das aventuras de Eleuses!

— Sempre chegaste a tempo, como a responder a meu pensamento que chamava incessantemente por ti! Que os deuses te sejam propícios, tal como a mim, com tua chegada — respondeu aquele.

— Temo ver em teu pensamento e saudação, alguma ansiedade à minha vinda. Que novas te levariam a tamanha inquietude?

Com um tapinha amorável às costas do recém-chegado, riu o dono da rica vivenda, explicando:

— Nada te escapa à argúcia militar e, isto posto, serás um bom político para as causas de Roma. Mas, entremos. Mandarei buscar teu pupilo que partiu para uns exercícios da cavalaria, coisa muito útil para desenvolver-lhe a liberdade e energia próprias.

Plínio vestia uma toga arrematada no ombro direito por largo broche de opalina beleza e calçava sandálias rústicas. Embora de mais idade e aparência menos atlética que seu visitante exalava um

encanto peculiar nas maneiras desenvoltas e firmes, no modo totalmente sincero e gentil de seus gestos e palavras.

Atravessaram o peristilo e dirigiram-se à ampla biblioteca com cortinados que esvoaçavam ao vento, como tangidos por mãos invisíveis. Plínio acomodou-se em almofadas, enquanto ordenava a uma serva:

— Prepare a sala de banhos e veja-nos sais e óleos, para massagens. Envie Mirífico à procura do jovem Júlio e, assim que chegar, mande-nos ao encontro.

A jovem saiu a preparar a sauna particular, que ficava além da segunda fileira de colunas enquanto ele dizia:

— Folgo muito que tenhas vindo, porque precisava ver-te com certa urgência. Recebi ontem um mensageiro de Trajano Augusto que me delega incumbência para mim aborrecida, mas que devo, em lembrança à obediência e amizade, cumprir.

— Pois houve o Imperador de incumbir-te de alguma missão nos campos de luta? — perguntou Glauco admirado.

Não é bem isto. Devo analisar o povo, a economia, todas as condições da Bitínia (***Bitínia — Antiga região da Ásia Menor, no litoral do Ponto Euxino e da Propontide. Cidades principais: Nicéia e Nicomédia. Os bitinianos eram de origem trácia.***), e apresentar relatório a ele a respeito. Admiro em Trajano o despojamento ao luxo, mas temo pelos sonhos que a idade madura lhe traz de maiores conquistas militares. Sem dúvida, quando se despoja das honrarias e dinheiros de que é senhor, chega a ser sublime, porém enraizou-se-lhe no espírito o sentido estritamente bélico e lhe reconheço, presentemente, nesta invasão a Dácia o germe de uma ambição do poder desmedida, sede de fama. Devo partir, dentro de uma semana. Precisava, pois, falar-te de Júlio, o qual já tenho preparado suficientemente, e creio pronto a enfrentar com estoicismo a devassidão e as tentações de Roma, aproveitando a aprendizagem que a Academia pode lhe dar. Nem podes imaginar como ele me encanta. É tão altruísta, quanto belo e, especialmente para ele, contratei um servo sármata (***Sármata — Antigo povo, espalhado do Báltico ao N. do Ponto Euxino. Os sármatas***

odiavam os romanos e serviram Mitrídates contra aqueles. Foram destruídos pelos godos no século III. Fundiram-se, em seguida, com os eslavos.), que o vem treinando nas lutas com o escudo de bronze e a adaga. Parece um felino de tão ágil. Seu raciocínio é brilhante e perspicaz. Enrijece os músculos e abre a mente a domínios de conhecimentos cada vez maiores.

— Creia, Plínio, tua partida deixará uma lacuna enorme, mas sei que, teu desvelo por Júlio deve ter realizado prodígios, durante minha ausência. Agradeço-te ter calado quanto ao meu ferimento, ocultando-o tantos campos às investidas de Terência, e, nem posso imaginar quanto se perderá com a tua partida, porque também eu devo retornar à frente de combate, nem fugiria ao meu dever, agora que me sinto com forças novas. No entanto, preciso de teus conselhos. Ainda penso em passar por Roma e levar comigo alguns servos. Acreditas que depois de tanta dedicação a Augusto, pesaria na balança qualquer indicação para as promoções que pleiteio? Sabes que o Consulado me tenta, porém, apesar de tudo, Trajano, nem mesmo diante de meu esforço, pareceu perceber que eu merecia algo mais que a pretura.

— Acalma-te, meu amigo. Sabes que os anos te são adversos. És ainda jovem para ombrear com os cabelos nevados do Senado. Acredito que melhor farias se não te preocupasses com estas vãs glórias. Roma já viu rolar muitas cabeças na ambição e na intriga. Retoma às fileiras e volta a teus campos. Não penses que o Senado te daria melhores dias!

— Ora, Plínio, bem sabes que não há em mim tanta ambição assim. Não crês seja natural que eu busque a melhoria de situação e influência, quando não, ao menos a benefício de nosso amado Júlio?

— Nem me queiras preso a tais argumentos — falou Plínio erguendo-se ao ver que a criada fazia-lhe sinal que o banho estava pronto e convidando, com um gesto, o visitante a segui-lo. — Estarás em tal caso a me recriminar em breve, ao reconheceres que Júlio, a par dos conhecimentos novos, traz no coração tal despojamento da ambição, tão perniciosa em Terência, permita-me dizê-lo, quanto em ti, ainda que em doses e metas tão diversas.

Glauco queria retrucar, mas percebeu que seu anfitrião tinha razão. Mesmo assim insistiu:

— Ainda que não concordes, terás alguém a quem me indicar nos contatos em Roma?

— Está bem. Está bem. Acredita que estou é procurando evitar-te aborrecimentos desnecessários, mas, se sempre queres... temos a Atiano, Latínio Alexandre, Plotina, a esposa de Trajano... Posso recomendar-te a eles e sei que te ajudarão em tuas pretensões. No entanto, cuida-te contra Nigrino, cujo próprio nome sugere a personalidade esquiva, ambiciosa e falsa, e, foge a Celso e a Serviano. Mas... dize-me, conta-me os feitos nas fronteiras. Viste o grupo de tenentes de Adriano? Sei que é valente e que Trajano e Plotina lhe têm um carinho especial. Vi-o mais de uma vez em Roma, com aquele jeito helenizado e irônico, e tem aquela cabeça mais equilíbrio e determinação que muitos mais. Abomino a inépcia aliada à perversidade de Lusio Quieto, bem como as intrigas de Galo, pior que qualquer bisbilhoteiro, junto ao Imperador. Mas, fala-me das coisas que viste, se puderes, que bem sei as lembranças das guerras nem sempre são agradáveis. Detém-te, então, a me descrever as estradas, as fronteiras, os rios, a vegetação, e o povo das regiões pelas quais passaste e eu aprenderei um pouco mais.

— Agradeço-te a compreensão, ainda que penses por diversos modos e creio que, se puderes me ter nas graças da Imperatriz, muito me sentirei pago dos sonhos que tenho, e até pesadelos. Quanto ao resto, tens razão — replicou Glauco, que se desataviara da malha e armadura militares, colocando-as junto ao capacete e sandálias em um tosco banco, e mergulhando na água tépida de um tanque retangular que soltava leve vapor perfumado, saturando o ambiente de maneira aconchegante — as lembranças são terríveis. Piores que as regiões habitadas pelos Górgora e as Parcas. Os sármatas são bárbaros imprevisíveis. Nem podes imaginar quão duras as torturas. Às vezes, a poucos passos deles, ouvíamos os gritos dos nossos, quando capturados. Eram queimados vivos ou, simplesmente, cortados em pedacinhos. Ah!

Plínio, não vejo a hora de que esta horrível campanha acabe de uma vez!

— Fala-me de Trajano, ou das paisagens que viste, então. Atravessamos o Danúbio (***Danúbio — Grande rio da Europa, que nasce na Floresta Negra, banha a Alemanha, a Áustria, a Hungria, a Checoslováquia, a Iugoslávia, a Romênia, a Bulgária e deságua no mar Negro, por um delta de três braços.***) com as tropas, sob violento aguaceiro e ainda bem eu tinha, bem como meus comandados os grossos capotes de lã da Gália (***Gália — Nome que os antigos davam a duas regiões: a Gália Cisalpina (para cá dos Alpes, em relação aos romanos), que compreendia a Itália setentrional e que foi muito tempo ocupada pelos gauleses, e a Gália Transalpina (para lá dos Alpes), vasta região situada entre os Alpes e os Pirineus, o Atlântico e o Reno, habitado por grande número de povos belicosos rivais: celtas ou gauleses, íberos, quinris, etc.***). Seguimos com método e cálculo. Atravessamos as regiões cobertas de gelo e outras, onde os nenúfares vermelhos pareciam estrelas radiosas e belas. Conheci mulheres bárbaras tão lascivas e selvagens que logo me entediaram e guerreiros cuja carantonha punha medo. Acredito que a Dácia logo estará subjugada, porém aqueles bárbaros não parecem vencidos. Fogem para mais longe, mas tornarão um dia. É o que sentem todos os homens que lhes conhecem a determinação. Quanto a Adriano (***Adriano — Imperador romano nascido em 76, reinou de 117 a 138, filho adotivo de Trajano, a quem sucedeu.***), servi junto dele na Legião Minervina (***Legião Minervina — Legião escolhida a dedo pelo imperador para servi-lo na frente de batalha.***). É valente e ágil, porém tem uma dureza no trato da justiça que espanta. Creio que não o reconhecerias de pronto se o visses com a barba crescida, se antes à moda grega, agora quase tão bárbaro quanto os inimigos.

Plínio pareceu cismar por um instante, uma ruga à testa, como se estivesse a coligir retalhos de memória, a tirar alguma conclusão que escapava mesmo à argúcia do amigo que prosseguia:

— Às vezes penso que eu já deveria ter retomado o comando de meu grupo e é uma covardia permanecer aqui quando dependemos de todos os homens preparados, a fim de expulsar ou subjugar, de uma vez por todas, este povo maldito!

— Calma, querido Glauco. Nem por um momento toquei nas tuas lembranças com o propósito de te levar a tamanha indignação e cólera.

— Ora, Plínio. Pelos deuses! Por mais que eu intente me expressar com relação a eles, terei dito pouco. São uns demônios, as piores criaturas que jamais vi. Aprisionamos alguns e sabe o que acontece? Quando não se encerram num mutismo, mentem, prometem cooperar e, na primeira oportunidade, preparam em nosso acampamento alguma armadilha. Na maioria das vezes chegam a nos rir na cara, desafiadores, ou matam-se, simplesmente, para fugir à nossa dominação. Se os judeus são dissimulados e os árabes ladinos, se os batavos são frios e indiferentes, e os gauleses apaixonados, estes bárbaros são desconcertantes, irritantes, terríveis. Ainda guardo nos ouvidos os gritos lancinantes de quantos companheiros foram queimados em vida.

— Há, contudo, espetáculo similar em Roma, que é aplaudido efusivamente por todos.

— O que estás a dizer? Não te entendo! — comentou o pretor, esfregando os braços com uma pedra, segundo costume.

— Refiro-me à matança dos membros desta seita dos Nazarenos. — Já deves ter ouvido dizer.

— Sim. E quem poderia fingir não saber depois do incêndio de Nero? **(Nero — Imperador romano de 54 a 68. Adotado pelo imperador Cláudio, sucedeu-lhe a princípio obedecendo a Sêneca, mas depois demonstrou extrema crueldade, incendiando Roma, perseguindo os cristãos e, por fim, considerado inimigo público pelo Senado, cometeu suicídio.)** Mas é diferente. Estes são fanáticos, que negam o poder divino do Imperador e tripudiam sobre os deuses de Roma!

— Parece que, além do banho, dei para incendiar teu ânimo. Creio que estes pobres coitados chamados "cristãos" são uma chusma de ignorantes sem qualquer perigo — comentou Plínio.

— Bem pode ser, mas ao menos têm sabido morrer e persistir na teima.

Estavam dialogando, quando um jovem de rara formosura entrou esfogueado na sala e, em meio a nuvem de vapor mais parecia um deus, um jovem Apoio. Sua boca bem feita, tinha o traço viril que mal escondia um eterno sorriso oculto, o olhar era profundo e cheio de vitalidade, o rosto ovalado que o Sol tingira, sobressaía-se na moldura dos cabelos graciosos anelados e claros.

— Pai! — gritou num transporte de júbilo, ao ver, sob a nuvem vaporosa, o genitor ao lado do professor.

Este se voltou rápido e mal refeito da agradável surpresa, viu-o lançar-se vestido como estava, ao tanque e alcançá-lo num abraço carinhoso.

— Júlio! Que modos são estes? — perguntou este a censurá-lo agradavelmente feliz.

— Deixe o rapaz! Três anos é bastante tempo e se, nas nuvens estivestes, ele até voaria para te alcançar. Bem vêes que não te enganei. Teu filho e meu pupilo é a mais preciosa criatura que tenho visto de um tempo a esta parte.

Glauco saiu do banho, envolvendo-se em uma toalha, que ficara sobre o banco, acompanhado pelo filho a escorrer em bicas, e pelo amigo que os convidou para uma refeição.

— Júlio, meu rapaz! Trata de colocar algo mais confortável. Esperamos-te na pérgola.

O rapaz apressou-se quase a correr, em direção ao seu quarto de dormir, enquanto o pai o acompanhava com o olhar cheio de comoção, orgulho e alegria.

— Quero o consulado e creia-me, Plínio, é mais por ele que por mim.

— Compreendo-te — foi a resposta.

X - Retorno à Óstia

Os dias se passaram tão agradáveis para Glauco a encontrar nos traços viris do filho todo o esplendor de sua juventude, que o tempo como que voou no carro de Hélios, rápido como as nuvens pelos ventos de estio.

— Preciso partir — disse Plínio, após a refeição. — Seis dias já se passaram. Minha casa é a vossa casa, meu lar é vosso lar. Ficai. Matai a saudade. Retemperai as forças e os sonhos e que eu não vos veja, mas ainda possa servir-vos é o que peço.

— És sempre um homem gentil, titio — ponderou Júlio, enquanto estalava nos dentes as bagas doces das uvas — Sem ti esta casa perderia o encanto. Cada local me lembraria as lições rápidas ou as largas tiradas filosóficas, o treino no arco ou as lutas com a malha, as largas corridas a cavalo, ou os potros selvagens a serem domados. Sem Plínio o sítio de Laurentis mergulha na rotina, sem a sabedoria que enriquece a vida.

— Há quanto tempo que não venho a dizer-te do perigo da lisonja, e estás a me querer enredar não apenas com o teu carinho, que me é precioso, pois tens em mim um segundo pai, que te amimou mais que o primeiro, e nem precisas de elogios para me ter ao teu lado. Fica, pois me darás satisfação por servir a meus amigos, mesmo ausente.

— Agradeço-te infinitamente o convite — falou Glauco, lavando os dedos na bacia a rescender perfumes, — mas precisaremos partir para Óstia. Como já tive ocasião de te avisar, preciso seguir a Roma e só passarei pelo sítio, a fim de contratar alguns sevos, para me acompanharem, e deixar tudo a contento com ordens até nossa volta. Deixarei nosso Júlio aos cuidados da Academia e partirei para a Dácia sem mais tardar. Declino do teu amoroso convite, mas não deixarei de cá tornar, tão logo tenhamos expulsado os bárbaros para as regiões das neves eternas, às vezes piores que o venenoso licor do Estige. **(Estige — Rio que rodeava sete vezes os Infernos. O juramento feito pelo Estige era irrevogável. Suas águas tornavam invulneráveis os que se banhavam nela.)**

— Pois que seja como quiserdes. Parto ainda hoje. Tenho preparadas as cartas que te darei para as tuas pretensões, Glauco. Nem sei se acharás Plotina, que muitas vezes acompanha Trajano mesmo nas campanhas militares, mas se não puderes a ver em Roma, sempre acharás meio de estar com ela nos campos de luta.

— Papai, leva-me contigo — pediu Júlio encompridando os olhos para seu professor, como se já tivesse estado a confabular com ele suas pretensões.

— Júlio tem se preparado para a batalha melhor que qualquer batedor ou arqueiro. Haveria de estar bem na infantaria, mas com que garbo se sairia à frente da cavalaria — comentou Plínio, procurando, por este modo, apoiar o pedido.

— Ora, ora! É bem verdade que Roma precisa de soldados, e quanto mais e melhores mais depressa a guerra chega ao fim, mas não vim te buscar para os embates da campanha. Quero-te sábio, esperto e exímio, sim, mas na Academia, com jovens da tua idade, frequentando a melhor sociedade, afeito à política e às contendas, cheio de filosofia, mas livre de ascetismos exagerados. Quero-te um homem, que já o és, um magistrado, um sábio em leis e futuramente haverás de ser maior que teu pai. Serás um cônsul, ou, quem sabe, até possas vir a ser um dia o Imperador!

O rapaz, embora desapontado, gargalhou:

— Meu pai tem para mim ambições do Olimpo! (***Olimpo — Nome de várias montanhas da Grécia antiga. Segundo a fábula era residência dos deuses.***) Queres nada mais que a eleição entre os deuses!

— Nada é demais para meu Júlio! Tens o nome do maior Imperador romano, o primeiro divino César Augusto! Não vejo porque não possas ser o maior entre todos os mortais ou mais um imortal.

— Calma, Glauco! — falou Plínio, tornando-se um pouco sério. Creio que Trajano já tem ideias mais ou menos definidas para sua sucessão, nem precisas estar inculcando neste jovem ambições que sonhas. Para ele basta ser o que é e, creia-me, não é pouco.

— Obrigado, Plínio — falou o jovem aliviado pela interferência. — Mas dize a meu pai que muito aprenderia ao seu lado.

Antes que o filósofo acudisse ao pedido, Glauco, levantando-se respondeu categórico:

— Basta, Júlio. Teu destino é a Academia e não teimes ou pensarei que três anos foram bastante para esqueceres a obediência que me deves!

— Está bem, papai, mas os deuses me serão propícios. Não ficarás mais tanto tempo longe de teu filho. Tornarás Jogo dos combates, ou irei, então, ao teu encontro!

O anfitrião de Laurentis convidou seus amigos a repousar e, após, lhes entregou as tabuinhas com recomendações aos amigos de Roma. Partiria, no outro dia, logo cedo. O pretor resolveu também partir no mesmo horário com o filho e, seguidos de pequena escolta, despediram-se antes mesmo que o Sol nascesse, indo cada um ao encontro do seu destino.

XI - Em Óstia

Enquanto Plínio seguia para Bitínia, onde seria governador, em Óstia, eu, Artur e todos os novos amigos recém-vindos da Ilha, nos reintegrávamos nas novas atividades e aguardávamos ansiosos que a noite chegasse, pois Igala prometera apresentar-nos aos membros partícipes do Cristianismo nascente.

Logo após as trevas descenderem pelos campos, uma leve batida porta anunciou a chegada do novo amigo núbide. Marco abriu a porta, fazendo-o entrar:

— Não nos demorem. Hoje nos veremos em casa de Sérvulo. Já falei a ele de vocês e os irmãos são aguardados com muito carinho e expectativa. Nosso amo ausente logo deverá tornar, mas não nos impede os conciliábulos, pois sempre foi muito liberal e nem sequer suspeita, ao que tudo indica, o que nos leva a tais reuniões. Interiormente, o pretor Glauco é quase cristão. Reconheço-lhe as qualidades nobres, muito incomuns hoje em dia.

— Nosso amigo parece ter-se ligado por temo carinho ao nosso protetor — considerou Venâncio, enquanto mamãe e eu fazíamos-nos esperar nos preparativos para a confraternização — Mas há algo mais em suas observações. Noto que aguarda com ansiedade a chegada do senhor destes sítios. Adivinho-lhe uma quase irrequieta espera, uma expectativa de alegrias interiores.

Igala deixou que largo sorriso lhe iluminasse o rosto, enquanto os olhos ficaram, por uns instantes, marejados de lágrimas.

— Realmente, querido irmão Venâncio. Sua sensibilidade sempre perceberia a estranha emoção que me toma de assalto. Há tempo para uma explicação e não me furtaria a ela. Quando meu povo foi subjugado próximo a Cirene, eu era feliz. Tinha minha esposa e três filhos que eram toda a minha fonte de energia. Ainda não abraçara as novas verdades de Jesus, mas, mesmo com meus deuses pagãos, era feliz. Quando me arrebataram para esta vida de servidão, vi-me apartado dos dois maiores e somente ficou comigo Igana, minha mulher, e o pequeno Quilim, Pouco durou nossa felicidade, ou o resto dela. Quando passei a encravo do pretor Glauco, tinha o filho deste, Júlio a mesma idade do meu pequeno. Ambos se queriam bem. Eram crianças sem maldade e brincavam com a espontaneidade natural de certa época. O tempo correu, então, ameno para nós e Glauco até procurou meios de localizar meus dois outros filhos, que se dizia teriam sido enviados para as minas de sal. Após um período curto, Quima adoeceu, vindo a falecer em poucas semanas. Júlio não arredou pé de sua cama e vi-o chorar com sinceridade. Após a morte de meu filho, apeguei-me ao pequeno Júlio, para não morrer de dor. Nesta época, vim a conhecer as verdades do Mestre, que muito me ajudaram na revolta a que me sentia arrastado. Agora, após três anos de ausência, Júlio retorna e com ele toda a lembrança do meu amado Quima e a alegria é muita. Fico apenas pesaroso que o jovem senhor haja esquecido este velho servo que tanto ainda o lembra na saudade. Eis aí, em poucas palavras, a história da minha vida,

Venâncio ficou em silêncio como se pesasse em si os próprios infortúnios, a ausência da família, mas depois, com um

sorriso triste, disse a Igala:

— Nunca esquecemos aqueles que verdadeiramente amamos. É algo superior às nossas próprias condições. Por certo, o filho de Glauco logo lhe fará ver que seus temores são infundados. Mas não teve mais notícias dos seus filhos mais velhos?

Igala mergulhou em tristeza mal contida:

— Apesar dos esforços de muitos amigos, e, principalmente do dono destas terras, nada pôde ser apurado. É como se a terra os tivesse tragado. Todos os dias eu e Igana oramos com fervor, rogando a Jesus se compadeça de nosso sofrimento e nos envie notícias sobre eles. Mas, estejam onde estiverem, vivos ou mortos, nosso pensamento os acompanha em oração e afeto.

Mamãe e eu entramos e os senhores que estavam a espera, ampararam Leila e saímos ao encontro dos irmãos de crença e ideal cristão.

XII - Em Casa de Sérvulo

A casa de Sérvulo era pequena, de tijolos mal formados e tinha apenas uma única porta, por onde se entrava e saía. Quando chegamos, após caminhar por algum tempo além do bosque de pinheiros, seguindo o servo núpido, já um pequeno número de pessoas nos aguardava com certa apreensão.

— Nosso Senhor Jesus Cristo seja louvado! — saudou Igala.

— Para sempre o seja! — respondeu o dono da casa, convidando-nos a entrar e sentar em toscos bancos.

Igala fez as apresentações. Lembrava-me de já haver antes visto alguns daqueles rostos na propriedade, apenas nada havia feito despertar em mim a possibilidade de serem cristãos.

Sérvulo logo explicou que sempre se reuniam, cada vez na casa de um dos servos do pretor, para não despertarem suspeitas naqueles que não aceitavam as mesmas ideias, e que também costumavam orar sempre, já que, desde algumas décadas, a perseguição aos seguidores do Nazareno prosseguia ininterruptamente em diversas regiões do Império Romano, que

aumentava mais e Mais. Além disto, aproveitavam para estudar os manuscritos em mãos, comentando-os entre si, aprendendo um tanto mais.

— Hoje — disse com um acento de satisfação nos olhos — tenho uma surpresa para todos os companheiros presentes. Consegui, quando fui a Óstia, a fim de cooperar na construção das termas, e ganhar alguns sestércios a mais, no meu dia de folga, encontrar velho marinheiro que sempre me obsequia com notícias dos companheiros e lembranças dos mesmos. Pois ele me trouxera de Pouzzoles um pergaminho do nosso querido irmão Públio Leandro, e é nada menos que cópia feita por aquelas mãos amigas das cartas do apóstolo Paulo aos irmãos de Roma. Como veem, podemos dar graças a Deus por mais esta prenda que irá, sem dúvida, enriquecer ainda mais nosso conhecimento. Mas, a fim de que todos os irmãos conheçam de modo mais profundo os novos confrades, que nos chegam, gostaria que um deles se expressasse a respeito de sua fé e seus problemas, que procuraremos minimizar, na medida do possível.

Olhamos para o querido companheiro Venâncio, que, sem se fazer de rogado, levantou-se, pedindo a mercê de pronunciar a prece de abertura. Após a mesma, feita de maneira singela e pura, arrematada pelo Pai Nosso, o velho sintetizou em poucas palavras a nossa vivência cristã, a alegria de estarmos ali e a tragédia que se nos abatera.

Sérvulo, em seguida, comentou a satisfação de nos ter com eles e os perigos sérios que nosso ideal representava.

Uma senhora que ficara à parte, levantou-se dando início aos estudos da noite. Abriu um manuscrito com anotações de Lucas, mas Marco entregou-lhe as anotações que trazíamos de Mateus e ela, com encantadora deferência, abriu-o ao acaso, deparando com o capítulo II, versículos 2 a 6 onde se refere a passagem da visita que os mensageiros de João Batista fazem a Jesus, a perguntar: "És tu aquele que há de vir ou devemos esperar outro?"

O trecho terminava com uma advertência do próprio Cristo que dizia: "Feliz de quem não encontrar em mim motivo de escândalo."

À leitura das palavras finais, papai olhou significativamente para nós, como se nos chamasse aos brios, devido a sempre o referirmos na nossa ilha como senil, a fim de furtá-lo à perseguição que nossas ideias lhe acarretariam.

Igana comentou ligeiramente a passagem, enquanto Fábio quase adormecia de cansaço ao lado de mamãe. Tímon, um jovem de feições robustas, secundou a alocução, comentando a necessidade de João Batista de se certificar, mesmo prisioneiro, da verdade.

Convidado a dissertar sobre o assunto, Igala declinou do alvitre, solicitando que os recém-vindos dessem também seu parecer. Papai, empolgado, pediu licença para conferir suas opiniões dizendo:

— Em toda a parte da vida de Jesus deparamos com a ingratidão e insegurança das criaturas. Não fora João Batista o precursor do Cristo, não anunciara a todos a chegada do Reino dos Céus, não batizara com a água do arrependimento, e não fora ele mesmo aquele que indicara, a todos, que Jesus era o Filho de Deus? Acaso João não assistira à pomba descer sobre o Mestre, e ouvira admirado, como a multidão que estava presente, a voz do céu dizer: Este é meu filho amado!

No entanto, aprisionado, parece esquecido de tudo o que vira e sabia, envereda pelo terreno resvaladiço da dúvida, preocupa-se em confirmar, através de dois seguidores, aquilo que tinha obrigação de não apenas saber, mas vivenciar. No entanto, segundo o próprio Cristo, entre os homens João Batista era o maior de todos, era a encarnação do próprio Elias. Sem humilhar nem contender, o Senhor apresenta as próprias obras como testemunhas da sua condição superior, mas adverte: "Feliz quem não encontrar em mim motivo de escândalo".

Acho que a advertência não poderia ser melhor nem mais oportuna. Serve-nos perfeitamente, pois em nosso agrupamento, fugíamos a dizer as certezas que nos baseiam as atitudes, e também, no momento da perseguição, corremos em direção ao oceano, para salvaguardar nossas vidas!

A eloquência de meu pai como que nos humilhava, mas, cientes de que qualquer interferência nossa o magoaria, eu, Marco e Fábio mantínhamos os olhos baixos, em súplicas a Deus, para que não nos tomassem ali como covardes e caviladores. Nem mesmo sr. Venâncio interrompia o azorragado, quando [gala aparteou em tom conciliatório:

— Não estamos aqui procurando contender e sim compreender e aprender mais. O sr. Damício não deve confundir cuidado com covardia. É homem livre, provisoriamente sob o auxílio do pretor, mas nós, que somos escravos de guerra, cujas marcas profundas trazemos impressas na própria face, conhecemos mais de perto o valor da cautela.

Realmente víamos números impressos em ferro em brasa na testa do querido amigo, que jamais se apagariam enquanto vivesse. Davam eles conta do terrível suplício de milhares de criaturas em iguais condições, no Império Romano. Estremeci ligeiramente. Mas o servo continuou:

— Pois bem. Os cristãos estão ainda abaixo da condição de escravos. Quando descobertos, apanhados, são sumariamente levados para os calabouços sem direito a nenhuma defesa ou apelação. Muitos se felicitam com esta perseguição, pois, segundo sua maneira estreita de pensar, precisam de gado humano para as diversões nos circos que se destinam a alegrar o povo.

Papi calara-se evidentemente contrariado, e Venâncio, a fim de poder desanuviar o ambiente, propôs:

— Gostaria muito que pudéssemos conhecer alguma coisa do apóstolo Paulo, pois nosso pequeno grupo deve a ele, de forma, digamos, direta, a Iniciação cristã.

Igana passou o pergaminho a Igala que o entregou a Ambrósio. Este era um gaulês atarracado de uns presumíveis quarenta anos ou mais, Trazia o rosto avermelhado pelas lides nos campos de trigo e as mãos calosas e nodosas. Rugas prematuras sulcavam-lhe a face e os olhos, muito azuis, pareciam toldados por nuvens de tristeza. Tomando o molho de papéis, abriu ao acaso, deparando com o capítulo 1, 16, cujo o assunto era a justiça da fé:

"Porque não me envergonho do evangelho do Cristo, pois é o too o, poder de Deus para salvação a todo aquele que crê; primeiro ao judeu e também ao grego."

Aquelas palavras caíram sobre nós como duchas de água gelada. Éramos de ascendência grega. A leitura prosseguia, mas papai sorria, sentindo que os céus reforçavam seu discurso, e nós meditávamos no porquê de tanto chamamento ao testemunho. O que nos esperava na nova terra?

Tímon, Fábio, Lucas, depois Sílvia comentaram a carta amorosa do discípulo, mas eu permanecia com o espírito imerso em profunda prostração emotiva. Artur amparava Leila e, olhando-o, sentia que novas dores por certo nos seriam acrescidas.

Sérvulo explicou que, segundo costume que vivenciavam de longa data, após os estudos, procurava-se entrar em contato com Deus, através comunicação direta com amigos do Plano Maior, e pediu-nos que aquiescêssemos a ficar ou até mesmo participar de tais colóquios, que tinham se revelado de muita utilidade para todos. Marco explicou que também nós outros tínhamos tais hábitos e que, de bom grado, gostaríamos de comungar daqueles instantes. A luz foi amainada, apagando-se algumas candeias e cerramos os olhos para o intercâmbio espiritual. Sentia-me envolta por dulcíssimas vibrações. Parecia levantar-me do solo, junto ao banco onde sentara. Perdera a noção do chão, mas, na minha visão espiritual, desenhavam-se quadros dantescos de criaturas levadas aos magotes para um amplo lugar, cercado de populaça, onde eram mortos de vários modos, em cenários que lembravam tocas de feras, com vegetação, enquanto repuxos maravilhosos formavam cachoeiras improvisadas, que se sucediam com a retirada de plataformas e colocação de outras, movimentando a cena sempre com execuções dantescas sob fundo primoroso. Ouvia distintamente a voz de alguém que falava por um rapaz que julguei ser Tímon, enquanto me sentia levada mais e mais longe, a ver um pequeno séquito de pessoas a cuja frente vinha Glauco, nosso protetor, e um homem que me cativava pela graça e estranha luz que projetava. Pensei que logo talvez veríamos nosso senhor e que a visão apenas nos mostrava que ele estaria a caminho, quando

bandos escuros pareceram, por um instante, envolver o grupo de cavaleiros. Pareciam assaltantes vulgares. Estremeci, procurando entender melhor o que se passava, enquanto perdia a palavra de um espírito amigo que por Tímon dizia:

— Sereis brevemente constrangidos a experiências outras. Tende fé e bom ânimo e orai e velai pelos senhores que vos acolhem. Também eles estão sendo seguidos por espíritos inimigos do passado que buscam um meio de os prejudicar. Lembrai-vos de que o arbusto, que cresce ao pé do pinheiro e à sua sombra pode ser destruído pelo raio que fende a árvore maior. Que a paz de Jesus esteja com todos!

Fez-se silêncio. Sentia-me voltar ao lugar, embora um tanto entontecida. Via ainda no espaço o másculo rosto de um romano. Não havendo mais comunicações, e, dado o adiantado da hora, a reunião foi encerrada. Ainda ficamos a conversar um pouco com os novos amigos, mas como os trabalhos duros nos aguardavam no dia seguinte, retornamos aos nossos aposentos, próximos a Casa Sede, ao lado das cavalariças que eram a alegria do pretor e aproveitamos o trajeto para conversarmos mais um pouco. Leila, que adormecera, fora acordada e, como sonâmbula, apoiava-se em Artur e em mim, resmungando pelo caminho.

— Pobre maninha! — comentou Artur com amargura. — Não sei por quanto tempo poderei furtar-te aos olhos zombeteiros dos demais! Preciso encontrar um meio de isolar-te do mundo, que jamais te poderá compreender!

Igana e Sílvia, que nos acompanhavam de perto, não puderam deixar de ouvir o lamentoso comentário.

— Se pudermos fazer alguma coisa — comentou a negra, que trazia um largo colar, a maneira de gargalheira presa ao pescoço — considera que meu lar tem espaço para abrigar mais algumas pessoas. Se os três quiserem se abrigar ali, estarão bem.

Ela nos tornava por irmãos, e Artur corou um pouco, sob o palor da lua.

— Agradeço teu oferecimento, mas Mariita não poderia ficar comigo sob o mesmo teto, pois não somos irmãos. Ela é irmã sim

de Fábio e Marco, sendo filha de Damício e D. Fedra.

Eu, de minha parte, não desejava que Leila e Artur saíssem de mais perto de nós e interferi:

— Não sei porque Artur fica às vezes tão pessimista. Leila tem ficado muito bem sob a guarda de mamãe, e esta não se tem queixado disso. Acho que já temos recebido demais e não nos compete ficar a reclamar, pois temos o necessário e talvez logo partamos daqui a procurar nosso destino.

Calou-se Artur sem jeito, enquanto Marco ia à frente, conversando com Igala, que lhe dizia da expectativa do seu coração pela próxima chegada de Júlio, o querido companheiro do seu inesquecível filhinho, que era o mesmo espírito que nos dera a comunicação naquela noite.

XIII - Traçando Rumos

Enquanto ficáramos uns instantes em conversação amena, meu irmão Marco aproveitou a oportunidade para conseguir maiores informações, acerca da nova vida que nos estava em torno. Em animada palestra com Tímon, Sérvulo e Igala soube que havia muito trabalho braçal em Óstia, onde estavam a drenar o canal do Porto, além da obra das termas a trazer mais e mais "humilioris" e também a carga e descarga dos navios que ali aportavam, e precisavam, além do mais, de lastro de areia. Meu irmão, de robusta compleição, percebeu de pronto que lhe seria fácil conseguir ser mais um contratado por horas que fosse.

No dia seguinte, quando tratávamos de um rebanho de ovelhas, tosquia necessária, cuja lã as mulheres depois trabalhariam em largos galpões, trocávamos impressões da véspera:

— Que bom podermos contar com tantos amigos, entre os trabalhadores rurais! — comentei em meio aos labores.

— Melhor ainda — falou Marco, fugindo por instantes à sua maneira circunspecta e calada de sempre — é que logo o pretor chega e poderemos saber exatamente quanto pudemos receber

ainda pela venda dos restos do barco que nos trouxe, e poderei ver-me livre deste trabalho, alugando-me no Porto, a fim de conseguir dinheiro suficiente para que possamos partir em direção a nosso destino.

— Estás com a cabeça cheia de planos — comentei. — Não ficaste contente com estes sítios? Bem sei que gostarias de reencontrar nosso núcleo, mas pensa que estamos todos juntos, e apenas o sr. Venâncio ficou apartado dos membros mais chegados de sua família. Ora, Marco. Não vejo porque deverias te esfalfar nos duros trabalhos braçais do Porto, entre esta gente às vezes tão turbulenta e má, quando temos estes campos, estes céus e podemos viver aqui com tanta serenidade.

Meu irmão cerrou as sobrancelhas contrariado.

— Sempre será útil a todos nós termos algum dinheiro em mãos, além disto, como cristãos, nunca estaremos em segurança em nenhuma parte. Será que não percebes?

— O que percebo é que papai não irá concordar em ver-te se esfalfar deste modo. Todos nos preocuparemos contigo!

— Não vejo razões para tanto. Será apenas no dia de folga que demandarei Óstia, a fim de ver se posso fazer algo mais. Só me transladarei para lá quando julgar que posso amealhar mais recursos a nosso benefício. Sabes que papai está cansado e fica muitas vezes doente. Quem nos garante que eu não deva, de minha parte, procurar maiores lucros, que podem nos ser exigidos de um momento para outro? Não percebeste que tanto os apontamentos evangélicos, quanto a mensagem recebida por Tímon eram advertências veladas dos perigos que nos aguardam? Não ouviste que coisas dantescas têm acontecido neste lugar? Haveria até de me alistar no exército romano, a fim de conseguir melhores meios para nos beneficiar. Não vejo porque, Mariita, devas ver em mim ambições que não possuo. Sabes que me preocupo com todos.

— Marcos, querido. Não quero ser-te ingrata, mas debes confiar mais em Deus e em Jesus. Fizemos tantos planos para a partida de nossa ilha e tudo foi por água abaixo. Arrostando a própria face do abismo, mas aqui estamos sãos e salvos. Mas...

deixemos por ora de tantas divagações. Amanhã podemos ir a Óstia contigo. Sei que mamãe não se oporá a que eu e Fábio te acompanhem, e já que Igala lá vai, para conseguir dinheiro para a compra da própria liberdade, podemos bem ter novas surpresas...

— Nem por um instante penso em levar-te! — falou Marco contrariado, voltando ao mutismo que era sua constante, e encerrando ali a conversa.

Não valeram, de minha parte, pedidos e argumentos. Vendo que nada conseguia com ele, acudiu-me conseguir a interferência amiga de Igana, afim de conseguir acompanhá-lo de alguma forma. Ela, com próprio das mulheres de falsear seus fins, alegou a necessidade de ir até o porto para comprar algo para si, e, apesar da negativa de Marco no dia seguinte, a cavalo, seguimos para a cidade que não ficava longe, mas que me parecera distante, por termos nos deslocado dali por primeira vez num carro de boi, muito lento.

Como eu não soubesse montar muito bem, fiquei à garupa do cavalo que Fábio montava, admirada por ver a elegante perícia de Igana, cuja montaria nem sela levava.

— Gosto de me sentir sentada sobre seu pelo — explicou-me ela, com um sorriso filho de nossa cumplicidade.

Marco, contrariado, apenas olhou-me com censura e seguiu em conversa com Igala e Sérvulo, bem como Tímon. Era como se me excluísse de seus projetos.

— O pretor não questiona o uso destes animais? — perguntou a Tímon que lhe seguia mais perto.

O jovem, distanciando-se dos outros homens, diminuiu o trote, ficando-nos ao lado, enquanto Artur seguia à frente:

— Os cavalos precisam de exercício — respondeu ele. O nobre Glauco sabe que pode confiar em nós. É um homem de mente muito boa, e Praxíteles lhe incutiu a ideia que um servo feliz serve duplamente e com maior fidelidade. Não é mesquinho, mas muito liberal.

— De onde vem você, Tímon? — perguntou Fábio, naquela sua maneira franca e direta.

— Vim da Gália com Ambrósio. Somos primos irmãos. Nossa família teve graves perdas no passado, mas dedicava-se ao trato dos carneiros e a vinhas preciosas. No entanto, éramos apenas servos pagos e nada mais. Quando Ambrósio ficou sozinho, pela perda da mãe e da irmã, resolveu partir. Eu tinha motivos muito íntimos para não ficar mais ali onde estava e saímos pelas estradas, trabalhando aqui e ali para sobreviver. Um dia, em Óstia, encontramos Igala, que nos "contratou" como assalariados. Ficaremos aqui, pois foi o melhor lugar que pudemos achar, desde nossa longa peregrinação. Penso em juntar algo, em comprar futuramente alguma terra minha e de meu primo. Gosto do cheiro das oliveiras, dos campos dourados pelo trigo, de amassar as uvas sob os pés e sentir-lhes o cheiro acre e bom.

Tímon sorriu ao falar de suas predileções. Tinha os dentes fortes e largos, um sorriso franco e a testa saliente e ampla. Suas mãos eram grandes, seus ombros desenvolvidos em musculatura rija, os cabelos castanhos lisos, quase escorridos, os olhos da mesma cor, levemente oblíquos.

— Quem sabe, — falou jovial — não haveremos de fazer uma sociedade entre nós? Cada um dando um pouco do que possui, compraremos alguma terra e a trataremos junto, depois teremos gado, carneiros, porcos e poderemos fazer um recanto onde se viva o Cristianismo sem tanto temor. Deve existir um meio. Já falei a Igala de minhas esperanças.

Ele, no entanto, apegou-se demais ao senhor e ao filho. Fala em partir, mas duvido que parta algum dia.

Igala que ouvira aparteou:

— O meu querido marido tem um coração mais mole que as neves, quando o sol as aquece. Quem vê aquele rosto marcado pelo sofrimento da raça negra, mal pode imaginar a alma que o habita. Acho, Tímon, que teus planos são muito sensatos, ótimos mesmo. Tudo farei para que possas realiza-lo, e também para que possamos eu e Igala completá-lo também.

Fábio entusiasmou-se com as ideias de Tímon. Começou a fazer conjecturas, a perguntar das terras, do preço que poderiam alcançar, de onde isto se faria melhor, se na Gália, se entre os Germanos, ou nas novas terras que vinham sendo conquistadas.

— A Dácia? — Pelo que sei os romanos não a querem para plantio. O que os atrai são as minas de prata e ouro. Igala pensa que teríamos chance no Oriente, mas eu tenho muito receio dos judeus, dos árabes, cujos costumes são tão diversos. Além do mais, pelo que ouvi de alguns marinheiros, aquelas terras não são boas para cultivo. Muita pedra, muita secura. Prefiro as cachoeiras e os bosques da minha Gália, e sei que todos ficariam muito felizes lá.

Eu e Fábio acabamos ficando para trás. Tímon retomou ao lado dos homens, e Igala seguia entre nós. Meu irmãozinho, então, puxou conversa mais íntima:

— Mariita, o que há entre você e Artur?

Tive um sobressalto pela sua maneira direta de inquirir-me.

— Entre mim e Artur? Ora, por que pergunta?

— Pergunto porque sou seu irmão — respondeu-me com um acento de orgulho viril na voz. — Mamãe implica com ele abertamente, apesar de cuidar de Leila com muito amor. Papai ainda não percebeu nada, mas eu e Marco sim.

— Muito bem, sabidinho. Você e Marco perceberam o que, pode me dizer?

— Você bem sabe. Mariita, não se faça de desentendida. Eu percebi que ele não tira os olhos de você, e que você o procura muitas vezes com pretextos os mais tolos possíveis. Mas não têm se entendido. Por que? Você gosta dele, não é mesmo?

Fiquei em silêncio uns instantes, para depois inquiri-lo:

— A que vem todo este interrogatório? Foi Marco quem te pediu para me vigiar?

— Está sendo injusta quanto a isto e sabe. Marco seria incapaz de agir com intermediários. Se ele quiser saber alguma coisa vai lhe perguntar diretamente, assim como eu estou fazendo agora.

Meu irmãozinho tinha razão. Eu fugia ardilosamente de seu frontal ataque.

— Está bem, Fábio. Pois seja. Há alguma coisa, sim. Eu gosto muito dele, mas ele não me tem senão aversão. É isto.

— Gostas dele ou tens pena dele? Olha que com os sentimentos das pessoas não se brinca!

— Estás a me tomar por leviana? Se eu soubesse disto não teria vindo contigo. Teria me arriscado a pegar um cavalo só para mim! —repliquei com zanga.

— Sabe, Marita, acho as mulheres muito complicadas. E os homens também. Quer saber o que eu penso? O Artur está apaixonado por você. É isto que eu acho, mas não tenho tanta certeza de que você estaria mesmo gostando "dele, porque gosta de todo mundo, e entre gostar e amar a coisa é muito diferente.

— Ora, mas nunca supus que fosses tão entendido nestes assuntos! — disse eu com ironia.

— E não sou mesmo. Se fosse, não estaria fazendo perguntas. Eu teria certezas, como acho que Marcos tem e cala. Cuidado, Mariita. O que eu sei é pouco, mas me basta. Com estas coisas do coração a gente não deve brincar, pois acaba sempre ferido.

Eu não tinha mais como retrucar àquela advertência. Afagando os cabelos de Fábio despenteei-o, brincando, enquanto dizia:

— Deixemos então de falar nisso, está bem?

Em silêncio fizemos o percurso que restava, chegando à cidade que regurgitava de povo. Os homens demandaram o porto, após guardarem os animais em um posto de troca, cujo dono já era amigo de nossos companheiros e, pretextando a necessidade de fazermos nossas compras, Igana e eu nos dirigimos à uma feira-livre onde muitos iam e vinham em comércio interessante.

Minha amiga vestia uma túnica a moda africana, enquanto eu colocara minha melhor vestimenta a moda grega, com pregas que desciam até os pés. Igana era obrigada a ter os pés nus, pela sua

condição de serva, eu usava sandálias rústicas, que ganhara de Silvia, compradas a um sapateiro em Óstia.

Ficáramos de nos encontrar, logo mais, para tomarmos uma refeição. Igana trouxera larga cesta com alguns víveres e frutas, mas deixara guardada junto aos animais, com pessoa de sua confiança. Falei com ela, perguntando a respeito do tempo em que estavam naqueles sítios, de seus planos, dos filhos, dos amigos. Tudo para mim era novo, diferente. Ela a tudo respondia com calma e discrição. Ficamos amigas. Trocamos impressões, enquanto a via parar aqui e ali em tendas improvisadas, e perguntar pelos preços das mercadorias. Regateava umas e outras, e me dizia:

— Preciso achar algo que comprar sem gastar muito. Senão como vou explicar a meu marido que vim aqui só para te trazer?

— Puxa! Nem tinha pensado nisso. Estou criando um problema. Mas... Sempre podes dizer que não encontraste o que querias.

— É bem verdade. Pois nem eu sei o que vim comprar! — disse ela, gargalhando naquele seu jeito espontâneo e bom.

— Igana! — ouvimos chamar de um canto da rua estreita.

Voltamo-nos ao chamado e vi um homem magro e esquelético, com a cabeça raspada, negro como a noite, com os mesmos estranhos números que Igala trazia à testa. Minha amiga dirigiu-se a ele com um sorriso bondoso e saudou-o com palavras de dialeto africano cujo sentido me escapavam. Aproximou-se e apresentou-me a ele enquanto me dizia:

— Este é meu jovem amigo Acras! Agora já sei o que comprar e que deixará meu marido contente. Acras vende ervas raras, que consegue de nativos da África. Meu Igala faz remédios com elas. Ficaré feliz!

Voltou a conversar com o amigo no dialeto que eu não entendia. Falavam e riam. Trocavam informações. Recebiam notícias. Logo o homem entregou-lhe um maço de folhas meio ressequidas, que Igana tratou de embrulhar num lenço que tirara da cabeça, a qual estava enfeitada com um turbante feito de muitos pedaços de panos coloridos. Despediram-se e voltamos pelo

caminho que viéramos. Pelo relógio de sol, posto numa praça, percebemos que tínhamos ainda algum tempo.

— Que tal uma chegada ao porto? Tenho certeza de onde posso encontrar os nossos — falou ela com um sorriso, percebendo minha curiosidade com relação ao que estariam fazendo.

— Marco ficará uma fera! — secundei num tom de riso.

— Mais um motivo para irmos! — foi o que respondeu brejeira, tomando minhas mãos e andando mais depressa.

Logo deparei com os muitos barcos de diversas procedências que se atracavam no porto. Homens, nus da cintura para cima, trabalhavam levando areia para o lastro, suados e calados. Ouvia-se, aqui e ali, a grita de alguma ordem. De uma prancha desciam alguns animais que iriam para Roma. Reconheci um touro negro meio enfurecido entre os animais. Toquei com força o braço de Igana:

— Olhe! — gritei mal contendo o espanto.

O animal, realmente, destacava-se por sua esplêndida beleza de ébano, e parecia aturdido com o desusado movimento do local. Estava preso por uma corda que era puxada por um dos carregadores, mas num arranco, libertou-se descendo ao cais, já numa louca carreira. Estacou, de súbito, sem saber que destino tomar. Todos corriam. Alguns gritavam ordens, para que o animal fosse detido. De repente percebi que a roupa colorida de Igana atraía seu olhar. Bateu as patas dianteiras sobre o chão, avançou para nós decidido. Saído não sei de onde vi que Igala corria para ele tentando segurá-lo pelo rabo. Não teve chance. O animal, mais rápido, continuava em nossa direção. Já estava quase a nos alcançar, quando Marco, que eu também não vira entre o povo, tomando um pedaço de pano que ficara estendido num madeirame, pulou sobre seu dorso, envolvendo-lhe a cabeça com o mesmo, e segurando-o, por uns instantes, com os braços possantes. Foi o bastante para que Igala pudesse alcançá-lo e derrubá-lo torcendo-lhe o rabo, enquanto Fábio e Artur, auxiliados por Tímon, o prendiam por fim.

Antes mesmo que Marco pudesse dizer qualquer coisa, ouvimos do canto de um estaleiro palmas efusivas:

— Bravo! Bravo! Eis aí, Apolônio, uma cena digna do teu cinzel!

Voltando-nos para o lado da voz, reconheci um rosto que já vira antes, num dos meus muitos desdobramentos mediúnicos. Diante de nós, sentado sobre o madeirame, um oficial romano exibia seu corpo bem formado. Tirando da cintura uma bolsa de veludo, tomou algumas moedas e atirou para o grupo que subjugara o animal, que lhe pertencia, enquanto ordenava a um subalterno:

— Dispensa o idiota que deixou que tão belo espécime quase escapasse! Que ele agradeça eu não lhe mandar no lombo algumas bastonadas!

— Nobre Lúcius! — saudou Igala com uma reverência.

— Então és tu, Igala? Que andas fazendo entre estes peraltas do porto? E que contas me dás de Glauco? Já está teu senhor em condições de voltar à batalha? De minha parte, só vim tratar de conseguir mais gente para o combate. Quererão teus amigos se alistar sob minhas ordens?

— Nobre Lúcius! — tornou a dizer o negro — Meus amigos são servos da casa de meu senhor! Fico feliz por o termos servido.

— Tens razão. Estou sendo deselegante. Não fica bem contratar os assalariados de Glauco.

— Eu não disse isto, senhor!

— Vês, Apolônio? E eu que pensava ter encontrado o modelo exato para tua escultura! — falou Lúcius lançando um olhar para Marco. E a explicar-se — meu protegido é um escultor ateniense de rara maestria. Foi contratado para enfeitar as termas de Óstia, e, como o Imperador já tem feito um Mitraeum na Gália, pensamos em fazer uma estátua para Óstia, em homenagem a isto, para ficar no Mitraeum da cidade.

— Não devias brincar com os brios dos que cultuam Mitra, nobre Lúcius — falou Apolônio, em quem se percebia certa ascendência moral. — Bem sabes que este culto tem muito valor.

— Não seas impertinente, meu querido amigo. Estou tentando ajudar-te e, quem sabe, este infeliz acidente não foi senão obra dos deuses em teu socorro — e voltando-se para Marco: — gostarias de servir de modelo para Apolônio? Pago-te bem. Estarás assim melhor provido e sem tanto esforço. Pensa na minha oferta. Estarei até a hora sexta na estalagem de Meandro. Manda-me tua resposta.

Voltando-se para ir embora, Lúcius deparou com Artur. Fitou-o demoradamente, examinou-o dos pés à cabeça e depois saiu acompanhada do ateniense.

Refeitos do susto, resolvemos tomar nossa refeição. Marco dirigiu-se a mim:

— É a última vez que vens conosco!

Não retruquei. A figura de Lúcius me vinha à mente. Seu modo irônico, seu olhar fundo, o nariz grande, os maxilares salientes, o cabelo negro, os lábios grossos, os braços fortes, as pernas bem feitas, contrastando com o seu acompanhante, loiro e esbelto, cabelos anelados, rosto delicado. Alguma coisa naquele homem punha-me arrepios.

Tomando a refeição Tímon, Igala e Sérvulo davam conta de quem era o estranho que nos abordara. Soubemos, então, que era amigo do nobre Glauco e que, também como ele, tinha vindo da frente de luta na Dácia. Igala evitou dar-nos maiores explicações.

Marco estava cansado, pois ficara a ajudar num carregamento de mármore. Era um trabalho duro, mas que rendia alguns denários, se o contratado resistisse por muito tempo. Observei-o enquanto se alimentava em silêncio. Conhecia aquele seu jeito de passar a mão pelos cabelos. Meu irmão ruminava alguma ideia, tentava resolver-se em alguma questão e afastava as possíveis dúvidas. Fábio percebeu meu olhar de análise e também ficou olhando para Marco. Pousando em nós a atenção, meu irmão mais velho perguntou-nos meio desconfiado:

— Mas o que estão olhando?

— Estás cansado. — falei. — Acho que escolheste um caminho muito difícil. Tanto abatimento só tenho visto entre os galés

que singram os mares, sob a chibata e a corrente.

— Ora — respondeu ele com ironia. — Não é todo dia que temos que segurar um touro a unha!

Tímon deu uma alegre risada.

— Muito bom! Não és apenas forte nos músculos, mas rijo também quanto as ideias.

Artur que até ali permanecera calado, interferiu:

— Mariita tem razão. Deverias procurar outros serviços menos cansativos, impossível que não os haja neste Porto. É preferível ganhar o jornal nas termas subterrâneas de Óstia, a estes carregamentos pesados do porto.

— Que me dizes do oferecimento do nobre Lúcius? — perguntou Fábio. — Não te faria mal algum posar para um artista grego. Não crês que isto diminua o valor do dinheiro que ganhares, não é mesmo? Será tão honesto quanto o suor que tens na tua túnica agora.

Marco, tinha uma túnica de um só ombro, curta e presa por um cinto trançado à cintura. Estava descalço e o tecido se lhe colara ao corpo, devido ao esforço empreendido. Via-se que os outros haviam aceito tarefas menores.

Marco ficou pensativo. Depois fitou Igala, como se quisesse arrancar dele algum segredo.

— Fala-me deste senhor Lúcius, e aconselha-me se devo aceitar seu oferecimento.

Igana fitou o marido. Seus olhos se encontraram. Tinham uma linguagem muda que me escapava.

— O nobre Lúcius é amigo desde os tempos da Academia do nosso protetor e senhor Glauco. Já o temos visto por diversas vezes quando vamos a Roma, ou aqui mesmo nos sítios, onde visita com frequência a casa da Fazenda. São afeiçoados pelos mesmos ideais, pelo orgulho romano, pelo amor às armas, pelo valor no combate, mas diferem muito quanto aos hábitos e maneiras. Glauco é vigoroso mas calado. Lúcius é irrequieto, gosta de novidades, apadrinha artistas e acróbatas, adora os festejos do Circus. É difícil

crer-se como pode brotar tanta afinidade em dois seres tão diversos. Mas a verdade é que se estimam e que Glauco jamais lhe tem negado assistência, pois o homem é um esbanjador, coleciona vasos, taças, adereços com muita vontade. No entanto, não é mau. Conosco, os servos, tem sido atencioso, até mesmo pródigo. Quanto a aceites ou não sua proposta, peço-te licença para declinar de dar uma opinião. Não posso, de pronto, avaliar o que te seria mais adequado às tuas pretensões.

— Igana, podes me dizer algo mais, que teu marido prefere calar? — perguntou Marco inesperadamente.

Minha amiga ficara perplexa. Do marido para o chão e deste para o rosto de meu irmão seus olhos deslizaram sérios.

— Os homens sabem mais das coisas — falou ela com humildade.

— Mesmo assim gostaria de ouvir tua opinião.

— Se o pretor quer a ti apenas por modelo não vejo porque objetar — respondeu por fim.

— E para que mais ele me quereria? — inquiriu Marco.

— Prefiro não dizer — foi a resposta.

— Para amante — respondeu o gaulês saindo do mutismo em que se encerrara. E, voltando-se para mim que ficara enrubescida — Perdão, senhorita, mas acontece que estes romanos adoram rapazes e moças com a mesma sem-cerimônia.

O silêncio caiu pesado entre nós. Fábio mordeu os lábios, Artur mudou a conversa com Sérvulo, procurando saber dos projetos da drenagem do canal, ordenados por Trajano.

O assunto parecia ter se esvaziado, mas, sem que esperássemos, Marco pediu:

— Igana, pode me indicar onde fica a estalagem de Meandro?

— Sempre irás? — perguntou Fábio preocupado. — Deixa-me então ir contigo.

— Alguém precisa cuidar de Mariita, senão é capaz de encontrar outro touro por aí — redarguiu meu irmão.

— Então irei contigo — disse Artur.

Igala indicou onde poderiam encontrar o nobre Lúcius e os dois ficaram de tornar logo, a fim de que pudéssemos partir antes da noite cair de todo. Sempre havia a possibilidade de algum perigo na estrada.

Com o coração cheio de cuidados, eu me inquiria do porquê de ainda na noite anterior, antes de tornar a mim, ter visto o rosto de Lúcius. Alguma coisa naquele homem me causava aversão, mas o que? Era belo. Sim, Era belo, quase de uma beleza selvagem, sentia-o forte, viril, cheio de segurança e grandeza.

Confidenciei meus receios a Igana. Ela me afagou a cabeça com o seu sorriso contagiante.

— Os homens sabem o que fazem. Não te preocupes.

Enquanto esperávamos, tratamos de descansar um pouco. Tímon voltára a falar de seus planos, e Fábio o secundava com outras tantas ideias. Sérvulo dormira sentado ao chão e a tarde caía mansamente.

Quando Marco tornou, estava radiante. Via-se, pelo seu jeito, que a oferta do patrício havia sido boa. Também Artur fora contratado para serviços menos duros nas Termas e traziam oferecimento de igual teor para todos os nossos amigos. Parecia que meus pressentimentos haviam sido tolos.

Retornamos ao sítio felizes.

XIV - Júlio

Quando chegamos, tratamos de levar os animais à cavalaria, a fim de descansarem. Escovamos-lhes o pelo, demos-lhes alfafa e água. Neste instante, entrou Ambrósio com um recado para Igala:

— O pretor chegou com o jovem Júlio. Aguardam-te na pérgola.

Cheio de satisfação meu amigo saiu correndo, em direção ao local onde era chamado.

Intimamente desejamos que aquele encontro só lhe trouxesse alegrias.

Dentro da casa, recostado em tricliniuns, o rapaz tomava seu lanche de cereais junto ao pai. Frutas diversas repousavam em rica fruteira de vidro pintado. Jarras e taças de estanho traziam água e vinho. Igala entrou respeitoso, fazendo uma reverência. Júlio ergueu-se estendendo-lhe as mãos que ele beijou com alegria.

— Levanta-te, "paizinho" — falou Júlio, naquele modo que tinha de o chamar quando menino e que seu pai tanto reprovava. — Quero que saibas que fico muito feliz por aqui estar, e que minha alma é como se fossem duas numa só. Tenho para mim que teu querido Quima deu-me seu amor por ti.

— Que os teus deuses te acrescentem os anos que ele teria — foi a resposta do servo com olhos marejados.

— Trouxe-te uma lembrança — disse o rapazinho, tirando da dobra da túnica algo.

Igala tomou, enquanto Glauco olhava curioso. Era um lindo medalhão de cobre todo trabalhando.

— Mande-o fazer para ti, segundo costumes de teu povo, a um artífice que ficou uns tempos hóspede de Plínio.

Igala reconheceu no medalhão a figura de um de seus deuses e sorriu da ingenuidade do rapaz, que não lhe conhecia os novos ideais, mas a lembrança o felicitara.

— Abra-o — ordenou o moço.

— Ele abre? — perguntou perplexo o servo núbide.

Júlio tomou a peça e a abriu tocando um leve êmbolo, que mal se via. Depois, tomando um saquinho de pano que o servo trazia preso por uma tira de couro ao pescoço, comentou:

— Agora não precisas mais trazer esta lembrança de teus avós mal posta ao teu peito. Sei que nunca te apartarias dela, segundo me contara Quima. Espero que nunca a precisas usar. Neste medalhão estará melhor guardada.

Igala não retrucou. Sabia que o presente poderia ser alvo de cobiça de algum, mas agradeceu feliz.

Serviu à mesa cheio de alegria. Quando pudesse, retomaria com Júlio as lembranças de seu querido Quima e conversariam sobre seus progressos naqueles anos. Estava feliz. O pequeno senhor não o esquecera. Era tudo o que precisava saber.

— Igala — ordenou Glauco após um gole de vinho misturado a água, enquanto se servia de um pedaço de pão branco — que contas me prestas dos nossos novos agregados? Quantos são? De onde terão vindo? Quais suas ocupações e o que pretendem?

— O nobre senhor está cansado da viagem — ponderou o servo gentil. — Mas, se ordena, digo que são oito pessoas, sendo três mulheres e cinco homens, e que já os tenho ocupado junto ao rebanho. Vieram das ilhas de Malta, que ficam entre a África e a Sicília, mas são de ascendência grega, das ilhas do Mar Egeu. Foram apanhados por uma tempestade e se perderam da rota. No entanto, não pretendem tornar a sua ilha de Melita, pois, segundo nos informaram, estavam pretendendo alcançar lugares remotos no Oriente, onde fundariam novos núcleos. Agora no entanto, afeiçoaram-se a este lugar, já contrataram serviços junto a Lúcius no Porto de Óstia.

— Pois viste Lúcius? — perguntou o nobre Glauco surpreso.

— Ainda hoje o vi, senhor. Estava recolhendo mercadorias para o exército romano. Não sei porque tornara da frente de luta, que não lhe percebi nenhum ferimento, mas parece que o fez na

busca de novos soldados, pois estava a arregimentar gente entre os "humiliores".

— E não me mandou nenhum recado? — perguntou ainda o pretor.

— Não, exceto que viria visitá-lo brevemente.

— E acaso algum de novos recém-chegados aderiu às armas? — inquiriu o jovem Júlio curioso.

— Parece-me que preferem as lides no campo — foi a resposta do servo.

— Está bem, Igala. Pode ir, mas antes passa pela casa de Virgílio e dize-lhe que me preste contas amanhã logo cedo. E que os novos agregados estejam no almoço aqui, a fim de resolvermos sobre seus haveres. Olha, dize a Igana que dentro de três dias partiremos a Roma, e quero que recrute alguns servos que me sirvam. Sê diligente quanto a isto, pois sabes que detesto servos desastrados. Anda. Vai.

Igala reverenciou ambos, apertando nas mãos a lembrança que recebera feliz. Já ia saindo, quando Júlio, inesperadamente, tirou de sob uma almofada um rico lenço de seda, jogando para ele:

— Igala, dá isto à tua mulher, mas cuida que não o use em lugares públicos. Bem sabes o quanto as damas romanas proíbem estes luxos aos outros, conquanto vejam com bons olhos em si mesmas.

— Júlio! — repreendeu o nobre pai com os olhos chamejantes — Esta liberalidade te faz um tanto jocoso, mas parece-me inconsequente e vulgar!

O jovem baixou os olhos, mas fez a Igala um gesto para que levasse a prenda, enquanto balbuciava:

— Desculpa, meu pai, que teu filho está tão feliz por estar contigo que age como criança.

Glauco perdeu a expressão dura. Abraçou seu filho com carinho e, sem palavras, ficaram os dois uns instantes, fruindo a felicidade de se reverem longe dos olhos indiscretos e as exigências dos cidadãos.

XV - Lúcius

No dia seguinte, logo cedo, chegava ao sítio o nobre Lúcius, acompanhado de soldados e servos. Sua chegada pôs a casa em polvorosa, pois sempre se fazia anunciar com alarido e alegre toque de gaitas.

— É Lúcius! É Lúcius! — gritou o jovem Júlio ao ouvir ao longe o ruído característico, e parando de lutar com o pai, o qual exercitava-se com ele no jogo perigoso das lutas de escudo e adaga.

Também Glauco, percebendo a chegada do amigo, que era um centurião **(Centurião — Chefe de cem homens ou uma centúria, na milícia romana.)** de valor e estima, suspendeu o entrevero e o treino, enxugando o suor do rosto e dirigindo-se com o rapaz à casa, com a finalidade de chegar primeiro que seu visitante.

Logo os cavaleiros chegaram à frente da senhorial mansão, ou casa de fazenda, muito bem rebocada e de dois pavimentos.

— Salve, nobre Glauco! Que os deuses te deem vida longa! — saudou Lúcius apeando-se do cavalo sob uma nuvem de poeira.

— Salve, honrado patrício! — foi a resposta do pretor.

— Pelos deuses! — bradou o visitante pondo os olhos no filho do dono da casa, que lhe sorria tendo ainda à mão o escudo. — Mas o que temos aqui? Será Hermes ou Apoio? **(Apolo — Deus grego ou romano dos oráculos, da medicina, das artes, dos rebanhos, do dia e do sol. Famoso por sua beleza. Hermes: mesmo que Mercúrio, deus da Eloquência e do Comércio.)** De que recanto do Olimpo tiraste este mancebo?

— Deixa de brincar comigo, nobre Lúcius! Bem sabes que dispenso tanto tua ironia quanto tua jocosa saudação. Preferiria que me abraçasses na lembrança que me traz a ti sempre tão amigo.

Lúcius gargalhou abraçando o jovem Júlio enquanto dizia:

— Bem te avisei, meu amigo, que o senhor Plínio haveria de fazer este jovem mais desenvolvido do que é permitido na atual Roma. Um pouco de sisudez não faria mal a ele.

— Já o tenho avisado de se abster a tantas demonstrações de afeto, que não ficam bem à virilidade de um jovem. Um pouco de circunspecção não lhe fará mal algum, principalmente junto aos servos, aos quais trata com excessiva liberalidade e intimidade.

— Juntarem-se dois homens valorosos quais sois contra mim é covardia — rematou Júlio, simulando com o escudo a posição de defesa.

— Pois entremos, que, por uns dias, não me apanhavas nestes sítios — falou o pretor ao recém-vindo.

— Contas partir?

— Sim. Devo ir à Roma por uns dias e depois retomo às lutas.

Os três entraram através do atrium e seguiram para as salas de jantar, onde depois demandaram os banheiros com banheiras de água quente e fria, para refazimento das forças. Servos singelos e antigos serviam-nos prestativamente. Lúcius aproveitou para contar episódios dos combates passados junto aos seus homens, muitos númides por ele comprados junto ao Fórum Romano (***Fórum Romano — Era o lugar onde se reuniam as assembleias do povo e onde se erigiam os rostros, tribuna para os discursos. Lá se celebravam as festas religiosas, os banquetes públicos etc.***), e tornados livres para o servir.

— Negros valentes e fiéis — comentava ele. — Mas tu estás fazendo muita falta com o teu tino ao avanço nosso. Reservadamente o próprio Imperador me incumbiu de fazer-te retornar depressa, e devo arrebanhar mais gente. Alguns já os tenho em treinos na própria Academia. São patrícios valentes. Bem sabes que um romano vale por cem homens juntos de qualquer outra raça.

— Seguirei logo. Primeiro quero cuidar pessoalmente da cerimônia da entrega da "toga virilis" (***"Toga-Virilis" — Toga outorgada ao rapaz romano que atingia a idade de 17 anos, iniciando-se na vida adulta.***) ao meu querido homenzinho, que sabes está a fazer seus dezessete anos.

— Parabéns! — exclamou Lúcius olhando paternalmente para o jovem Júlio, que acompanhava a conversa cheio de curiosidade. — Sem dúvida, a toga lhe assentará divinamente!

— Deixa-te de malícia, ó centurião, nem estejas a motejar de um jovem romano! — exclamou Júlio com graça.

Os três tiram-se, enquanto Glauco observava que, ao seu agudo rapazinho, nada escapava da leve ironia do amigo de armas.

— E Plínio? — perguntou inesperadamente o recém-chegado.

— Partiu para a Bitínia, mas me favoreceu com algumas cartas a patrícios romanos. Bem sabes que o Senado me encanta. Conto contigo para que me apoies junto a todos, especialmente ao pessoal das fileiras, a fim de que meu prestígio cresça.

— Sabes que podes contar comigo. Também preciso de um favor teu...

— É só dizeres.

— Não sei se te informaram que encontrei teus servos, junto ao porto, e que os contratei por umas horas.

— Quanto a isto não te preocupes. Se acertares com eles poderão servir-te todo o tempo. Podes colocá-los junto ao casario do cais ou nas tendas dos servidores das termas.

— Não é isto. Queria mais informações a respeito de dois jovens do grupo, mais especificamente... um deles...

Glauco entendeu e cerrou o sobrolho. Silêncio caiu entre eles. Depois retrucou:

— Mal os vi quando aqui chegaram. Vinham num barco pesqueiro que soçobrou, junto ao porto. Estavam em estado de penúria e fraqueza extremos. Logo após, parti para o sítio de Laurentis, tendo retomado quase junto comigo. Ainda não os vi. Devem vir a mim durante o almoço, a fim de acertarmos as contas das sobras de sua embarcação, vendidas por meu administrador Virgílio. É coisa bem pouca mesmo. Devo-lhes ainda alguns denários, por trabalhos junto aos rebanhos. Decidirei com eles o que devem fazer. Como vês, não tive ainda ocasião de travar com este

grupo conhecimento maior, e, bem sabes, os servos são tantos que não posso conhecer todos. Deixo, pois, a Igala e a Igana a seleção dos mesmos. Mas, de quem se trata? Podes assistir minhas falas com eles dentro em pouco. Faze-lhes uma oferta.

— O rapaz em questão chama-se Artur. Agrada-me. Queria-o para companheiro. Antes mesmo que os recebesses, poderia avistar-me com eles, e os outros junto aos seus alojamentos?

— Pois seja assim. Procurarei interceder a teu favor.

Glauco pediu que Igala se apresentasse a ele, tão logo pudesse e saindo do banho, o centurião tratou de vestir-se com a roupa militar. Daí a instantes entrava Igana a informar que seu marido estaria voltando junto aos rebanhos. Prontificava-se a substituí-lo nas ordens do senhor.

— Muito bem, Igana. Quero que leves o nobre Lúcius à presença de um jovem do grupo, de nome Artur, para que tratem de negócio entre ambos — e como a serva ficasse indecisa, informou: agora!

Igana assentiu com a cabeça e, seguida de perto pelo centurião, buscou as pequenas casas reservadas aos colonos que serviam na propriedade. Percebia-se que ia tensa, angustiada mesmo, sem encontrar meios de se furtar àquela incumbência. O que se passava era o cuidado que sentia para que ninguém visse Leila, coisa que haviam conseguido até então, mas que, diante do inusitado, parecia improvável continuarem conseguindo. A negra parou diante da porta indecisa.

— É aqui que ele se hospeda? — perguntou o romano percebendo-lhe a preocupação.

— Vou chamá-lo! — falou a mulher fazendo menção de entrar, no que foi barrada por um gesto do acompanhante.

— Não se faz preciso! — ordenou ele, entrando inopinadamente no cômodo, seguido pela serva.

O susto não poderia ser maior para o nobre Lúcius. Deparou com Artur junto a D. Fedra, alimentando sua irmã Leila. A jovem, ao vê-lo, teve um sobressalto e com as mãos mostrou aos dois que

estavam de costas seu espanto. Artur levantou-se rápido, procurando ocultá-la aos olhos do jovem patrício.

— Deixe-me vê-la! — ordenou ele.

Muito a contragosto D. Fedra e Artur saíram da frente da jovem, que continuava a fitá-lo com estranheza.

O centurião deu umas voltas ao redor de Leila. Nada escapava ao seu olhar perscrutador. Artur sentia-se ferido por mil golpes daqueles olhos a desnudar as deformidades da irmãzinha. Os minutos pareciam dilatar-se mais e mais. Por fim, o romano perguntou:

— Pode algum dos senhores vendê-la a mim?

E, ante a estupefação de todos, continuou:

— Costumo tratar bem meus servos. Ela não sofrerá mal algum. Aprenderá a se exhibir com graça. Tenho já algumas raridades. Um anão que comprei em Alexandria, um mouro que engole facas e um cego que prediz o futuro, lendo as mãos, com o tato. A quem ela pertence? Perguntou, por fim, como se estivesse falando de uma transação qualquer, numa feira de animais.

As mulheres olhavam para Artur, que mal podia conter sua indignação.

— E então? — inquiriu mais uma vez o romano.

— Ela não está à venda! — exclamou Artur, saindo do mutismo que se seguira ao espanto.

— Então és tu o responsável por ela. Bem. Melhor ainda. Estou disposto a pagar mais ainda. Gostaria de ter a ambos. A ti e a ela. Tu me agradas. Gostaria que me servisses particularmente.

Artur percebeu que recusar a um oferecimento daqueles poderia ser considerado ofensa grave, mas retrucou:

— Nobre patrício, já estamos a te dever os favores que nos fizeste junto ao Porto, através da colocação que pleiteamos. Nos comprometemos nisto e, além do mais, temos contas a prestar ao senhor destes sítios, a quem devemos tanto. Quero que compreendas também que sei das predileções dos romanos por pessoas portadoras de defeitos, mas esta jovem, Leila, é minha

irmã, e não gostaria de vê-la exposta à curiosidade dos outros. Para tanto, eu trabalharei por nós dois.

O militar andou pelo aposento ruminando alguma ideia, depois respondeu:

— Tuas tarefas no porto podem encontrar substitutos, e, se não queres expor tua irmã, é uma pena, pois ela não sofreria e eu pagar-te-ia regamente. Pensa no que te disse, no entanto, pois ficarei aqui apenas três dias. Depois disto, devo tornar à Roma e à Dácia. Apreciaria levar-te comigo.

Lançando um último olhar ao grupo, o nobre sorriu para Leila, que se acalmou com aquela demonstração de agrado, saindo de retorno à casa da fazenda.

Igana informou, então, a Artur e D. Fedra que o nobre Glauco os esperava, com os demais membros do grupo, logo após o almoço, para a prestação de contas. E Leila deveria também lá comparecer. Cheios de apreensão procuraram alimentar-se e vestir Leila de forma mais adequada, a fim de esconder suas deformações. Depois se incorporaram aos demais e juntos foram levados por Igana à sala de jantar onde, reclinados nos tricliniuns, nos esperavam pai, filho e conviva.

Eu ainda não sabia do encontro havido com mamãe, Artur e Leila. Percebi que Artur estava mais abatido e nervoso que de costume, mas atribuí isto ao fato de ser obrigado a apresentar a irmãzinha aos olhos estranhos. Rogava a Deus que aquela entrevista nos fosse propícia. Igana nos informara que o pretor era muito gentil e justo. Marco pedira permissão para falar em nome de todos. Respeitosamente, esperávamos que ele nos dirigisse a palavra.

Depois de nos examinar detidamente, o senhor tomou nas mãos uma tabuinha coberta com cera e um estilete que usava para marcar a mesma. Conferiu alguns números e informou:

— Seu barco fora arrematado pelo preço ínfimo de apenas 30 denários. **(Denário - Moeda romana)** Minha dívida para com os senhores seria maior não fora os dias improdutivos até o restabelecimento de todos. Têm, portanto, ainda em haver mais 10

denários apenas. Devo partir dentro de três dias e ficarei duas semanas em Roma. Se os homens quiserem partir comigo, para a frente de combate, receberão, após anos de serviço, a cidadania romana.

— Além disso, pedi a Igana, minha serva de confiança, que me requisitasse novos servidores, pois dois de meus assessores perderam a vida no campo de batalha. Ela me informou que poderia contar com os préstimos de seu grupo, exceção evidente à jovem que aqui está (e apontou para Leila). Devem convir, no entanto, que dois, ou melhor, três dos senhores já têm idade avançada. Terão que ficar em Roma ou aqui na propriedade. Precisam decidir-se neste dia ou depois no outro. Além disto, meu amigo, o nobre Lúcius, demonstra interesse por sua sorte. Oferece bom salário ao jovem Artur, e sua irmã, ao jovem Marco, e a Fábio, se o acompanharem.

— Devo, no entanto, atender a uma outra tarefa que contratei com o nobre Lúcius — falou Marco, após um gesto em que pedia licença para expressar-se.

— Não haverá impedimento quanto a isto — falou Lúcius — Apolônio me acompanha onde vou. Trabalhará em tua estátua fazendo moldes de argila de teu porte e feições. Os combates já estão quase no fim. Não ficaremos muito tempo longe de Roma.

— Perdoa-me a impertinência — tornou a dizer Marco — mas somos um grupo amigo e unido de longa data. Não gostaríamos de nos separar uns dos outros.

— Os mais idosos podem ficar no meu palácio no Palatino. Há jardins e tarefas domésticas a fazer. Os jovens terão maior oportunidade junto às milícias; — comentou Glauco — pensem e decidam-se.

Tomando de uma bolsa de couro, o pretor entregou-a a Marco, dando por encerrada a conversa.

Saímos em silêncio, indo confabular nos aposentos a nós reservados. Angústia e temor nos assaltavam. Não tínhamos muito o que escolher. Partir a Roma. Abandonar aqueles campos. Era evidente que o nobre Glauco pleiteava o assédio de Lúcius junto a

Artur, Marco e Fábio. Após conjecturas muitas, tornamos aos nossos afazeres sem havermos resolvido quanto a atitude a tomar. Toda cautela era necessária. Ficara-nos uma certeza. Perdêramos a oportunidade de permanecer ali. Graças à interferência do visitante, o pretor como que nos obrigava a novos rumos.

Marco guardou os poucos dinares que nos haviam sido entregues. Entre a incerteza eu não encontrava, em mim mesma, palavras que pudessem animar a todos. Fábio sentia-se furtado dos planos que idealizara junto a Tímon. Sabia que não tinham ainda quantia que lhes bastasse para a execução dos sonhos. Seria preciso, pelo menos, cinco anos ainda de árduas tarefas e muita economia para juntos podermos comprar alguma gleba. Papai aventara a possibilidade de comprarmos passagens em algum barco e partirmos dali. Mas, também isto era impraticável.

Quando a noite chegou, o abatimento era geral. Ninguém sabia como solucionar o impasse. Somente então mamãe me deu ciência do encontro que haviam tido com Lúcius e da proposta deste. Eu mal podia crer no que ouvia.

Como era possível que aquele homem tivesse coragem de querer comprar Leila? Bem podia eu imaginar o sofrimento de Artur, quando da proposta. Ver-nos assim, de mãos atadas, sem nossas terras, longe de nossa Ilha, impedidos de tornar, atados como um feixe de varas, para a fogueira, deixava-me em fúria. Era jovem, ardorosa, destemida. Via-me sempre arrojada por uma franqueza que não temia nem mesmo a morte, quando a indignação me atingia. Esquecia a prudência, a calma. Se terna com os que amava, às vezes ficava impiedosa para com os outros, através de um julgamento exigente.

— Mas que grandessíssimo pretensioso! — bradei no auge da inconformação. — É certo que não devemos servir a este nobre cheio de empáfia, tão cheio de vento quanto os véus brancos que lhe esvoaçam dos ombros.

— Calma, Mariita — ponderou mamãe — vê lá o que dizes. Artur já o fez ver que não pretende expor a irmã aos espetáculos e ao riso alheio, Não estejas tu, com as tuas explosões, a atrair a má vontade dos romanos.

Vendo que, com mamãe, não podia dar vazão à fúria que me dominava o raciocínio, protestei qualquer razão e saí em direção ao cômodo onde sabia meus amigos nômades se abrigavam. Queria arrancar a Igana todas as informações referentes àquele homem. Necessitava desabafar o descontraído furacão de sentimentos que se desencadeava dentro de mim. Precisava resolver que caminho tomar, como agir, e, apressada, adentrei o recinto mal iluminado, vindo a ver minha amiga, que, abraçada a um pedaço de pano, chorava desconsoladamente.

— Igana! — bradei surpresa, varrendo de inopino da mente as ideias que me assaltavam.

Ela se voltou, ao meu brado, e tentou ocultar as lágrimas e o tecido simultaneamente.

— O que ocorre? — perguntei aproximando-me e tomando-lhe as mãos.

— Não é nada — disse-me ela forçando um sorriso.

— Como, não é nada? Não me enganas. Vi-te e como choravas. Por que o negas? Acaso existe algo que nos ocultas? Teu pranto corria por nossa causa?

— Não. Já te disse que não é nada. Bobagens de mulher.

— Não confias em mim? Por que ocultaste o tecido que amarravas junto ao peito? São lembranças de teus filhos?

Igana não pôde mais conter a torrente de lágrimas que estancara à minha chegada. Atirou-se nos meus braços soluçando:

— Ah! Mariita! Não és mãe. Não podes imaginar que pequeninas coisas nos ferem o peito, por adagas de sacrifício, martírios ou alegrias. Crês que até de alegria se chora? Este lenço... — e ela me mostrava o que andara a esconder — Olha! Ele me lembra meu Quima. Meu pequeno fazia projetos com o pai de um dia comprar-nos alguma terra e dizia a rir-se que me daria roupa de seda, que são pagas a preço de ouro. Vêm de muito longe! Acho que ele confiava seus sonhos ao seu amigo, Júlio, e este, ao saber, ou quem pode dizer, porque razões ocultas, mandou-me este

lenço. Toma! Vê como é lindo! Macio. Gostoso. Não posso usá-lo, mas é como se ele me trouxesse meu Quima de volta.

Sem que eu ou Igana percebêssemos, apenas sentindo as suas emanções amorosas, realmente o espírito de Quima estava presente; fora ele quem intuíra Júlio à compra daquela prenda de amizade. Emocionada com sua presença eu ouvia minha amiga que prosseguiu:

— E meus outros dois rapazes? Onde estarão? Oh! Mariita! Quantas vezes oculto meu pranto para não desanimar Igala e peço a Jesus perdão por desejar a morte. Crês que, se não fora pela esperança de ver os dois ausentes, acho que já teria morrido de dor!

Abracei-a com muito amor, como se com meu afeto pudesse abandonar-lhe a dor, mas ela se recompôs e, notando que eu ali fora com alguma finalidade, me inquiriu:

— O que andas fazendo a esta hora da noite? Por que me procuras?

— "Mãezinha" — falei com doçura — Meu egoísmo fez-me esquecer tua dor, e só pensar na minha revolta, raiva mesmo.

— De Lúcius — concluiu ela com lucidez.

— Sim. Este homem não veio aqui à toa como parece. Ele persegue algum objetivo. Quer alguma coisa e não sei o que é. Tudo farei para que não o tenhamos que servir. Prefiro ficar aqui bem sabes.

— No entanto, Mariita, o nobre Glauco não os tem escolhido para ficar. Creio que a instâncias do amigo. Não aconselho a que partam com os pequenos recursos em mão. Roma não é tão ruim assim, quanto possa parecer, minha querida. Verdade que há costumes velhacos. É como se lá as criaturas afivelassem máscaras ao rosto. Nem todos os servos ou agregados do palácio são amigos, mas estaremos juntos lá. Conto aliciar Silvia para o trabalho nosso. Há tarefas na cozinha, na despensa, nos jardins, na arrumação da casa, no trato aos senhores, já que Júlio lá ficará. Sabes que gosto muito dele. Quero acompanhá-lo como faria ao meu próprio filho. É um homenzinho valente, bom. Tu o viste. Gostarás dele. Tenho certeza.

— Mas, e Lúcius? — perguntei, dando a ver minha preocupação.

— Ora, não poderá intervir, se os homens estiverem servindo a Glauco.

— Bem vêes a teimosia de Marco em posar para aquela estátua. Já decidiu com ele por isto.

— Marco se preocupa com o dinheiro, mas sabe o que faz. Deves confiar nele.

Igana, mais amadurecida que eu, percebia em mim que as verdadeiras razões de minha cólera a mim mesmo ocultava e procurou falar-me francamente:

— Acho que a tua ira tem outras raízes, Mariita.

— Que dizes? — perguntei em sobressalto.

— Estás com ciúmes ou cuidados por Artur. É por causa do assédio do centurião, não é mesmo?

Meu rosto afogueou-se vendo que minha amiga sabia ver melhor do que eu meus sentimentos. Quis retrucar, mas o olhar dela me desarmou.

— Não fiques assim, menina. Artur tem muito carácter e gosta de ti. Só um cego não vê. Ele saberá contornar a situação. Não te acanhes comigo. Acho que não têm outra opção a fazer. É ficar como agregados no palácio do nobre Glauco. Logo os romanos partirão para o campo de luta e nós ficaremos livres para tomar aqui, quem sabe?

— Não pode acontecer de nos levarem para a batalha?

— Não. Sabemos que a guerra está quase no fim. Os redutos de resistência são poucos. O senhor logo tornará. Sua ambição o prenderá aos cargos civis em Roma. Agora... minha preocupação é com os jovens. Talvez queiram ir à luta.

— Nossos ideais cristãos nos falam de paz.

— Sim. Eu sei, mas creia que o dinheiro ofertado não é pouco. Talvez ingressem como batedores ou fiquem à retaguarda. Igala já me tem dito que desejam seguir. Meu marido acredita que,

nas fileiras, e atravessando o país encontrará maior oportunidade de pesquisar sobre nossos filhos. Conta ficar com Glauco como seu guarda-costas. Também por isto eu chorava. Temia separar-me dele, mas reconheço que, em Roma ou na batalha, teremos maiores chances de encontrar nossos rapazes.

Igana se calou. Eu, evidentemente acalmada com a sua serenidade, tomei a meu aposento e ajudei mamãe a colocar Leila na cama. Ela me cientificou que, daí a dois dias, partiríamos para Roma a serviço do pretor. Fora decisão de todos. Preocupados conosco, Tímon, Ambrósio e Silvia tinham se oferecido para seguir juntos.

No dia seguinte, a resposta seria dada ao senhor.

Preocupada demorei a conciliar o sono. Pensei em todas as peripécias que nos tinham acontecido desde o instante que, através dos dons recebidos, vira Leila pela vez primeira. Tangida por entidades invisíveis, comecei a pensar em usar os mesmos recursos, a fim de auxiliar Igana, para que se conseguisse encontrar seus dois filhos, Imulo e Atúmi. Fiquei uns instantes em dúvida, pois sabia que mais do que de mim, dependia, para o sucesso das pesquisas, do auxílio das entidades espirituais que me ajudavam no desdobramento. Como preparo à pesquisa que me propunha fazer, orei mentalmente, uns instantes, rogando a Jesus sua assistência e de seus divinos emissários. Findo o preparo, concentrei-me no nome dos filhos de Igala, repetindo-os sem cessar:

— Imulo e Atúmi! Imulo e Atúmi!

Comecei a ficar zozza e, por uns instantes, tive receio de dormir e perder a concentração em meu objetivo. Com os olhos cerrados, continuei murmurando os nomes: Imulo e Atúmi...

Era como se eu os chamasse e, ligando-me mentalmente a eles, os pudesse ver. Percebi que saía do corpo, seguida de perto pelas duas entidades que me ajudavam.

— Preciso ver! Quero lembrar — eu repetia enquanto me afastava pelos campos dourados de trigo. Sentia a brisa noturna bafejando-me o rosto. Persistia na evocação dos nomes que me preocupavam. Queria ajudar Igana. Após conseguir isto, pretendia ir

ter com Lúcius e sondar-lhe os projetos. Repetia, sem saber, velhos costumes de vidas passadas, quando fora Marta (***Os episódios das vidas de Mário e Marta serão posteriormente narrados no livro "De Mário a Tiradentes", do dr. Tomás Antonio Gonzaga.***), a pitoniza, e granjeara fama e fortuna ao servir Mario, o militar, que era, nada mais nada menos, que o senhor Glauco. Meus antecedentes como pitonista levavam-me a procurar espiritualmente a solução dos problemas que me afligiam e aos meus amigos.

Em velocidade, seguia distante e meu corpo estremecia, ao choque das vibrações que aquela carreira me produzia. Primeiro vi a luz de um acampamento. Andando por ele, deparei com um árabe de barba cerrada e com o turbante a lhe cair sobre a testa e o véu aos ombros. Tendas muitas se alinhavam, rente a uma mata de vetustos olivais. O Árabe andava de um lado a outro. Sentados aos magotes no chão, muitos negros acorrentados esperavam, tiritando de frio. Ouviu-se o tropel de uns cavalos e dois militares romanos chegaram. Vestiam-se à moda do nobre Lúcius, com capas de lã vermelha a lhe caírem às costas e os capacetes ornados por plumas coloridas. Apearam. Saudaram-se e puseram-se a conversar. Os recém-chegados examinaram os negros, quase mortos de frio e cansaço no chão. Voltaram a discutir com o árabe. Depois de algum tempo, pareceram entrar num acordo. Os romanos lhe entregaram alguns sestércios e o árabe os negros. Os pobres homens ergueram-se, então, e foram constrangidos a seguir adiante. Eu os via passar em fila indiana, com os pés presos por algemas de ferro e correntes a lhes maltratarem os tornozelos. No meio daquele magote de gente de cor, dois rapazes me atraíram a atenção. Eu tive certeza. Eram Atúmi e Imulo, os filhos de minha amiga. Igana. A intuição dela e do marido não falhara. Seus filhos estavam sendo levados, como prisioneiros, para a frente de combate. Tomei a mim para dormir, logo em seguida. Meu espírito buscava Lúcius e Artur. No entanto, agora sentia-me sozinha, sem a assistência das entidades que me haviam acompanhado há pouco. Só minha teimosa persistência impelia-me com dificuldade até os aposentos de Artur. Vi-o adormecido junto a Leila. Desejei conversar com ele, instá-lo a não se deixar levar pelos argumentos do centurião. Como que atraído pelo meu pensamento entrou no aposento o espírito de

Artur, o qual, apesar de o reconhecer imediatamente, trazia indumentária e fisionomia diferentes das que eu conhecia até então. Vestia-se à moda romana, a toga senatorial caía-lhe em dobras aos pés e um manto púrpura estava atado aos ombros. Espantada, vi-me transmutando aos seus olhos. Meus cabelos tornaram-se negros e ondulados. Anéis, pulseiras, colares vários enfeitavam-me braços, tornozelos e colo. Roupas de seda colorida e extravagante, muitos véus a me caírem dos cabelos e ombros, sandálias de pedrarias. Artur olhava-me com um certo desdém, feito de orgulho e desprezo. Eu me assombrava com a transformação que via em nós ambos.

— Sempre tu! Sempre tu! — falou-me com mágoa na voz. — Já não me bastam os erros de antanho? Por que me persegues?

Suas falas feriam-me fundo, despertavam em mim um orgulho feito de amor próprio, e uma ponta de malícia e ironia que me pareciam desconcertantes. Sem contudo reconhecer meus modos, fitei-o desafiadoramente:

— Não adianta mascarar o presente com as cores de ontem. Ainda te amo! Não contes fugir-me com artifícios. Aliás, mágicas são minha especialidade. Ou te esqueceste? Não era eu a pítia? Não era eu a feiticeira?

Avancei para ele resoluto. Confrontamos os olhos. Eu o desafiava e ele não fazia o menor gesto de recuo. Pousei minhas mãos em seus ombros, beijei-lhe os lábios, ele evitou qualquer reação às minhas investidas. Via-se que se continha a custo, porém. Os olhos marejaram-se ligeiramente. Com um gesto ao longo do corpo, despi-me de todos os atavios, voltando a ser o que era. Tentei em vão mudar-lhe a fisionomia e as vestes. Persistia em se apresentar à moda romana, como Sextílio (***Sextílio — Parte da vida de Sextílio estará no livro "De Mário a Tiradentes".***), Governador de Cartago que fora. Estávamos assim, frente a frente, quando entrou o espírito de Lúcius. Trazia a mesma tez e a altivez romana. Saudou-nos com um aceno de cabeça e avançou para mim, tomando-me o braço com certa rudeza:

— Então estás aqui? Finalmente nos encontramos. E desta vez não me hás de escapar!

Com um gesto rápido escapei e fugi apressada voltando ao corpo. Acordei assustada de um salto. Lembrava-me perfeitamente do "sonho" Vivido. Mas a recordação do beijo que dera um Artur dava-me tristezas infindas. Era como se eu o houvesse perdido. Chorei desconsoladamente, sem conseguir explicações maiores para todo aquele absurdo. Tentaria mais tarde conversar com sr. Venâncio a respeito e também com Artur, a ver se nele haveria qualquer indício de repulsa quanto a mim.

Ergui-me. O Sol principiava a surgir. Tínhamos ainda um dia estafante pela frente. Mas eu haveria de ficar junto a Artur. Precisava vê-lo, falar-lhe, saber de seus projetos e de seus pensamentos mais secretos, com relação a Lúcius.

Tomamos nossa refeição matinal. Dirigimo-nos ao redil. Particularmente, confidenciei à Sílvia a necessidade de estar junto a Artur. Trocamos de lugar. Ela se incorporou ao meu grupo familiar, com satisfação. Percebi-lhe a Inclinação afetuosa para com Marco. Acompanhei sr. Venâncio e relatei-lhe o ocorrido durante a noite. Ele prometeu pensar no assunto, mas desde já confidenciou:

— Não existe acaso. Eu estou longe dos meus por algum motivo. E tu estás junto a Leila e Artur por motivos que te escapam, quando em vigília, mas que persegues, durante o desprendimento da noite. O passado está a te cobrar hoje atitudes mais modestas. Tu te viste e a ele em condições mais nobres, embora desconheças a indumentária que te cobria, pela descrição eu posso quase afirmar fosse súa. Mariita, sabes que vivemos várias vidas, mais de uma vez tocamos neste particular em nosso grupo. Acautela-te de entrares em choque com Artur. Não te imponhas a ele e deixa-o escolher o que lhe convém. És uma menina valente, mas obstinada, teimosa. Os momentos pelos quais estamos passando podem ser decisivos à nossa presente vida. Já te percebi outro dia uma certa animosidade para com o romano Lúcius. Evita isto. Segundo Jesus devemos amor e respeito a todas as criaturas, ainda mesmo àquelas que não comungam nossos costumes e ideias. Minha filha, afugenta estes sonhos da noite. Não lhes dê valor maior do que têm. Com relação a Atúmi e Imulo sim, creio que devas contar à Igala e esposa. Acho que foi uma revelação, mas outras visões

podem estar confundidas, entre a realidade e teus íntimos desejos. Ora a Jesus e procura ser providente, que, logo mais à noite, teremos a última reunião de nosso grupo, nestes campos tão queridos ao meu coração. Quem sabe, então, Jesus não nos indicará quanto ao caminho a tomar? Confiemos em Deus e cuidado, menina. Artur tem sido um jovem corajoso e sofrido. Não estejas tu a lhe criares mais embaraços.

Contrariada com os conselhos de Venâncio, conquanto lhe reconhecesse a sinceridade, procurei aproximar-me de Artur com o fito de sondar-lhe os projetos. Enquanto os rebanhos se sedentavam em pequeno fio de água que fora criado artificialmente na propriedade, aproximei-me dele, entabulando conversa:

— Artur, desde há muito preciso falar-te. Soube por Igana das propostas do centurião quanto à Leila. Revoltaram-me muito. Agora que contamos partir para Roma, a serviço do pretor, estou muito apreensiva.

— Não gostaria que ficasses por este modo — falou-me. — O centurião não me ofendeu, como supões. Agiu dentro dos costumes que lhe são próprios, mas declinou de insistir, diante de meus sentimentos "a respeito. Não ignoras que muitos vendem filhos, parentes e estranhos aos espetáculos particulares, em palácios no Aventino e Palatino. Ignoras, e isto é minha culpa, pois nunca te referi meu passado, mas depois de partir de minha casa, minha gruta, estive na Sicília (**Sicília — Grande ilha mediterrânea, terra fértil, vinhos, óleos e cereais. Pertenceu aos gregos, depois aos vândalos e normandos.**) e, depois, na própria Roma (**Roma — Cidade que foi, durante muito tempo, senhora do mundo. Capital do Império Romano.**) dos Césares, trabalhando para muitos patrícios. Tornei apenas para buscar Leila e, neste retorno, meus poucos recursos se esvaziaram. Não desconheço, no entanto, os costumes romanos. O nobre Lúcius não me ofendeu, como supuseste, nem é o depravado que julgas.

Sua admoestação feriu-me profundamente. Tinha ainda impressa em meu espírito a lembrança do encontro espiritual à noite, o qual me parecia mais vívido que nunca.

— Estás então disposto a servir a este centurião, contra quaisquer argumentos ou conselhos que eu possa dar-te? Fá-lo-ás mesmo que eu te peça? — argumentei com a voz embargada.

Artur mordeu os lábios aborrecido, mas respondeu sem titubear:

— Mariita, por favor, quero-te muito, e tu sabes, embora finjas nada perceber com certa desfaçatez. Porém, para os fins a que nos propomos, creia-me, Lúcius será um aliado útil. Não me estejas a fazer chantagem de carinho. Não temos muitas opções. Glauco é previdente, mas Lúcius é mais pródigo para seus servos. Ele respeitará Leila e a mim, fica pois, descansada.

Eu me encantara com seu modo carinhoso, ficara feliz por suas palavras quanto aos sentimentos que me tinha, mas não me equivocava diante da fortaleza de suas resoluções. Não podia, contudo, mudá-las como pretendia e afastei-me sem nada dizer, a fim de procurar Igala e lhe dizer das revelações que a concentração noturna me dera.

Ele não pareceu surpreso com as novidades. Pela sua própria percepção tinha certeza de que encontraria seus filhos no campo de luta em terras da Dácia.

— Vendidos pelos árabes — comentou simplesmente, após me agradecer pela preocupação.

A hora do almoço chegara e, tomando nossos farnéis, sentamo-nos a sombra das árvores e comemos o queijo fresco e pão que havíamos trazido Junto a um pouco de nozes.

XVI - A Caminho

Durante a reunião cristã, à noite, muitos foram os fatos que se deram, porém, tudo nos levava a crer que realmente não tínhamos meios de nos afastar da rota indicada. A Roma Imperial dos Césares era nosso destino. De minha parte isto me contrariava profundamente. Desde que, após a tempestade, reconhecera-me na Itália, tentara enganar-me dizendo que jamais pisaria em Roma. A simples ideia de lá ir me punha calafrios. E era inexplicável, já que

eu não a conhecia, senão das referências que ouvia, e pelo que se dizia, era uma cidade maravilhosa, cheia de vida e bulício, repleta de novidades, templos, pódiums, palácios, e ruas maravilhosas, onde os romanos, em liteiras ou a pé, passavam. Lá se veria uma mescla de tudo de belo e bom que o mundo tinha. Para Roma convergiam todas as riquezas, todos os bens dos povos conquistados. Aborrecia-me comigo mesma, com a resolução que tomáramos, com a conversa que mantivera, pela manhã, com Artur, mal arranjei minhas coisas para a viagem, que seria encetada logo pela manhã. Orei, maquinalmente quase, e desejei chorar, sem encontrar forças para fazê-lo, enquanto o sono não chegava. Dormi pouco e mal. Só pude concluir que, tanto quanto a capital romana atraía muitos, a mim me aterrorizava. Eu não sabia, contudo, porque.

Antes mesmo que o sol viesse, Igala veio nos acordar. Tomamos uma pequena refeição e, reunindo os poucos pertences que tínhamos, encontramos a caminho com o grupo de cristãos que ficariam na propriedade. Vinham carinhosamente despedir-se de nós e traziam referências com respeito a um certo sapateiro que poderia nos ligar a irmãos da mesma crença. Aguardamos em frente a senhorial mansão que Glauco e Lúcius, bem como sua caravana de soldados, seguissem à frente. Vendo-nos submissos às suas ordens o pretor seguiu ao lado do filho e do amigo que sorria pela nossa adesão, e acompanhamos atrás em silêncio.

Eu jamais supusera que as estradas romanas fossem tão magníficas. Eram realmente muito bem construídas, e viam-se, de longe em longe, guarnições de soldados guardando-lhes os flancos, a fim de impedir a ação dos salteadores comuns. Pontes largas e bem feitas aquedutos e propriedades bem cuidadas, suntuosas e amplas, desdobravam-se aos nossos olhos. Paramos em alguns postos de muda e refizemos as forças. Alimentamo-nos junto aos servos das mesmas e depois prosseguimos ininterruptamente. Algumas vezes, Lúcius procurava aproximar-se de nós, a fim de auscultar nossos interesses e resoluções. Não mais formulara a estranha proposta que fizera a Artur quanto à compra de Leila. Pelo contrário, estava obsequioso de maneiras. Em uma destas vezes,

procurou-a diretamente, presenteando-a com algumas nozes e uma maçã, com que se alimentasse. A mim olhava com certa curiosidade, como se pressentisse minha prevenção contra ele. Aproveitava-se da viagem para conquistar a simpatia de todos.

Após alguns dias cansativos, avistamos a cidade. Atravessamos o Fórum e, apesar de já esperar pela magnitude dos seus edifícios, ela excedeu em muito tudo o que ideara. O templo de Castor e Pólux, o das Vestais, o de Isis, e os montes longínquos cheios de verdor e residências, as ruas estreitas e os sobrados altos, prédios de até sete andares se viam serpenteando no Viminal. ***(Castor Pólux — Chamados os Diúscuros, heróis mitológicos, que, transportados para os céus, transformaram-se na constelação de gêmeos. Vestais — Sacerdotisas do templo de Vesta, que deviam cuidar do fogo sagrado, e obrigavam-se à castidade, enquanto durasse seu mistério. As que violavam este voto ou deixavam que o fogo se, apagasse eram enterradas vivas. Isis — Divindade egípcia, chamada Sait ou Tsit, irmã e mulher de Osfris, mãe de Horo, deusa da medicina, do casamento, da cultura, do trigo. Havia um templo egípcio em Roma em homenagem a esta deusa. Viminal — Colina da antiga Roma, onde estavam as termas de Diocleciano (245-313 d.C.).)*** Dirigimo-nos ao Palatino ***(Palatino — Uma das sete colinas da antiga Roma, onde, segundo a tradição, foram construídas as primeiras habitações. Os imperadores aí fizeram as suas residências.)***, onde Glauco e Lúcius tinham suas habitações. Foi, então, que tive uma das experiências mais desconcertantes e terríveis de toda a minha vida. Havíamos apeado das montarias e todos se dirigiam, através dos jardins bem tratados para o palácio. Era tardinha e o sol punha laivos de ouro nas nuvens, dando a tudo um tom doirado, cheio de radiosa beleza. Os bordos das nuvens rebrilhavam em cintilações que iam do branco mais dorido à vista ao amarelo esmaecido e fiquei uns instantes parada, apreciando a beleza daquele cenário, do céu, que me produzia uma vaga sensação do "já visto", do "já acontecido". Artur, que seguia quase ao meu lado, amparando a irmãzinha, percebeu que eu estava com expressão estranha, como se evocasse fatos muitos raros do passado e parou observando-me. Voltando-me para ele balbuciei

como sonâmbula: **(Desdobramento sonambúlico — Ver perguntas 425 a 438 de "O Livro dos Espíritos", de Allan Kardec.)**

— Olha, que lindo! Elas presas aos céus e nós presos à terra.

Antes mesmo que pudesse ouvir a resposta que ele me dava, senti Uma vertigem estranha. Voltei as vistas para o alto da rocha Tarpéia **(Tarpéia — Rochedo de onde eram atirados os traidores de Roma.)**, magnetizada por uma estranha entidade que me perseguia, e vi-me, de repente, arrebatada em espírito para o alto da referida rocha de Tar-péia,³² sendo, de lá do alto, arremessada por uma multidão em fúria, em gritos insanos para baixo, numa terrível e monstruosa queda, que me ia dilacerando o corpo ao embate das pancadas fortíssimas nas rochas.

O que se passara, então, em nosso pequeno grupo fora que eu, dando um grito, precipitara-me a correr pelas aleias, chocando-me contra tudo o que me estivesse à frente. Artur, aturdido com minha atitude, largou Leila e correu no meu encalço, até alcançar-me e prender-me junto de si, enquanto rogava em pensamento a Deus nos valesse, pois reconhecia o absurdo de minha atitude e só podia atribuí-la a um momento de insânia. Quando ele me tocou o simples contato de suas mãos amigas livraram-me do arrebatamento a que me vira constrangida pela inimiga espiritual e tomei, a mim, em pranto desconexo.

— Que horror! Que horror! — era tudo o que conseguia balbuciar, aninhada em seus braços robustos, e chorando copiosamente.

— O que acontece? -- perguntava-me ele, procurando acalmar-me, enquanto me acariciava os cabelos em desalinho. — Corrias desatinadamente, em gritos de socorro, e lançavas teu corpo contra as árvores e bancos das aleias — dizia-me ele carinhosamente.

— Eu não sei dizer o que houve — respondi entre soluços, enquanto os outros membros de nosso grupo se aproximavam de mim apreensivos. — Vi-me no alto daquela rocha que se vê lá adiante, e muita gente me empurrava pelo abismo abaixo! Já sonhei

com isto tantas vezes! Agora sei! Foi lá, sempre lá, que meu pesadelo acontecia! Ah! Por que tivemos que vir para este lugar horrível? — dizia em pranto.

— Acalma-te, Mariita. Isto já passou. Devem ser vertigens do cansaço da viagem, que a tua preocupação com todos ampliou. Estás melhor, não é mesmo? e Artur enxugava-me desajeitadamente com a túnica as lágrimas que teimavam em continuar correndo.

Papai, mamãe e meus irmãos, bem como os outros nos cercavam e ele ficou constrangido uns instantes. Depois explicou que eu tivera uma visão de pesadelo e não pudera me conter, diante do espetáculo horrível que presenciara.

Os nobres já haviam adentrado as largas colunas que conduziam ao interior e os soldados haviam ficado na cidade, junto aos seus alojamentos. Somente uma escolta pessoal nos seguira até aqueles morros e também já procurara seus próprios aposentos. Serpenteando por trás da rica vivenda, nosso grupo se alojou em casas de tijolos rebocadas e limpas que se estendiam por trás da propriedade, em meio aos mais encantadores jardins que jamais vira em toda minha vida. Um tanque com peixes coloridos deixava entrever os nenúfares (***Nenúfares — Planta ninfeácea aquática. O nenúfar branco é o lótão-sagrado dos egípcios.***) boiando na água dando um toque quase oriental ao ambiente. Aquele recanto cheio de beleza e silêncio, só interrompido pelo cantar dos muitos pássaros que, àquela hora, se recolhiam aos ninhos trouxe-me de volta a paz perdida por instantes.

Nossa família ficaria com Igala e a esposa, enquanto Artur, Leila, Tímon e Silvia tomariam outro pavimento. As habitações eram despojadas, porém limpas e suficientemente propícias, com quartos pequenos, onde nos acomodariamos. Como mamãe se apegasse à Leila e ficasse por ela apreensiva, Artur prometeu que diariamente a traria a nós, durante o período diurno, recolhendo-a à noite. Tratamos de nos alimentar e descansar. No outro dia, logo cedo, nossas atividades no novo recanto principiariam.

Quando me preparava para dormir, o bom amigo Venâncio aproximou-se de mim, a instâncias de meus pais, que estavam

ainda aturdidos com minha atitude ao ingressar na casa.

— Mariita, queres falar comigo sobre o que aconteceu esta tarde, contigo? — perguntou obsequioso.

— O que há para dizer? — perguntei abatida. — Crês que eu enlouqueci por um momento, como jamais supus me pudera acontecer? Não posso dizer do terror que se apossou de mim, sem sentir medo — falei.

Com jeito, o bom amigo fez-me narrar tudo o que acontecera.

Depois, com um sorriso gentil, afagou-me a cabeça, balbuciando:

— Querida, afugenta os temores. Por certo, o cansaço pregou-te uma peça. Além do mais, quem sabe tenhas vivido nestes lugares em alguma outra existência e assististe, então, as cenas que evocaste quando da visão dos mesmos sítios. Creio que isto não há de se repetir. De qualquer forma, permite que eu te abençoe, em nome do Cristo, a fim de que ele te proteja contra outras incursões deste tipo, fora do próprio corpo.

Assenti e ele deu-me um passe, com as mãos estendidas sobre minha cabeça. Estremecimentos vagos me sacudiram o corpo. Sentia uma corrente deliciosa descendo pelos membros e corpo. Venâncio me limpava todo o organismo das vibrações mais pesadas projetadas sobre mim pela entidade que me assediava e que ele via, mas calava. Atingida pelas emanções amorosas de meu amigo ela se afastou ruminando projetos e proferindo ameaças. Pude graças a isto dormir em paz, para acordar apenas no outro dia com Igana que me chamava para as tarefas que nos esperavam.

— Acorda, Mariita. Tua mãe e Leila já se encontram na cozinha em trabalhos para o almoço dos senhores. Devemos ir até ao Fórum, a fim de procurar peixe fresco, segundo orientação dos patrões. À noite, aqui haverá uma festa, a fim de apresentar à sociedade o jovem Júlio. Apressemos-nos, que os rapazes e os senhores nos esperam. O dia promete ser de muitas tarefas.

Levantei-me de um salto, quase esquecida dos estranhos fatos da véspera e tratei de me preparar convenientemente, penteando os cabelos e puxando-os para o alto. Após uma ligeira

refeição encontramos Artur e Marco, Fábio e Tímon já à nossa espera. Iríamos a cavalo até um certo trecho e depois a pé, já que não era mais permitido atravessar a cidade em montaria. Após as compras dos mantimentos os jovens nos ajudariam a levar os mesmos até às montarias e a carroça que ficara a espera e tomaríamos. Eles, contudo, procurariam tomar até o Ginásium, no campo de Marte, onde os esperava Lúcius com tarefas outras.

Tratamos de nos pôr a caminho. Sílvia ia cheia de graça, à frente, trajando uma túnica à moda romana. Papai e Venâncio conduziam a carroça. Igala havia ficado junto aos senhores para providências junto a mansão, que deveria ter toda a prataria brilhando, as estátuas decoradas com flores e o salão de festa perfumado e enfeitado para a ocasião. Nem se furtaria a tais tarefas que o empolgavam.

Ambrósio ficaria na casa a tratar dos animais, e mamãe providenciava, com outros servos, a limpeza completa de todos os utensílios da cozinha, até nossa volta.

Antes mesmo de fazer as compras, Igana dirigiu-se conosco a uma vivenda de uns cinco andares. Ficava no Quirinal (***Quirinal — Uma das colinas sobre as quais estava construída a antiga Roma e situada a NO da cidade.***). Explicou-nos:

— Mora aqui Dimitrius, que é um excelente cozinheiro, muito requisitado por todos os patrícios para suas festas. Não apenas seus quitutes excedem a tudo o que tenha visto, mas as montagens são graciosíssimas. O nobre Glauco apreciaria que ele preparasse a ceia de hoje à noite. Muitos servos foram expedidos logo cedo com convites aos senadores e magistrados e precisamos contar com a adesão dele às festas.

Batendo palmas à porta, logo um negro forte atendeu-nos prestativo e ao ver Igana saudou-a com satisfação. Conversaram, uns instantes, em dialeto africano, e logo ele nos fez entrar. Os cômodos eram escuros. Estreita escada levava aos diversos pavimentos. Por sorte, segundo nos informara a amiga, Dimitrius estava em casa, não tendo para aquele dia tarefas outras. Recebeu-nos cortesmente, só se aborrecendo com o tempo exíguo para o cometimento de suas tarefas. Expediu às pressas o servo a procura

de auxiliares de suas relações. Cientificou-se que Igana, eu e Silvia o ajudaríamos em tudo e aprestou uma lista para as compras imediatas.

Igana tomou a tabuinha com um sorriso. Já fora, apressou o passo em direção à cidade, enquanto informava:

— Graças! Ainda bem. Se não pudéssemos contar com ele a festa não teria o brilho que certamente agora terá. Temos muito a comprar! — comentou correndo os olhos pela longa lista e aos cestos que havíamos trazido. — Vamos, rapazes. Temos que levar tudo antes do almoço até o palácio, senão a ceia será um fracasso!

Tratamos de segui-la, procurando guardar na memória todo o trajeto que havíamos feito, o que era difícil, já que passáramos por muitas vielas. Ao tornar, logo nos vimos diante dos edifícios mais pomposos de Roma. A majestade do conjunto não pôde ser observada por muito tempo, pois Silvia lembrou a necessidade de nos apressarmos, a fim de encontrar na feira o melhor. A multidão era tanta que a custo seguíamos unidos. De um lado a outro, Igana comprava as coisas mais estranhas possíveis. Peixe e iguarias, especiarias e tâmaras, nozes e trigo, patos e carne fresca. Íamos enchendo os largos cestos de tudo quanto a lista pedia à medida que se enchia uma, lá ia um dos rapazes morro acima a procura de nosso transporte, que ficara guardado por papai e Venâncio. Por fim, após muitos cereais e frutos, trufas e amêndoas, acabou por adquirir uma engenhoca estranha, parecendo uma gaiola presa por uma mola, e tordos em número de dez que estavam num quadrado de madeira. Verduras foram, por último, adquiridas e nardos perfumados.

— Aprenda, querida, onde e como comprar, pois nem sempre poderei fazer isto. Vocês duas, Silvia e Mariita, devem aprender os caminhos e todo o custo desta mercadoria, a fim de não serem lesadas. Além do mais, é preciso saber escolher.

Cheios de cestos, voltamos pelo mesmo caminho, cruzando com liteiras e guardas, pessoas simples do povo em azáfama e nobres que passeavam até os banhos, em conversa amena.

Encontramos papai, Fábio e Tímon já à nossa espera. Voltamos com os velhos pelo caminho por onde viéramos, enquanto eu apreensiva via meus irmãos e Artur, bem como Tímon partirem ao encontro de Lúcius. Percebendo meus mais íntimos pensamentos, Sílvia sentou-se ao meu lado, entre os cestos e tomando-me as mãos com meiguice, falou:

— Confiemos em Deus, Manila. Nossos rapazes sabem o que estão fazendo. Tímon tem esperanças de que logo possamos partir para a Gália e comprarmos nosso próprio lugar.

— Gostaria de ter suas esperanças — disse-lhe. Com carinho ela me contou como ficara sozinha, como quase se perdera na cidade grande, recolhida por antiga prostituta e como fora salva da perdição pelo próprio Dimitrius, que a levara até Igana, quando ainda quase uma menina. Era uma jovem sofrida e corajosa, a quem Deus estava protegendo de muitas quedas. Sensibilizada com sua atenção, senti-lhe a amizade desinteressada e o carinho com que me percebia as inquietações interiores.

Fiquei feliz por tê-la junto de nós. Tínhamos quase a mesma idade, as mesmas inclinações religiosas, a mesma sinceridade precoce. Senti-lhe a alma a fibra inquebrável da mulher decidida a tudo quando o amor chegasse. Não me sentia, porém, com inclinações para abrir-lhe meu coração às inquietações para com Artur. Ela tocou de leve o assunto:

— Mariita, porque Artur e tu não conseguis falar com sinceridade necessária às grandes revelações do coração? — inquiriu-me, percebendo Que e papai e aos outros escapava parte de nossa conversa. Fitei-a por uns instantes apreensiva de suas reais intenções.

— Não te inquietes — falou com um sorriso franco — Não vejas em mim uma rival, pois meus olhos brilham por outra luz.

— Marco? — perguntei procurando ainda fugir ao assunto.

— Sim. Teu Marco, turrão e valente. Mas não me estejas a declinar da do assunto, pois procurarei ajudar-te em tudo. Não te acanhes de falar-me, qual o farias a uma irmã, ou à tua própria mãe, se ela não se opusesse a tua escolha.

— Mamãe confidenciou-te alguma coisa? — inquiri ainda na defensiva.

— Tua mãe? Ora, como se a não conhecesses. Calada e cheia do amor próprio, como é, crês que abriria a alguém a caixa de seus segredos? Qual, Mariita, estás mesmo sem disposição ou vontade para tocar no assunto, não é mesmo? Não insistirei. Por nenhuma razão deste mundo eu seria a pessoa para te magoar ou ferir. Mas lembra-te: tens em mim uma irmã, alguém que te entende, que te ouviria com paciência, que te auxiliaria com sinceridade, e não apenas pelo amor que sinto por teu irmão, mas pelo carinho que me inspiras.

Emocionada por sua sinceridade, levei o rumo da conversa para outros assuntos, perguntando com respeito às tarefas no palácio de Glauco, até chegar às perquirições com respeito ao nobre Lúcius, o qual muito me inquietava.

— Lúcius? — respondeu ela como se procurasse na memória meios de o definir. — É um homem alegre e valente, que gosta de corridas, festas e arte. Não tendo ascendência mais nobre, subiu na ordem equestre através de seu próprio valor. Apadrinha muita gente, e é querido por isto. Ele e Glauco se conheceram na Academia, quando pôde ombrear com os filhos dos mais importantes homens da época. Lúcius é uma alma liberal, embora lhe reconheçamos laivos de vaidade incorrigível. Eu mesma lhe devo muitos favores. É um "mão aberta", até mesmo um doidivanas. Não vejo porque a aversão que adivinho em ti quanto a ele. A não ser pelos zelos que sentes por Artur, porque sabes...

— Dize — pedi adivinhando o que viria a seguir.

— Eu não deveria encher tua alma com estas aleivosas ideias — falou Sílvia meio indecisa.

— Eu te peço!

— O nobre Lúcius não esconde de ninguém sua predileção ambígua quanto aos companheiros ou companheiras, digamos assim. — Percebo sua inclinação para com os rapazes, mas não te preocupes, que ele a ninguém tem obrigado a seguir-lhe as inclinações. Compra o afeto com favores, nada mais.

Percebendo que meu semblante se anuviara, Silvia comentou a beleza do cenário que se mostrava aos nossos olhos, a cidade embaixo e seus monumentos e templos revestidos de mármore, e os jardins cuidados das largas mansões, donde se viam repuxos e fontes, caramanchões com graciosos móveis, cobertos de trepadeiras em flor, pavimentos com desenhos de mosaicos deliciosos e o sol pondo luz nas coisas.

— Adoro este cheiro de sol e terra! — falou minha amiga debruçando-se sobre os cestos e deitando-se de costas depois, a espreguiçar-se — Aproveita para descansar, que hoje, pelo visto, não haveremos de procurar a cama cedo. O dia promete ser de muito trabalho.

Estávamos quase chegando, e, descendo do carro, tratamos de levar tudo quanto compráramos para dentro, enquanto Igana dava ordens a outros serviçais, a fim de que tudo se apressasse. Logo mais chegaria Dimitrius com sua equipe, e, à noite, os convivas.

O dia transcorreu em azáfama constante. Somente à tardinha pude repousar um pouco, ao lado de mamãe e Leila, degustando algum alimento. Percebi que a irmã de Artur tinha entre os dedos tortos um objeto que a encantava. Tratava-se de rico medalhão, pendurado a uma corrente, e fitei-a apreensiva:

— Onde ela foi buscar esta prenda? — perguntei a mamãe.

Ela deu de ombros, e respondeu:

— Não te preocupes, que ela não o tomou a ninguém. Esteve o tempo todo ao meu lado. Pobre criança. Adora ajudar a troco de um afago.

— Então, se não o tomou, quem lh'o deu? — inquiri curiosa.

— Ah! Foi aquele centurião que nos acompanhou todo o tempo. Parece que acabou por se afeiçoar a Leila. Vive a dar-lhe algo, sempre que pode. Hoje, antes de sair, procurou-nos na cozinha e tirou do próprio peito este medalhão e lh'o entregou. Precisava ver a alegria dela, Mariita. Nunca a vira tão contente, como naquele momento.

Enraivecida, percebendo as intenções de Lúcius, peguei a peça, querendo tirá-la da pobre menina, que a puxou violentamente. Mamãe interviu:

— Mariita, para com isto. Não te reconheço, minha filha! Sempre foste tão amorosa, sei que gostas de Leila, e não te permito tratá-la desse jeito! Não vês que a estás assustando?

— Oh, meu Deus! — exclamei. — Não vês os ardis que este homem usa para atingir seus fins? Usará o próprio demônio se este lhe aparecer, só para ter Artur! — falei impensadamente.

Mamãe fitou-me com dureza.

— E tu, minha filha? Que meios usarias com o mesmo objetivo? Esquece este moço. Ele não liga a ti e também não pode prometer-te senão desgostos. Não vês que numa ligação com ele podes vir a ter filhos defeituosos como esta pobre criança? É isto que desejas? Mariita, pensa, não te permitirei, enquanto viver, uma ligação com este rapaz!

Fitei-a aturdida. Finalmente mamãe dava a conhecer os motivos que a indispunham contra Artur.

— Mas, não sabes o que dizes! É um absurdo, mamãe! — exclamei revoltada.

— Absurdo ou não é o que penso. E deixa de agir como uma tola!

Eu queria reagir aos seus ataques, defender, com argumentos irretorquíveis, minha escolha, mas mamãe retirou-se do aposento, sem me ouvir. Aproximei-me de Leila, que, instintivamente, ocultou entre os dedos tortos a medalha tão apreciada.

— Querida — falei procurando ganhar-lhe novamente a confiança com o amor que lhe tinha — minha pobre criança! Não sabes da maldade dos homens, nem como sabem ser mesquinhos e interesseiros. Perdoa-me, Leila. Não interferirei mais, pois sei que não podes me entender.

Ela ruminou uns sons de agrado. Sorriu-me, por fim, e mostrou-me o medalhão. Sorri-lhe também e como que aprovei o

presente. Então, feliz, passou-me as mãos pelo rosto em sinal de perdão, pela minha atitude agressiva de há pouco. Comprada pela sua ingênua amizade quase chorei e estreitei-a junto de mim.

— Irmãzinha querida, nem sabes que te usam para afastar Artur de mim. Todos o fazem, até mesmo minha mãe!

A noite descera e lâmpadas de azeite guarneciam toda a entrada, onde guirlandas de flores tinham sido colocadas. Bancos vários tinham sido repartidos pelos diversos pavimentos. Ricas almofadas, depois do sol da tarde, eram ajeitadas nos tricliniuns, onde os convidados tomariam a ceia. Igana me informou que daria a mim e Silvia oportunidade de conhecer algumas das personalidades que lá iriam, e de ouvirmos assim parte dos poemas e músicas que seriam apresentadas para regalo dos presentes.

— Estará entre nós alguém que é muito querido de Silvia — comentou ela confidencialmente.

— Por Sílvia? — perguntei estranhando, pois lhe percebera algum interesse para com meu irmão.

— Sim. Trata-se de Estácio. É um amor sem esperanças, já que ela reconhece que o jovem, apesar da finura com que sempre a tratou, não desposaria uma serva. Acho que nossa amiga procura esquecer... falou Igana com um suspiro.

Segundo orientação dela, nós duas nos vestimos com duas túnicas reservadas aos despenseiros do banquete, que eram debruadas ricamente, e afiveladas por um cinto dourado. Ainda levou-nos ao cabeleireiro dos romanos, ordenando que nos arranjasse os cabelos. Impressionada com sua habilidade, eu me vi com a fisionomia repentinamente embelecida pelos caracóis que me emolduravam o rosto e os atavios que ora prendiam madeixas, ora as deixavam cair livremente, com naturalidade, pelos ombros.

— Fizeste-me bela! — disse ao jovem Lucílio que me atendera com muita gentileza.

— Fico grato por ver que teu rosto fez jus ao meu esforço — respondeu ele, tratando de aprestar-se no mesmo trabalho junto às madeixas mais negras de Silvia.

Em poucos instantes um carmim foi acrescido ao rosto e lábios e sombras nos olhos. Eu achava muita graça em ver a metamorfose que se operava em nós duas. Embora não me sentisse habituada àqueles luxos, absorvia-me pensar com que olhos me veria Artur quando tornasse.

Procurei, por todos os modos, que ele me visse. Mamãe criticou a exagerada coqueteira da indumentária, mas Artur, ao pousar os olhos em mim pareceu, por uns instantes, ter um choque, como se lhe desgostasse ver-me por aquele modo. Sorri-lhe procurando sua aprovação. Fugiu-me com o olhar e a presença sem uma palavra. Fiquei deveras desconcertada com sua atitude. Com outras duas jovens, Márcia e Antonia, tratamos de nos apresentar a Dimitrius que, com outros servos negros, nuns da cintura para cima, e com turbantes à moda oriental, serviriam os convidados. Os mesmos começaram a chegar, sendo recebidos pelos donos da mansão com muita alegria. Não eram muitos, como eu supusera a princípio. Pela toga senatorial pude reconhecer com a ajuda de Igana pelo menos dez entre eles.

— Vês aquele ali, magro e de cabelos já grisalhos? — cochichou-me Sílvia — É Antonino. Tem boa fama entre o povo, e dizem que pertence a este grupo secreto que adora Mitra, culto que foi trazido da Ásia, me parece. Também o Imperador está entre estes ocultistas estranhos. Acho que Glauco lhe pleiteia a aprovação.

Observei a grave figura do senador junto de outras pessoas. Nisto Silvia enrubesceu e fugiu do meu lado, procurando mais vinho na adega. Entrara o poeta Estácio. Logo percebi intuitivamente. Era jovem e bem posto, Tinha os olhos tristes e o rosto afilado. Os cabelos eram castanhos e usava na ocasião um manto azulado, preso à cintura por um cordão feito de cânhamo. Nos dedos trazia anéis. Olhando-o pus-me a comparar a força física de Marco com a altivez e delicadeza do mancebo que adentrara o salão, chegando ao atrium, anunciado por Igala. Seu olhar foi atraído pela minha curiosa observação, e procuravam discretamente ver mais alguém. Por fim, acompanhou o jovem Júlio à Biblioteca, para onde os outros convivas já haviam se dirigido.

Um alegre toque de foles indicava a chegada de Lúcius, que punha deste modo em polvorosa a quem já chegara. Anunciava-se daquele seu modo único e espalhafatoso. Mal adentrou o atrium e Glauco foi a seu encontro com expressões de camaradagem:

— Bem fizeste em vir! Esperávamos por ti.

— Tomei a liberdade de trazer-te mais um conviva. — falou o recém-chegado.

— Minha casa é a tua casa! — replicou o pretor — Mas quem vem contigo?

— Achei que nos divertiríamos com os epigramas de Marcial (**Marcial — Poeta latino nascido em Bilbilis (Espanha). Estilo elegante mas licencioso. Escreveu "Epigramas".**) — falou Lúcius com risada franca.

— Pelos deuses! — comentou o dono da casa — Pois aqui está Estácio e, como sabes, os dois não são simpáticos, entre si. Creio que a noite promete um duelo de palavras

— Ora, que duelem! — falou por sua vez o centurião — Veremos quem sai vencedor, afinal, desta refrega. Se me tivesses avisado eu não o teria trazido. Pedirei a ele que seja moderado em suas investidas.

Vi-os seguir até a Biblioteca, onde deveríamos levar licores às damas e vinho com água aos cavaleiros. Logo seriam servidos na sala de jantar.

O jantar foi algo como nunca eu pudera antes imaginar. As bandejas que íamos levando à mesa vinham arranjadas com tal beleza que nada se poderia comparar a elas. Cachos de uvas secas recheadas com bolas amarelas doces, patos chamejantes, pães recheados em formatos diversos, porcos e javalis, aves coroadas por legumes, favos de mel em caixas que lembravam abelhas gigantes, peixe em tiras e finalmente um bolo de aniversário que, ao ser cortado, deixou escapar os tordos que havíamos comprado pela manhã e que voaram pelo recinto ante o espanto dos convivas.

Glauco não cabia em si de orgulho e Júlio de modesta satisfação, envergando sua "toga virilis" por primeira vez.

Brincadeiras e vivas saudavam o guapo rapaz, quando Marcial elevou a voz num epigrama delicioso, mas com velada malícia aos encantos do moço e às aventuras que o aguardavam, em Roma. Depois foi a vez de Estácio que, mais moderado, porém mais sensível, apresentou em votos, tangidos por uma lira que tocava, versos de graciosa saudação.

Tudo indicava que Marcial, embora mais ferino escondia as garras a pedido de Lúcius. Percebi que numa ode à mulher, Estácio não tirava os olhos de Silvia. Minha amiga, constrangida com aquela demonstração dele, procurava se esquivar, servindo mais vinho aos convivas. Entre os senhores, havia uma rapariga, sobrinha de Antonino, de rara formosura, cujo o nariz indicava a ascendência ibérica. Aspásia observava a todos com fingida displicência.

Após o ágape, Glauco entregou a Antonino uma tabuinha com o recado de Plínio com respeito a ele, e uma carta com o sinete secreto do novo governador da Bitínia. Antonino abriu-o ali mesmo, lendo conteúdo. Depois olhou admirado para nosso amigo e protetor e falou, crendo que não era ouvido:

— O que Plínio pede exige de mim e de ti conversas muito particulares. Peço-te me procures amanhã pela manhã em minha residência.

— Mas de que se trata? — perguntou o pretor intrigadíssimo.

— Trata-se de teu futuro, de fazeres parte de uma secreta assembleia de escolhidos. Plínio mandou-me uma mensagem em código. Não podias saber que ele te indicava a mim. Isto me basta, porém. Resta saber se queres e se estás realmente preparado.

— Nada podes adiantar-me agora? — perguntou o pretor.

— Aguardo-te amanhã — respondeu o senador sem esperar qualquer negativa.

Ambos tornaram aos demais convivas, sem perceber, contudo, que eu ouvira aquela estranha e equívoca conversa.

Alguns músicos tocavam flautas e cítaras. Apesar das novidades da festa eu não via a hora de sair dali. Estava

começando a ficar cansada. Foi, então, que Aspásia aproximou-se de mim:

— Menina — foi dizendo — podes ver-me algum remédio para dor de cabeça? Tenho a fronte em fogo.

— Procurarei servi-la. Aguarde aqui — pedi enquanto procurava no interior alguém que me pudesse dar algum medicamento.

Igana providenciou uma água esverdeada amarga, com um pó que guardava em frascos de vidro na prateleira da cozinha.

Tratei de levar a taça a Aspásia que me agradeceu pelo cuidado. Depois, como se de repente lhe passassem todos os males, sorriu-me e pediu:

— Teu amo e senhor irá amanhã, logo cedo, à casa de meu tio, e eu também espero que possas lá ir com ele, pois gostaria que me servisses de aia. Que me dizes a isto? Tu me agradas e eu pagaria bem teus serviços. Só terias que me ajudar em coisas pequenas e me ouvir as queixas. Pareces esperta, asseada e discreta.

— Teu convite me desvanece, nobre Aspásia. Ficaria muito feliz, mas aqui no palácio do pretor estou com meus pais, e dois irmãos. Estou certa de que passarás melhor sem mim do que eu sem eles.

Ela riu-se muito da maneira como eu punha as coisas, e tocando-me com seus dedos finos respondeu:

— Gosto de ti. Não sei porque me inspiras confiança. Pensa bem. Se mudares de opinião ou se precisares de mim para alguma coisa, procura-me. Qualquer um indicará minha habitação.

Continuei a servir os convivas, a retirar os pratos sujos, a catar as sobras. Onde andaria Silvia? Do terraço avistei-a junto a Estácio no jardim. Não me convinha denunciá-la. Tratei de continuar meu trabalho, enquanto pegava aqui e ali conversas outras. Lúcius me olhava com a admiração que eu procurava nos olhos de Artur em vão: Era como se, de repente, me estivesse descoberto como mulher. Ouvi Marcial que lhe confidenciava:

— Nada mais me prende a Roma, Lúcius. Estou desgostoso de tudo. Não é fácil ganhar com versos um prato de comida.

— Pensei que estavas contente com a casa que te deram no Quirinal.

— Entre aqueles pobres coitados? Tenho um vizinho, um velho no sétimo andar, que tosse a noite toda. Mal consigo dormir. Por mulher as prostitutas do Viminal ou do Quirinal mesmo. Ando a mendigar uma toga, uma sandália. Estou velho demais para isto. Além disto, fui premiado com algo melhor.

— Cavaste alguma viúva velha e rica? — perguntou a rir Lúcius.

— Não. Cavei um senador. Com um buquê de versos, que não me custaram muito, pois fui até sincero desta vez, quem diria, Plínio apiedou-se mim, de minhas saudades da Espanha e deu-me lá uma casinha. Volto à minha terra. Bem vês. Finalmente os deuses me ouviram. Não precisarei mais mendigar com meus versos. Foi mais minha alegria que teu pedido que me fez poupar o tolo do Estácio, hoje. Estou de bom humor e em paz com os romanos.

— Não creio que ficarás longe de Roma e da tua fama por muito tempo — comentou Lúcius.

— Pois, podes crer. Posso deixar saudades, mas levá-las, isto não. Deixarei até minha casa à pobre meretriz que me tem servido nestes anos. Quem sabe assim ela pode mudar de ofício, não é mesmo? Recebo um favor e faço outro.

Ouvindo aquelas falas, e sentindo sobre mim os olhos disfarçados de Lúcius eu me perguntava interiormente:

— Quem era este centurião, sem nenhuma compostura?

XVII - Na Confraria Mitráica (*Culto Mitra — Antiga religião persa, cujo deus, Mitra, era dono da luz e da verdade, oponente da escuridão e da maldade.*)

No dia seguinte, ainda cansada e aturdida com os acontecimentos da véspera, eu guardava parte dos encantos que Lucílio me acrescera com os arranjos nos cabelos. Vestia, no

entanto, a surrada túnica grega que sempre usava nos trabalhos domésticos. Aguardava uma oportunidade de inquirir Igana ou Sílvia quanto ao que teriam ouvido na véspera, quando esta entrou acompanhada de Antonia. Após saudar-me com seu habitual sorriso, Sílvia, que parecia fresca como a rosa orvalhada pela noite, em cujo olhar havia um sinal de evidente felicidade, disse-me:

— Mariita, pelo visto fizeste uma conquista ontem.

— Uma conquista? Não estou a entender onde pretendes chegar com estas palavras — respondi curiosa.

— Sim. Trata-se da nobre Aspásia. Fez o pretor prometer que hoje teria tua companhia, ainda que fosse por algumas horas apenas.

— E agora? Devo ir até a casa desta senhora? Com que fins?

— Não te inquietes, querida. Quem sabe são só desejos que logo passarão, como as nuvens. Convém, no entanto, que te apresses, pois o nobre senhor te aguarda para que o acompanhes até a casa do senador Antonino. E, cuida-te de te fazeres de melhor aparência.

Realmente ela estava com a razão. A senhora que me vira na noite anterior, sob a luz artificial, maquiada e bem posta, por certo ficaria desapontada se me encontrasse do modo como estava àquela hora, quase em desalinho. Corri, pois, aos meus aposentos e tratei de me ajeitar o melhor possível, procurando após o pretor Glauco, que me aguardava na sala reservada à reflexão, uma biblioteca extensa e muito bem disposta.

— Ainda bem que não te fizeste esperar — falou ele, erguendo-se. — Não é mister que te diga que espero a mais gentil acolhida aos serviços que te aguardam junto à nobre Aspásia, que muito te dignifica com a escolha. É melhor nos apressarmos. Passa pelo quarto de meu filho e dize-lhe que fora o aguardo, a fim de que não nos atrasemos mais ainda.

Fiz como ordenara, indo encontrar Júlio a ajeitar sua nova roupagem, diante de espelhos, com um orgulho que mal escondia.

Ao saber das disposições paternas, acompanhou-me até a liteira com a nobreza de um jovem civilizado e maneiras mais corteses, que eu já vira em outros.

— Mariita — falou enquanto nos encaminhávamos à saída, — sabes por que meu pai vai hoje tão prontamente ao encontro do senador? Serão notícias das guerras que se prolongaram?

— Nada sei, nobre Júlio, quanto aos motivos que levam teu pai à casa de Antonino, o mais nobre entre os senadores de Roma, segundo ouvi dizer, mas aquieta o coração, pois, tenho certeza que só lhe procuram alicerçar amizades poderosas neste encontro.

Júlio olhou-me intrigado, como se visse em mim a ponta de um segredo escondido, e tratou de aboletar-se na carruagem, onde também tomei meu lugar, apreensiva com as novas que se precipitavam naquela Roma Imperial. De onde estava mirei a Rocha Tarpéia e tive um instante de sobressalto, que logo passou, contudo, mas que Glauco observou apesar da inquietação que lhe ia no íntimo.

Após chegarmos à rica vivenda do senador, encontrei sua sobrinha que me aguardava num dos muitos caramanchões do jardim, cercada de duas aias. Aspásia ficou muito feliz ao ver seu desejo satisfeito e ordenou as duas que nos deixassem a sós. Tão logo o fizeram, fez-me sentar ao seu lado no banco onde se acolhera, e, cientificando-se de que não nos ouviam, tomou minhas mãos e falou:

— Estou contente porque vieste. Me inspiras confiança, pois não és das contratadas por meu tio ou minha madrastra, que vive a me perseguir. Preciso que me acompanhes hoje, para uma consulta que me é particularmente importante. Conto com a tua discrição, que te será recompensada, e gostaria também, depois, de ouvir tua opinião.

Pensei em perguntar alguma coisa, mas sentindo-lhe a pressa e a ansiedade com que me aguardara, calei, apenas respondendo:

— Conta com minha discreta assistência, e também saibas que muito me honra tua confiança.

Aspásia me conduziu pelo jardim até uma porta reservada à saída e entrada dos servos e fora, para minha surpresa, esperávamos meu irmão Fabio, o qual fora também contratado pela senhora.

A carruagem nos conduziu para além dos limites do Fórum, num templo pequeno mas luxuoso, com inscrições de caracteres egípcios.

— Espera aqui! — ordenou a Fábio que nos olhava surpreso, subindo, tomando meu braço, os degraus que nos levaram até às colunas que sustentavam o edifício. Um belo trabalho de mosaico colorido desenhava-se nas paredes revestidas de mármore preto. Ao atravessarmos o portal da entrada, deparamos com estátuas colossais dos deuses egípcios, ornadas aos lados com tripés cheios de carvão incendiado, onde se queimavam incenso e perfumes que não pude definir. O ambiente era semi escurecido e não havia àquela hora ninguém no recinto.

Aspásia dirigiu-se ao altar maior, que trazia uma figura de mulher muito linda, em escultura gigantesca. Pelo que eu ouvira dizer era Isis ou Serápis.

— Sábia deusa — falou Aspásia em voz alta, como se aquela estátua a pudesse ouvir — Peço-te que me ouças e me respondas as indagações que meu coração quer fazer. Eu ouvia compungida a estranha exortação da romana, e penalizada da apreensão e sentimento que percebia naquela atitude. Ela continuou:

— Serápis, a piedade enregela o amor, e a indiferença o mata. Preciso saber se os augúrios me serão propícios à conquista do coração do meu escolhido.

O tempo pareceu cair um silêncio desconcertante. Aspásia aguardava uma resposta e eu ficara com pena. Como podia uma estátua responder a tão íntimos apelos? Mais assustada fiquei, no entanto, quando uma voz, que parecia vir justamente de dentro da enorme escultura, fez-se ouvir entre aquelas paredes:

— Nobre senhora, desde já tens o coração daquele que também o teu prendeu. Isto não basta, contudo, à felicidade de ambos, pois muitas festas rolarão sobre Roma, até que possas estar feliz!

Eu percebia que alguém manipulava a resposta, mas não podia ver quem o fazia. Não havia nenhum poder oculto ali, só se o houvesse junto ao dono da voz que continuava:

— Quanto a tua acompanhante, melhor lhe seria jamais ter vindo à Roma ou a ela ter tornado!

A sentença assim proferida de forma tão incisiva, apunhalava-me, fazendo reabrir os antigos temores. Aquele aviso parecia ter sido ditado por alguma entidade que me pretendia ajudar, ou apenas ameaçar?

Sem perceber, contudo, a confusão que me ia no íntimo, Aspásia depositou grande oferta junto ao altar, saindo jubilosa.

— Ouviste, Mariita? — perguntou quase do lado de fora — Ele me ama! Ele me ama! Não adiantarão as artimanhas para nos separar! Oh! Como estou feliz!

Desejei dizer-lhe que aqueles auspícios podiam ser apenas charlatanice, mas ao me lembrar da profecia quanto a mim, calei-me.

— Voltemos — ordenou ela a Fábio que parecia querer adivinhar o que ocorrera lá dentro, percebendo em mim tanta preocupação e na senhora tanta euforia.

Retornamos à casa, onde Aspásia me segredou que amava profundamente um jovem, o qual vira poucas vezes, mas temia não haver lhe chamado a atenção, pois parecia fugir-lhe à presença. Chamava-se Leandro e era pobre, dedicado à música. Não o vira eu, acaso, ontem mesmo, durante as apresentações dos músicos?

Ao se reportar a ele então lembrei-me de um rapaz que tocara durante a recepção, e que emprestara seu instrumento a fim de que Estácio pudesse se acompanhar com ele. A ingenuidade daquele sentimento arrebatado, ao qual certamente jamais o senador consentiria, fez-me sentir o absurdo da confirmação do oráculo.

— Nobre Aspásia, — falei procurando ser a mais delicada possível — pretendes ouvir minha opinião, devo dizer-te que minha vida sofrida não me tem dado meios de sonhar tanto quanto a

senhora, nem de Iludir-me quanto às diferenças que se tornam barreiras junto às pessoas. Acredito que haja amor de Aspásia para Leandro e mais ainda deste para Aspásia, mas não sei como o senador algum dia aprovaria esta ligação tão... diferente, dispare.

A jovem romana ficou uns instantes absorta em seus pensamentos. Eu esfriara seu entusiasmo, fazendo-a voltar aos sombrios cuidados que antes a sufocavam.

— Perdoa-me — pedi com sincera comoção.

— Não te acanhes, criança. Sê-me sincera. Tenho outra tarefa a te pedir. Quero que sejas portadora de um recado por palavra tua ao jovem Leandro.

— Senhora! — disse assustada com sua resolução.

— Promete! — falou-me ela com lágrimas nos olhos.

— Está bem! — prometi para acalmá-la.

Ela me transmitiu a mensagem e saí ao endereço que me indicara com o fim que me mandara.

Enquanto isto, meu senhor tomava suas refeições junto ao senador que lhe auscultava o caráter, como se o fizesse com um único objetivo. Instigava-o a falar de si, de seus projetos, de suas ideias, de suas crenças, de seus conhecimentos científicos. Sem lhe perceber claramente os fins, Glauco, inquieto, procurava gentilmente instruí-lo quanto a sua maneira de ser.

Por fim, Antonino meditou uns instantes e deu uma resposta a todo aquele questionamento:

— Sei que tens pressa. O dever te chama e deves acudir a ele, junto a Adriano, os tenentes, e o próprio Imperador. Queres, no entanto, participar de uma sessão de uma assembleia de escolhidos? Tens que prometer segredo absoluto. Ao estares conosco, morrerás para o mundo, mas depois serás outro.

Glauco já ouvira dizer daquelas sociedades secretas que haviam sido tão perseguidas no passado, mas que tinham encontrado em Trajano um seguidor. Se este era o caminho indicado por Plínio, ele confiaria e seguiria. Fitou tranquilo o senador que aguardava sua resposta e disse sem pestanejar:

— Quero! Estou pronto!

Antonino deu ordens para que ele estivesse ao pôr-do-sol preparado, daí uma semana. Deveria obedecer estranho jejum, e seria levado pelo próprio senador a um lugar adequado à sessão. Guardasse paciência. Só depois disto deveria partir de Roma.

Glauco prometeu e, sabendo que eu não me encontrava na propriedade aceitou o convite para ficar mais tempo.

Só daí a algumas horas regressei da incumbência que me dera a senhora e fomos levados por Fábio à residência. Júlio ficara na Academia e meus irmãos estavam a serviço de Lúcius, bem como Tímon e Artur.

Cansada e inquieta vi que o pretor trazia o semblante cheio de apreensão, mergulhado em pensamentos muitos íntimos.

Nossas tarefas prosseguiram e eu mal via os outros membros do grupo. Eu e Silvia cuidávamos agora dos jardins, replantando mudas.

No dia marcado pelo senador, uma carruagem veio buscar o nobre Glauco a mando de Antonino. Estranhei que fosse só, ao contrário do que sempre acontecia. Aquela noite também tínhamos algo especial em vista. O nosso contato entre os cristãos em Roma nos levaria até as catacumbas, onde era aguardado alguém muito querido e importante. Tratava-se de Marcos, o querido filho espiritual de Paulo de Tarso. Enquanto nos dirigíamos ao local combinado, Glauco seguia rumo diverso.

Após um trecho do caminho, o condutor parou para recolher o próprio Antonino, que entrando, sentou-se ao lado do nosso protetor e vendou-lhe os olhos. Os cavalos tomaram a direção do Aventino, onde Trajano tinha um de seus palácios, e onde construía um mitraeum. Conduzido pelo senador, Glauco desceu do carro, sendo levado para dentro do templo pequeno, que tinha um vestíbulo, onde ficou a espera que o levassem para dentro.

Todo um ritual se desenvolvia ao passar a porta que parecia abrir entrada a uma gruta escura, cuja abóbada representava o céu. Desenhos trançados no chão começavam a função. Palavras-chaves eram ditas. Cordas, simbolizando a união de seus membros,

eram estendidas nas paredes, enquanto banquetas eram colocadas paralelamente ao eixo central. Ao fundo um grande painel esculpido mostrava o deus Mitra, matando o touro. Aos seus pés brilhava uma chama eternamente acesa.

Glauco esperava com paciência, meditando nas coisas que lhe tinham sido ditas pelo senador.

Depois vieram e lhe despiram a roupa, levando-o dentro do estranho recinto. Um cheiro de incenso pairava no ar. Empurrado por alguém, que não via, foi contudo amparado, ficando deitado de bruços ao chão. Ouvia e via coisas estranhas, que mal podia definir. Sentia que em seu íntimo nascia algo diferente e novo, indefinível. Parecia irreal o mundo que adentrava, e imortal se tornava como se o próprio deus fizesse parte dele.

Glauco entendia, somente então, a profundidade dos novos compromissos assumidos. Diante dos ensinamentos esotéricos foi chamado três vezes, até que seus olhos mortais pudessem vislumbrar o lugar que adentrara, galgando os sete degraus da iniciação mitráica. Apertou a mão direita do chefe da Assembleia. Recebeu a espada molhada em sangue. Era um iniciado. Passara pelas provas da água, da terra, do ar e do fogo. Tinha agora uma nova família, uma nova irmandade, a qual jurara servir, e cujos segredos calaria para sempre.

Quando tudo acabou, era um novo homem. Responsabilidade estranha o felicitava.

Enquanto tal se dava, nós perdíamos a noção de direção, seguindo largos corredores sob a luz de um archote. Íamos calados e apreensivos, certos do que significaria sermos apanhados ali.

— Não tenham medo — falara nosso guia, procurando sopitar o próprio nervosismo — quase ninguém sabe chegar ao local da reunião. Estas catacumbas são verdadeiros labirintos, e quem não os conhece não se arrisca a vir cá. Além disto, há sempre o temor pelas almas dos mortos que repousam seus corpos nestes muros de pedra — comentou sorrindo, procurando alentar-nos.

Logo chegamos a um ponto da galeria que era mais espaçoso. Outros já lá se achavam e fomos apresentados a eles,

enquanto mais chegavam. Velas foram acesas, o que dava mais luminosidade ao ambiente, enquanto conversação cíclica se fez entre os presentes. Marco exibia nosso manuscrito, o qual um velho senhor, de nome Apolônio, tomou com reverência. Por fim, adentrou o recinto apertado um homem de rara formosura, apesar da idade. Tinha os cabelos curtos e anelados, e um manto listrado amarrado à cintura. Trazia a cabeça coberta por um véu à moda oriental. Sem conhecê-lo soube imediatamente que era João Marcos, o filho espiritual de Paulo de Tarso, ao qual devíamos o conhecimento cristão que nos felicitara.

Um grupo de jovens entoou uma canção em forma de prece, e depois alguém apresentou Marcos, que principiou a falar-nos com mansidão e carinho.

— Irmãos, companheiros. Esta Roma que recebeu o sangue de tantos mártires, entre eles meu Pai, Paulo, e Pedro, o discípulo fiel de Jesus, continua a lançar seus tentáculos dominadores sobre outras regiões do continente. Roma domina as províncias, subjuga seu povo, arrasa a economia, dizima as famílias, mas, sobretudo, tem-nos à conta de fanáticos perigosos à sua hegemonia. De certa forma, têm razão. O Cristianismo solapará todas as formas de violência, de arbitrariedade, de totalitarismo. Vencerá toda a maldade, toda a perfídia, toda a fraqueza, porque dominará a Terra, com a mansidão do amor universal. Infelizmente, tenho meu coração repleto de alegrias no contato com todos, mas também ciente estou das perseguições que nos acompanham por onde quer que passemos. Temos amigos prestimosos no Egito e na Pérsia, no Irã e na Grécia. Na Bretanha, o Cristianismo lança raízes e, na Espanha, fundamos vários núcleos. Mas onde a compreensão dos poderosos para as verdades do Senhor? Trago-vos as exortações mais gratas ao meu coração de “filho” do querido apóstolo Paulo, cuja lembrança me enche de ânimo e coragem. Copiei pessoalmente as cartas que meu pai amado deu a Timóteo, enviando-me da prisão romana, pelas quais me encorajo e fortifico, para que também, através delas, vos fortifiquéis, porque sei que ele vos teria também por filhos, porque seu amor era imenso, e ele o fora buscar no próprio amor do Cristo a quem todos servimos. “Toda

a escritura divinamente inspirada é proveitosa para ensinar". Isto me disse ele na sua última carta. Entrego-vos, pois, o maior tesouro que possuo, depois do Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, nestes manuscritos. Dei ciência a Igala dos irmãos em quem podemos confiar em Roma, que se contam até na casa do próprio Imperador. Jesus tem tido servos mais fiéis que todos os reis do mundo, e nós teremos irmãos em todos, mesmo naqueles que não puderem entender nossa mensagem.

Conheci outro dia um grupo aguerrido que pretendia justicar todos os que caíssem na arena do Coliseu Romano, nos espetáculos públicos. Pessoalmente os exortei a fugirem de toda e qualquer ideia de vingança. Vi muitos tíbios, que vacilam na fé, porque os testemunhos são dolorosos, mas tenho encontrado também aqueles que seguem sendo portadores da mensagem cristã, sob quaisquer circunstâncias, e sem temeridade ou covardia.

Irmãos, muito folgo em vos dizer que as igrejas da Ásia crescem dia a dia e muitos se incorporam à tarefa. No Egito temos fiéis companheiros que espalham a Boa Nova pela África. Mas nunca, como em Roma, a perseguição foi tão cruel. É bem verdade que as acusações têm que ser testemunhadas, mas basta ser cristão para receber a pena, já que é ofensa colocar Cristo acima da deidade de Augusto.

Nós semeamos para um futuro. Temos mais do que merecemos, e recebemos além do que pedimos.

— Vejo, entre os queridos companheiros, muitos que precisam de conversar em particular, a fim de receberem notícias dos amigos que se furtaram a combater em Roma, seguindo para outras partes, e reconheço-me necessitado também de uma conversa amigável, que me retempere as forças. Assim, rogo que as bênçãos de Jesus caiam sobre nós, e que Paulo, seu servo fiel, nos acompanhe os passos, encorajando-nos no combate do bem.

Marcos fazia ver que pretendia ouvir as perguntas de nosso grupo, a fim de servir-nos com os recursos de seus conhecimentos. Foi Tímon quem se dirigiu a ele primeiramente.

— Marcos, há algo que sempre fico sem entender direito. Quando leio os apontamentos evangélicos, não entendo bem qual seja o novo nascimento que o Senhor preconiza. Seria o batismo de João, ou a circuncisão dos judeus?

— Jesus não se referia a nenhuma das coisas a que se reporta, amigo. Falava da ressurreição, mas de forma diferente como a entendem os judeus. Estes pensam que um espírito após deixar o seu corpo de carne, pode voltar e tomar outro corpo qualquer. Não é assim. Nicodemos bem entendeu, porque pergunta, "como pode um homem, sendo velho, voltar ao ventre de sua mãe?" A verdade deste nascimento é uma só. Vivemos várias vidas. Tomamos corpos novos, nos ventres maternos e recomeçamos o aprendizado eterno. Jesus mesmo disse que João Batista fora Elias. Quem conhece as Escrituras sabe que Elias mandou decapitar 400 sacerdotes de Baal, durante uma disputa religiosa. Como João Batista ele tornou a fim de preparar o caminho do Senhor, sempre naquele zelo que o caracterizava o forte caráter, mas teve a cabeça decepada, segundo a própria lei de Jesus: "Quem com ferro fere, com ferro será ferido!"

— Quando Jesus disse tal sentença? — perguntou um jovem, semioculto pela escuridão reinante. Voltei-me a fim de vê-lo melhor e fiquei perplexa. Era Leandro, o músico amado por Aspásia. Ele também me viu e empalideceu.

Marcos esclareceu:

—Jesus disse isto a Pedro, quando estava sendo preso pelos soldados em Jerusalém. Pedro feriu a orelha de Malco, servo de um sacerdote e o Senhor o admoestou para que guardasse a espada. Recolou a orelha do servo e deu a sentença: Quem com ferro fere, com ferro será ferido.

As perguntas eram novamente dirigidas. Era um pai, cujo filho se incorporara às lutas dos gladiadores e não compreendia os sentimentos paternos, era a mãezinha, cuja filha se transviara na luxúria da corte e não lhe ouvia os apelos. Eram conselhos pedidos em como encaminhar a distribuição dos conhecimentos da Boa Nova.

A todos Marcos respondia com sábia e moderada opinião.

Vendo que as horas iam adiantadas, papai achou melhor que retornássemos, a fim de não despertarmos suspeitas junto ao senhor ao qual servíamos. Mal sabia ele que também o pretor estava tendo uma noite memorável.

A reunião foi encerrada com singela prece de agradecimento e fomos saindo devagar. Alguém me tocou o braço. Era Leandro. Não precisou falar, pois, adivinhando seu pensamento, lhe disse:

— Não te preocupes. Nada direi.

— Obrigado, Mariita. Que Jesus te abençoe.

Leandro beijou-me as mãos e Marco fitou-nos intrigado.

Tomando o braço de Leila, ajudei Artur a levá-la naqueles meandros de volta a superfície, onde cruzamos com um bando em algazarra, visivelmente embriagado. Entre eles vi Lúcius, e adiantei o passo, procurando fugir-lhe de que nos visse. Contudo, já nos percebera, e atravessara a viela escura para vir ao nosso encontro:

— Ora, que estais fazendo a esta hora da noite fora de vossos alojamentos? — perguntou procurando mostrar-se mais sóbrio do que estava.

— Procurávamos antigo parente de Igala que talvez tivesse alguma notícia de seus filhos e nos perdemos — respondeu Artur sem vacilar.

— E precisavas trazer a pobre menina? — perguntou ele, fazendo um agrado em Leila.

— Não tínhamos com quem deixá-la — retrucou mamãe — Além disso, é a primeira vez que tenho oportunidade de vir à cidade.

O centurião gritou por um soldado e ordenou:

— Cornélio, vê que minha carruagem transporte esta menina, este jovem, a mulher e a moça. Anda!

Quisemos retrucar, mas ele não nos ouviu. Convidou Marco e os outros a segui-lo, mas declinaram, dizendo-se cansados.

Assim seguimos em sua carruagem e os outros a pé para casa.

XVIII - A Caminho da Luta

Glauco parecia um homem mudado. Eu me perguntava que estranhos acontecimentos haviam tido lugar na casa do senador e depois, durante o encontro que tiveram na noite em que, por primeira vez, visitamos as catacumbas. Minha imaginação fervilhava de ideias as mais esdrúxulas possíveis. Havia gente entre os servos que comentavam coisas fantásticas sobre estas iniciações esotéricas, falando de matança de um touro, de mistérios de Eleusis, de rituais do antigo Egito. Mas, aquilo tudo não fazia para mim um sentido amplo e único. Só percebia que nosso protetor mudara, como se algo muito íntimo e profundo se tivesse passado com ele. A casa, naqueles dias, estava em polvorosa. Davam-se as últimas ordens para a partida eminente do senhor. Seu filho Júlio queria se incorporar às hostes. Mais de uma vez ouvi-lhe as súplicas, quando se reuniam à tardinha, após os combates e treinos na Academia.

— Deixa-me seguir contigo — implorava o rapaz com sentimento — Pai, muitos jovens seguirão. Estou me aprestando para isto há anos. Vê que nem me tem faltado o treino a cavalo, segundo os próprios costumes dos sármatas, já que Plínio me presenteou com um servo atilado em tais habilidades. Ser-te-ei útil. Terás orgulho de mim. Ombrearei contigo!

— Júlio, não sejas teimoso! Reconheço que és valente. Não duvido de tua capacidade, nem me tenho em desdouro por ti. Acode-me apenas que não precisas partir. Deves aproveitar ao máximo os ensinamentos junto aos colegas acadêmicos. Lutas jamais faltarão. Nem bem Trajano está com um pé na Dácia e ainda restam focos de sublevação, já lança as vistas aos Partas. A ambição de aumentar o domínio nosso tolda-lhe o raciocínio. Se não fora por Plotina, a lhe segurar deste arroubo, e estaríamos com duas frentes de luta ao invés de uma. Faze-te sábio. Ingressa na magistratura. Não penses nas fileiras! Logo estarei de volta, e não há maior alegria e orgulho, para um pai, do que ter um filho obediente!

— Paizinho — continuava o rapazote — por que não me ouves? És duro para comigo que só procuro servir-te.

— Júlio, há muitas conquistas diferentes neste mundo. A arte militar é uma, mas não é tudo. Adestra tua alma, meu filho. Esquece, de uma vez por todas, estes projetos. Me aborreces muito com tua teimosia.

De minha parte angustiava-me a possibilidade de que alguém do nosso grupo sequer pensasse em partir junto ao novo contingente. Procurei conversar com Fábio que sempre me fora mais aberto quanto aos planos de todos. Estava agastada com Artur, que fugia de mim, com mamãe que também sopitava no coração seus temores, com Leila que sempre parecia mais fascinada com a presença de Lúcius, o qual passara a me assediar, e com Marco que mal víamos, pois, quando não estava ajudando os soldados nos treinos, estava a catar todas as novidades de Roma, a enfiar em todas as fumas, a procurar letrados e artistas, ou a posar para Apolônio. Alguma coisa me contara Fábio, sem esconder que o próprio Lúcius tinha um pendor único para as artes e estava também esculpindo o porte de Marco, sentindo nisto grande prazer.

— Mas, Fábio, — perguntei diretamente sem esconder minhas preocupações — que têm resolvido? Pretendem partir junto ao novo contingente de soldados? Igala seguirá, mas tem motivos outros. Tudo indica que no fronte há de encontrar seus rapazes desaparecidos. Não gostaria que seguissem para o local das matanças. Somos cristãos e contrários a toda forma de violência. Estarão em erro se pretenderem seguir somente pelo dinheiro. Que será de nós se acontecer algo a um só de vocês?

— Acalma-te, Mariita. É verdade que temos tido propostas valiosas que seduzem, porém, não temos intenção de partir junto à legião do nobre Lúcius. Acalma-te. Ontem mesmo Marco respondeu ao centurião, informando que, se o pretor não nos quiser de volta a Óstia, procuraremos colocação na cidade. Pediu a Igana que pleiteasse junto a Glauco nosso retorno aos campos, tão logo o contingente parta. De mim tenho um convite de Júlio para ficar com ele, durante a ausência do pai, mas não quero me apartar de minha família. Marco voltará às tarefas no porto e tem ainda que posar

para Apolônio, que voltará às termas, a fim de completar sua obra. Ainda ontem ouvi-o discutir com Lúcius, que informava serem os trajes do deus que a estátua representa, originários da Pérsia, mas Apolônio o tem trajado à moda grega, repetindo a túnica de um ombro que Marco sempre veste. Não houve como demover o escultor de sua decisão. Lúcius ainda tenta convencer Artur, porém, prometeu-lhe, inclusive, em caso de morte na batalha, ajuda a Leila até o final de sua vida. Penso que, se o pretor não nos aceitar de volta a Óstia sempre posso ficar com Júlio. Pelo que sei Marco tem sua tarefa no Porto e tu podes te empregar junto a Aspásia. Tímon conta tomar e Silvia creio que partirá para algum recanto com Estácio, que a tem pedido por esposa.

— Estácio criou coragem finalmente? — perguntei espantada com a novidade, pois não via minha amiga há dias.

— Vejo que teus afazeres te furtaram aos fatos — retrucou meu irmão enquanto, com uma faca, cortava em tolotes galhos que tinham sido podados e que deveriam ser enxertados pelo jardineiro. Foi o próprio Marco quem deu a Estácio a coragem que lhe faltava.

— Mas eu pensei que Marco estivesse interessado por Silvia. — objetei admirada.

— Não conheces aquele touro — falou Fábio rindo muito. — Gostava de Silvia como de uma irmã, que ele parece só ter tempo para aprender, aprender, aprender. E o abelhudo mais atilado de quantos já conheci. Tudo percebe ou adivinha. Propõe soluções para os problemas mais intrincados, pergunta, como se disto dependesse que o sol viesse. Nosso Marco não parece ter tempo para as coisas do coração.

— E Artur? — perguntei procurando dar à voz um tom de desinteresse.

Fábio parou de rir, levantou para mim os olhos e voltou a cortar e podar os galhos pensativo. Por fim, respondeu:

— Esquece-o, minha irmã. Ele nunca te aceitará, a ti ou a qualquer outra.

— Porque dizes isto? — inquiri perplexa.

— Artur te ama, Mariita. Seus olhos o dizem, sua atitude também, mas nunca te revelará por outro modo. Aprendi a conhecê-lo. Outro dia ainda, conversei a respeito com Marco e sr. Venâncio. Eles concordam com meu modo de pensar. Artur renunciou a qualquer envolvimento amoroso, pois teme gerar filhos com problemas. Não insistas mais, porque tu lhe fazes muito mal.

Eu ficara com os olhos marejados de pranto, mas tentei prosseguir como se o que ele dissera não fosse importante.

— E ele partirá junto ao centurião para as lutas? — perguntei.

— Não sei, Talvez parta, talvez não. Tem amizade ao centurião. O que o prende é Leila. Talvez até siga para livrar-se de tua presença, minha irmã.

As palavras de Fábio eram duras e diretas. Mas ele tinha razão. Já era tempo que eu as ouvisse. Estávamos tão entretidos que não percebemos que um homem se aproximara de nós. Quando dei acordo de mim, o nobre Lúcius nos fitava com seriedade.

— Preciso falar com a senhorita — falou dirigindo-se a mim, e era como se ordenasse a Fábio que se retirasse.

Meu Irmãozinho, contudo, fingiu não perceber as intenções do romano, que, voltando-se para ele, ordenou:

— Deixa-nos a sós, filho, e não te inquietes, que não sou homem de brutalizar uma mulher, não vês?

Seus modos eram quase rudes e me assustei um pouco. Fábio, contudo, olhou-me como se quisesse dizer:

— Cuidado! — e retirou-se.

O Romano tirou o capacete que sempre usava e ergueu o manto, sentando-se num banco que estava ao nosso lado. Com um gesto ordenou que eu largasse meu trabalho e também sentasse ao lado dele. Por fim, começou a dizer lentamente:

— Marina, sei que tens muita força de vontade, juventude, beleza e inteligência. Venho te observando e sei também do amor que tens pelos pais e irmãos, bem como à Leila. Tenho uma proposta a te fazer. Pode parecer-te absurda, estranha mesmo.

Talvez até penses que eu esteja bêbado. Asseguro-te que não tomei nenhum licor hoje, nem que tenho febre ou malefícios de qualquer tipo.

Ele parou uns instantes, observando o efeito de suas palavras, para prosseguir pausadamente:

— Sou homem de alguns recursos. Tenho terras, servos, casa no Palatino, e uma carreira ainda pela frente. Sou generoso e honesto — e acrescentou à socapa: gostaria que te casasses comigo!

A surpresa não poderia ser maior do que foi. Eu sempre sentira que nada havia entre nós, senão um certo receio de parte à parte. Como explicar aquele pedido insólito? Mas Lúcius continuou:

— Não precisas responder-me agora. Tens três dias a contar de hoje, pois partiremos na entrada do mês de maio

— Por que? — perguntei num fio de voz.

— Tu me agradas — foi a resposta — Eu podia escolher uma patrícia, ou alguém que me nobilitasse com um nome ilustre. Mas para que? Só para ter ao lado uma destas enfatuadas "peruas" do Império? Meu valor me basta, sem que eu precise apoiar-me nos frágeis ombros de uma mulher! Pensa, pois, em minha oferta. Virei pessoalmente buscar tua resposta.

O centurião fitou-me diretamente nos olhos com um ligeiro sorriso a lhe brincar nos lábios. Era como se me dissesse: "E então? Jamais esperarias por isto, não é mesmo?". Sustentei-lhe o olhar, procurando entender as razões que o levaram àquela atitude. Lúcius era uma incógnita diante de mim. Levantando-se, fez ligeira curvatura, imprópria para alguém tão ínfimo na escala social como eu, e retirou-se como se nada houvera. Eu estava tão abismada que não sabia o que refletir. Era evidente que aquele homem não me amava, pelo menos não havia nenhum amor, como eu o compreendia, nas suas atitudes! E então, por que? Por que? Eu me perguntava aturdida. Fábio, vendo que o centurião se fora, tornou a mim, observando-me a perplexidade.

— Então, o que aconteceu? Por que estás por este modo? O que havia de tão importante e tão particular nesta conversa?

— Nem podes imaginar — falei impressionada — O nobre Lúcius pediu-me em matrimônio!

— O que? — perguntou meu irmãozinho tão atônito quanto eu mesma. — Mas o que andaste fazendo? Como fizeste para conquistar o centurião?

— Conquistá-lo? Eu não o conquistei — retruquei indignada, percebendo que me julgavam diferentemente. — Ele está tentando comprar-me, é apenas isto. Mas por que? Por que? — e a pergunta martelava-me o cérebro insistentemente.

— E essa agora! falou meu irmão aborrecido. — Recusar seria uma ofensa. Como te haverás de sair desta? Preciso avisar Marco e papai. Parece que te encrecaste de uma vez!

— Aspásia! — pensei num arranco. — Talvez ela possa me ajudar! Fábio, leva-me à casa da sobrinha do senador. Anda. Faze isto! Depressa!

— Mas para que? Já não bastam os segredinhos de outro dia, com aqueles recados a Leandro? Queres te meter em mais apuros? Com esta gente não se brinca, minha irmã. Se Antonino descobre que alcoviteira és, além de uma encrenca, terás duas.

— Fábio, não discutas. Não vês como estou aflita? Ajuda-me. Só Aspásia pode me favorecer. Ela intercederá por mim junto ao tio, que usará sua influência para mudar os planos do centurião. Ouve-me. Leva-me o quanto antes.

— Estou a serviço dos senhores, a dirigir sua carruagem. Não posso simplesmente usá-la como se fosse minha! — objetou meu irmão.

— Por favor, querido. Diz que a senhora te requisitou. Pede licença para servi-la, que Glauco sempre obsequia o senador. Não fiques aí parado. Não vês que é minha própria vida que está em jogo?

Muito a contragosto meu irmão mais novo saiu a conferenciar com Igala e logo partíamos rumo à mansão da nobre Aspásia.

Felizmente, ela se encontrava em casa e recebeu-me surpresa. Assim que ficamos a sós, perguntou-me:

— Que acontece? És portadora de alguma mensagem de Leandro?

Só então me lembrei do amor clandestino dos dois e de como eu fora a mensageira para um dos encontros que deviam ter tido há dias. Por certo, Aspásia não sabia que seu escolhido, além de pobre, um cristão. As malhas estavam cada vez mais intrincadas e me senti perdida.

— Não estive com Leandro — menti lembrando que o vira nas catacumbas e fiel à minha promessa. — Preciso de ti! Ajuda-me! — supliquei quase em pranto.

Aspásia percebeu o meu desespero. Ergueu-me de seus pés onde mi me atirara e perguntou solícita:

— O que acontece? Fala! Prometo que farei tudo o que estiver no meu alcance!

Relatei-lhe tudo o que ocorrera pela manhã. Eu estava sem me alimentar, dada à pressa em buscar socorro, e uma vertigem me tomou de súbito. A nobre romana me amparou, solicitando das servas que trouxessem algo com que me reanimar. Informei-a que estava em jejum e ela providenciou-me alimento.

— Pobre criança! — falou docemente — Eu não posso casar-me com Leandro, por ser ele destituído de nobreza ou riquezas. Tu tens a proposta sonhada por muitas patrícias, e isto te martiriza. A vida é mesmo cheia de mistérios. Lembra-te dos auspícios do oráculo de Serápis? Para mim prometeu ao final a vitória, e para ti apenas dores. Prometo que intercederei junto a titio para que dissuada o centurião, mas sabes como os homens são teimosos e autoritários. Por certo, todos julgam que o romano te dignifica com sua preferência. Eu, no entanto, te compreendo. O coração não conhece conveniências nem títulos. É um pequeno tirano que não ouve razões. Três dias disseste? Três dias para tua resposta? Se o romano insistir, apesar do que pretendo interferir, não vejo meios para uma recusa. Causa-te ele tanta repulsa? — perguntou por fim.

— Ele não me causa nenhuma repulsa, nobre Aspásia. Quem sou eu para sentir tais sentimentos indecorosos, diante de sua proposta? Eu tenho é medo, muito medo. É evidente que Lúcius não

me ama. Então, eu me venho perguntando, a ponto de enlouquecer, então, por que? Por que?

Aspásia pensou uns instantes, sem contudo poder concluir nada.

— Quem sabe tu lhe inspires amor, mas ele não te disse, porque conta mais com sua posição e valor para conquistar-te. Falar-te-á dos seus sentimentos quando se julgar aceito. É vaidoso e orgulhoso este militar, bem o conheço. Mas, creio que tens razão. Tem um gênio difícil. Eu também teria medo de unir-me a alguém tão intempestivo quanto Lúcius.

Solicitou-me a amiga que eu levasse outro recado a Leandro. Quis ponderar-lhe o perigo daqueles encontros noturnos a sós, mas ela não me ouviu. Parecia uma menina mimada, impondo suas razões sem muita lógica. Incapaz de negar-lhe meus préstimos, eu, que viera pedir-lhe favor tão grande, prontifiquei-me a levar de viva voz o recado. Mandaria a resposta da seguinte maneira: se Leandro concordasse, lhe enviaria uma flor branca, caso contrário, não lhe mandaria nada. Fábio seria o portador da resposta. Eu me sentia sem ânimo para voltar. Precisava ficar sozinha e pensar numa solução.

Após procurar por Leandro encontrei-o em seu quarto no Viminal. Era um local que alugara, muito pobre e escuro. Ali vivia com uma irmã que deveria ter presumivelmente catorze anos e que o acompanhara naquela noite às catacumbas. Fábio se encarregou de levar a resposta. A irmã de Leandro, de nome Lúcia, apanhou de um vaso um gerânio branco e cortou-lhe a haste da flor. Meu irmão se dirigiu de retorno A mansão, e eu busquei cansada meus aposentos. Nas aleias, cruzei com Júlio, que tomava da Academia junto a um companheiro, o qual convidara para a ceia e um servo recém-adquirido por ele para o servir. Tive um mau pressentimento ao ver o rosto marcado pelos ferros do sentenciado que Júlio adquiria, para o adestrar ainda mais, nas lutas marciais. Seu rosto negro endurecido pelo sofrimento, com os olhos rasgados e a cabeça raspada, tinham um quê de feroz e cruel. Seguia o jovem como seu cãozinho de estimação não o faria, mas eu nunca pudera confiar muito nos cães, que eram preparados para lutar. Pareciam

feras, como também me parecia uma fera o servo calado que acompanhava os dois rapazes em alegre conversação.

Em casa, cientificados por Fábio que chegara antes mesmo de mim, todos me aguardavam cheios de ansiedade. Li em seus olhos que já sabiam do ocorrido, mas ninguém falou nada, respeitando meu desalento.

Aguardavam que eu me restabelecesse da surpresa.

Incapaz de me alimentar, procurei dormir, sem conseguir, contudo.

— Meu Deus! — pensava a cabeça a girar — iluminai-me! Inspirai-me a agir! Não quero desposar o centurião! Que casamento seria este, Jesus? Por que haveria de me querer este homem? Brinca com meus temores? Diverte-se às minhas custas! Não pode estar levando tudo a sério. Deve ser isto. Mais uma de suas brincadeiras! Só pode ser! Não o posso julgar tão leviano que me imponha esta união só para testar-me!

Desencontrados eram meus pensamentos. Dormi exausta da caminhada feita para acordar, muitas vezes na angústia dos mesmos problemas. Pesadelos muitos se desdobravam no sono. Na vigília eles continuavam através da realidade da hora presente. Mas eu me decidira a responder a Lúcius com uma negativa. Como o faria, contudo? Quais seriam meus argumentos? E qual seria a reação do orgulhoso centurião? E se eu fugisse? Talvez Aspásia me escondesse até que ele partisse. Podia bem morrer em combate. À tal ideia arrendia-me imediatamente. Era um desejo desumano. Teria que enfrentá-lo cedo ou tarde. E Artur? Estaria ciente? O que pensaria disto tudo? Que conselhos me daria? E Venâncio? E Sílvia? E Igana? E meus pais? E Marco? Ouviria os conselhos de todos antes de me decidir. Talvez alguém alvitrasse alguma solução. Eu teimava em ter esperanças.

No dia seguinte, logo cedo, mamãe me acordou com carinho e apreensão. Sem mais delongas foi me dizendo:

— Minha filha, sabemos da proposta do centurião. Compreendo que este fato não teve para ti a feição de uma bênção. O nobre Lúcius, contudo, não é mau. É um homem de posição e

fortuna. Tem sido correto com teus irmãos, bondoso com Leila. Tens que ver como a menina o adora! Na verdade, ele conquistou a todos, menos a ti. Não lhe reconhecemos nenhuma angelitude, é claro, mas é um homem bonito, cheio de qualidades...

— O que pretendes insinuar? Que conselhos me darias? Estás de acordo com este compromisso, mesmo sabendo, minha mãe, que não sinto nada por este homem? Que ele não me é apenas indiferente, mas que lhe tenho medo?

— Ora, minha querida, tens-lhe medo? Mas por que? Eu jamais pensei que ele te inspirava este temor, que é, bem o sabes, injustificado.

— Está bem, mamãe. Por que não dizes o que realmente pensas? Achas que não posso recusar, não é mesmo? Que isto traria a todos sabe-se lá que atitudes do centurião, não é mesmo? Além do mais, este matrimônio me apartaria de vez de Artur!

Eu mesma enunciará aquelas razões presa por incoercível mágoa, Sem qualquer intenção de magoar minha mãe, mas, ao ouvir-me, percebi que interiormente encontrara, quem sabe, os motivos reais do pedido estranho do centurião. Ah! A malícia daquele homem era terrível. Uma luz brilhou no meu cérebro. Afinal me parecia ter encontrado o único motivo possível para que Lúcius me pedisse por esposa. Com isto me separaria de quem eu amava de uma vez por todas. Desiludiria Artur e se interporia entre ambos. A revelação daquela certeza em mim implodiu meu coração em ritmo descompassado, vibrando intensamente um sentimento misto de ódio e admiração para com o patrício.

Mamãe argumentava ainda, mas eu não a escutava.

— Então é isto! — eu pensava aliviada por, enfim, compreender. — Não me conheces, mesmo! Não me prestarei às tuas artimanhas!

— Prefiro a morte! — gritei à Minha mãe perplexa, interrompendo os conselhos que estava me dando e saindo intempestivamente.

Procurei imediatamente Venâncio. Ele me ouviria. Ele acharia uma solução para o impasse. Haveríamos de conseguir ludibriar aquele ardiloso romano. Eu poderia inventar alguma doença no sangue, alguma maldição de família, alguma coisa tão terrível que mudasse seu parecer. Encontrei o velhinho limpando os largos ladrilhos da entrada, sob as colunas que a guarneciam. Ele abandonou uns instantes a tarefa, pois sabia de meus apuros, sentando-se nos degraus ao meu lado.

— Minha filha — ponderou após ouvir meus comentários — talvez lenhas razão, talvez não. Ninguém pode conhecer os insondáveis mistérios do ser humano. Julgas Lúcius e fazes mal. Podes estar enganada em teu julgamento, que, aliás, sempre foi muito exigente com relação às pessoas e, principalmente, com relação a ele. Quem pode te assegurar que este romano só visa neste enlace as metas que citaste? Por que ele te martilizaria à toa? Que lucraria com isto?

— Há gentes que só se sentem felizes com a desgraça alheia —argumentei.

— Concordo. Temos visto muitos que se perderam nestes gozos Infelizes, mas nem podes imaginar que desgostos interiores carregam. Lúcius é alegre, descontraído. Não o posso imaginar tal como o pintas. Sei o que te impede de aceitar tal compromisso. Teu amor para com Artur. Não cores. Não intentes negá-lo, senão como posso ajudar-te? Mariita, mesmo que Artur te ame, suponhamos que sim, ele não se ligará a ti. Saiba que ele se decidiu a partir junto a Lúcius. Não tentes demovê-lo, minha filha. Não conseguirás. Ouvi-o atentamente. Aconselhei-o. Ele resolveu e isto lhe basta.

— Mas, e Leila? — perguntei, lembrando que para ele a irmãzinha resumia todo um universo.

— O centurião deu uma importância ao seu administrador para que cuidemos dela. Artur conta voltar. Tu não podes saber, não admites, mas existe uma amizade muito terna entre ele e Lúcius. Não malicie as coisas. Nosso querido irmão jamais se venderia ou cederia no que julga correto. Eu lhe fiz ver o perigo de continuar ao

lado do centurião, que não há de, eternamente, ficar paciente na sua conquista. Mas, Artur não me entendeu as razões. Enfim, o que te posso aconselhar é que aceites este pedido. Quem sabe não serás tu, tal como Ester, a escolhida para modificar o gênio do romano, tornando-o mais cristão, ou até cristão, se possível? Considera,, minha filha, que, na maneira de pensar dele, há neste pedido muito louvor a ti, muito engrandecimento. Sei que não sentes o apelativo disto, talvez porque o afeto por Artur te impeça de compreender. Mas o romano te honra com a escolha. Esta é que é a verdade. Não és a primeira, nem talvez sejas a última contemplada com esta escolha. Roma está mais liberal, apesar dos preconceitos para com a plebe. Muito orei por ti. Durante toda a noite não pude dormir, preocupado, porque te conheço desde menina. Sei o quanto és teimosa. Mas, se podes me ouvir, não atices o orgulho do centurião com uma negativa. Vê se, com jeito, consegues adiar uma resolução já que partirão em cinco dias. Terás, por este modo, dilatado o prazo e o tempo pode se encarregar de mudar a hora presente em teu benefício. Se não podes contemporizar, então cede e fica conosco enquanto ele vai à luta. Os desígnios divinos são inescrutáveis, filhinha. Aconselho-te máxima cautela.

Eu pensava em argumentar, porém, ele voltou aos seus afazeres e, assim, corri a procurar Marco antes que saísse. Encontrei-o já na cavalaria a atrelar uma carroça. Parou ao me ver. Ficou à espera que eu falasse, para depois responder:

— Não ousaria interferir, a menos que me pedisses. Isto é assunto teu, Quando chegasse minha vez de decidir não gostaria que outros se Intromettessem. Mas, já que me pedes uma definição minha te digo: sou contra! Totalmente contra a que te unas a este patrício. Agora repito: a decisão é tua! Se queres, casa-te. Se não queres, melhor te será fugir para algum lugar, porque não penso que ele aceitará uma resposta negativa sem cair em cima de todos nós! Lúcius é bom, mas orgulhoso. Tu pensas que ele não te ama! Eu não sei! Penso que ele ama mais o Artur do que tu!

— É isto! — falei percebendo que meu irmão pensava da mesma forma! — Ele só visa separar nós dois!

— Ora, irmãzinha. Não achas que pensar assim é dar muita importância a si mesma? Não. O romano quer aos dois. É o que me parece!

Aquela conclusão de Marco era chocante demais. Ele continuou:

— Resolve-te. Se quiseres recusar, então acho que teremos que fugir. Porém, não vejo meios para fazermos isto. Nos perseguiriam até os confins do Império!

Marco fitou-me tristemente, depois tomou as rédeas da carroça e gritou pelos outros rapazes que o aguardavam.

Vi-os partirem. Artur fitou-me por um instante. Percebi pelos seus olhos que também ele soubera do pedido do romano, mas só havia tristeza em seu olhar. A revolta íntima ele a escondia de mim. Não se julgava com direito a ombrear com o centurião.

— Tolo! Covarde! Idiota! — eu pensava, assombrada com a violência sentimental que me grassava no íntimo.

Os dois rapazes correram rapidamente. Lúcius viria buscara resposta, mas eu era mais orgulhosa do que poderia ter parecido até então. Resolvera dizer-lhe não. Marco insistira em saber qual minha resolução, mas vil calara. Não podia crer que o romano descontaria minha recusa em todos. Não fugiria dele. Responderia o que pensava, se me obrigasse a uma definição. Antes, contudo, ouvindo as ponderações de Venâncio, tentaria uma dilatação de prazo para a resposta.

Lúcius chegou à tardinha. Não podia negar que estava belo, cativante. Tinha um porte invejável, e era elegante nas suas maneiras.

Eu já o esperava, procurando desataviar-me o mais possível de qualquer encanto. Além disto, as manobras mentais daqueles dias me tinham abatido profundamente. Ao saber que me buscava, por Sílvia, fui ao seu encontro no jardim. Mamãe e papai ficaram em

preces, enquanto os demais, aos quais ocultara minha resolução, ficaram à espera.

Descendo as escadarias da casa, eu o vi sentado no mesmo banco onde me surpreendera com o pedido. Caminhou em minha direção e percebi-lhe a máscula beleza. Tive um instante de indecisão. E se Venâncio estivesse certo? E se eu devesse aceitar? Mas, a voz de meu orgulho abafou os conselhos do amigo. Eu não permitiria àquele homem me subjugar com sua malícia.

— Boa tarde, Mariita — falou Lúcius, quando cheguei até ele. —Vejo que pensaste bastante no que te disse. Agora é tua vez de falar. Vim buscar tua resposta.

A voz parecia ter morrido na minha garganta.

Duas entidades estavam ao meu lado, naquele instante. Haviam me seguido durante a vigília e o sono. Uma era Luci, que jamais se apartara de nós e constantemente nos auxiliava. Outra era uma cruel entidade de tipo chinês, muito bela, que se manifestara no barco, antes do temporal. Luci pedia-me calma, obediência. A outra manipulava meu orgulho e determinação, cavando-me a ruína. Mas a decisão me pertencia. Nenhuma das duas, naquele momento, poderia fazer por mim o que eu queria. Minha atitude é que me ligaria a uma ou a outra.

Sentei-me no banco e fiquei procurando acalmar-me interiormente, espicaçada pela chinesa e instada por Luci.

— Nobre Lúcius, gostaria de saber por quais motivos fizeste esta brincadeira comigo.

O romano cerrou o sobrolho:

— Por que foges à resposta que aguardo? Sabes que eu não estou fazendo pilhéria. Tanto sabes, que foste procurar a intercessão até do senador Antonino! Não me mintas, pois eu tive muito trabalho para fazê-lo ver que agia de boa mente! Tu me humilhaste e agora foges de uma resposta franca!

Lúcius perdera a calma, evidentemente influenciado por minha inimiga espiritual, que também estivera lhe acendendo os brios. Além disto, as tendências libidinosas do centurião lhe atraíam almas afins, a desejarem todo o tipo de sensação de gozo corporal, todas as emoções fortes e o Incentivavam procurando ganhar-me.

— Mariita — falou adocicando a voz — estás a me julgar por leviano e isto não sou! Fala sem receio. O que está te impedindo de aceitar meu pedido?

— Sei quanto este enlace me beneficiaria, e, na verdade, não me vejo credora de tanta consideração — falei procurando humilhar-me. — Se procurei a interferência de Antonino, foi porque pensei que o senador veria e te faria ver a disparidade de tal união. Sou inculta, pobre e não sou romana. Este casamento só iria te prejudicar junto a teus amigos, junto à carreira militar. Não tenho o direito a aceitar algo que viria a te constranger. Eu não saberia me apresentar bem ao teu lado. Sempre te lembraria a condição inferior de serva. Acabarias por te envergonhar de mim e eu seria infeliz por estar acima e deslocada, num ambiente ao qual não estou habituada. Nobre Lúcius, gostaria de pensar mais tempo. Deves reconhecer que nada poderia me fazer sequer suspeitar o que pretendias.

Eu argumentava, mas percebia, pelo olhar que o romano me dava, que meus argumentos não bastavam para amenizar a recusa que se vestia de humildade. Eu não enganava Lúcius, e isto também se devia à conversação mental que outro grupo de espíritos mantinha com ele, sem que percebesse, manipulando-lhe as conclusões:

— Ela está mentindo! Diminui-se aos teus olhos apenas para ganhar tempo! Deseja que morras! Não sejas tolo! Ela te ofende com uma recusa, em palavras de mel e veneno!

Outras, magnetizadas à mente de Lúcius, como pontos negros, apenas repetiam sem cessar:

— Bruxa! Bruxa! Mentirosa! Tu, só tu, és a culpada de todos os males que nos atingiram! Só tu! Finalmente temos a nossa

vingança! Não nos escapas vestindo a capa de cordeiro. Bruxa! Bruxa!

A interferência delas eu pressentia no olhar frio e duro com o qual o romano me ouvia. Eu deveria ter escutado os conselhos ponderados de Venâncio que melhor percebia toda a trama, mas meu orgulho do passado, bem como a aversão das lutas de antanho punham-me avessa a qualquer capitulação diante dele. Eu não percebia, mas a mesma obstinação do romano em ter-me eu exercitava com relação a Artur, embora lutássemos com armas diferentes.

— Peço-te desculpas se te magoei, contando ao senador minhas dúvidas. Só desejava teu bem, e a verdade é que tenho muito medo de te decepcionar. Por que não esperas um pouco mais? Quem sabe tu mesmo hás de concluir da sorte de poderes escolher alguém melhor do que eu!

O silêncio de Lúcius me enregelava as veias. Eu prosseguia, escolhendo as palavras, suplicando a Deus me valesse. Depois me calei. Queria ouvir o que diria. Por um momento, julguei que se levantaria e sairia sem nada dizer, depois que me agrediria. Por que não falava logo? Por que me olhava como se desnudasse meu íntimo?

— És um homem belo, Lúcius. Agradarias a qualquer mulher!

— Menos a ti! Se eu te houvesse convidado para seres a cortesã de minha casa, ou para uma festa de vinho e mel, de ambrosias e caricias duvidosas, se eu te tentasse comprar com joias e presentes, talvez não fosses tão reticenciosa...

— É verdade! Se me tratasses como uma qualquer eu te diria "não" imediatamente! — falei perdendo a calma.

— Mas, como te venho dar a concessão maior, o que fazes? — falou com uma ponta de ironia na voz. — Pedes dilatação de prazo, a fim de dares um "não" com elegância, ou, quem sabe, com a esperança que eu não torne da frente de combate! Pois te enganas! Conheço uma recusa quando recebo uma, seja de quem

for e da maneira como se apresente! E, além disto, saibas que eu voltarei do combate e não aguardarei até lá uma resposta. Mas quero ouvi-la sem subterfúgios, com a mesma sinceridade com a qual te procurei. Dize, apenas, sim, ou, apenas não, e para de te fazeres de modesta, porque não o és. Conheço uma serva quando vejo uma, e sei quando uma mulher tem a altivez de uma rainha!

— Nobre Lúcius... — ia pedir num fio de voz.

— Sim ou não! falou-me imperioso.

— Nós não seríamos felizes!

— És tão covarde que não podes falar um simples não?

— Está bem. Podias esperar mais um pouco, mas queres assim. Eu não me casaria contigo, mas queres saber porque, além das razões que te apresentei? — inquiri, perdendo o resto da serenidade. Era como se eu quisesse espicaçá-lo.

— Não precisas dizer!

— Porque amo Artur! Amo Artur! Entendes?

VI um riso malicioso brilhar nos olhos do centurião.

— E, no entanto, jamais o terás como pretendes! — respondeu ele com malícia. — Se me desposares, porém, saibas que compreenderei. Poderemos ser felizes os três, minha querida!

Eu não podia crer no que ele me propunha. Mas, Lúcius continuou:

— Também amo a Artur, e se te faltou o romantismo ao pedido, digo-te que também te amo. Estarás assim vencida? Não me importo de que vivamos juntos, desde que eu possa ter a ambos! Em nenhum outro encontrarás tanta liberalidade!

As palavras do romano eram para mim um insulto, uma abjeção, uma monstruosidade! Nem pensei que os costumes dos patrícios eram permissivos, que Lúcius não conhecia aquele Cristo, que me abrandava a personalidade agressiva, que estávamos

ambos incapazes de raciocinar tal o bombardeio negativo de dias a fio daqueles que julgavam ter motivos de sobra para me odiar. Aqueles seres que eu vira tantas e tantas vezes quando menina, e que me causavam tanto pavor, não haviam ido embora para sempre, como eu supusera. Estavam apenas aguardando a oportunidade de agir contra mim, e minha dívida para com eles era incalculável.

— E agora? — tornou a perguntar o romano enraivecido. — Aceitas agora a minha proposta? Não apenas te casarás comigo, mas poderás ter o rapaz que tanto desejas! O que dizes?

— És um monstro! — gritei encolerizada. — Só um monstro faria tal proposta! Não posso mais casar-me contigo, pois me sentiria pior que uma cortesã, pior que a última das prostitutas de Roma! Como podes pensar que esta proposta me seduziria! Queres me ferir!

— Eu poderia ter-te à hora que eu quisesse. À força, ou sobre pressão. Eu poderia te mandar às feras do Circo Romano! Ou pensas que não?

— Pois faça isso! Faça o que quiser, eu não me importo! Prefiro as feras a casar-me contigo!

Antes que Lúcius se refizesse da resposta intempestiva saí correndo em direção aos meus aposentos de criada, deixando-o no jardim.

Eu me arrependia já do arroubo, da agressão verbal, do que dissera. Por que não me mantivera calma? Por que não conseguira, ao menos, negar sem grosseria? Entrei no quarto soluçando em desespero, cobrindo o rosto de vergonha e temor.

— O que fiz eu? Meu Deus! Meu Deus! — falava desconexamente.

Mamãe que andara a orar fitou-me espantada:

— Mariita, disseste não ao romano? E agora, minha filha, o que será de nós?

Abracei-me a ela em choro convulsivo. Só a muito custo pude lhe contar parte da conversa. Marco entrou no cômodo. Não precisou perguntar. Adivinhou.

— Vamos embora daqui! — falou resolutivo.

— Não é preciso! — disse Artur à porta. — Lúcius parte amanhã mesmo. Eu irei com ele. D. Fedra, cuide de minha irmã até que eu torne. Aqui tem uma importância que Lúcius me deu e mais o que pude guardar neste pouco tempo.

— Te vendestes ao centurião? — perguntei ainda envolta pela revolta.

— Cala-te! — ordenou ele. — Só pensas em ti mesma, e não podes sequer imaginar que malfizeste a nós todos hoje. Eu irei e procurarei da melhor maneira reparar o que fizeste!

Artur saiu e Marco foi-lhe no encalço. Papai apoiou-me a resolução. Foi o único. Até Fábio achava que eu fora rude em demasia.

Eu não me conformava com o rumo dos acontecimentos. Para mim Artur era ingrato, incoerente, insincero. Sentiria ele algo pelo romano? Seria apenas interesse em seu dinheiro? Como poderia eu entender suas defesas, suas predileções, parecendo procurar em Lúcius tudo o que eu via com desagrado? Quais seriam as relações que eles mantinham? Eu não tinha sequer coragem de fazer tais perguntas em voz alta. Elas me envergonhavam, mas me martelavam a mente mais e mais.

Ninguém parecia notar meu desespero. Quem sabe Lúcius mandaria uma escolta para me levar aos calabouços? Talvez, naquele mesmo instante, estivesse aliciando a soldadesca, programando torturas. Eu não podia dizer, mas tinha medo, medo. E os meus? Seriam poupados? Não se voltaria contra todos? Lembrei-me de uma conversa que ouvira, certa vez, no sítio de Glauco. Um servo havia referido um suplício presidido por Lúcius a um servo núpido que tentara contra sua vida. Mandou que o cortassem em pedaços, e que jogassem cada parte aos cães, antes de dar-lhe o

golpe mortal. Eu não pudera crer, então, pois quem referira isso não me era simpático ou digno de muito crédito. Vivia a contar coisas tão estranhas de sortilégios, poções mágicas, enfeitiçamentos, encantamentos. Mas agora, ao me lembrar do caso contado com minúcias terríveis, fiquei em pânico. Sr. Venâncio veio me procurar com a bondade que sempre lhe caracterizava o gênio. Acalmou-me. Fez-me relatar cada palavra, cada gesto. Por fim, concluiu:

— Fizeste mal. Não devias ter referido Artur, atraindo para ele as antipatias do romano, nem precisavas mexer com seus brios. Mariita, tanto que te pedi serenidade, paciência, minha filha. Agora acalma-te. Tenho fé em Deus que Artur conseguirá, com jeito, abrandar o estrago da tua explosão de há pouco. Sossega. Percebo o vulcão de pensamentos que te são lançados agora. Julgas mal a Artur, como julgaste mal ao romano, fazendo com que ele dissesse o que disse. Mariita, não percebes que foste joguete das sombras?

— Como assim? — falei surpresa mal contendo a indignação.
— Não ouviste as propostas que este homem me fez? As obscenidades que propôs?

— E achas que quando te pedira em casamento pensava por este modo? Não vês que quis te escandalizar, quem sabe, premido pelos teus inimigos? Esqueceste as promessas que te fizeram quando a tempestade estava prestes a cair? Minha menina, estás em grandes perigos, mas foste invigilante, muito invigilante.

— Mas são descaminhos terríveis que me esperam ao lado deste doidivanas, caso eu aceitasse este compromisso. Não vês que abismos sexuais o atraem?

— Vejo a vertigem que o arrasta, mas tu o precipitastes mais ainda nela, quando citaste Artur. Por que não calaste a tempo? Por que espicaçaste o orgulho deste homem? Não será por que igual orgulho te compele a tais atitudes? Provocaste gratuitamente seu ódio, quando podias ter feito tudo diferente. Pensa que Deus não nos tem criado para o ódio, ou para julgarmos os outros. Jesus era manso, humilde, terno. Nunca se viu que ele acusasse ninguém, Mariita. Perante a adúltera admoestou seus julgadores, diante de

Madalena, agradeceu lágrimas e perfume, ditando que, enquanto se falasse dele, o seu gesto seria lembrado com carinho. Voltou a Pedro para alicerçar-lhe a fé, procurou Paulo quando este o perseguia em Damasco, e deu-nos exemplo de bondade e brandura.

— Ah! Venâncio! Venâncio! Por que estas coisas acontecem comigo?

— Só Deus pode saber, minha filha, mas nada é sem motivo. Não és a vítima que queres aparentar, nem a culpada de todos os desastres. Anima-te. Teus irmãos e Artur procuram amenizar o efeito de tuas palavras. Se até amanhã nada ocorrer, bem pode ser que Lúcius vá embora e só volte a Roma depois de muito tempo. A ferida já terá tido chance para fechar, e se isto não acontecer, pede a Jesus forças, porque sempre responderemos por nossos atos.

Venâncio calou e saiu. Eu não podia dormir. Vultos estranhos pareciam espreitar-me.

XIX - Várias Batalhas

Esperei em vão que o nobre Lúcius enviasse seus áulicos para me prender. O dia transcorreu normalmente. Havia um quê de tristeza no ar. Júlio voltara mais cedo dos exercícios e Glauco ultimava sua partida, 'gala seguiria junto ao senhor e, devido aos seus muitos pedidos, nós poderíamos tornar ao sítio do Óstia junto aos demais. Meu corpo estava dolorido e a cabeça pesava. Arrependia-me amargamente do roubo com que levara ao desastre o encontro da véspera. Apesar das, razões todas que eu julgava ter, malgrado o conhecimento que me felicitava, reconhecia o desastre causado pela minha estupidez.

Estava neste estado de ânimo quando Silvia veio despedir-se de mim. Partiria junto a Estácio. Sua felicidade abrandou um pouco meus cuidados.

— Querida irmãzinha — disse-me ela emocionada — nossa vida tem muitos atalhos. Teu Marco foi o irmão mais querido que

encontrei em toda minha vida. Devo a ele, mais do que a ninguém, a alegria que me invade. Sabes que ele convenceu Estácio do meu afeto, nem podes Imaginar como foi amoroso ao fazer-me ver que não deveria renunciar à felicidade, nem ao amor. O amor é a coisa mais linda do mundo Mariita. Estácio sabe, inclusive, que sou cristã. Pede-me, apenas, que eu não me exponha. Não entende, mas aceita. Conta em se afastar dos bulícios de Roma para uma vida calma, com uma pensão que recebeu de um patrício. Irei com ele. Ninguém poderá mais nos separar, ou ferir. Gostaria, no entanto, que pudesse partir, vendo-te igual a mim. Por que não aceitaste o pedido do nobre Lúcius? Bem temo que cedo ou tarde venhas a te arrependeres de teu arroubo!

— Desde já me arrependo pelo que se passou. Eu não tinha o direito de ofender os brios daquele homem terrível. Não, sendo cristã, não devendo tanto a Deus e aos meus! Fico feliz por ver-te partir. Lembra-te de mim em tuas preces!

Abraçamo-nos ternamente. Sílvia procurou os demais. Tornei às minhas inquietações. Mamãe espreitava a via que conduzia ao palácio do pretor, aguardando, de uma hora para outra, uma escolta que nos procurasse. Tal escolta não veio. A noite caiu num silêncio triste. Meus amigos nômades preparavam-se para uma separação, cuja duração ignoravam. Artur despedia-se de Leila. Meu irmãozinho Fábio, sem que soubéssemos, contava suas primeiras emoções afetivas, sopitando no coração uma tristeza calada. Tinha se apaixonado pela irmã de Leandro, a pequenina Lúcia.

Procurei meus aposentos tão logo pude, pois desejava fugir aos problemas através do sono reparador. Já não me importava o que viesse a mim. Estava exausta. Adormeci quase imediatamente, para ser acordada com alguém que me tocava os cabelos. Abri os olhos e deparei com Artur, sentado ao lado da cama e me acariciar.

— Partes amanhã... — falei em censura, sem entender porque me procurava.

— É verdade. Antes, porém, vim te pedir um favor muito grande.

— Se é com relação a Leila, não precisas dizer nada. Cuidaremos dela e não o faremos por dinheiro.

— Agradeço-te. Sei que darás a ela o carinho que eu não posso lhe dispensar, estando longe.

— Partirás porque queres! — afirmei sentida.

— Não é verdade. Parto para ficar longe de ti, talvez para morrer, embora reconheça que nisto estou errado. Parto para servir o nobre Lúcius a quem destrataste de maneira tão rude! Por que tens que ser sempre tão orgulhosa e autoritária? Queres pairar acima dos demais. Nem sabendo que talvez seja esta a última vez que nos vemos, podes encontrar mais doçura em tuas palavras?

— Não quero que partas!

— Mas, como? Parto por ti, a fim de que não sejamos todos vítimas do ódio que cavaste no coração do centurião! Parto porque te amo! E isto é tudo que terás de mim! A certeza deste afeto que para nada me serve!

Artur se erguera. Tentei abraçá-lo, mas me fugiu, dirigindo-se para fora. Parou por um momento, procurando dissipar a dureza das palavras ditas. Por fim, acalmado-se falou ainda:

— Perdoe-me, Mariita. E ora por mim a Jesus. Pede a Ele que eu possa voltar para minha irmã. Que eu não me arrependa de haver escolhido este caminho...

Saiu e o quarto pareceu ficar mais envolto em trevas.

Após uma noite de pesado sono, enquanto meu espírito se debatia de um lado a outro procurando sossego, fomos chamados para a partida do pretor. Glauco, em seu traje militar, abraçou o filho que o acompanhara até a varanda da entrada, montou seu animal seguido de perto por [gala e Artur, e alguns batavos se incorporaram ao séquito. Pelo que eu sabia, Lúcius os aguardaria numa das vias de acesso a Roma com seu grupo de jovens adestrados na Academia, seus muitos númides, comprados a mercadores de escravos, e seus auxiliares de confiança.

Vi-os sumirem na estrada com um suspiro de alívio. Nós partiríamos Após o almoço. Igana não mais se via. Tinha ido ocultar suas lágrimas a todos. Foi, então, que Fábio adiantou-se e pediu a Marco que o ouvisse por um momento. Vi quando falavam e como principiavam a discutir. Procurei fazer com que papai soubesse o assunto

Logo todos nós estávamos cientes que Fábio desejava permanecer em Roma. Queria ficar junto a Júlio e servi-lo pessoalmente. Marco não aceitava os motivos de meu irmão. Eu percebia que Lúcia também tinha parte naquela decisão. Papai, que era mais moderado, e o sr. Venâncio faziam-lhe ver o perigo de ficar ali, sem ninguém de nossas relações. Foi quando Tímon ofereceu-se para também permanecer na propriedade, para cuidar dele. O olhar com que Fábio lhe agradecia indicava quanto isto era importante para ele. À tarde, quando saímos tristes e abatidos em direção aos campos que aprendêramos a amar, pensei como era triste partir, deixando parte de nós para trás. Sílvia seguira seu destino, Fábio ficara e Artur apartara-se de mim ressentido. Marco era o único braço forte, meus pais estavam abatidos, e Igana triste. Nossa viagem transcorreu num clima de prece e tensão nervosa. Daí a alguns dias retomávamos os afazeres em Óstia e no sítio. Reuníamos-nos à noitinha para orar em conjunto pelos nossos amados que haviam se apartado de nosso lado.

Quando íamos ao porto, muito raras vezes, tomávamos conhecimento dos fatos da batalha que se desencadeava nas fronteiras.

Uma guarnição de batavos se incorporava ao grupo de Lúcius e Glauco ao atravessarem o Danúbio. Vararam pântanos e geleiras, sempre em marcha. Montavam seus acampamentos e procuravam arregimentar mais soldados. Arrebanhavam bois e carneiros para consumo junto aos povos semibárbaros das regiões pelas quais passavam. Havia um descontentamento surdo em todas as províncias, que se sentiam achacadas pela peleja demorada. Muitas eram as famílias desfalcadas em razão das baixas entre seus mais jovens membros.

Envelheci prematuramente em meu interior. Cuidava de meus pais, sentia o afeto puro e doce de meu irmão, confidenciava meus temores com Igana, e, à noite, procurava distanciar-me em espírito até os acampamentos e as fortificações romanas, procurando meus dois amores, Fábio e Artur, em cuidados mil.

Uma tarde, estando junto de mamãe a fiar, ouvimos um tropel de cavalos vindo pela estrada. Tive esperanças que a guerra houvesse terminado. Corremos para fora, cheias de ansiedade. De longe reconheci Fábio e Tímon que nos procuravam apoio. Justamente àquele dia Marco ausentara-se para pousar em Óstia. Apolônio ultimava a estátua em mármore. Eu a fora ver às escondidas com Igana. Estava maravilhosa! Só faltavam os últimos retoques no rosto e drapeado da toga.

Mamãe e eu corremos em direção a Fábio, mal contendo nossa alegria. Ambos desmontaram e abraçamo-nos cheios de saudade e carinho. Fábio encorpora. Estava um homem muito gracioso. Tímon tinha as mesmas maneiras francas.

— Onde está Marco? — perguntou Tímon ansioso.

— Não se encontra na propriedade — informou mamãe, completando: Vinde comigo. Teu pai e os demais ficarão m rito satisfeitos com a surpresa que nos fazes. Ah! Meu filho! Meu filho! Como estás bonito! Por que não vens mais vezes nos ver? Voltarás ainda a Roma?

— Mamãe, nem podes imaginar como fiz bem em ficar! Agora preciso dos conselhos de Marco. Estaremos todos em graves apuros se algo acontece ao nobre Júlio.

Vendo-lhe a aflição, demandamos o interior enquanto nos informava que o rapazinho, seduzido pela necessidade de auxiliar o pai e demonstrar seu valor, fora convencido por um servo a partir para as regiões da peleja. Convidara Fábio, mas este o tentara dissuadir. Ainda na véspera, contudo, partira às ocultas com um grupo de amigos da Academia. Fábio temia que fosse alguma cilada do númide que o servia, aquele mesmo estranho homem cuja fisionomia me causara tanta impressão. Seu nome era Macati.

Enquanto Fábio nos cientificava do ocorrido, Tímon procurava Ambrósio e Sérvulo. Confidenciaram seus temores. Ambrósio partiu à procura de Marco e Sérvulo, sabendo da amizade que parecera unir o pretor a Antonino, alvitrou a possibilidade de se procurar junto dele auxílio. Em poucas horas meu irmão e o primo de Tímon chegavam suados. Marco explodiu em zangas aos dois:

— Ao invés de virem para cá, deviam ter procurado alguém das relações do pretor e contado tudo. Não te lembraste de Antonino, meu Irmão? Perdeste um tempo precioso! Sabe-se lá por quais perigos estarão o jovem Júlio, e seus amigos?

E, como se fora um comandante de tropas, ordenou:

— Arreiem os cavalos mais rápidos. Mamãe, prepara-me um farnel. Partamos imediatamente. Qualquer demora poderá ser fatal ao rapazinho.

Igana queria ir junto. Tinha muito afeto ao menino, cuja amizade pura por Quima a conquistara para sempre. Marco não permitiu. Tinham que ganhar tempo! Precisariam correr até o último alento! Ordenou a Fábio que tratasse de pôr-se a caminho com ele. Por conhecer os detalhes da fuga de Júlio, poderia dar maiores informes e assim auxiliar. Tímon também não teve nenhum momento para descanso. Intensamente preocupados, vimo-los partir rumo à estrada, sem poder conter as inquietações que nos martirizavam.

A preta confidenciou-me seus temores pelo rapaz e o marido ausente. Pensava nos filhos, pensava em Quima:

— Suplico a Jesus e ao meu filho que olhem por nosso Júlio. É um jovem tão gentil, tão valente, como não podes imaginar perfeitamente, pelo contato que tiveste com ele, Mariita.

Abatidas, encontramos na oração algum consolo. Minhas horas de descanso eu passava a estudar as Escrituras, ou a fazer companhia a Leila. Com o tempo ela se apegava, mais e mais, a mim, porém, nunca deixava de demonstrar o quanto sentia a ausência do irmão.

Após longa e cansativa viagem, Marco, Fábio e Tímon chegaram a Roma, indo diretamente à procura do senador Antonino. O nobre homem estava ausente, e isto fez com que tivessem que pernoitar na propriedade, enquanto Aspásia providenciava que servos diligentes o encontrassem. O senador estava em sua casa de campo e isto atrasou as medidas a serem tomadas. Quando chegou, convocou amigos, reuniu pessoas de sua confiança em seu palácio, traçou planos, reviu mapas que levariam aos acampamentos romanos e solicitou um grupo de valentes para saírem no encalço de Júlio e seus amigos, que eram dois, cujas famílias os julgavam, segundo o plano dos rapazes, passando uns dias na propriedade de Glauco. Não contente com isto, despediu dois mensageiros com ordens de distribuir a notícia a quantos contatos tinha nas diversas províncias. A finalidade era encontrar e trazer todos de volta, antes que fosse tarde demais.

Sem saber do perigo que corriam, os três amigos seguiam o estranho servo que prometera levá-los sãos e salvos ao encontro dos heróis da peleja, justamente até a 2ª Legião Fiel, comandada por Adriano, e seus famosos tenentes, cuja bravura toda a Roma comentava. Com ele o rapaz tinha certeza de encontrar Glauco, para se ligarem à Legião Minervina, que, segundo as últimas notícias da frente de combate, estava pondo em xeque os últimos redutos dácios.

Os campos conhecidos iam ficando para trás. A esperança e a alegria do reencontro punha os moços em tal euforia que o cansaço não conseguia retê-los muito tempo para descanso.

Quando a comitiva se aprestou para sair no encalço dos fugitivos, Fábio e Marco se incorporaram a ela, sendo que Tímon retomou ao sítio para nos ajudar nas tarefas, e notificar os acontecimentos.

Na verdade, tudo o que Macati desejava era ter os rapazes por reféns, vendê-los às guarnições dos bárbaros, a fim de se vingar da opressão sofrida e ganhar alguma coisa em ouro. Já havia programado fazê-lo há muito tempo e aguardara pacientemente a oportunidade de utilizar a confiança que Júlio lhe tinha, dado o seu

adestramento militar e o conhecimento que possuía das regiões em litígio. Lutara junto a Lúcius, antes de servir a Júlio. Fora só depois de muita insistência do rapazinho que o centurião o deixara ficar ao lado dele, para o adestrar. Um plano arquitetado com tanta vingança, com tanto cuidado, não iria falhar por causa de Fábio. Quase matara meu irmão, ao perceber-lhe a intenção de impedir o jovem de partir. Foi impedido ao seu gesto porque, justamente àquela noite, meu irmão fora às catacumbas encontrar-se com sua querida Lúcia e acabou por pernoitar em sua casa, a pedido do próprio Leandro, que vinha sendo seguido por dois tipos suspeitos. Temendo que pretendessem atacá-lo, solicitou a Fábio acompanhasse a menina até a residência de ambos, e ficasse com ela até sua volta.

Como Macati havia prometido partir no outro dia, logo cedo, e não pudera encontrar Fábio, dissuadiu-se de o assassinar.

Enquanto isto, os últimos redutos dos dácios eram bombardeados com ataques maciços de Trajano às Portas de Ferro.

Fugindo à rota das tropas, Macati internou-se junto com os jovens pelas florestas que ele tão bem conhecia, até onde pudesse sentir-se seguro para os entregar. Sabia do risco enorme que corria, mas já se comprometera demais e não recuaria agora. Os dácios poderiam matar os romanos, mas o aliciariam para o combate. Sabia que, pouco a pouco, levava-os, não na direção das fortificações romanas, mas direto aos acampamentos do inimigo.

Os dias sucediam as semanas, e a comitiva, após seguir o rastro deixado pelos rapazes, perdeu a pista deles, ao se aproximar dos últimos focos de resistência. O mensageiro que partira antes levava até o fronte a notícia do desaparecimento dos rapazes. Imediatamente, jugulado pela dor mais funda, Glauco saiu no comando dos seus mais fortes soldados, à procura deles, e Lúcius fez o mesmo, vasculhando a região incansavelmente. Artur, Marco e Fábio atravessavam cada palmo de terra, invadiam casas, removiam céus e terra, sabendo que cada minuto perdido poderia destruir a vida de todos. Igala era incansável, à frente da patrulha, até mesmo esquecendo os próprios filhos na busca terrível. Após

semanas de improfícua labuta, entraram na cidade de Sarmizegetusa (***Sarmizegetusa — Cidade das Portas de Ferro, principal reduto Dácio.***), com todo o contingente. Era a última esperança de rever os desaparecidos, caso não houvessem sido mortos antes ou levados para regiões mais longínquas. Glauco ruminava: se em Roma guardavam-se os reféns mais importantes, visando, trocas futuras, quem sabe não teriam levado os jovens para locais mais distantes, onde se julgassem a salvo?

Marco confidenciava a Igala seus pressentimentos, já à entrada da cidade abandonada:

— Sinto que tudo se precipita para o pior. Ontem orei, enquanto vínhamos a derrubar os últimos combatentes! Haverão de se entregar do pior modo possível, destruindo tudo no rancor da derrota.

Igala nada disse. Pensou nos filhos e em Júlio, e suplicou a Deus lhe desse forças.

Os soldados entravam por todos aqueles palácios que haviam sido cheios de viço, beleza e luxo. Incapazes de sentir mais que a satisfação da vitória, muitos se rebaixavam no saquear as salas adornadas, malgrado as ordens superiores para que tudo fosse recolhido, a fim de ser transportado à Cidade Imperial.

Os nossos esqueciam a cobiça, incansáveis na procura dos pobres moços seduzidos pelo desejo de glória militar. Eram dez a porfiar nestes propósitos. Lúcius e Glauco, irmanados por uma dor profunda, vasculhavam os prédios, derruídos alguns, semicarbonizados outros pelos antigos moradores.

Num vão de parede, Marco viu um vulto que se arrastava com dificuldade, ferido de morte. Gritou por Fábio que lhe estava mais próximo. Ao se aproximarem do infeliz que agonizava, reconheceram um dos jovens foragidos.

— Lucrécio, onde está Júlio? Pelos deuses, dize! — gritou meu irmão.

O pobre rapaz estava empastado de sangue. As vistas lhe haviam sido vazadas, mas percebeu pela linguagem grega de meu irmão e adivinhou que era Fábio. Não tinha forças para falar e, apontando o rastilho de sangue que viera deixando pelo chão, apontou como se dissesse:

— Lá...

Incapacitado pela dor, Artur percebeu que o jovem tivera a língua decepada e, enquanto Marco corria na direção apontada, chamou desesperadamente pelo resto da patrulha.

— Igala! Lúcius! Glauco! Venham, depressa!

Os três acorreram, seguidos de perto pelos valentes, mas quedaram sem palavras diante do jovem moribundo, que era socorrido pelas preces silenciosas de Artur e por entidades que chegavam. Cientes do ocorrido, seguiram atrás de meus irmãos, indo encontrar, apoiado a dois negros, o jovem Júlio, completamente transfigurado por torturas inauditas. Os bárbaros lhe haviam cortado as orelhas e o nariz. O rosto fora sulcado por estiletes agudos e o corpo mostrava marcas de queimaduras maldosas.

Glauco deu um urro de dor:

— Meu filho! Meu filho! — gritou, abraçando-se ao infeliz que soluçava ao vê-lo.

O quadro era terrível. Lúcius deu ordens para que encontrassem o númide. Prometeu dinheiro, honras, tudo.

— Hei de assá-lo vivo! Hei de cortá-lo em mil pedacinhos! Miserável!

Começou a procura incansável. Igala abraçou-se ao rapaz ajoelhado no chão, enquanto via que ele estava sendo amparado por dois escravos, que eram seus próprios filhos: Atúmi e Imulo!

— Que ironia cruel! — falava, incapaz de demonstrar alegria, diante do quadro dantesco.

Ambos haviam salvo o rapaz da morte, no último assalto ao fortim, mas Atúmi tinha uma perna machucada pelas patas de um cavalo em fuga. Imulo, mais feliz, tinha um ferimento à altura do peito e informou que Macati fugira em direção ao Cáucaso.

Glauco recuperou a energia pelo ódio, e ordenaram que o nímide lhes fosse trazido vivo. Queriam vingança! Ele e Lúcius.

Chamados pela guarnição que arrombava as portas do palácio real de Sarmizegetusa, enquanto Artur e os seus recolhiam os três feridos e Lucrécio que entregara a alma a Deus, depararam com a impossibilidade de se vingarem pelo ocorrido. Tinham sede de devolver cada um dos golpes dados em Júlio. Mas, diante de seus olhos assombrados, aos pés de Adriano, que por primeiro entrara no local, depararam com um amontoado de corpos espalhados no chão. Todos estavam envenenados. Descendo as escadarias que levavam ao subterrâneo, Trajano seguia frente, até a sala de banquetes. Ali, os ministros, os conselheiros do rei Decébalos (**Rei Decébalos — Imperador dos dácios.**) jaziam tombados sobre a mesa, também envenenados. Não haviam capitulado, senão com a morte! Macati, sem poder vender-lhes os três jovens, divertira-se em torturá-los. O terceiro rapaz foi só muito mais tarde encontrado esmagado sob pesada estátua.

O preço da vitória fora alto demais. Júlio deformado, era um cadáver ambulante. Igala, ao seu lado, velava-o como a um filho. Glauco transtornado, partira à procura do causador de tanta desgraça.

— Igala — pediu o moço com a voz angustiada — dá-me o filtro que levas ao pescoço! Pelo amor que ainda tens aos teus filhos. Poupa a mim e ao meu pai esta desgraça!

Nosso amigo entendeu o sentido do pedido. O pó ele o reservava sem nunca pensar em utilizá-lo, dado as novas concepções de vida. Quima deveria ter contado a ele. Era um veneno poderoso, que matava sem muito sofrimento, cuja identidade passava de pai para filho, e que levavam consigo, para um caso de necessidade.

— Júlio, meu menino — dizia o preto em lágrimas. — Não me peças isto! Prefiro a morte, a fazer-te qualquer mal.

— Se me amas, se amas teus filhos, eu te suplico, dá-me o filtro. Que vida seria a minha? Tomei-me um monstro! Não vês? Pelos teus deuses, pelos deuses romanos, eu te suplico!

Todos haviam se afastado em diligências várias. Uns levavam os corpos amontoando-os numa praça, onde seriam queimados. Fábio auxiliava Atúmi e Imulo, só Igala ouvia o pedido desesperado. Quima procurava impedi-lo de tal atitude, enquanto nós, no sítio, sem sabermos dos acontecimentos, éramos tomados por estranha sensação de abandono. Deitei-me mesmo no chão ao lado dos carneiros. Não podia permanecer lúcida nem acordada. Atraída ao local, cheguei a tempo de ouvir a desesperada súplica. Reconheci horrorizada o nobre Júlio, e percebi a trama Secundada por Quima, que eu mal via, por Luci, eu envolvia Igala em outras ideias.

— Não faças isto! Não faças isto!

— Não me peças isto, meu filho! Deus é bom e ama a todos nós Ele te poupou a vida! Deve haver uma razão! — ponderou Igala, afugentando o pensamento infeliz.

— Igala! — repetiu o rapaz numa voz anasalada horrível, que lhe vinha do fundo da alma — dá-me o filtro ou me transpassarei com a espada — e tomou da arma voltando-a contra o próprio peito.

Não valeram rogos do servo. Júlio estava decidido. Igala entregou-lhe o filtro e acordei a mim ao lado das ovelhas em desespero. Não podia lembrar onde estivera.

Quando Glauco tornou com seu prisioneiro Macati, Júlio dormia o sono eterno. Ninguém podia explicar, senão com a força de vontade do rapaz, o estranho passamento.

À noite, no acampamento, diante das muralhas, Trajano passou solenemente o anel de diamantes que recebera de *Nerva* (***Nerva Imperador romano de 96 a 98, morreu em 22 de nossa era. Foi justo e clemente. Adotou Trajano.***) para os dedos de

Adriano. Soube Lúcius que Plínio morrera na Síria, mas nada mais podia abalar do que já abalara, a morte do querido Júlio e a forma como se dera. No entanto Plínio vivia ainda.

No entrechoque de paixões de um campo cheio de ódio e horrores, o centurião bebeu mais que de costume. O cheiro da carne dos defuntos queimando evolava-se no ar. Glauco resolvera mandar mumificar o filho, procurando com uma máscara artificial de cera restaurar-lhe a fisionomia. Transportá-lo-ia a Roma, e o encerraria em rica urna. A vida para ele não tinha mais sentido, senão vingar-se.

Levado pelo álcool e pelo rancor, Lúcius procurou Macati, com um servo de sua confiança. Todos desconheciam-lhe as intenções. Enquanto as tropas festejavam a vitória, e o pretor chorava ao lado do cadáver do rapaz, o centurião tomou o prisioneiro e o levou fora dos muros. Os mesmos ferros de tortura que usara foram manobrados à luz de um archote. Impedido de gritar, Macati foi recebendo os mesmos golpes que fizera no corpo indefeso:

— Aqui o queimaste! — dizia Lúcius fazendo com que seu escravo repetisse o gesto infeliz. — Aqui o mutilaste!

Quando, ao procurarem os prisioneiros e sentirem falta de Lúcius, os nossos finalmente os acharam, Macati trazia no rosto e corpo as mesmas marcas produzidas no infausto romano. Ao ver o espetáculo horrível, Glauco gritou:

— Que fizeste, Lúcius?

Voltando os olhos congestionados para o grupo, ele respondeu simplesmente:

— Olhe para este animal! Estamos vingados!

Glauco, condoído e ao mesmo tempo enraivecido, tirou a espada e decepou a cabeça de Macati.

Àquela noite muitos prisioneiros foram justicados. Não era possível prosseguir com uma carga humana tão pesada, e havia

todo um despojo a transportar, na entrada triunfal de Roma. Enquanto os maiores partiam, o retorno de todas as armas, cavalaria e saque demoraria um ano para chegar às portas da Cidade Imperial.

Para meus queridos, contudo, voltar era a única meta. O desfecho daquela tragédia jamais seria esquecido. Igala sentia no íntimo o remorso devorador e nem mesmo a alegria do reencontro com os filhos lhe proporcionava conforto.

Junto ao esquife mortuário de Júlio partiram daí a um mês na tristeza e na dor. Só Artur continuava a servir Lúcius.

Não podeis idear jamais o terrível envolvimento que acompanhava as tropas vitoriosas de Roma. Desde os prisioneiros sacrificados à última hora, que haviam anelado ao menos uma vida servil, aos criminosos comuns abatidos em combate, até os inimigos do passado que ainda espreitavam, julgando os últimos fatos insuficientes para a vingança planejada, tudo contribuía no plano do espírito para um envolvimento trevoso terrífico, pesado, asfixiante. A soldadesca, feliz pelo desfecho da guerra, dava asas às libertinagens maiores nos acampamentos. Roubos e assassinatos aconteciam na calada da noite. Antigos escravos se corrompiam em libidinosa camaradagem com os oficiais mais nobres. Prisioneiras eram violentadas, com a conivência dos guardas encarregados de sua segurança. No Mundo Espiritual, Quima tudo fazia por recuperar a tranquilidade paterna, diante dos júbilos do reencontro com seus irmãos, mas Igala trazia o coração macerado por um remorso cruel. A morte de Júlio era um crime do qual se sentia a principal peça condenatória. Por que não pudera negar-lhe o veneno fatal? Mesmo que ninguém soubesse, mesmo que não desconfiassem do seu gesto, no fundo de sua alma culpava-se atrozmente. Sentia-se um criminoso. Como conciliar seu gesto com os ideais cristãos acalentados no recesso do ser? Como encarar os filhos com serenidade, se os dois lhe lembravam a cena angustiosa da visão do reencontro de Júlio tão mutilado e sofrido? Ninguém podia imaginar quão rudes pensamentos lhe anuviavam a cabeça cansada, nem o que lhe trazia tantas lágrimas aos olhos. Atúmi e

Imulo, resgatados por Glauco, eram transportados pelos meus irmãos no retomo à cidade dos Césares. Tendo preparado a múmia de Júlio, o pretor pediu licença para retornar à frente das tropas, e Lúcius o acompanhou com seu contingente, separando-se e adiantando-se aos demais. A pouco e pouco os dois romanos imergiam em ondas de impiedade e desespero. Macati, desencarnado, estava tão ligado por cordões de ódio a Lúcius, que este mal conseguia alguns instantes de reflexão e lucidez. As noites, ele as passava nas maiores libertinagens, dado ao álcool e aos companheiros, como se nada mais importasse. Nessas ocasiões, assediava Artur cada vez com palavras mais diretas e atitudes mais desconcertantes. Em vão os nossos tentavam trazê-lo a atitudes mais equilibradas.

Glauco, por sua vez, ensimesmava-se. Demonstrava alheamento invulgar às questões disciplinares. Passava horas monologando junto ao esquife mortuário. Ligado a ele, sem poder auxiliá-lo, o espírito de Júlio tudo ouvia em pranto e desespero. Dormira ou morrera, não sabia, contudo, sentia-se vivo! Via e ouvia os lamentos paternos, queria consolá-lo sem poder. Ao seu lado, o pequeno Quima procurava aliviar-lhe o sofrimento e levantar o ânimo paterno.

De acampamento em acampamento, de parada em parada, Marco e Fábio pressentiam um choque entre Artur e Lúcius. Conversando com Igala procuraram a influência do pretor, a fim de impedir uma desavença que poderia ter cruéis consequências. Mas, o nobre Glauco parecia insensível a qualquer outra dor que não fosse a sua.

A marcha prosseguia. Artur era instado a permanecer na tenda de Lúcius e assistir aos espetáculos mais degradantes. Convidado a participar, esquivava-se como podia, comprando, com isto, mais desafetos, que procuravam indispor o centurião contra ele. Numa dessas vezes, Marco Interferiu, mentindo que o pretor chamava por ele. Passaram a enviá-lo à frente das tropas em marcha, a fim de subtrai-lo ao assédio cada vez mais inconveniente do centurião.

Após alguns meses, a pequena escolta chegava a Roma, sendo recebida triunfalmente pelos moradores. Tratava-se de se aprestar festejos dignos à próxima chegada do Imperador e Adriano, o sucessor escolhido por Trajano. Glauco entregou os papéis protocolares a Antonino e preparou as cerimônias fúnebres de seu filho, enquanto os despojos dos seus dois outros companheiros eram recebidos em seus lares em pranto e luto. O esquife, ricamente trabalhado, ficou no Templo de Júpiter. As mais nobres famílias romanas renderam-lhe homenagens. Lúcius mandou fazer estátuas de sua figura para cerimônias familiares. Marco tratou de nos buscar em Óstia, segundo ordens do nobre pretor.

Quando o vimos tomar, barbudo e descomposto, junto a Igala e seus dois filhos, logo ficamos apreensivos quanto aos ausentes, mas Marco logo nos pôs a par do ocorrido. Igala abraçava seus dois filhos, e chorava de alegria. Ao saber da trágica morte de Júlio, sua alegria se desvaneceu. Sabendo que os romanos precisavam de nossos serviços, a fim de participarmos ativamente dos festejos em Roma, tratamos de nos pôr a caminho o mais breve possível. Eu estava cheia de ansiedade por rever Artur, Fábio, mas Roma ainda me causava calafrios. Informada do cerco que Lúcius vinha ostensivamente fazendo a Artur, percebi que a batalha não lhe arrefecera os desejos, antes parecera lhe endurecer ainda mais o gênio arrogante. Sr. Venâncio andava muito doente. Já se passara mais de um ano da nossa antiga estada no Palatino. Percebendo a tristeza de Igala procurei conversar mais com ele. Dava-me todas as informações pedidas dentro daquele sentido carinhoso, mas trazia os olhos anuviados pelas lembranças da guerra. Um dia, confidenciou-me toda a verdade que o vinha martirizando.

— Mas, por que o fizeste? — perguntei, mal contendo as lágrimas que o relato me trouxera. — Se o nobre Glauco descobre, não poderá se vingar em ti? Como explicaste a morte súbita? E agora, como poderás conciliar teu coração com esta lembrança terrível?

Abraçado a mim, o pobre negro debruçou-se em meus ombros, dando vazão ao pranto que guardara represado por tanto

tempo:

— Mariita — balbuciou — pede a Jesus que me perdoe. Eu preferiria haver morrido a fazer o que fiz. Antes de conhecer a servidão eu fora feliz, junto aos meus deuses pagãos e às muitas mulheres, segundo o costume do meu povo. Depois, quando me apartaram de todos e fiquei com Igana pude saber que mulher maravilhosa era esta companheira. Quando a fé cristã me felicitou, julguei haver atingido as maiores conquistas e fortalezas humanas. Mas, como me enganei. Ainda sou o mesmo pagão miserável, o mesmo infeliz cheio de erros, o mesmo criminoso!

— Igala, todos nós erramos, mesmo quando o fazemos por amor, como foi o teu caso. A morte não existe e Deus velará por Júlio, bem como hás de encontrar alívio ao remorso ajudando Glauco que ficou tão só.

— Creio que tens razão. Somente ajudando o romano poderei pagar débitos para com ele e Deus!

Guardei comigo o triste episódio, procurando ocultá-lo às perguntas de Igana que desconfiava de alguma coisa.

Partimos em direção a Roma, arrasados. Finalmente, a guerra terminara. Os festejos que se fariam não nos atraíam. Pensávamos em rever os conhecidos do círculo cristão e dar algum conforto ao nosso protetor. Tínhamos contas a ajustar. Quem sabe, depois de tudo, poderíamos partir para a Gália? Comprar a gleba com a qual sonhávamos? Fundar nosso núcleo? Apesar de tantos insucessos fazíamos planos para o futuro.

Quando chegamos, a cidade regurgitava de povo. Via-se alegria e festa pelas ruas. Magotes de tropas chegavam todos os dias. Os templos era depositários de tesouros que desfilariam triunfalmente à chegada do Imperador. As construções dos banhos públicos estavam no término. Gladiadores mil se preparavam para os combates sangrentos que culminariam com a morte de uns e louros a outros. Dançarinos egípcios, malabaristas, músicos eram contratados pelos patrícios, para festividades as mais extravagantes. Recolhidos no Palatino, logo sentimos a sombria

tristeza que invadia o palácio antes acolhedor e alegre. Glauco trazia a barba por fazer. Havia um quê de descuido em sua maneira de trajar. O olhar fixo perdia-se em cismares interiores. Em vão, Lúcius o visitava amiúde, procurando afugentar-lhe a tristeza. Numa de suas visitas cruzamos no jardim. Baixei meus olhos. A vida me ensinara a não ser mais tão afoita. Não pretendia reacender-lhe os brios.

— Mariita — falou ele, embargando-me os passos. — E pensar que por pouco não te fazia dona de tudo o que foi meu!

— Bem vêes, nobre Lúcius, que eu tinha razão. Era muito mais do que eu merecia! — respondi, acrescentando: Vejo com alegria que n batalha não só te devolveu com vida, mas cresceu juízo a tua escolha.

Lúcius deu uma gargalhada, que me enregelou.

— Não, minha bela! Ainda me deves mais que lisonjas — replicou.

E depois, sorrindo enigmaticamente, perguntou:

— Está Leila nos mesmos aposentos? Posso visitá-la, não?

— E quem o impediria, senhor?

— Tu o farias, se pudesses! — respondeu ele procurando o interior. Eu sabia que as constantes negativas de Artur tinham lhe acendido interiormente um misto de admiração e raiva pelo moço. Marco me contara as peripécias da viagem. E Fábio me confidenciara uma tarde:

— Tenho medo, Mariita. O nobre Glauco tem feito muitas perguntas. Insiste em saber quem adquiriu ou deu ao jovem Júlio o servo Macati, responsável pela morte do filho. Parece sedento de vingança. Mal sabe ele que seu amigo Lúcius talvez seja o responsável por tudo. Confabula com Antonino, inquire servos sem conta. Eu mesmo tive que responder as suas inquirições. Não sei se se pode responsabilizar o centurião, pois, ao que sei, antes mesmo de servir a ele, ou de se tornar íntimo do jovem morto, esteve Macati

envolto com muita gente em Roma. Adestrava jovens na Academia. Servia a muitos patrícios ricos em demonstrações de força bruta, de agilidade no arco ou como guarda-costas. Muito temo pelo que anda pelo cérebro do pretor. Agora que o filho lhe morreu, que ideias tem em mente?

Também os outros estranhavam as atitudes do pretor, que parecia um morto-vivo, perambulando pela casa. Lúcius o visitava e à Leila. Vivia obsequiando a menina, já uma juvenzinha. Eu percebia, no brilho do olhar de Leila, que o romano resumia para ela tudo o que havia de melhor, de mais belo, de mais amado no mundo. Nem com Artur lhe percebia a emoção mais funda.

— Pobre irmãzinha! Que sonhos te povoarão a mente tão infantil? Que maldade maior será esta deste homem de te seduzir deste modo e com que fim? — eu me perguntava preocupada.

Os outros servos vinham sempre nos convidar para as festas nos Circos Romanos. Após a entrada triunfal, estes espetáculos se repetiam diariamente. Evitávamos ir, pois a lembrança dos vencidos em desfile pelas ruas só nos causara pesar.

Conosco, Imulo e Atúmi viam com certa prevenção os ideais cristãos que nos irmanavam. Igana tratava de conquistá-los para a nova fé. Os dias melhores eram aqueles em que nos reuníamos nas catacumbas. Fábio encontrava-se, então, com Lúcia e eu via Artur. Mamãe se deixava ficar em casa junto de Leila.

Os meses corriam. Parecia que tudo voltaria à normalidade, quando uma tarde fui procurada insistentemente por Aspásia. Vinha em sua carruagem, acompanhada de um servo de confiança. Parecia transtornada.

— Mariita — falou nervosamente, tão logo nos vimos a sós. — Precisas me ajudar. Titio descobriu que eu e Leandro nos encontramos às ocultas. Ouvi-o tramar contra a vida dele. Deves lhe levar uma importância para que fuja sem demora! Fala com teu irmão. Escondam-no em algum lugar. Se algo lhe acontece morrerei de dor!

— Mas, tem certeza do que diz? — perguntei procurando concatenar as ideias.

— Sim. Anda! Corre! Antes que seja tarde.

Procurei Fábio e lhe informei do ocorrido. Imediatamente preocupado com a pequena Lúcia tomou um cavalo e, levando a pequena bolsa com as moedas tratou de ir à procura de Leandro. Encontrou apenas na casa a namorada e a levou a um amigo cristão, dono de uma sapataria que ficou a guardá-la, enquanto todos procuravam pelo rapaz nos banhos públicos, nas feiras.

Já era noitinha quando tornaram, sem havê-lo encontrado. Aguardamos a manhã seguinte e reiniciamos as buscas; era como se a terra o houvesse tragado. Eu procurava auxiliar Aspásia, visitando-a com meus préstimos. Todos estavam amargurados. Uma tarde a nobre romana Iria com o tio aos espetáculos do Circo. Insistiu para que eu a acompanhasse. Malgrado minha repulsa por aqueles feitos, fui com ela. A ala Imperial estava ricamente guarnecida com tecidos purpurinos. Soldados da legião Romana cercavam o Imperador e sua esposa. Senadores estavam em seus lugares de honra, e a população gritava sedenta de sangue e ignomínia. Sentia-me mal naquele ambiente luxuoso, no majestoso conjunto. Procurava mentalmente orar, mas era interrompida pela grita da multidão insaciável.

— Que coisa horrível, meu Deus! — eu pensava angustiada, desejando que tudo acabasse logo.

Após muitos jogos incríveis, entraram em cena alguns jovens e moças pobremente vestidos. Seriam caçados na arena por bigas dirigidas por soldados. Vi que Aspásia empalidecera. Seus olhos estavam fixos em uma figura. O senador a espreitava disfarçadamente. Reconheci que o jovem era Leandro.

Depois de me olhar perplexa, ela voltou-se para o tio súplice:

— Tira-o de lá, titio. Farei tudo o que quiser, mas tira-o de lá —pediu sem mais ocultar seu sofrimento.

O rapaz procurava entre a plateia alguém conhecido. Seu olhar encontrou o meu e o de Aspásia presa por visível assombro e angústia.

— Titio, pelos deuses! — suplicou a jovem — Tira-o de lá, antes que seja tarde!

— Não! — replicou o senador impassível.

— Faze isto ou morrerei! — falou a romana quase em pranto.

— Não! — tornou a responder o senador sem se deixar comover.

A população gritava. Imantada à arena eu não sabia como agir. Leandro jogou um beijo em direção aos nossos camarotes. O Imperador dera o sinal aos lanceiros em suas bigas que dispararam pelo terreno levando nuvens de poeira. Uns corriam procurando os cantos, outros saltavam para fugir às setas disparadas, enquanto alguns, apenas, se agachavam à espera do golpe fatal. Leandro tentara, de um salto, galgar o lugar ocupado pelos assistentes. Mas não logrou êxito. Voltou-se, então, para uma biga que passava a perseguir outro infeliz e saltou nela. Antes de ser desalojado, aproveitando o apoio novo, saltou alcançando com as mãos os bordos dos lugares reservados ao público. Tencionava fugir, mas o arqueiro foi rápido. Uma seta lhe cravou às costas. Vimo-lo cair e ser pisoteado pelos cavalos. Mal pude reprimir um grito, enquanto Aspásia desmaiava ao meu lado. Retomamos à casa, e eu esperei pelas admoestações do senador. Seu olhar endurecido não exprimia nada. Deixou-me voltar ao palácio, onde me abrigara junto aos meus. Todos ficaram tristes com as notícias que eu trazia. Fábio tratou de levar à Lúcia a verdade. Dormimos cheios de preocupação e tristeza. Após três dias, soubemos que Aspásia se suicidara. Seu sepultamento teve todas as honras devidas, e chorei sua desgraça, estranhando a profecia do oráculo quanto ao seu amor: "Muitas festas passarão sobre Roma até que possas ser feliz!" Que ironia! Sem meditar na eternidade de nossas vidas eu só via naquela profecia uma mentira a mais dos deuses de pedra, que nada podiam prever. Soubemos depois que Leandro fora martirizado por ser

cristão, segundo denúncia de Antonino. Todo o cuidado nosso para ocultar a fé que nos visitava seria pouco, dali para a frente. Quase cem mil gladiadores haviam perdido a vida no Circo.

Os cristãos eram tidos como fanáticos propícios àqueles divertimentos.

Unimo-nos ainda mais. E, então, Artur parecia aproximar-se mais de mim. Eu tinha esperanças que, finalmente, liberto pelo sofrimento que, vira nos campos de batalha, ele procurasse em mim realizar um sonho de amor. Seus olhos pousavam nos meus com ternura. Estávamos sempre juntos, e, agora, de posse da vultosa quantia que Aspásia nos dera para ajudar na fuga de Leandro, e sem poder devolvê-la, contávamos partir para a Gália e lá nos estabelecer.

À noite, após as tarefas diárias, procuramos nosso pergaminho no quarto de minha mãe, a fim de comparecermos às catacumbas. Não conseguimos encontrá-lo. Por mais que déssemos tratos à imaginação, não encontrávamos uma explicação lógica para aquele desaparecimento:

— Quem sabe o esqueceram quando da última reunião? — aventou mamãe.

— Não — afirmou Marco. — Lembro-me bem de havê-lo trazido.

— Se alguém o apanhou estaremos em sérios apuros — falou Tímon.

Todos sabíamos. Igana aventou a possibilidade dos filhos o haverem pego para estudo. Mas, Atúmi e Imulo não haviam feito nada disto.

Devido a nossa preocupação quase deixamos de ir ao encontro, mas finalmente resolvemos comparecer, pois talvez fosse esta a última vez que nos reuníamos ali. Pretendíamos partir a breves dias.

Aos pares, procuramos o local de reunião. Lucinha estava abatida pelo passamento do irmão. Sérvulo e Ambrósio foram os últimos a chegar. Eu fiz a prece lembrando Júlio, Quima, Leandro e Aspásia. O Evangelho foi lido e comentado por um senhor e por Venâncio. As comunicações mediúnicas do final eram veladas advertências. Devido a elas resolvemos partir em tempo menor. Daí a três dias contávamos seguir à procura de novos horizontes.

Saímos da reunião. Artur me acompanhava. Em certo trecho do caminho deu-me o braço, depois parou tomando-me as mãos. Eu me sentia num céu todo particular.

— Mariita, sabes como lutei, como sofri por te amar — falou ele. — Agora, se ainda me amas, se queres mesmo arriscar teu futuro ao meu lado, não mais me negarei ao sentimento mais puro que me invade. Quero casar-me contigo!

Eu mal podia crer no que ouvia. Finalmente, as barreiras pareciam haver se rompido. A felicidade eram as suas palavras doces, que eu bebia com sofreguidão, o toque de suas mãos, o olhar cheio de encantamento. Artur, percebendo meu silêncio, beijou-me a testa com respeito, e adentramos a mansão de Glauco vibrantes de amor e esperança. Combinamos contar a mamãe a resolução tomada, mesmo reconhecendo sua não aquiescência. Ao transpormos o quarto mal iluminado fomos surpreendidos por Lúcius ali presente. Aterrada, reconheci em suas mãos o pergaminho do Evangelho que, em vão, havíamos procurado. Ele brincava com as anotações entre os dedos. Fitei mamãe aterrada. Ela balbuciou:

— Leila deu a ele. Queria presentear-lo com algo de valor, para agradá-lo e, ao ver como guardávamos os apontamentos com carinho, tomou deles e deu-lhes.

Com uma força nova que o amor de Artur me dava avancei para o centurião:

— Nobre Lúcius, procure entender e esquecer. Os meus devem partir daqui a três dias. Se queres, ficarei aqui para servir-te na condição de serva da tua casa, desde que os deixes partir.

Ele olhou-me e depois para Artur:

— E tu, rapaz, o que farias para que eu esquecesse que pertenceis à seita dos nazarenos? — inquiriu endurecido.

— Servir-te-ei tal como o tenho feito, até o fim dos meus dias — prometeu meu amado com a voz embargada.

— Pois seja — falou ele guardando o pergaminho nas dobras da túnica e tomando-me pela mão. — Ela fica comigo. Vós podeis partir!

— Não! — pediu Artur que mais do que eu pressentia as intenções do romano.

— Fizeste a tua oferta, jovem, mas a escolha é minha!

Levada pelo romano, subi no cavalo à sua frente, deixando mamãe a chorar, enquanto Leila, sem perceber a extensão da tragédia que causara, dava adeus ao seu querido Lúcius. Os olhos de Artur me seguiam apreensivos e ele tentou ainda argumentar:

— Leva-me a mim, Lúcius. Não gostas dela. Só pretendes humilhá-la!

— Cala-te! — falou o romano puxando a rédea do cavalo e partindo a galope.

Quando, daí a instantes os meus chegaram, foram informados do ocorrido. Tímon achava melhor partirem. Venâncio considerou que tudo se perdera. Só lhes restava esperar o testemunho da vida, pois Lúcius, ao me levar, não devolvera os manuscritos.

Enquanto isto, eu mesma discutia acaloradamente com ele a devolução ou destruição do pergaminho, a fim de ficar presa ao meu compromisso.

— E quem me garante que cumprirás o prometido? — perguntava-me ele.

— Tens minha palavra!

— Não é o bastante! Hoje dou em casa uma festa. Servirás meus convidados na condição de escrava? — perguntou ele testando-me.

— Sim — prometi.

Durante todo o dia permaneci encerrada em um quarto. Trouxeram-me alimento e água. Quando a tarde principiou a cair, servos prestimosos vieram vestir-me. Eu procurava conversar com eles, mas evitavam dar-me maiores informações. Uma rapariga de aparência árabe confidenciou-me:

— Penso que o senhor endoideceu de vez! Cuidado! Tenho pena de ti, pois vejo que és de bons costumes, e terás que te apresentar deste modo!

Eu não entendi muito o que ela queria dizer, mas quando me trouxe, após o banho a roupa que eu deveria vestir, compreendi. Era uma túnica ricamente drapeada, mas que não cobria o busto, que deveria ficar de fora. Lágrimas de vergonha me encheram os olhos. Que preço me cobraria Lúcius pela liberdade dos meus? Eu bem podia sentir ali o envolvimento cruel de espíritos levianos e vingativos. Orei com fervor, suplicando a Jesus me valesse. Não podia fugir à vida, como Aspásia e Júlio. Não queria capitular diante do romano, pois ele provaria que não me queria mais por esposa. Era evidente que procurava me espezinhar, degradar. Com a prece Luci conseguiu aproximar-se de mim. Beijou-me o rosto. Afagou-me os cabelos, enquanto me dizia:

— Querida filha! A roupa não te fará devassa, nem a servidão te cobrirá de opróbrio! Se houvesse atendido aos conselhos de Venâncio, quem sabe hoje não estarias nesta condição. Aceita a humilhação da hora presente, porque a pureza do teu valor, fazendo isto por amor aos teus, abrandará talvez o coração de pedra do centurião.

Animada com seu carinho pus-me a pensar:

— Lúcius pode me amesquinhar, pode me obrigar a despir-me diante de seus convidados, mas não me prostituirá. Serei mais

pura que a maior vestal de Roma. Ele verá!

Mentalmente, pedi auxílio. A serva árabe me olhava com pena. Pensei em como ela deveria ter sofrido, também, naquela casa e abracei-a, pedindo:

— Não conte aos meus o que acontece aqui. Que eles não saibam. Ninguém me tocará, pode estar certa disto. Prometi a Lúcius servidão, mas não serei uma cortesã em sua casa.

Tímida e envergonhada, adentrei o salão onde outras jovens se apresentavam com a mesma veste que eu. Tomando as bandejas pus-me a servir os convidados do centurião. Percebia que o romano me olhava e que meu rosto estava afogueado de mágoa e tristeza, mas procurava portar-me com dignidade.

Um convidado fez um comentário jocoso com relação a mim, que me escapou, mas Lúcius pareceu contrariado. Eu continuava a servi-los procurando, com as bandejas e utensílios me ocultar o melhor possível.

— Que dignidade tem esta sua serva! — comentou um edil quando o servi. — É bela, mas sua nudez é de uma pureza que jamais vi em muitas mulheres vestidas!

O comentário foi dito de modo a que eu ouvisse, o que acirrou o ânimo de Lúcius. Tirando o manto, jogou-o para mim ordenando:

Vai vestir-te! Já me aborreceste o bastante por hoje!

Enquanto isto, incapaz de deixar-me entregue nas mãos do romano, Artur envidava esforços para trocar seu lugar pelo meu e Marcos lutava com a própria consciência, pois tivera a ideia de me libertar contando a Glauco que fora Lúcius quem presenteara a Júlio o servo Macati, responsável por tanta desgraça.

Eu, sentindo ainda em Lúcius algo de bom, percebendo como recuara no gesto de me diminuir e humilhar, recolhia-me mais confiante ao quarto. Quem sabe, com jeito, poderia ainda consertar tudo? Eu sabia que meu sonho de amor acabara de vez. Não mais

Artur, mas bastava-me sabê-los todos longe, livres das artimanhas do centurião, para criar coragem.

O quarto estava às escuras, no entanto, a porta não estava trancada. Vi que se abria devagar e cobri-me, temendo a presença do romano. Um vulto se aproximou de mim e vi que era Ascânio, um servo de confiança de Lúcius. Eu já ouvira relatar a fidelidade e o grande amor que lhe tinha. Mais de uma vez meus irmãos, em conversação, referiam a devoção ímpar que aquele homem tinha ao seu senhor. Aceitava todas as Imposições do centurião. Amava-o com carinho feito de renúncia e sofrimento, coisa que não parecia em nada diminuí-lo aos olhos dos demais. Eu sabia da digressão sexual de Ascânio, mas não me sentia no direito de julgá-lo, procurando compreender-lhe, agora que o sofrimento me martirizava, a alma quase feminina, os modos gentis e a imaturidade emocional que já lhe adivinhava.

— Não te assustes, por favor! — pediu ele vendo que eu o fitava com apreensão. — Não te farei mal algum. Antes desejo ajudar-te.

— Se Lúcius te pilha aqui... suspirei, correndo a fechar a porta com medo que o vissem.

— Lúcius está tão ocupado com seus convivas que tão cedo não se lembrará de vir te atormentar. Depois eu disse que tinhas tido urna crise nervosa e que eu viria te dar um calmante temendo por teu juízo. Escuta, Mariita, pois temos pouco tempo. Estive com teu irmão Marco e resolvi ajudar-vos a fugir. Ele te aguarda com cavalos junto ao muro da propriedade e os teus já partiram para Óstia, pois precisam apanhar, me parece, algum dinheiro que lá foi deixado por Tímon. Devem andar rápido, porém, antes que Lúcius dê por tua falta.

— Fugir? -- perguntei, estremecendo. — Parece-me arriscado demais. Não poderei eu, conseguir do centurião melhores disposições? Não pensas, Ascânio, que fugir dele seria aceder-lhe ainda mais a fúria contra mim e contra todos?

— E pensas que podes impedir que Lúcius os denuncie como cristãos? Crês mesmo seja possível fazê-lo, depois que ele vem ruminando há mais de ano a desfeita que lhe fizeste e as negativas constantes de Artur ao seu assédio, por amor de ti? Mariita, não te mentiria. Sabes, todo mundo sabe, que eu amo Lúcius mais que a mim mesmo, mais que a própria vida. Conheço-o bem. Ele não cederá de sua resolução de entregá-los. Adia, apenas, a fim de conseguir humilhar-te, pois tu também o humilhaste um dia. Qualquer demora pode ser fatal. Deves partir imediatamente. Marco te aguarda. Consegui-te alguma roupa masculina, a qual evitará que chames a atenção. Não te demores! Confia em mim.

Sem muito tempo para pensar, tomada de angústia, diante das certezas de Ascânio, tomei a roupa que me dera e com elas me vesti, fazendo da minha uma falsa aparência de alguém que dormia na cama, saindo para o jardim da propriedade, em fuga. Prouvera Deus eu não me arrependesse do que fazia. Levada pelo amante de Lúcius, cheguei ao lugar onde meu irmão Marco me esperava, sendo informada por ele que todos já estavam a caminho de Óstia, onde esperariam por nós dois, a fim de procurarmos um meio de fuga, ou pelo mar, ou pelas estradas, até podermos nos fixar em algum recanto mais longínquo, onde Lúcius não nos encontraria. Para melhor segurança, eu e mamãe viajaríamos como se fôssemos homens e era bom que eu cortasse meus cabelos a fim de não ser traída pela minha aparência. Eu titubeava em fazê-lo, mas Marco não me deu tempo para argumentar. Tomando de uma tesoura que trouxera, cortou meus cabelos, lançando-os no Tibre, enquanto tomávamos a estrada que levava a Óstia, a todo galope. Para o pretor que tanto nos havia ajudado, apenas fora dito que havíamos recebido propostas outras de trabalho e que demandaríamos a Gália. Isto era evidente um cálculo de fuga, pois, deste modo, quando Lúcius nos procurasse na propriedade, haveria de seguir esta pista, deixando-nos tempo para fugir pelo porto.

Durante dias, sem pararmos em nenhum posto de troca, evitando qualquer contato com estranhos, seguimos alimentando-nos do parco farnel que meu irmão trouxera. Chegados que fomos à propriedade encontramos os nossos ansiosos à nossa espera. Tudo

fora arranjado. Um barco alugado com o fim evidente de costear a Itália e descer em Marselha, de onde seguiríamos ao encontro dos parentes de Ambrósio e Tímon, que eram agora irmãos prestimosos e valentes, procurando furtar-nos ao centurião. Cheios de apreensão, corremos para o porto. Lá Marco, que deixara amigos muito queridos, recolheu-nos junto a Apolônio, o escultor grego que lhe imortalizara os traços no mitraeum romano, a fim de que aguardássemos a chegada do barco que nos seria entregue por outros companheiros, os quais sabiam da nossa fuga e nos ajudavam pela identidade de fé. De madrugada, tomamos nosso lugar junto ao navio. Eu, Lúcia e mamãe parecíamos homens com cabelos rentes e envergando túnicas masculinas. As velas se enfunaram ao vento propício e largamos as amarras. Tudo indicava que nosso infortúnio terminaria por fim. Abraçada à Artur eu evitava comentar com ele os acontecimentos na casa do centurião e o que ele me fizera, a fim de não lhe acender no espírito ressentimento para com Lúcius. O barco já ia saindo, mas ainda se avistavam várias embarcações no porto, quando meus irmãos perceberam um movimento desusado no cais. Cavaleiros montados, com uniformes romanos, requisitavam uma espécie de fragata mais veloz que nossa embarcação, com o fim evidente de impedir-nos a fuga. Venâncio preocupado concluiu o que temíamos:

— É Lúcius!

Todos trataram de apanhar os remos com vigor, a fim de levar nossa embarcação o mais longe possível de um assédio. Contornando o cais fugíamos em direção a outras praias, inacessíveis a barcos de maior calado. Fazendo-se ao mar, com seus homens, o centurião nos perseguia de perto. Eu me arrependia de haver fugido. Trouxera a todos maiores complicações. Os nossos lutavam bravamente contra a desigualdade da potencialidade das duas naus, e do número superior de comandados na que nos perseguia. A pouca distância uma da outra, começaram a chover sobre nós setas incendiárias. Fábio e Artur, Marco e Tímon, Ambrósia e Igala, Imulo e Atúmi, papai e Venâncio, todos lutavam bravamente para impedir que o fogo se alastrasse, o que levaria o barco ao fundo. Eu ganhara de Artur uma cruz, que ele esculpira,

enquanto me esperava em Óstia, e o pergaminho do Evangelho ficara comigo.

Apesar de nossos esforços, o fogo se alastrava rapidamente, o que fez com que Marco ordenasse que procurássemos nadar até à praia. A angústia se apoderava de nós. Artur cuidaria de Leila. Porém como poderíamos levar meu pai, se um mastro caíra sobre suas pernas prendendo-o ao navio? E mamãe? Ela teimava em não sair dali até que os romanos afundassem o barco junto de meu pai. Tímon cuidava de Lucinha, Marco e Fábio tentavam desesperadamente cortar, com uma machadinha, parte do madeirame que prendia nosso infausto paizinho. Venâncio tentava convencer mamãe a nadar até a praia. Agarrada à cruz que ganhara e prendendo o pergaminho no cinto da túnica, eu não sabia como agir. No Plano Maior, amigos socorristas procuravam aliviar a hora presente. Papai sangrava muito. Percebemos que as forças lhe faltavam. Logo se daria seu decesso. Enquanto isto, a embarcação de Lúcius se aproximava mais e mais. Setas eram disparadas tendo-nos como alvo. Uma delas acabou por vitimar minha mãe, que caiu sem ter tempo de dar um gemido. No mesmo instante, papai se despedia de nós, entregando a Deus sua alma. Em pranto de dor terrível, eu não conseguia sair de perto deles. Foi preciso que Marco, tomando-me nos braços vigorosos, se lançasse comigo ao mar, enquanto os demais também o faziam, nadando para a praia. Procurei então não ser um peso morto para meu irmão. Sem largar a cruz de madeira que levava, rumei em direção às areias brancas, enquanto atrás de nós nossa embarcação afundava numa nuvem de fumaça. Botes eram descidos da nau que nos abatera. Os soldados desciam para nos perseguir comandados por Lúcius.

Cansada e ofegante rastejei na areia. A pequena cruz que eu levava estava calcinada pelas chamas, o que acontecera, enquanto eu, aturdida, procurara acudir mamãe, largando-a ao chão. Eu via longe os vultos de meus amigos tão abatidos quanto eu. Com as mãos cavei a areia e enterrei o pergaminho, que Marco conseguira, a instâncias de Ascânio, furtar de Lúcius. Agora o centurião não teria mais provas quanto a nós. Mas, precisaria delas? Enterrei também a cruz e me afastei do local, indo ao encontro de Marco que

procurava me levantar, a fim de que fugíssemos ainda. Mas eu não tinha forças mais. Pedi-lhe então:

— Foge, Marco. Se conseguires escapar poderás valer-nos. Anda! Mio perde mais tempo. Foge!

Ele pareceu hesitar um instante, mas depois resolveu-se e correu para a colina mais próxima, desaparecendo de minha vista. Eu estava com a túnica empastada de água e areia, os cabelos curtos, como os de um homem, quando percebi pela sombra no chão, que Lúcius estava no pé de mim. Todos haviam sido feitos prisioneiros, menos Marco. O centurião não dera falta dele ainda. Fitando-me desafiador, falou:

— Pareces um moleque. Assim, agradas-me mais ainda! Lembras-te do que me disseste, quando te pedi em matrimônio, Mariita? Que eu era monstro, que preferirias as feras a mim. Pois bem, tornaste a escolher, quando fugiste. Queres as feras? Terás as feras!

— Por que não podes esquecer o passado? — perguntei ofegante Sabes que eu não raciocinava bem quando te disse isto. Deixa-nos partir. Não ganharás nada nos martirizando.

— Não me convencerás, minha cara — e voltando-se para um subalterno — Cornélio, cuida pessoalmente de todos. Que nenhum escape. Seguiremos ainda hoje para Roma com nossos prisioneiros. Onde estão os velhos? — perguntou ainda.

— Parece que ficaram no barco naufragado — comentou o outro.

— E não falta ninguém?

— Pelo que vi, só o jovem Marco, que te serviu durante o final da batalha. — secundou o outro.

— Pois procurem-no! — ordenou.

— É inútil — falei — Marco sucumbiu junto aos meus!

Lúcius olhou-me incrédulo.

— É melhor que o procurem. Não confio nela — ordenou ainda.

Cansados e oprimidos fomos constrangidos a seguir a pé para Roma acorrentados uns nos outros. Artur amparava Leila. Fábio à Lucinha. Igana ia nos braços dos filhos. Igala seguia atrás com Ambrósio e Tímon. Eu intimamente me arrependia da fuga ideada, lembrando o sacrifício de meus pais e vendo todos a sofrer por minha causa. Venâncio me confortava com palavras de alento

XX - Morte na Arena

Estávamos exaustos, mas Lúcius não parecia sensibilizar-se com nosso esgotamento físico ou emocional. Como que uma fúria vingadora se apossara dele. Só se aproximava de mim para me instigar, ou para tentar tirar-me a serenidade, a fim de conseguir explicações maiores para a minha fuga. Sabia que eu não teria tido condições de escapar-lhe sem a ajuda de algum dos seus servos, mas não sabia a quem atribuir o auxílio. Eu, no entanto, deixara já de ser aquela jovem impulsiva de outrora. O abatimento moral causado pelo insucesso nosso, que coroara com a morte trágica de meus pais, tirara-me de vez todo impulso de responder-lhe com a menor sombra de agressividade. Além disto, pensava em Marco, o que estaria ele fazendo com a finalidade de nos valer? Melhor lhe fora talvez, fugir sozinho, pois Lúcius se convencera de que ele fora atingido por uma seta e soçobrava junto à embarcação. Nossa marcha prosseguia, e percebi que Venâncio não estava mais suportando a exaustiva caminhada. Supliquei a Lúcius uma parada para descanso, informando-o que meu acompanhante estava febril. Não pareceu nem um pouco preocupado com o velhinho, que sempre lhe fora atencioso e prestativo. Estava totalmente tomado pela entidade que me perseguia e o usava como fantoche sem vontade:

— Se tens pena dele, carrega-o! — falou, ameaçando dar às costas de meu amigo com o chicote.

— Lúcius! — exclamei, apreensiva — trata-nos como escravos, e somos livres. Sob qual acusação assim nos conduzes?

Ele arqueou a sobrancelha tomado de espanto pela minha ousadia.

— Sois traidores de Roma! Sois cristãos! — exclamou pondo uma ponta de desprezo na voz.

— Como provarás isto? — argumentei, lembrando-me que ocultara nosso pergaminho na areia, junto à cruz que Artur me dera.

— Pensa que só minha palavra bastará para ter-vos, ao breve tempo, na arena de Roma! — replicou ele.

Vendo que não cedia nem por rogo, nem por lógica, desisti de espreme-lo ainda mais o rancor que se acendera com relação a mim.

Atumi, vendo nosso velho companheiro sucumbir pela caminhada, chamou pelo irmão e, tomando as tiras do turbante de Igana, fizeram rústica rede onde o colocaram, passando a levá-lo. Alguns soldados pareciam ter pena de nós, mas as ordens de Lúcius eram expressas. Paramos algumas vezes em estalagens, a fim de haver descanso para os cavalos e os servos militares. Nestas ocasiões, aproveitamos para retemperar as forças e algum alimento nos fora entregue.

— Venâncio, estás melhor? — perguntei aproximando-me do infeliz amigo cujos olhos estavam muito brilhantes.

— Não te preocupes comigo — respondeu. — Logo estarei com teus pais e poderei tranquilamente procurar os meus. Preocupo-me com os outros. Tanto que fugimos aos testemunhos maiores pelo Cristo, mas finalmente ele nos será cobrado.

— Não fales assim. O próprio Senhor nos ajudará a escapar desta cilada. Responderemos a Lúcius, argumentaremos — falei procurando alentá-lo.

— E como? Negando a fé que nos felicita? Não, minha filha. Se Lúcius nos está cobrando pela convicção nova, negar, abjurar seria covardia. Tenho tido visões estes dias...

— Deve ser devido à febre — falei.

— Ouça-me, enquanto posso falar-te. Lembras-te do estranho caso que se deu contigo, quando entramos por primeira vez na propriedade de Glauco, no Palatino? Lembras-te da alucinação que julgaste ter ao pôr as vistas na rocha Tarpéia? Querida menina, foi uma visão do passado. E não tinhas febres, nem estavas doente.

O ancião suspirou respirando fundo, procurando animar-se a prosseguir.

— Estás cansado, querido. Poupa as energias. Depois falaremos — pedi-lhe.

— Não. Não sei se poderei falar-te depois e precisas ouvir-me. Viste, eu dizia, parte do teu passado. Nós todos tivemos parte nele. Eu, teus irmãos, teus pais, Artur, Leila, todos, até mesmo Lúcius e alguns de seus homens. Foste muito má e orgulhosa. Muitos morreram. Tu mesma partiste da forma que viste durante o que julgaste tua "alucinação". Penso que na arena de Roma ressarciremos parte dos nossos débitos do passado, querida.

— Não penso assim — respondi, teimosamente. — Devemos lutar até o fim de nossas forças para evitar o sacrifício. Não te esqueças que o Imperador não aceita denúncias sem provas.

— Como te iludes, querida. Não sabes que os romanos estão ávidos por prazeres e sangue? Não vês que mais de cento e vinte mil feras chegaram da Ásia e da África para os festejos da vitória de Trajano sobre a Dácia? Onde encontrar contingente que sirva a estes festejos, senão entre os prisioneiros ou os cristãos?

— Não te esqueceste que podemos contar com Marco? — perguntei, esperançosa.

— Que pode ele fazer?

— Procurará o auxílio de Glauco, não vês? Ele nos valerá.

— Glauco tem o coração fendido pela dor. Já nos dispensamos de sua tutela. Creio devamos nos preparar com fé, coragem e resignação, pois nossos dias terminarão brevemente — falou Venâncio num fio de voz.

Achei melhor não discutir com ele. Precisava repousar, pois seu abatimento era atroz. Procurei Artur e abraçada a ele e Leila adormeci. Fomos acordados antes do sol para reiniciarmos a marcha. Lúcius, ao pé de nós, comentou jocoso.

— Muito bem, Artur, tens ao teu lado a bela e a fera!

Com uma pressão dos dedos no braço do meu amado indiquei que qualquer resposta seria tida por insulto. Artur abaixou a cabeça e nada disse. Eu procurei estar ao lado de Fábio e Lucinha, pois ficar junto a Artur só fazia aumentar mais e mais, o ódio do centurião.

Foram dias terríveis para nós. Enquanto isto, Marco retornou a Óstia, onde Apolônio o ocultou e ajudou a refazer-se da corrida empreendida. Depois trataram de arranjar-lhe meios de se pôr a caminho de Roma, dando volta, a fim de não cruzar com a escolta de Lúcius. Marco pretendia arriscar-se procurando Glauco, a fim de nos salvar. Chegamos, no entanto, antes dele. Fomos imediatamente levados ao calabouço, sem oportunidade de nos defender. Nas frias paredes que nos alojaram, muitos outros lá estavam. Reconhecemos alguns irmãos que víamos nas catacumbas. Davam-nos notícias de outros que já haviam partido para o Plano Espiritual. As festividades duravam há dias. Estavam chegando ao seu apogeu e término.

Agora, sem o assédio de Lúcius, pude dar vazão ao meu amor junto de Artur. No dia seguinte ao nosso trancafiamento nos calabouços do Coliseu, vimos levas de artífices que preparavam artisticamente o espetáculo, teatralizando da melhor forma e dando uma coreografia magistral às cenas mais dantescas, passarem pelos largos corredores. Reconheci Apolônio, que, após confabular com um guarda, conseguiu permissão para aproximar-se de nós.

Dissera que precisava ver os que seriam martirizados para se inspirar na elaboração do cenário e conseguiu, assim, ver-nos por instantes. Aproximei-me das grades, enquanto com o olhar lhe pedia notícias de Marco. Entendeu-me. Falou como se nada fosse.

— É esta jovem que Lúcius tem reservado para o espetáculo maior?

— Sim — respondeu o guarda.

— E a outra lá atrás? — perguntou ainda apontando Leila.

— É — respondeu o outro.

— Creio que estou tendo uma ideia genial — falou Apolônio com um sorriso. — Pena que ela não tenha um irmão junto, não é mesmo? Eu se fosse irmão de uma jovem tão formosa estaria suplicando ou tramando para soltá-la.

Entendi o que dizia, e procurei informar-me melhor:

— E, se fosses meu irmão, como farias para daqui me tirar?

— Creio que aprisionando quem te perdeu conseguiria tua liberdade falou Apolônio com um sorriso que procurava disfarçar a seriedade da Informação.

— Poderias perder-te. Se eu tivesse um irmão, que não estivesse preso comigo, gostaria que ele fugisse para bem longe — respondi.

— És muito corajosa. Deste-me boas ideias. Os deuses te sejam propícios — falou Apolônio e, vendo que o guarda se impacientava:

— Foi muito bom este contato com os prisioneiros. Sei agora como trabalhar. Mas, dize-me: existe algum meio pelo qual eles possam furtar-se à morte?

— Só se morrerem antes do espetáculo — comentou o guarda com uma risada, tomando-o pelo braço e pedindo-lhe que se afastasse dali.

Todos haviam ouvido o diálogo e sabiam o significado dele. Fábio encheu-se de esperança e explicou a Lucinha. Igana punha em dia a conversa com os filhos, que não se conformavam.

— Não somos cristãos! — argumentavam todo o tempo, com os guardas e durante a viagem. Mas ninguém lhes dava atenção. Em razão disto, funda revolta se lhes sentia no âmago do ser. Igana, pressentindo a morte na arena, procurava dar-lhes conhecimentos novos. Jovens entoavam hinos, a fim de se encorajar. Igala chamou-me ansioso. Estava cuidando de Venâncio, enquanto eu falara com Apolônio. O velhinho dava sinais de que o fim se aproximava. Achei melhor que assim fosse, pois se livraria dos tristes espetáculos públicos. Chamando os demais, supliquei que orássemos por ele. Foi Artur quem se apresentou para fazer a prece de despedida daquele amado amigo:

— Jesus! Estamos todos condenados pela maldade das criaturas a testemunhar-Te o amor com a própria vida. Talvez amanhã ou depois sejamos levados à arena, onde homens e feras disputarão o prazer de nos tirar do cenário dos vivos. As nossas forças estão combalidas. Nossa fé nos mantém unidos e crentes na Tua misericórdia e apoio na hora derradeira. Sabes, Senhor, que dois de nós partiram há dias, próximo a Óstia. Rogamos que os recolhas no Teu carinho, bem como suplicamos leve deste calabouço o querido irmão Venâncio, furtando-o, por este modo, à crueldade dos nossos perseguidores. Nós o amamos muito mas não Te pedimos que o cures para o sacrifício maior. É ele, por certo, credor de Tua misericórdia, pois lhe permites partir na serenidade de nossa prece e ao som de nossas vozes, no hino que vimos preparando para despedir-nos sem medo e sem revolta.

Amparado espiritualmente, Artur continuava a falar inspirado por amigos socorristas que nos confortavam. Com a cabeça de Venâncio no meu colo eu lhe acariciava os cabelos brancos, sentindo-lhe a respiração cada vez mais difícil e o olhar se embaciando, enquanto a fisionomia cansada se cadaverizava. Como suportaria o medo que se aproximava do mim sem a voz amorosa daquele velhinho bondoso? Teria coragem para enfrentar

as feras, agora que ele partiria? No entanto, como não desejar que fosse poupado à tortura que Lúcius nos preparava, partindo primeiro? Como eu desejava ser a alma que se desprendia naquele instante de prece e unção, entre lágrimas e o cântico entoado por uma jovem, mestiça de árabes de rara formosura, e dulcíssima voz que dizia:

Salve, salve, aleluia,
cantemos hosanas ao Senhor!
Salve, salve, aleluia,
Jesus é o nosso Salvador!

Com ele as feras não tememos,
nem a morte, nem o sofrimento,
Jesus é nossa vida, nosso alento,
a nossa força, a nossa fé, nosso alimento.

salve, salve etc.

Os braços de Jesus à nossa espera
podemos ver na hora da aflição,
pois Ele ainda vive, ainda impera,
em nossa vida, na paz, no coração!

Ao término da canção, sentimos que nosso amigo se desligara do corpo maltratado. Fábio chamou o guarda e informou-o do passamento do nosso querido mentor. Aborrecido, o carcereiro tratou de retirar o cadáver da cela, enquanto ficávamos em preces por ele, por meus pais e por Marco, que sabíamos em grave perigo, na tentativa de nos libertar.

Realmente Marco sabia-nos prisioneiros e, naquele momento, procurava Glauco na propriedade deste. Como o pretor estivesse ausente, precisou se ocultar à espera de que ele tornasse, no dia seguinte, quando poria em execução seu plano. Espiritualmente um amigo desencarnado tentava mudar-lhe o rumo dos pensamentos, mas nosso Marco estava irredutível. Só tinha um móvel: libertar-nos. E não recuaria diante de nada. Que lhe

importava que seu plano redundaria talvez na morte de Lúcius? Era uma morte a troco de muitas vidas — pensava.

Ao amanhecer do dia, o romano chegou à propriedade. Via-se-lhe ainda o abatimento moral, causado pela partida repentina de Júlio, nas circunstâncias trágicas que se haviam dado. Tão logo pôde, Marco se apresentou a ele, causando-lhe surpresa, pois nos julgava longe. Em poucas palavras, meu irmão foi direto ao assunto:

— Nobre Glauco, meus irmãos e meus amigos permanecem no calabouço e serão levados à arena do Coliseu a qualquer instante, acusados de cristãos. Se prometes libertá-los, dir-te-ei quem presenteou a Júlio o servo Macati, responsável pela morte de teu filho.

Glauco mal pôde conter o estupor diante de tal proposta

— Enlouqueceste, rapaz? Estás brincando com os sentimentos de um pai amoroso, levando-o a atitudes perigosas? Achas pouco livrar-se gentes da acusação de pertencerem à seita do Nazareno? Pensas que basta um gesto meu para conseguir isto? E quem te diz que devo negociar quando posso exigir-te o nome do miserável responsável por minha desgraça?

— Nobre senhor. Nem com tratos, nem com dinheiro me arrancarias o nome que queres. Só há um meio de consegui-lo. Se és um pai extremoso, creia-me, que sou um irmão e filho resoluto. Estamos perdendo tempo precioso para os meus. Se eles forem maltratados, nada me fará trair o nome que só eu sei.

Glauco quase estava a ponto de se atracar com o jovem. Seu olhar fuzilava. A simples possibilidade de poder vingar-se da morte do filho, fazia-o vibrar como nunca. Mas reconhecia que o rapaz à sua frente também estava decidido:

— Dá-me o nome, e prometo-te que pleitearei junto a Antonino e ao Senado a soltura dos teus.

Só darei o nome depois de ter em minhas mãos a ordem que os liberte — respondeu Marco.

Vendo que não o demovia, o nobre romano aviou-se a caminho de casa de Antonino, mandando um mensageiro a Atiano e outros, cuja influência reconhecia, pedindo intercessão para liberar-nos.

A manhã corria, e, no calabouço, um amigo informou-nos que nossa hora se aproximava. A população acorria aos espetáculos, ansiosa por emoções fortes. Eu e Leila seríamos o ponto culminante das execuções. Eu só podia me lembrar das palavras cruéis de Lúcius:

— Escolheste as feras! Terás as feras!

Já tínhamos podido ver algumas, entre leões, tigres e ursos que estavam guardados para os espetáculos e a lembrança deles me causava um temor que procurava ocultar aos demais. Só Artur percebia em mim o medo.

— Não temas. Mesmo que não sejamos levados juntos à arena eu estarei contigo. — prometera-me ele — E, breve, ninguém mais nos separará, Eu te amo tanto que me sinto forte, mais forte que os touros ou leões que teremos que combater. Lembra-te, querida, as feras são criaturas de Deus também. Será um só instante. Jesus nos ajudará.

Sabes que tenho medo — falei num sussurro, abraçando-o. — Se estivermos juntos, contudo, sinto que terei mais forças.

Estávamos neste colóquio, quando a porta da cela se abriu e um guarda arrebatou o jovem de mim, levando-o.

— Para onde o levas? — perguntei estremecendo.

— Para onde me mandam. — respondeu o soldado, sem dar conta do nosso espanto.

— Chegou a vez dele? — perguntou-me Fábio.

— Não sei — respondi soluçando. — Tanto eu queria que ficássemos juntos até o fim.

O outro grupo principiou a cantar, modo que tinha para se ligar a Deus e ajudar Artur. Sem saber se ele fora levado para a arena, cujo rumor de ovações e gritos nos chegavam, abracei-me a Leila e a Fábio procurando forças na prece.

Enquanto isto, Glauco conseguia reunir em casa de Antonino alguns asseclas, todos irmanados pela estranha ligação de Mitra. O próprio Adriano, que era evidentemente o sucessor de Trajano, se contava entre os iniciados. Após uma reunião a portas fechadas, Marco foi chamado por Glauco que estava só e lhe entregou uma tabuinha assinada por vários senadores, comutando a pena de nosso grupo.

— Agora — falou ele — dá-me o nome do miserável.

— Garantes que eu sairei daqui com vida? — Que poderei levar esta ordem ao Coliseu? — perguntou Marco.

— Sim.

— Jura pela alma de teu filho!

— Eu o juro! — disse Glauco com um olhar duro e inflexível.

— Pois o nome que queres é Lúcius. — falou Marco olhando-o nos olhos.

Percebeu que o choque fora tremendo para Glauco. Reverenciou-o e pôs-se a caminho do Circo.

— Onde está Marco que não chega para libertar-nos? — perguntava meu irmão Fábio irrequieto.

— Ele não poderá valer-nos — secundava Lucinha, procurando acalmá-lo.

— Impossível. Marco achará um meio. Tenho certeza. Não ouviste o que Apolônio disse?

— E pensas que deva nosso irmão comprar-nos com a vida do centurião? — perguntei a Fábio. — Crês, meu querido, que seria justo trocar a nossa vida por qualquer outra?

— Mas foi o próprio Lúcius quem não nos deixou escolha! — falara Fábio.

— Alguém tem que nos ouvir — resmungava Atúmi — procurando atrair o carcereiro. Nós não somos cristãos! Somos pagãos! Temos nossos deuses da África — e mostrava o medalhão que trazia ao pescoço, idêntico ao que Igala ganhara de Júlio.

Procurando manter a calma, supliquei que orássemos pedindo A proteção de mais alto e entregando-nos à vontade do Senhor. Após a prece, Igana, envolvida pelo carinho de Quima, falou:

— Penso que devemos nos despedir da vida física, pois breve ingressaremos na Vida Maior. Abracemo-nos também, pois talvez não nos vejamos unidos na hora final. Meus queridos filhos, mesmo que não aceitem a Cristo, deve haver um motivo para estarem aqui, depois de tanto tempo que em vão os procuramos. São valentes e corajosos, leais e bondosos. São meus filhos e, mesmo sem conhecer plenamente a Jesus, morrerão hoje por ele e isto será levado em conta para sua felicidade.

Estava ela ainda orando, quando um contingente de soldados veio buscar os prisioneiros. Abracei-me a meu irmão, despedimo-nos dos que eram apartados, enquanto percebia que só eu e Leila ficávamos na cela sozinhas. Que tortura nos estaria reservada? Abraçada à irmãzinha que não entendia, mas pressentia algo de terrível, eu esperava. Atraída por um vulto que se aproximava da cela olhei e vi Lúcius.

— Quero que saibas, Mariita, que toda a Roma jamais se esquecerá de vocês duas. Reservei para ti uma cena inesquecível.

— E os meus? E Artur? — perguntei, com lágrimas nos olhos.

— Os teus amigos estão sendo justificados agora, mas Artur não. Ficaré vivo, comigo! — disse triunfante, procurando saborear o que pensava ser raiva de mim.

As entidades que me perseguiram haviam sido afastadas. O ambiente que me cercava era de paz e amor. Envolta por Luci, fitei-o com perdão e respondi simplesmente:

— Graças a Deus. Jesus ouviu minhas preces!

Revoltado com minhas palavras, Lúcius disse ainda.

— Ver-te-ei na arena!

Deu-me as costas, saindo em passos decididos.

Enquanto isto, nossos amigos eram levados por um grupo de soldados, rumo à Arena.

Imulo e Atúmi desesperados gritavam que não os deviam justicar por cristãos.

— Dá-nos oportunidade de provarmos que somos fiéis a Roma — gritou Atúmi a Cornélio, que estava ao seu lado.

— Quer uma chance? — perguntou Cornélio com um sorriso malicioso. E, dando ordens a todos fez parar a estranha comitiva. — Ouçam-me — falou com voz possante — aqueles que desejarem abjurar à seita dos cristãos podem fazê-lo agora. Terão uma chance de lutar com os gladiadores. Se vencerem, passarão a lutadores e bravos a soldo de Roma.

Igana percebeu que seus rapazes iam aderir. Um grito quase inumano saiu de sua garganta:

— Não! Meus filhos, não!

Mas, era tarde. Imulo e Atúmi apresentavam-se para o espetáculo. Houve um instante de estupefação e Fábio esteve a ponto de incorporar-se a eles. Um rapaz que víamos junto a Jasmina, de nome Gumar, também abdicou à execução. E, sem que ninguém esperasse, Timon também se apresentou, vendo na luta a oportunidade de viver, para depois fugir. Ambrósio tentou dissuadi-lo.

— Tímon, é inútil. Não vêes que o testemunho nos é exigido? Tentamos fugir várias vezes, mas não devemos fugir ao agulhão da dor mais uma vez.

— Há uma chance. Seria covardia desperdiçá-la.

— Que chance é esta, Timon? À custa de outra vida?

— Se não há outro meio, então terá que ser assim — respondeu o gaulês.

— Mais alguém? — perguntou Cornélio, divertindo-se com o que ele considerava uma deserção aos ideais cristãos e, portanto, maior sofrimento para aqueles que não abjuravam.

— Irei contigo — disse Ambrósio, olhando significativamente para o primo a quem amava como a um filho.

— Eu te proíbo de fazê-lo por mim — gritou o rapaz, ao que o outro sorriu tristemente, abanando a cabeça.

— Tentarei livrar-te e peço a Deus que só eu pague por isto — redarguiu Ambrósio, despedindo-se dos demais que eram levados para a Arena.

— O que farão a eles? — perguntou Atúmi alongando, o olhar para os pais que eram levados.

— Serão alvos das flechas dos sármatas. Estes endemoniados, em seus cavalos darão um espetáculo e tanto! — respondeu Cornélio com uma risada.

— Mas, nós não poderíamos com nossa luta comprarmos as vidas de nossos pais? — secundou Imulo a quem o último olhar dos pais trazia redobrado sofrimento.

— Não — replicou um gladiador chamado Ciríaco. — É uma vida pela outra. Eu sei o quanto é duro ver os pais entre estes cristãos covardes e loucos. Eu também nada pude fazer por minha própria mãe, que morreu no Circo por este Jesus, filho desta gente miserável e fanática, destes judeus malditos! E te digo, rapaz, se tiveres que enfrentar a mim, logo estarás no inferno de Proserpina,

porque meus braços só desejam lutar para um dia poder comprar tudo a que tenho direito e que a vida de servo me negou.

Os cinco rapazes foram levados para o interior, onde lhes foram mostradas as armas que usariam e os seus contendores.

A comitiva de cristãos ingressou na Arena sob o aplauso e apuro da população, sedenta de emoções fortes. As mulheres foram atadas em altas cruzes e Fábio pediu a Cornélio que lhe fosse permitido ficar junto delas.

— É tão covarde, rapaz, que desejas ombrear com as mulheres?

— Achas que é covardia morrer pelo Cristo? — respondeu Fábio — Pois, eu acho que é prova de coragem, que pouca gente tem. A morte não me assusta. Não pretendo fugir dela, correndo pela arena, para agradar os orgulhosos patrícios.

Cornélio deu ordens a que atassem o rapaz ao lado de Lucinha e informou aos demais que procurassem fugir às setas. Caso conseguissem, pelo espaço de certo tempo, poderiam até ter as vidas poupadas. Mas, os cristãos perceberam que aquelas promessas eram vãs, e que a possibilidade de serem cumpridas eram praticamente nulas.

Um toque alegre de trombetas anunciou, ao cabo de instantes, o reinício dos jogos mortais. Pintados de forma extravagante, montados em pelo em cavalos fogosos, um grupo de sármatas, com aljavas repletas de flechas pontiagudas, e arcos primorosos, entrou. Primeiro fizeram evoluções pela Arena, em pé sobre o dorso dos animais, arrancando aplausos da multidão.

Depois, um novo toque de ataque os fez alerta na procura da caça, que eram os prisioneiros. Começou a terrível chacina, entre ovações e gritos das galerias:

— Acerta-lhe as pernas — gritava uma voz.

— Arranca-lhes as orelhas — secundava outra.

— Vaza-lhe os olhos — pedia uma meretriz.

E os gritos selvagens dos sármatas prisioneiros, que tentavam com aquela exibição a dilatação de suas vidas, a serviço dos seus vencedores, incendiavam a turba endurecida, vampirizada por espíritos cruéis.

Em vão os cristãos corriam pela Arena, procurando fugir às certas setas. A galope, implacáveis, os vencidos guerreiros eram exímios, no sentido de agradar os conquistadores.

— Fugam, bruxos! — gritava um homem inescrupuloso a plenos pulmões.

Mas, os cristãos aquietavam-se abraçados uns aos outros, à espera dos golpes mortais.

Algumas vozes ainda entoavam os hinos de encorajamento e fé.

A breve tempo, todo o grupo jazia aqui e ali, com as túnicas ensanguentadas ou moribundos nos postes de suplício.

Chegara ao fim a primeira parte dos espetáculos.

la começar a luta dos gladiadores.

Neste tempo dava entrada no Circo meu irmão Marco. Quase foi preso, gerando um pequeno tumulto, mas a carta que trazia com o sinete de Antonino, impediu que o fosse. Exigiu que o levassem à presença do imperador, mas teve de aguardar minutos preciosos.

Na Arena a luta prosseguia. Tímon e Ambrósio estavam armados de lanças e malhas. Atúmi e Imulo, bem como Gumar, tinham um punhal e um escudo.

A luta começou em grupos de dois. Ambrósio arremeteu com fúria, pensando em derrubar seu oponente e poder, assim, ir em auxílio do primo, mais moço que ele. Apesar da idade lhe ser adversa, era o gaulês atarracado e forte, mas seu oponente tinha a seu favor a prática dos exercícios na Academia. A malha servia para anteparar os golpes que se renovavam cada vez mais perigosos.

Aos poucos também o oponente de Tímon o empurrava em direção oposta, lançando-o contra os gradis, que separavam a Arena das galerias. Ambrosio lutava em desespero.

Apesar de suas vidas serem o prêmio daquele encarniçada refrega, cansados e mal nutridos, como vinham sendo tratados, não foi difícil para os hábeis gladiadores vencê-los. Não demorou muito e Gumar foi o primeiro a cair. Logo Tímon rolava mortalmente ferido. A população, Inquirida exigiu-lhe a cabeça. Ambrósio logo o seguiria. Atúmi e Imulo se esforçavam com imenso desespero. O primeiro caiu varado pela lança do oponente. Ao ouvir seu grito o irmão voltou-se, descuidando-se, e foi também atingido.

Os minutos se escoavam desesperantes e uma escolta veio me buscar e a Leila, que se agarrara a mim com um desespero infantil. Puxaram-na de mim brutalmente.

— Não podemos estar juntas? — perguntei a um soldado.

— Estarão juntas no espetáculo. Eu sinto muito por ti — falou ele, enquanto punham a pobre moça aterrada numa jaula, que foi levada pelos corredores sobre rodas. Tomando-me pelas mãos um dos homens levou-me por um corredor subterrâneo escuro, que dava sob a arena. Empurrou-me em direção à luz que provinha de fora e saí, dando no meio da Arena. Procurando acostumar a vista à luz, eu, que saíra de um local escuro, divisei ao redor muitas pessoas em arquibancadas, sustidas por arcos gigantescos, e vi entristecida meus amigos presos a cruzes, quase despidos a desfalecerem, alvejados por setas cruéis. Reconheci Fabio e Lucinha, e procurei aproximar-me dele, que estava moribundo. Ele me fitou com angústia, enquanto estertorava, e procurou sorrir

— Mariita, mamãe e papai estão aqui. Pena que não os possa ver. Estás muito bela! Jesus te abençoe!

Sua voz era um sussurro que a grita da multidão abafava. Estava lido tão alto, que eu mal podia tocar seus pés. Vi quando tombou a cabeça sobre o peito desnudo, enquanto pelos gritos da multidão fui atraída para uma jaula que entrava na Arena. Espantada reconheci Leila, a quem indumentária inadequada e

apensos haviam tomado ainda mais feia e assustadora. Alguém anunciava em voz alta o espetáculo da bela e da fera. Agora eu compreendia a maneira cruel com a qual Lúcius se vingara. Haviam me ataviado. Cabeleira abundante e trabalhada emoldurava-me o semblante. Enfeitara-me como uma rainha, a fim de mais martirizar a mim, a Leila e a Artur. Vendo que a jaula dela era levada por carros puxados por cavalos, e colocada num local mais alto eu procurava alentá-la com palavras:

— Leila, querida, não tenhas medo. É uma brincadeira boba, Leila, olha, sou eu, Mariita.

Atraída ela me olhou, reconhecendo-me e estendendo os braços toscos para fora da grade.

Sem que eu soubesse, Artur era obrigado a assistir à cena de uma das vias de acesso à arena, sem, contudo, poder fazer nada.

Atrás de mim havia uma espécie de montanha artificial, com vegetação também artificial, e uma gruta fora montada nela. Uma linda cascata caía do alto, formando um conjunto harmonioso.

Os serviçais haviam limpo a Arena dos corpos dos contendores. A multidão aplaudia os vencedores. Quando, finalmente, Marco pôde fazer chegar às mãos do Imperador seu salvo-conduto e a ordem de Antonino, subscrita por mais onze senadores, e Augusto, o representante de Júpiter entre os homens, o mortal, desatava a fita e o lacre, aprestava-se o suplício seguinte.

Nisto, um leão pôs sua juba para fora. A multidão delirava. A fera estava visivelmente faminta. Desesperado Artur desvencilhara-se, escapando por um instante da vigilância de quem o guardava. Chegou-se a mim abraçando-me para me proteger. Cornélio entrou em cena, e arrebatou Artur com sua força hercúlea, levando-o para um lugar seguro, secundado por dois númides de Lúcius, que os protegeram da fera. Olhei para a fera aterrada, sem conseguir gritar, porém, alguém em meio ao público saltou correndo em minha direção. Era meu irmão. Ao vê-lo tentei impedi-lo do gesto de auxílio:

— Marco, não. Por Deus, foge! Foge!

Mas, ele não me ouvia. Como que enlouquecido de dor e de revolta, ao constatar que todos já haviam partido, atracou-se com a fera, rolando na areia, enquanto Leila na sua jaula se punha gritar apavorada.

Outra fera surgiu da gruta improvisada. Eu queria ajudar meu irmão, Leila, mas senti que suas garras me cortavam a carne. Empastada em sangue caí na areia, ainda viva, sentindo o hálito da fera sobre o meu rosto, e vendo meu irmão que, em luta, era aplaudido pela multidão desvairada. Eu queria gritar, mas não podia. O mesmo cântico que eu ouvira na cela era entoado. Cenas de minha vida passavam céleres à minha frente, com uma nitidez tamanha. Ouvia-me em desafio a Lúcius:

— Prefiro as feras a ti!

Sem saber como nem porquê, senti que desmaiava entre o medo e a angústia.

Não sei dizer quantos dias estive adormecida, enquanto meus pais, Venâncio e Quima nos socorriam. Enquanto meu espírito se refazia no carinho deles das dolorosas e últimas impressões sofridas, os fatos se desenrolavam inexoráveis na esfera física.

Artur, constrangido, assistiu os últimos instantes de vida meus e Marco, que acabou subjugado pelas feras. Depois, Lúcius deu liberdade a ele, entregando-lhe a irmã. Mas pobre Leila! Estava traumatizada a pobre menina. Convulsões a tomavam de assalto. Em vão Artur desdobrou-se em seu socorro. Em poucas horas desencarnava presa de terror. O rapaz entregou seu corpo a um amigo dos poucos que nos sobraram, o sapateiro do Viminal, Crasso, e trataram de enterrá-la.

Depois saiu sem destino pelas ruas meio aparvalhado. Ideias várias o tomavam. Vingança, morte. Revia retalhos de toda nossa peregrinação, os sonhos do grupo, as guerras dos romanos, Júlio, seus amigos, Fábio, Marco, sua mãe. Tudo lhe parecia rodar num turbilhão de improbabilidade, de impossíveis.

E Lúcius era o culpado de tudo. Lúcius! Lúcius! Não encontrava no espírito nem ânimo para orar. Todos haviam partido, porque só ele ficara? Preferiria estar agora entre os demais, a estar ali, vivo e só. Sentou-se no muro de arrimo fora do Circo. Viu que soldados iam e vinham como à procura de alguém. Pensou em perguntar o que buscavam, mas para que? Por fim, ouviu, sem querer parte de uma conversa. Pelo que deu para entender a pessoa procurada era Lúcius. Por que o procurariam? Estava sem compreender, preso pelas cenas terríveis que presenciara, sem capacidade para perdoar ou orar, cheio de mágoa e rancor.

Saiu vagando pela cidade, passando pelos recantos onde estivemos juntos, andando ao léu, sem se alimentar. Por mais de dois dias vagou sem rumo certo, adormecendo ao relento, incapaz de conseguir paz ou reconforto. Seus pensamentos desconstruídos atraíam-me do plano onde eu adormecera, auxiliada por amigos espirituais, ao lado de Leila. O bom senhor Venâncio, meus pais e Luci me ajudavam a minorar as impressões dolorosas através da terapia do sono, mas os pensamentos de Artur como que me causavam pesadelos dolorosos, fazendo-me voltar à arena sangrenta. Num outro compartimento, meu irmão Marco, que também fora socorrido, recuperava-se mais depressa. Sua coragem, sua fé o auxiliavam a suportar melhor o transpasse, mas a interferência que custara a perseguição ao centurião lhe pesava na consciência, sucumbindo-o para um despertar mais ameno.

Adormecido na escadaria do Templo de Júpiter, Artur sentiu que alguém o tocava de leve, acordando-o. Tratava-se de Ascânio, o amante de Lúcius, que me ajudara a fugir.

— Artur, acorda, acorda — pedia o servo, preocupado.

Meu jovem amigo olhou-o meio aturdido e inconsciente, devido em parte ao choque emocional vivido, e em parte pelos dias a perambular sem qualquer alimento. Estava decomposto, barbudo e tinha as faces encovadas e macilentas.

— Vem comigo — falou Ascânio, levando-o pela mão como sonâmbulo até às propriedades do Palatino, onde o centurião tinha

seu palácio.

Incapaz de reagir devido ao estado de fraqueza, Artur o acompanhou. Foi instalado num quarto limpo, o mesmo onde eu ficara, e deram-lhe alimento, deixando que repousasse um pouco.

XXI - A Soltura de Lúcius

Ascânio velava por ele, cheio de cuidados. A propriedade estava meio abandonada. Via-se por toda a parte desordem, confusão. Uma guarnição de Glauco guardava as portas de acesso e devassara o interior a procura de Lúcius. Artur se recuperava. Após dormir algumas horas, o amante do centurião não pôde mais conter a inquietação que o dominava e o acordou:

— Artur, preciso de ti! Não sei quem denunciou meu amo e senhor ao nobre Glauco como responsável pela aquisição de Macati por seu filho Júlio. O pretor está cheio de ódio e vingança! Ele deseja aprisionar meu querido amigo e dizem até que pretende cegá-lo ou matá-lo. Fala-se tanta coisa horrível. Soldados o buscaram logo após os espetáculos do Circo. Os amigos de Antonino e Adriano ordenaram sua captura a qualquer preço. Ofereceram a propriedade a quem o trouxer prisioneiro Adivinha o que isto criou na corporação que o serve. O próprio Cornélio partiu no seu encalço, visando lucros. Pelos deuses! Todos o abandonaram. Mas eu lhe serei fiel até o último alento de minha vida. Lúcius não é mau. Amo-o mais que a própria vida e ele ama a ti mais que tudo no mundo! Sei que és cristão e que os cristãos sabem perdoar. Quero que me ajudes a encontrá-lo e a fugir. Sei que foi visto pela última vez com Apolônio e que este jamais deixaria de o ajudar, apesar de ser responsável pelo socorro prestado a Marco. Desconfio que a este moço se deva o infortúnio que atingiu meu senhor.

Artur ouvia tudo aquilo aturdido e confuso. Lembrava-se vagamente como coisa ocorrida há muito tempo da conversa que eu mantivera no calabouço com Apolônio. Tudo parecia encaixar-se. Marco vendera Lúcius. Era terrível sabê-lo caçado pelos prepostos de Mitra. Sabia que ninguém escapava à sentença daquela gente unida e estranha. Mas, por que Ascânio julgava ver nele um amigo do centurião? Não sabia que tinha motivos de sobejo para persegui-lo, para ser capaz de entregá-lo aos seus perseguidores?

— Estou fraco e tenho a mente conturbada — falou ao servo.
— Disseram-me que todos meus amigos morreram. Mas, não vi na

Arena nem Tímon nem Ambrósio, nem os filhos de Igala entre os mortos nos postes do Circo.

— Tímon pediu a oportunidade de lutar com os gladiadores, bem como Ambrósio, Atúmi e Imulo. Lúcius lh'os concedeu, mas não conseguiram safar-se de seus oponentes. Lutaram bravamente, pois, caso vencessem, suas vidas seriam poupadas. Tenho comigo a importância que Tímon me deu a guardar em caso de escapar com vida. Agora é tua. Dize que me ajudarás a auxiliar Lúcius. Pelos deuses, Artur! Não posso confiar em mais ninguém. Só Apolônio e eu ficamos junto dele! Todos desertaram. E seu maior inimigo é justamente quem lhe foi o maior amigo!

As ideias de vingança e revide se alternavam com pensamentos outros de não interferência ou perdão. Artur combalido era alvo de forças desencontradas. Macati, espírito cruel e vingativo, procurava aliciá-lo para perder Lúcius. Incapaz de decidir-se, meu jovem amado resolveu ganhar tempo.

— Estou interessado no romano. Prometo ajudar-te — falou para Ascânio que suspirou aliviado. — Onde pensas que Lúcius esteja, a fim de podermos socorrê-lo?

— Apolônio conseguiu tirá-lo de Roma, usando um artifício grego. Com uma estátua oca transportou o senhor fora dos muros de Roma. Devem estar em Óstia. Eu não posso sair daqui para levar-lhe o dinheiro que pude esconder, antes da invasão dos soldados, pois me vigiam todo o tempo, mas ninguém desconfiará de ti. Lúcius precisa de muito ouro para escapar para bem longe. Sabes como eu desejaria segui-lo e servi-lo sempre.

— Talvez possas ainda. Pode-se conseguir tua saída sem que suspeitem. Tenho uma ideia, mas primeiro devo saber o que pretendem dele e o que lhe farão. Ajuda-me a ir à procura de Glauco. Falarei com o pretor, pois pode me valer. Não desconfiará de mim, porque sabe que tenho razões de sobra para odiar Lúcius, pelo que fez à minha irmã e aos meus amigos.

— Pelos deuses, Artur, não estás pensando em trair meu amigo? Se o fizeres, pagarás com a vida, eu t'o juro!

— Tens que confiar em mim! Irei a Glauco para sondar o que já imagina, mas tomarei aqui e iremos juntos a procura dele em Ostia. Eu te prometo.

Artur saiu em direção a mansão onde vivêramos felizes por um tempo. Não sabia bem que atitude tomar. Estava por certo em suas mãos a possibilidade de ajudar ou vingar-se. Seu móvel não era o ouro ou as ofertas lançadas pela captura de Lúcius. A antiga amizade sentida pelo romano se catalisara em revolta surda. O amor de Cristo lhe pedia perdão irrestrito, mas as cenas do martírio na Arena martelavam-lhe o cérebro. Como pudera o romano ser tão cruel com todos? Como usara a inocência e ternura de Leila para com ele, para conseguir perder todo o grupo? Porque não se contentara com submetê-lo, quando se prostrara a seus pés, e porque martirizara-me com as feras que adivinhara eu temer? Como se vingara em D. Fedra e seu Dino que eram idosos, e recompensara a dedicação de Igala e Igana torturando-os com a prisão dos próprios filhos, que ele sabia não pertencerem à nossa confraria? Por que não recuara de torturar Fábio, que era quase menino e Lucinha tão criança? Como tivera coragem de lançar sua fúria contra Tímon e Ambrósio, só porque tinham se nos irmanado na fuga? O que faria Artur se o tivesse nas mãos? Como agiria o orgulhoso romano ao ver-se de perseguidor transmutado em perseguido? E onde encontrara Ascânio tanta dedicação a um senhor tão orgulhoso e cruel? Sem nem mesmo saber que atitude tomar, meu amado adentrou o palácio de Glauco para sondar-lhe os progressos na captura e oferecer seus préstimos. Atravessou as colunas de entrada e parou no vestíbulo ouvindo vozes que se alteravam no atrium. Dirigiu-se para lá e ficou oculto ouvindo o colóquio.

— Persegues Lúcius para aplacar o remorso que te devora! Para mim, tu serás sempre o culpado pelo fim triste de nosso filho! Hei de cobrar-te até o fim de teus dias e até mesmo nós infernos de Proserpina a vida de Júlio! — falava uma formosa mulher, ricamente adornada, presa por crise nervosa. Era Terência, a esposa repudiada por Glauco.

— Cala-te! Não me obrigues a expulsar-te daqui! Bem sabes que não tens o direito de pedir-me contas!

— Como não tenho direito? Eu era sua mãe! Ele era meu filho! Tu o afastaste de mim, depois de me usares para subires na política de Roma!

— Vai-te embora daqui ou não respondo por mim! — falara o pretor possesso.

— Queres abafar a voz de tua consciência! Se tivesses deixado Júlio aos meus cuidados ele viveria ainda!

— E como seria ele? Um dos teus efebos?

— Com que direito me julgas? — inquiriu a senhora enrubescendo.

— Nobre Terência, sempre soube dos teus arroubos com as servas mais jovens. Sei de tuas ocupações amorosas! Achas que poderia entregar-te nosso filho, conhecendo-te as predileções para com as donzelas de Roma?

De onde estava Artur podia ver a fisionomia transtornada dos dois ex-esposos. O romano prosseguia.

— Queres rebaixar-me, talvez com o fito de que pare de perseguir Lúcius, a quem sempre te uniste para os desregramentos que te afinizaram com ele. Não tens vergonha de agir assim, sabendo que ele é o responsável pela desdita de Júlio?

— Já disse e sempre repetirei. Para mim o culpado é unicamente tu, que o seduziste com tuas vitórias militares, e a quem ele queria agradar, como se fosses o próprio Júpiter. Não penses que me agredindo far-me-ás pensar de maneira diversa. Procurarei ajudar Lúcius, sim. Quero que ele volte e te mate. Só desta forma me verei vingada!

— Some daqui! — gritou Glauco ameaçando esbofeteá-la.

— Eu te odeio! — gritou Terência voltando-lhe as costas e saindo.

Artur esperou que Glauco se acalmasse para depois se apresentar diante dele. Começava a pensar seriamente em aprisionar Lúcius e vingar-se dele por todo o mal que nos fizera. Se Deus o mantivera vivo, e levara todos, devia haver uma razão. Artur se decidira a trair a confiança de Ascânio para chegar até o centurião e então vingar-se.

Em vão sua mãe, sr. Venâncio e outros amigos tentavam furtá-lo a tais resoluções. Artur estava impermeável aos seus conselhos. Mesmo pressentindo no fundo o erro de sua determinação, conversou demoradamente com o nobre Glauco, procurando saber com quem contar na perseguição, qual a acusação que pesava contra Lúcius e como agir ao encontrá-lo. Ficou ciente que o pretor o queria vivo, para o martirizar. Que a ordem de sua captura fora expedida aos pontos mais distantes e que muitos, visando a propriedade que seria a recompensa a quem o trouxesse, estavam à sua procura. Sem dizer o que sabia, Artur prometeu diligenciar-se na busca e recebeu uma ajuda de custo para tanto, além do salvo-conduto para agir. Retirando-se da mansão retomou a Ascânio onde expôs seu plano para "ajudar" Lúcius. Ascânio o acompanharia com vestes femininas e peruca. Passaria, desta forma, pelos portões. Meu amado sabia que Lúcius jamais desconfiaria do servo que tanto o amava e contava com isto para poder chegar a ele e traí-lo.

Enquanto isto, Luci e nossos amigos desdobravam-se em auxílio a Marco cujo remorso o devorava, a mim que ainda estava anestesiada pelos últimos sucessos, e aos demais membros que haviam sucumbido ao nosso lado no Circo. A jovem árabe cantora, Jasmina, cuja fortaleza moral nos valera tanto no calabouço, velava-me com o carinho de uma irmã. Era uma antiga amiga, que vindo de longe se irmanara comigo nos últimos instantes e cujo carinho e assistência eu não pudera ainda aquilatar.

— Creio que apenas ela poderá impedi-lo de prosseguir no rumo escolhido — dizia Luci carinhosamente, afagando-me os cabelos, enquanto me debatia presa por pesadelos psíquicos.

— Talvez ela consiga o que temos tentado em vão — retrucou Venâncio. — O difícil está trazê-la a um despertar. Permanece imantada às imagens últimas. Sofre terrivelmente. Quando lhe ausculto a mente reconheço que, malgrado toda a assistência, mergulhou num marasmo de terror que a aprisionou aos instantes finais.

— Então socorramos Marco, pois ele parece ter ascendência sobre ela. Quem sabe ele consegue o que nós não temos conseguido.

Luci e Venâncio saíram do aposento, deixando meu espírito entregue aos cuidados de Jasmina, enquanto meus pais estavam no socorro e Fábio e Lucinha.

Encontraram Marco envolto por densa nuvem escura. O remorso torturava meu irmão. Quão vã fora sua tentativa de nos salvar e o que conseguira fora apenas endividar-se. Sabia que errara, ainda que por amor de nós. Estava abatido e desorientado. Luci aproximou-se dele, e ele ensimesmou-se. Escolhendo as palavras a bela mulher argumentou:

— Como estás hoje Marco?

— Não posso conformar-me com a lembrança do que fiz — falou meu irmão.

— E que me dirias se eu te dissesse que podes desfazer parte do mal que engendraste? Se eu te afirmasse que temos ainda um meio de livrar Lúcius à perseguição?

— Impossível! — falou meu irmão eletrizado — Não posso crer!

— Podemos ajudá-lo, sim, Marco, mas temos que agir depressa e precisamos de Artur.

— Artur? — perguntou ele sem entender, pois não estava a par dos acontecimentos que se sucediam na esfera física.

Sr. Venâncio explicou-lhe com muita cautela tudo o que vinha acontecendo. Apesar dos esforços de todos para que Artur auxiliasse o centurião, decidira-se ele em contrário. Isto o punha numa imantação perigosa com espíritos rancorosos que pretendiam perseguir o romano.

— Mas que posso eu fazer se todos tentaram sem resultado? — perguntou Marco indeciso.

— Não te pedimos intercessão junto a Artur — ponderou Venâncio. — Queremos que socorras Mariita.

— Mariita? — e meu irmão deu um salto — Como está ela? Voltou a si do desmaio?

— Não. E é por isto que precisamos de ti. Temos motivos para pensar que tua irmã tomará a si se tu a chamares. Exerces sobre ela uma ascendência maior. Ela veio para cá preocupada contigo. Queremos que te livres do remorso como prisão e que uses teus recursos e o afeto que lhe sentes para despertá-la. Mas não debes te aproximar dela preso por estas vibrações negativas. Livrar-te-emos delas e te auxiliaremos no tentame. Achamos que Artur só atenderá a um pedido dela.

Apesar de crer que seu concurso nada valeria, Marco resolveu tentar. Para tanto, tratou de se submeter a um tratamento que o aliviasse da atmosfera que criara ao redor de si, fazendo força através da oração e trabalho junto aos demais membros do grupo. De outro lado intensificaram o socorro a mim, com o fito de preparar-me para o despertar.

Dias transcorreram neste trabalho espiritual. Enquanto isto, Artur prosseguia' junto de Ascânio em direção a Óstia. O amante de Lúcius ia radiante. Tinha muita esperança que pudessem fugir para o Oriente ou para ilhas distantes. Servi-lo-ia sempre. Haveria de conseguir furtá-lo aos seus perseguidores — comentava animado com Artur. Recomeçariam com nomes supostos, mesmo que fosse preciso trabalhar de sol a sol para vê-lo feliz.

Artur ficava admirado do amor maior que sentia aquele servo humilde pelo romano orgulhoso. Soube, durante a viagem, que a ligação entre ambos durava já há mais de dez anos. Percebia que em nenhuma outra parte vira tamanha dedicação e carinho. Por mais intentasse adivinhar em Ascânio qualquer anormalidade mental ou física que explicasse o fascínio exercido sobre ele pelo seu senhor, não encontrava no seu modo de agir as motivações mais baixas e torpes. Era verdade que o servo tinha relacionamento duvidoso, que sua sexualidade era quase feminina, mas como seria difícil encontrar em qualquer outro ser tanta finura, tanta beleza moral, tanta amizade e ternura, como se percebia nas menores manifestações do jovem. Artur não sabia como julgar o estranho comportamento, a dedicação extrema que Ascânio revelava, sua humilde complacência para com os defeitos do outro, sua renúncia completa. Não sabia se o tomava por louco ou sublime na abnegação. Pensava como haveria de agir para não despertar-lhe as suspeitas, e como safar-se de sua interferência para lograr aprisionar Lúcius e levá-lo à Roma. Estava firme no propósito íntimo de ver o centurião nas mãos de Glauco. Depois poderia arrepender-se, era provável que jamais se perdoasse, mas tinha que dar uma lição àquele maldito, que, não contente de afastá-lo da mulher amada, feria fundo a irmãzinha inocente, no amor que lhe sentia. Marco tivera razão quando o denunciara ao pretor. Pena não chegasse a tempo de impedir a morte prematura de todos. Mas ele, Artur, terminaria o que o amigo ideara. Precisava tomar cuidado para que ninguém desconfiasse de seus verdadeiros propósitos.

Chegaram a Óstia ao entardecer. Rumaram diretamente para a casa de Apolônio, que encontraram cercada. Artur, no entanto, pôde entrar graças às deferências de Glauco para com ele. O escultor grego informou-o que levava Lúcius para um local meio em ruínas nas praias e um outro seu amigo cuidava dele, até que pudessem partir em alguma embarcação. Apolônio se arrependera da ajuda dada a Marco e procurava abafar o remorso, ajudando, então, o seu antigo protetor.

— Artur, debes me prometer que o ajudarás. Tenho arranjado um disfarce e comprei passagens para uma longa viagem, rumo ao

Oriente. Lúcius deve embarcar num navio que faz o transporte da seda, e consegui que até duas outras pessoas possam ir com ele. O preço que tenho pago é muito, e eu mesmo iria com ele se pudesse, mas vigiam-me. Se trouxeste Ascânio ele pode seguir como mulher, já que ninguém o reconheceria. Lúcius tem algum dinheiro. Pode estabelecer-se em algum lugar, mudar de nacionalidade, até que tudo se acalme. Tens certeza que desejas auxiliá-lo, depois de tudo o que te fez?

Apolônio duvidava que Artur pudesse ter perdoado o centurião.

— Confia em mim — disse o jovem dissimulando. Tomou a fantasia que o grego lhe dava e rumou com Ascânio para o local onde sabia que haveria de encontrar o perseguido romano.

Numa rústica cabana de pescadores abandonada, próximo ao local onde soçobráramos, o centurião aguardava sobressaltado. Ao ver Artur que chegava, tratou de pegar a adaga, mas Ascânio se interpôs, jurando que o amigo viera para o salvar. O assombro e a desconfiança tomavam a mente de Lúcius, mas não tinha com quem contar. Ficaram juntos por dois dias, aguardando a embarcação que costearia o local, a fim de apanhá-los. O romano tinha colocado barbas postiças, peruca estranha e exótica, passara na pele um produto que tivera o poder de o amorenar e vestia um traje oriental, que era arrematado por um casquete à cabeça. Ascânio ainda estava com trajes femininos e Artur apresentava-se com a túnica curta dos servos, e a barba por fazer.

No dia combinado rumaram para as areias procurando no mar o sinal das velas enfunadas. Logo elas se fizeram visíveis ao longe. Artur perguntava-se se não chegara o momento de castigar o rival, mas pretendia fazê-lo sem prejudicar o servidor fiel, a quem aprendera a admirar.

A embarcação se aproximava. Ascânio empurrava o barco para o mar, a fim de levar os três até o navio.

Enquanto isto, eu finalmente despertara, ouvindo a voz de Marco que me chamava. Vendo-o ao meu lado, sem os sinais de

ferimentos que as feras lhe causaram, abracei-o demoradamente, em pranto, julgando despertar de um longo pesadelo. Meu irmão não me deixou ficar muito tempo na felicidade de o rever. Admoestou-me duramente, apesar do carinho que sentia por mim, pois precisava conseguir colocar-me a par da situação, a fim de partirmos no auxílio, a Lúcius.

— Não sejas criança! Tens nos dado muito trabalho, Manila! Estás dormindo há dias e não sabes o perigo que Artur está correndo.

Meio enfraquecida, recobrei ânimo novo, sentindo-me viva, sem compreender bem a extensão da verdade:

— O que ocorre com Artur? — perguntei sentindo-lhe a ansiedade.

— Ele está cavando um abismo terrível entre vocês dois. Planeja matar Lúcius ainda hoje. Só tu poderás impedi-lo.

— Lúcius! — falei estremecendo — Pois desejo que Artur consiga o que quer.

— Não podes estar falando a verdade! Não pareces a minha bondosa irmã, capaz de sacrifícios por Leila, dedicada a todos! Não te reconheço mais! Se ao menos entendesses que eu te imploro que ajudes o centurião, a benefício meu e de Artur! Se ao menos esquecesses, por um instante, a raiva que deixaste nascer no teu peito!

Neste instante entrou no quarto Luci. Ao vê-la, comecei a chorar de vergonha de mim mesma. Sua ascendência moral, o que eu sabia de sua vida, mudava em mim toda a gama de sentimentos contraditórios.

Percebendo minha indecisão, Marco Pediu:

— Mariita, detém Artur, por amor dele e por mim!

— O que posso fazer? — perguntei decidida.

— Vem conosco! — falou Luci ajudando-me a erguer e levando-me consigo bem como a Marco pelo espaço afora.

Voamos apressados, eu ainda um pouco entontecida com o despertamento vago. Perguntava-me se morrera, e, neste caso, como poderia ajudar? No entanto, a resolução de esquecer a raiva livrara-me de pesos inúteis e dúvidas maiores. Se Luci achava que eu podia ajudar e se Marco concordava, eu faria o que pudesse.

Logo avistei a praia onde eu enterrara a cruz que Artur me dera.

Ao me aproximar dele, vi que meu amado tomava de uma adaga e batia com o cabo na cabeça de Lúcius. Este caiu na areia, enquanto de costas, Ascânio empurrava o barco em direção às águas. Tomado de uma fúria estranha, percebi que meu amado pretendia matá-lo ali mesmo. Esquecendo que não estávamos no mesmo plano, pus-me à sua frente, gritando em desespero:

— Artur, não faça isto! Para, em nome de Jesus!

Fosse pela decisão de interferir muito forte, ou pelo nome poderoso do Senhor da Vida, naquele segundo que antecedia ao crime, Artur me viu palpável diante de si. Julgou estar sendo vítima de uma alucinação. Suspendeu o golpe fatal que vibraria às costas do romano desmaiado na areia, dando um passo atrás. Seu pé resvalou em algo. Olhou para o chão e viu a seus pés a cruz de madeira que me dera e esculpira às vésperas de nossa fuga. Eu mesma estava aturdida por perceber que ele me vira, pois gritava meu nome.

— Mariita! — ajoelhando-se, tomou a cruz em pranto, levando-a ao peito.

Minha figura desvanecera-se a seus olhos. Luci afastara o espírito de Macati que comandara Artur! Este, mudando o rumo de suas atitudes, levantou Lúcius nos braços e levou-o ao barco, onde Ascânio os aguardava estranhando vê-lo carregando o seu senhor.

— Ele desmaiou! — falou Artur, mentindo. — Acho que as emoções foram muito fortes para ele.

— O que é isto que trazes nas mãos? — Nada. Apenas uma lembrança de alguém muito querido — falou Artur, enquanto em pensamento agradecia a Deus não haver completado o plano.

Remaram para a embarcação que os aguardava. No convés, o romano voltou a si, mas algo ocorrera. Estava sem a visão. Por mais que Ascânio cuidasse dele, por mais que Artur rogasse em preces que a cegueira cessasse, o fugitivo perdera a capacidade de ver. Não se lembrava da pancada recebida, quando caminhava em direção ao barco. Estava desesperado. Tentou lançar-se ao mar, mas seus dois amigos o impediram.

Durante os meses que durou a viagem tiveram que vigiá-lo de perto. Uma vez chegados ao destino, os dois amigos trataram de arranjar serviço, um durante a noite e outro durante o dia, meio que tinham e não deixar Lúcius só, pois temiam que desse cabo da vida. Vendo na dedicação àquele homem o único meio de ressarcir seu débito para com ele, Artur pedia a Jesus apoio e auxílio. Apresentaram-se como irmãos. Enquanto meu amado mourejava no campo, Ascânio ocupava-se da guarda noturna de vasta propriedade de um chinês riquíssimo. A vida era dura. A língua era diferente e a desconfiança os cercava. Era óbvio que se perguntava porque aqueles homens tinham vindo de tão longe. Mas, como não reclamavam, como se contentavam com o pouco que lhes era dado, puderam permanecer.

Depois de alguns anos de sacrifícios ali, resolveram seguir a rota dos navios e demandar a África, ou a Arábia.

— Penso que na Arábia teríamos mais chance de aplicar o pouco que nos resta na rota das mercadorias — comentou Artur a Ascânio. Aqui ficamos, dia a dia, mais pobres e impedidos de progredir.

Realmente, a miséria era uma constante das classes últimas. Até viver parecia uma blasfêmia à plebe. Lúcius já não falava em

morte. Alegrava-o espicaçar seus dois amigos, quando bebia demais. Por fim caía em abatimento e chorava copiosamente.

— Esta escuridão é pior que a morte! Mas, quero viver. Quero curar-me e tornar a Roma. Ascânio, por que não me trazes algum médico ou mesmo um curandeiro miserável, que me livre deste suplício?

— Nobre Lúcius. Partiremos daqui e procuraremos outras terras. Quem sabe com a mudança de ares, ou noutro lugar encontres a recuperação da vista?

Depois de acertar as contas partiram num barco a remo de volta às costas da Ásia Menor. Artur pensava em ficar em Tarso ou Corinto (***Tarso e Corinto — Tarso: antiga cidade da Turquia, à beira do Cidno. Corinto: uma das cidades mais florescentes da antiga Grécia, rival de Atenas e de Esparta. Foi destruída pelos romanos em 146 a.C.)***), pois, se lembrava de que ali encontraria núcleos cristãos. Tinha sede de poder permutar ideias com irmãos afins. Após jornadas sem rumo certo, acabaram por permanecer em Éfeso. Ali, arrendaram humilde vivenda, procurando servir para seu sustento. Após alguns meses' de estadia, finalmente Artur conseguiu o que desejava. Descobriu amigos de crença ali sediados. Participou de algumas reuniões. Confidenciou a Ascânio seu ideal. Ouvia-o o outro tomado de assombro e respeito. Por mais que intentasse ocultar de Lúcius as alegrias que o felicitavam, o romano, com o ouvido apurado pela cegueira, deduzira o retorno de meu amor às doces confabulações acerca do Mestre. Mas o sofrimento como que abrandara-lhe o apressado julgamento. De minha parte eu os acompanhava, pois me fora permitido auxiliar Artur e Lúcius nas novas provas. A princípio o romano ridicularizava a fé do servo, depois, sob as falas de Ascânio, passou a dar alguma atenção ao assunto. Um dia, sem que Artur esperasse por aquilo, pediu a ele que o levasse consigo a uma das reuniões. Ascânio admirado pensou que talvez algum cristão pudesse valer-se de seus dons para curar o centurião. Encheu-se de esperanças. Acompanhou a preleção evangélica com lágrimas sentidas. Rogava àquele Jesus que partira 'há tanto tempo, a cura do homem que

sinceramente amava. Mas a cura não veio. Do Plano Maior sentíamos que assim era melhor. Se Lúcius recobrasse a visão retomaria os mesmos desmandos de outrora. Sua alma forte e astuta ainda não esbarrara nas questões máximas da dor e da verdade. Aos poucos Ascânio foi se irmanando ao grupo de amigos que eram solícitos e bondosos. Ainda não compreendia bem aquela fé diferente, nem o móvel de tanta perseguição, mas respeitava-os. Lúcius às vezes discutia com ambos ameaçando denunciá-los às autoridades romanas do local, mas a própria condição de perseguido o impedia de assim agir.

Os anos foram se estendendo. O nobre Glauco retirara-se para um local onde se praticava rigoroso ascetismo. Queria ausentar-se do mundo, flagelar-se e esquecer. Artur, Ascânio e Lúcius envelheciam, mas nem as trevas haviam abrandado o orgulho do antigo centurião.

Um dia, quando estavam nas ruas, uma carruagem desgovernada, pois os cavalos haviam se assustado, atingiu Ascânio. Artur desesperado socorreu-o, fazendo com que o transportassem a casa. O pobre homem tinha o peito dilacerado pelas patas dos animais. De sua boca escorria um filete de sangue. Pela primeira vez Artur viu o quanto tinha se apegado a ele, e como Lúcius o amava. O centurião, esquecido do orgulho e posição que sempre lembrava para agredir e exigir, tomou as mãos do antigo amante, sempre solícito para com ele, em pranto desesperado:

— Ascânio, não me deixes!

— Sempre estarei contigo. Haja o que houver! Pedirei a Jesus que me permita ajudar-te sempre! — falou Ascânio com dificuldade.

Sentindo que ele partiria Artur orou mentalmente rogando a Jesus o recolhesse. O servo ainda olhou para Artur. Não podia falar. Seus olhos iam deste para o romano cego. Meu amado entendeu, a súplica muda:

— Cuidarei dele! — prometeu com a voz embargada.

Ascânio desprendeuse do corpo sem um lamento. Lúcius caiu em apatia profunda. Às vezes blasfemava, perguntava a Artur onde estava o Cristo que não ajudava seus seguidores.

Mais dez anos transcorreram. O romano era uma sombra do que fora. Não perdera totalmente a arrogância, mas a dúvida de suas convicções fazia-o quase aceitar o cristianismo.

Gostava de ouvir notícias que os viajantes traziam das conquistas de Adriano, da submissão dos sármatas, da adesão dos judeus e árabes, do Império pacificado, das artes triunfantes. Meditava no passado para perguntar a Artur porque o servia, ao invés de entregá-lo ao escárnio e a perseguição de seus desafetos.

— Tenho uma dívida para contigo — respondia o jovem.

— Não posso entender-te. Não consigo atinar para com tua dedicação para comigo. Deverias odiar-me.

— Não posso. Quanto mais te sirvo mais tenho o amor de quem amei.

— Crês que Mariita me perdoou? Que ela nos vê? — perguntava Lúcius emocionado.

— Sei que ela quer que eu te ajude, que Jesus me ordenaria servir-te até o fim de meus dias. Isto me basta.

Aos poucos a amizade antiga que os unira voltava. Lúcius o respeitava. Gostava de conversar com ele.

Bem cedo, antes de procurar o trabalho, meu amado fazia-o caminhar um pouco, e depois a noite, quando podiam, compareciam ao núcleo cristão. Lúcius começava a aceitar alguma coisa do que ouvia. Meditava. Dizia a Artur:

— Não tanto pela razão, conquistas-me para o Cristo com tua dedicação.

Uma tarde, Artur o encontrou acabrunhado. Estava abatido. O cabelo branco e a barba crescida ocultavam os traços outrora belos.

— Hoje conversei com um soldado que me serviu — comentou ele.

— Ele te reconheceu? — perguntou Artur com receio.

— Não. Como poderia? Ele me informou que Cornélio cobrou de Glauco pela minha morte em Óstia. Jurou que me matara. Tomou posse de minhas propriedades. Sabe o que é engraçado em tudo isto?

— O que?

— Não é o fato de estar vivo. É eu não me importar nem um pouco com isto. É engraçado, não é mesmo? Eu não me importo nem um pouco.

— Tu te livraste das opiniões dos outros, do apego ao dinheiro — falou Artur.

— É possível. Mas se me visse de novo jovem e poderoso, quem sabe... retrucou Lúcius ensimesmado.

Daí há alguns dias caiu doente. Depois de uma semana de tentativas infrutíferas Artur o viu partir de uma vez. Não teve coragem de dizer-lhe que fora o responsável direto por sua cegueira. Ao despertar no mundo espiritual, depois de meses de perturbação, Lúcius viu ao pé de sua cama a jovem Leila, como que livre de suas mazelas, a cuidá-lo com carinho.

— Então, — disse ele — é verdade. A vida continua.

Irmanado a nós passou a seguir, nos anos seguintes, a desdobrada assistência de Artur a vários núcleos cristãos, que visitava como orador inspirado e à Glauco, em sua cela de asceta à procura da paz perdida.

Alguns anos depois ambos vinham ao nosso encontro. Revíamos velhos aspectos cármicos, fazíamos um balanço de nossa atividade. Reconhecíamos a falência do amor cristão em nós. Todos falháramos numa ou noutra circunstância. Havíamos deixado atrás de nós inimigos, dívidas, obras desfeitas. Eu, particularmente,

reconhecia-me ainda vacilante e orgulhosa. Artur dizia-se criminoso vulgar, a um passo de maiores chacinas. Glauco revia a perseguição infeliz. Igala chorava o auxílio a Júlio que lhe custara o suicídio. Atúmi e Imulo, Tímon e Ambrósio viam-se ainda imantados à violência que tinham usado como recurso de defesa. Marco dizia-se abertamente cavilador. Fábio desejava a perda de Lúcius para viver!

Todos tínhamos a nos culpar lembranças de outras eras e deslizes a nos tornar vítimas e algozes de nós mesmos. Mas, quando finalmente nos vimos reintegrados rio Plano Maior, sob as bênçãos de Jesus, renovamos as esperanças de prosseguirmos no aprendizado, em condições novas, em corpos diferentes, em posicionamento diverso, a fim de aprendermos as lições do amor universal. Eu me reconhecia egoísta e teimosa. Leila ressarcira parte dos débitos. Só Ascânio e Luci brilhavam ao nosso lado como duas estrelas do bem, mas ele ainda tinha o apego sexual a vencer. Venâncio estava longe, em tarefas outras.

Confiantes, reconhecíamos que tínhamos superado antigos rancores. Que eu podia abraçar Lúcius, que Artur o estimava muito e que só isto nos bastava para compensar dos sofrimentos vividos.

Olhando o firmamento nimbado de estrelas demos a Deus graças por todas as dores e desencontros, partindo à procura de novas e santificadas experiências. As vidas se sucederiam. Os séculos rolariam, mas eu aprendera a reconhecer o valor de Lúcius e ele aceitara finalmente o amor que via em mim e Artur

XXII - Em Minas

.. "Mal durmo, Marília, sonho que fero leão medonho te devora nos meus braços; gela-se o sangue nas veias e solto do sono os laços, à força de imensa dor..."

Marília de Dirceu — Lira 21. (Tomás Antônio Gonzaga.)

"Marília deu-me um sorriso triste.

— Dr. Tomás, tenho medo.

— Não crês em mim?

— Tive um sonho esta noite. Um sonho horrível. Sonhei que estava na arena e que me abraçavas, mas que feras estranhas, como monstros eram soltas e me atacavam. Elas me comiam viva, me rasgavam as carnes com suas garras. Acordei gritando. Foi horrível."

"Também eu tivera sonhos idênticos, mais de uma vez. As outras vidas... Estaria Mestre Lisboa certo? Teríamos outras vidas, então? Estava tão temeroso quanto ela. Mas eu sabia o porquê dos meus receios. Marília adivinhava.

— São sonhos — falei — Apenas sonhos. Devem ser devidos às exéquias que foste assistir ontem. Aqueles leões-de-essa de Mestre Lisboa sempre assustam muito **(eu me referia aos leões de madeira que suportavam o caixão, durante as cerimônias fúnebres)...**" **(Confidências de um Inconfidente. Página 173. Tomás Antonio Gonzaga).**

* * *

Quantos séculos se passaram em que nos irmanamos cada vez mais e prossequimos a ressarcir débitos e adquirir afetos. Eu, que fora Marta, a pitonisa de Mário, retornava no século dezoito a encontrar as mais puras alegrias na cidade de Vila Rica do Ouro Preto, sob as bênçãos de Nossa Senhora do Pilar.

Em algumas experiências cármicas fora cigana, russa, moura, pobre e rica, um menino na Dinamarca, uma índia da América, e quantas foram as vezes em que me vi separada de Artur, para aprender o amor renúncia, o amor abnegação, o amor desprendimento. Meus crimes em vidas remotas, que um dia serão contados, com a permissão de Deus, encontrariam naquela época da Inconfidência Mineira, os meios preciosos de pagamento em amor.

Os liames que me prendiam aos amigos e parentes eram fortes e velhíssimos.

Estávamos no ano da graça de N.S. Jesus Cristo do ano de 1787.

Numa sala mal iluminada, um homem estranho e divino, misto de monstro e anjo, artífice e escultor, asceta e doente, corajoso e arrogante, humilde e ardente, arrebatado pela dor e oculto pela perseguição a todos os portadores do mal que o acometia, ora e pensa.

A noite vai alta. Um lampião, uma candeia de óleo de peixe bruxoléia as peças inanimadas deixadas ao léu. Um vulto magro e cansado aproxima-se dele:

— Mestre Lisboa. É preciso que descanse. É muito tarde.

— Deixa-me, Maurício. As dores amainaram. Vai tu dormir. Quero ficar só, falar com meus fantasmas, pensar.

— Mas, pensa que tem muitos afazeres amanhã. E já é quase amanhã.

— Vai tu dormir.

— Mestre, já resolveu o que vai compor para a Igreja na sustentação dos caixões?

— Pensava nisto mesmo. O que ficaria bem, Maurício, para suportar um corpo morto, para lembrança da dor, da miséria e do fim de todo o orgulho desta humanidade tola e pretensiosa? Tens alguma ideia?

— Flores e anjos, Mestre Lisboa?

— Flores e anjos são para os altares dos santos e de Nossa Senhora, Maurício. Vai dormir. Eu pensarei em algo.

— A Irmandade tem pressa. Nem carece de muito capricho!

— Todos têm pressa! Como se para compor a beleza fosse possível fazer tudo a correr. Pois que esperem. Hei de escolher algo

diferente, que me fale alguma coisa, que lembre a todos que foi o Aleijadinho quem criou!

— Não te chames assim, em nome de Nosso Sinhô.

— Que? Pensas que fico revoltado por me chamarem assim? Podiam dizer o Monstro, o Aleijão, mas o povo me nomeou Aleijadinho. É até carinhoso. Eu gosto muito, Maurício. Não penses que me magoam.

Anda a dormir, Maurício. Se fico a conversar contigo não posso me decidir.

— E quem porá Mestre Lisboa na cama?

— Ora, deixa de mimar-me. Quando precisar de ti chamarei. Deixa de ser tão tolo. Não será a primeira vez que vejo o dia nascer. Anda. Que estás esperando? Some daqui. Vai!

Maurício afastou-se para o quarto onde os muitos artífices repousavam. Agostinho perguntou:

— Ele não vem?

— Ainda não. Sabe como ele fica quando está a cutucá uma ideia.

— Deixa-o. Assim ele é feliz.

Agostinho vira para o outro lado e dorme. Maurício, cansado, acaba por adormecer também.

Na sala, Antonio Francisco Lisboa medita.

— Quero ver! Preciso ver! Onde e como eu conheci a jovem que vi passar ao lado de minha casa? Onde ela e eu estivemos juntos? Maldita moléstia que só me dá pesadelos nas febres. Quando vi aquele rosto de anjo? Por que me sinto um monstro diante dela? E dr. Gonzaga? Que estranho destino me ligaria a um homem tão diferente de mim em tudo? Eu preciso ver! As tramas da vida, devem ser as mesmas que as tramas da morte.

Uma entidade gentil se aproxima dele. O Aleijadinho a sente.

— Minha mãe, Izabel. Trazes a chave do enigma? Tu te apiedarás de mim? Dá-me a verdade.

Um torpor lúcido o toma de assalto. Cerra os olhos, enquanto luzes e formas diáfanas se fazem a sua volta. Começa a ver.

— Sim. É isto mesmo. Quero. Preciso ver! Preciso saber!

Vê-se jovem e belo. Tem um porte viril. Os trajes que usa lembram-lhe os dos soldados romanos das procissões da Paixão em Vila Rica. É romano, mestiço de árabes, e dá ordens. Maurício, Agostinho e Januário são seus subalternos. Vê cenas que o martirizam. Por fim, um espetáculo dantesco se depara aos seus olhos espirituais:

Na arena Artur, Marco e Mariita. Ordena a Cornélio que arranque o rapaz à arena. Vê nos mínimos detalhes a cena de sangue. Ouve a voz da jovem:

— És um monstro! Prefiro as feras a ti!

Sentado na cama rústica, sem parte das pernas, o Aleijadinho sua abundantemente. Quero ver mais! Quero saber mais! — exclama mentalmente.

No esforço de sua concentração, percebe que a cena se repete a mesma, porém agora reconhece os personagens dela. — Eu sou o romano. Mariita é Marília, a noiva do doutor, ele é o jovem que salvei na arena, que tanto eu amava, mas o outro, quem é? Imediatamente em sua mente se desenha um rosto. O cansado toreuta exclama em alta voz:

— O menino dr. Alvares Maciel! Meu Deus!

Ao seu lado, Maurício, que acordara, o sacode:

— Mestre Lisboa! Está tendo um pesadelo? Acorda. Deixa que eu te ponha na cama!

As visões se desfazem. A luz ambiente retorna. Ele abre os olhos.

— Por que me chamaste, Maurício? Vai dormir, homem, e deixa-me com meus fantasmas.

Maurício finge que não ouviu a recriminação. Ajeita-o na cama. Coloca uma jarra com água à beira e um sino para que o chame caso precise. Apaga a luz.

— Dorme, Mestre.

— Está bem, Maurício. Posso ver meus fantasmas mesmo dormindo.

No outro dia, o martelar contínuo enche de vida o ambiente.

Após um banho ligeiro, Agostinho coloca o escultor diante da prancheta de desenho.

— Traz-me aquelas pilhas de desenhos. E um espelho.

Agostinho obedece. O Aleijadinho decidido revira esboços, pedaços recortados de livros, que os padres lhe dão. Analisa, escolhe a figura de um leão. Separa-a e ordena a Maurício que lhe arranje um cão.

— Onde, Mestre, vou achar um?

— Não me importa. Traze aqui um que seja forte, feroz. Preciso vê-lo.

Maurício sai. Ele toma o carvão. Desenha, febrilmente, esboços do leão. Olha-se ao espelho, debuxa seu rosto. Começa a colocar seus olhos e nariz no animal. Agostinho estranha.

— O que Mestre procura?

— Procuro a identidade do homem e da fera. Estás espantado? Achas que eu não possa fazer um leão com cara de gente?

— Vai ficá muito esquisito! Nem sei si vai podê sê feito.

— Ainda está para surgir algo que eu não possa fazer, Agostinho. Onde anda o Maurício que não me aparece com o diabo

do cão?

Algumas horas depois de muitos debuxos ordena:

— Agostinho, vê-me o jacarandá:

— Mestre resolveu como vai fazer as essas?

— Sim. Traze aqui. Tu me desbastarás a madeira. Anda. Fala pra Januário ir à procura de Maurício. O idiota é bem capaz de se meter em encrenca.

— Num é preciso, não. Ele tá chegando por aí.

Realmente, o escravo vinha receoso, trazendo pela coleira um bravo cão, que parecia amedrontá-lo.

— Prende-o ali ao canto! Anda! Que espera? Que ele te dê com os dentes? Agostinho arranja carne para o animal e água. Quero olhar para ele.

O dia se passa em novos desenhos, enquanto o martelar no cinzel apresta duas peças.

À tarde o cão é levado ao dono. Maurício respira aliviado.

Dias e dias vão passando. Ao pé dos pedaços de jacarandá o escultor trabalha com afinco.

— Nunca vi Mestre bater cum tanta réiva. Parece inté querê sangrá a madeira.

— Este leão está com cara de gente. — comenta Maurício. — Não tô gostando.

— Si tem cara de gente, é de gente ruim! Cruz credo!

Lisboa ri-se dos comentários de seus escravos. Prossegue na feitura. Dá o toque particular do vinco entre os olhos. O animal parece raivoso. Uma pata está erguida. Mauricio achata a cabeça, para que o caixão do defunto possa descansar sobre ele. Agostinho abrande a curva das costas.

— Quando ficam prontos? Mauricio pergunta:

— Mestre, por que escolheu um leão?

— Porque o leão é forte, é selvagem, é uma fera. Ele é um pouco de cada homem. É um pouco de mim.

Agostinho enverniza o par de leões. Os padres que fizeram a encomenda se admiram da escolha. As oitavas são pagas. Só então, ele retoma a estátua de Marília.

XXIII - Em Minas (PRAXITELES) JOSÉ DE SÁ BITTENCOURT

... "Eu fora tolo de pensar que o visconde teria piedade de nós, no entanto, ainda alguns pensavam assim. Tudo indicava que isto movera o Francisco de Paula a não comparecer à reunião, bem como seu cunhado Maciel.

Enquanto alguns irmãos saíam na noite, indo cada um para sua região, o José de Sá Bittencourt, esperou que estivéssemos a sôs:

— Dr. tomás, vou para a Bahia, pelos matos. Sei que não poderia passar pela entrada, que já está guarnecida. Venha V. Mercê comigo. Em Bahia os meus te receberão como parente e fugiremos num navio, onde poderás ter com os teus em Portugal. Temos padres que podem nos esconder em seus mosteiros, até que tudo isto passe. É uma loucura ficar. O visconde não pode mais deter os acontecimentos, nem prometer a ninguém garantias. Que justiça se pode esperar das cortes? Os meus comprarão aos juízes o silêncio quando a mim. Vem. Fugamos.

— De que me adiantaria? Como se fosse possível! Se o visconde sabe, devem tê-lo informado que sou o mandatário, e nada comprará o silêncio do meu nome. Além disso, votei por sua morte, e talvez Deus me esteja pronto a castigar por isto. É meu dever ficar, pois muitos devem se perder e, por minha sabedoria, por meu valor, posso, quando inquirido, fazer calar toda injúria. Não posso

partir, seria o mesmo que confessar a culpa. Tu podes ir bem, que nada aqui te prende, José. Mesmo assim te agradeço. Nós todos sabíamos o risco que corríamos. Foge, enquanto podes. Eu ficarei. Que Deus te proteja, Irmão.

Apertamo-nos as mãos como cavalheiros e abraçamo-nos com amizade.

— Ver-nos-emos ainda-falou José de Sá Bittencourt, cuja família me fora amiga nos tempos da Bahia, e em cuja casa sempre fora recebido como irmão. — Deus é justo. Ele te guiará e protegerá mas, se quiseses fugir para a Bahia, sabes que nós te guardaremos." (*Confidencias de um Inconfidente pag. 256/7 -11ª. edição*) **JOSÉ DE SÁ BITTENCOURT - (PRAXITELES)**

Bateram à porta e José de Sá Bittencourt foi atender.

Desde que chegara de Vila Rica a Caeté, andava preocupado com uma possível prisão. A intermitente batida acordara sua tia, que se deixara ficar até tarde arrematando uma colcha de croché, para dar a uma sobrinha.

As batidas lembraram-lhe, num átimo de tempo, outras idênticas de igual significação o que o acalmou um tanto.

Fora há bem pouco tempo que seu parente e amigo querido, o jovem bacharel José Alvares Maciel, ali estivera a pesquisar a existência de salitre, com o que fabricariam pólvora, para o movimento libertário.

Que tino tinha o alferes Xavier! Estava com toda a razão. Caeté era abençoada com jazidas dadivosas, que lhes seriam propícias.

— Já vou! Já vou! - falou para fora, vendo que nenhum negro vinha acudir à porta.

Abriu-a e deparou surpreso com o Dr. Joaquim Veloso de Miranda padre naturalista, responsável pelo Jardim Botânico de Vila Rica.

— Que surpresa, padre! - falou entre risonho e apreensivo, pois sabia que o outro não se abalançaria a viajar se não fosse por forte motivo. -Entre! Entre!

Ajudou-o a alijar o sobretudo e perguntou do cavalo que soube amarrado à entrada.

— Viram-te chegar?

— Não. Parece que todos dormem. Perdoa-me a intromissão. Vim avisar-te. Prenderam o dr. Cláudio, Gonzaga, Domingos Vieira, Alvarenga e Toledo. Soube que ainda não foste para a Bahia e achei bom que soubesses.

José de Sá segurou o nó na garganta, sem poder evitar que lágrimas viessem aos olhos. Lembrou-se do último diálogo comigo. Recordou sua oferta para irmos a Bahia pelos matos. Ele mesmo se deixara ficar depois que Maciel e o padre José Correia da Silva, residente Sabará, lhe haviam garantido que Barbacena não faria prisões. Pobre Dr. José Correia da Silva! Gonzaga o tinha como um dos maiores jurisconsultos das Minas Gerais, mas, por certo, não era tão atilado quanto o desembargador que percebera o cavilismo do governador de há muito.

— Lembra da discussão de Gonzaga com o Dr. José, o padre José de Sabará? - perguntou Sá Bittencourt ao pe. Miranda, que o fitava desconcertado, depois de haver se escarrapachado no canapé, devido ao cansaço da viagem.

— Que adianta isto agora? Melhor nos fora se Gonzaga se enganasse...

— Se os homens pudessem ser analisados como as plantas e os elementos, seria fácil-comentou o outro, pensando nas longas anotações de sua farmacopeia e dos estudos naturalistas exaustivos que lhe haviam tomado largo tempo em folhas e anotações, junto ao pe. Veloso Miranda.

— E então, partirás?

— Não é preciso-falou uma voz de mulher à retaguarda.

A tia de Bittencourt, que o havia acabado de criar, desde que chegara da Bahia a fazer seus estudos, aos 13 anos, sob custódia do tio Cipriano Ferreira da Câmara, e de seus outros parentes, o desembargador aposentado, Dr. Francisco de Bittencourt, e o médico recém-chegado da França, Dr. Francisco Ferreira da Câmara, chegara à sala.

— Não é preciso! - tornou sua tia, envolta em larga capa de dormir. Ninguém se atreverá a tocar-lhe um dedo, em toda Caeté.

— Desculpa a intromissão-falou pe. Veloso, levantando-se e cumprimentando a senhora, que respondeu com uma reverência, beijando-lhe as mãos, indo sentar-se numa poltrona.

— Já disse a José que todos têm ordens para negar sua presença na propriedade.

— Não seria o bastante, querida tia.

— Sei bem como comprar o silêncio das milícias-falou a dama com energia, como quem está acostumada à corrupção Além disto, tenho fé em Deus. Ninguém há de pegá-lo.

José sorriu de maneira simples como a querida mulher via as coisas, a ternura de seu gesto de proteção e certeza. Amava-o como um filho querido e ele também se lhe apegara.

— Não devias ter levantado, titia. Volta a descansar. Não te preocupes que jamais darei um passo sem consultar-te.

— Avia para Dr. Veloso o quarto verde — falou a dama, percebendo que os dois queriam conversar. — Se precisar de Joana é só tocar a sineta.

Retirou-se a tia e os dois ficaram conversando até altas horas, dando o padre detalhes sobre as prisões e comentando os boatos que corriam pelas estradas.

No dia seguinte, chegou o cunhado Inácio Ferreira Câmara Bittencourt. Toda a família era concorde que ele esperasse um pouco mais:

— Hás de compreender. Se voltas agora à Bahia, logo te crerão um fugitivo.

— Sim. Bastaria isto para ter-te como suspeito.

Veloso sabia que o fato do amigo haver comparecido à reunião do dia 27.12.88, na casa do comandante, em Vila Rica, já bastaria para tê-lo a erros. Acaso não o haviam reconhecido os espias do governador?

— Falam a Barbacena de um "doutor das partes de Sabará." E isto pode trazer a suspeita para milita gente. Porém, Barbacena não é tolo. Sabe que doze estudantes brasileiros em Portugal juraram dar a vida pela liberdade do Brasil. Duvido que em sua mente não relacione as figuras mais representativas, e entre elas, tu, José, teu mano Manoel e José Bonifácio.

A lembrança dos dois na Europa, a salvo daqueles perigos, produziu um sorriso no rosto do rapaz.

— Então, o que já têm decidido?

— Melhor esperar um pouco mais-falou o rapaz. Creio que não se lembrarão de mim.

— Bem. Sabes o que fazes. Eu, de minha parte, fiz quanto pude-falou pe. Veloso.

Mais uns dias o hóspede lá ficou e teve oportunidade de avisar o pessoal da redondeza e avistar-se com o pe. Correia da Silva.

Depois tornou a Vila Rica.

Somente quase um ano depois, o jovem naturalista, premido por sonhos e pressentimentos, resolveu refugiar-se junto aos parentes na Bahia.

Sua viagem, contudo, embora cercada de muito sigilo, acabou sendo denunciada a Barbacena que o observava.

Vendo que ele finalmente tornava à terra baiana, o governador enviou carta ao tio, citando-o, o que lhe valeu providências no sentido de o irem buscar lá.

Foi preso e remetido ao Rio de Janeiro.

Em meio a viagem, Sá Bittencourt pensava. O que dizer? Como escapar das acusações, cujo teor imaginava, mas não podia definir com precisão? De que forma explicar a fuga, sem passar pela estrada? Por que tanto se apegara a Gonzaga e ao Tiradentes? Iria revê-los? Em que circunstâncias? Saberiam aos parentes de Caeté de sua prisão?

Realmente seus tios e cunhados foram cientes de- tudo.

Trataram de conseguir que terceiros interferissem no Rio, junto ao vice-rei. Sabiam-no um amigo. As evidências contra o bacharel eram muitas, porém, quem sabe...

Sua tia ajuntou o ouro que trazia, guardado. Davam uma arroba e meia. Seu cunhado, que fizera com ele a viagem de retorno de Portugal, tratou de procurar fazer o acordo.

Mas Coutinho Vasconcellos estava irredutível. A partida do rapaz a fevereiro de 1790, rumo a Bahia, era indício forte, tendo em vista que o moço evitara as estradas. O vice-rei prometeu pressionar o juiz da devassa com sua influência.

Preocupada a tia devota foi até as lavras. Amanhecia. Ajoelhada, ela orava sentidamente. De repente, à sua frente, começou a aparecer diafanamente uma figura de mulher, sorrindo-lhe.

A pobre mulher não teve dúvida. Para ela era a própria mãe do Cristo que lhe aparecia:

— Senhora! Socorre-nos — balbuciou mentalmente. A figura, sorrindo-lhe, indicou com um gesto um local onde ela entendeu devesse lavar. Emocionada, a senhora chamou os negros e ficou na bateia. Após algumas horas teve a meia arroba que o juiz da devassa exigia. Aprestou dois negros fortes, demandaram as

estradas com um capitão e alguns soldados. Por vias das dúvidas, o ouro foi levado num santo de pau-oco.

E, desta forma, com a interferência espiritual, safou-se o bacharel à prisão. Conquanto nascido em Caeté, sua infância fazia com que o cressem baiano de nascimento.

Acareado a nove de setembro de 1791, nas Cadeias da Relação e a dia 10 e 11, totalmente incomunicável, foi liberado a 12 de setembro após o terceiro interrogatório e assinou um termo de responsabilidade, retornando a Bahia, onde deveria se apresentar ao governador de lá.

Os anos foram passando.

Em 1821, Dr. José de Sá Bittencourt escreve carta a José Bonifácio de Andrade, Ministro do Reino e Estrangeiros, oferecendo-lhe a Memória Mineralógica da Comarca de Sabará, de sua autoria.

Sentia profundo respeito pelo amigo, e pelo seu irmão, tornado famoso como o Intendente Câmara.

Foi com júbilo que meses depois serviu de apoio a Independência na sua região de Caeté, para onde tomara.

Era então Coronel do Regimento de Auxiliares de Caeté, para onde havia tomado ao chamado da tia a quem devia a liberdade e a vida, desde 1813.

Seu espírito liberal e crítico, contudo, haveria muito de se decepcionar, depois da Independência, com as atitudes autocráticas dos Andradas, e a perseguição a Gonçalves Ledo.

Fora apaixonado pela viúva de Ciotto, em Vila Rica, mas acabara casando-se com outra jovem em Caeté. Seus onze filhos lhe davam muitas alegrias. Àquela vila onde nascera em 1755, legaria seus trabalhos que via perderem-se pelo obscurantismo de sua época, tal como vira perderem-se os do pe. Veloso, do pe. Correia e do amigo Maciel.

No entanto, de algum modo, sua alma helênica desprendia-se da terra aos 76 anos, sem perder as esperanças.

Afinal, pensava ele, todo o bem que se faz não se perde, e ele sentia que estava a serviço da Verdade e do Cristo. Onde estivesse permaneceria protegido pelo Alto e irmanado aos companheiros de Ideal.

A alma boa do antigo professor de Tiradentes, o ex escravo Praxíteles, continuava a alimentar os ideais socráticos nas Minas Gerais, como inconfidente Dr. José de Sá Bittencourt, o doutor moço das partes de Sabará.

Encerramento

Elenco

Mariita — Marília.

Leila — Izabel — mãe do Aleijadinho.

Artur — Tomás Antonio Gonzaga.

Luci — Tomásia.

D. Fedra — tia Clara Gertrudes.

Sr. Venâncio — bisavô de Tomás, o judeu seu orientador.

Glauco — Tiradentes.

Lúcius — Aleijadinho.

Ascânio — Maurício.

Apolônio — Agostinho.

Cornélio — Januário.

Toni — Antonio Dias Coelho.

Marco — José Alvares Maciel.

Sílvia — Ana Ricarda.

Estácio — Luís Vieira.

Marcial — Padre Rolim.

Antonino — Carlos Toledo.

Aspásia — Bárbara Heliodora.

Terência — D. Maria I.

Igala — Cláudio Manuel da Costa.

Igana — Francisca Arcângela.

Atúmi — Oliveira Lopes.

Imulo — Manoel da Costa Rodrigues.

Leandro — Alvarenga.

Lucinha — Isabel Querubina.

Fábio — Francisco de Paula Freire.

Júlio — o romano Lício — orientador de Tiradentes.

Macati — Souza Lobo.

Tímon — Domingos Vidal Barbosa.

Ambrósio — Major Rego Fortes.

Sídon — Manitti.

D. Tereza — Joana Lopes.

Quima — o chinês orientador de Manha e de Cláudio Manoel (sua vida como chinês não pertence a este romance.)

Jasmina — Francisca Seixas.

Atiano — Luiz Vaz de Toledo.

Plínio — José Rezende da Costa Filho.

Rei Decéballo — Barbacena.

João Rodrigues de Macedo um dos ministros de Decéballo.

Antonia — Djanira.

Lucrécio (amigo de Júlio) — Joaquim da Maia.

(outro amigo de Júlio) — Victoriano Veloso.

mãe de Luci — Maria Dorotéia (mãe).

pai de Luci — Baltazar João.

mãe de Tereza — Maria Rosa.

Terso — Domingos Vieira.

Mira — José Rezende da Costa (pai).

Simão — José da Costa Rodrigues.

Mário — João Dias.

Sérvulo — Salvador Gurgel.

Damício — Anacleto.

Nigrino — Silvério.

Mirífico — Nicolau.

Serviano — Zumbi.

Públio Leandro — pai de Tomás.

Lucas — escravo de Tiradentes.

Acras — José Aires Gomes.

vendedor árabe de escravos — Parada e Souza.

Lucílio — Vicente Vieira da Mota.

Dimitrius — escravo Tomás.

Praxíteles - José de Sã Bittencourt

Muitos companheiros estavam em peregrinações outras, em experiências diferentes, porém, havia aqueles que nos seguiam sempre que possível do Plano Espiritual, nos ajudando ou perdendo, amigos e inimigos de épocas outras. São malhas tão finas e intrincadas que seus nós terão que ser desfeitos, pouco a pouco.

Palavras Finais

Na conturbação dos dias atuais, o Espiritismo surge como farol bendito, vencendo a neblina densa da ignorância milenar do Planeta.

Este nosso romance, analisado, friamente, por quantos o lerem, dará uma visão realista da vida corporal, como sendo os elos de uma imensa corrente interligada.

Ele mostra a realidade do Mundo Espiritual e o entrelaçamento dos dois Planos Vida (o da Matéria e o do Espírito), e a reencarnação, misericórdia divina da Lei de Evolução para nossa caminhada. A mais, não nos propomos!

Sabemos, prezado amigo, que a tua curiosidade, talvez, te haja pregado uma peça, induzindo-te a lê-lo, observando o "elenco". Mesmo assim, o choque de algumas revelações pode ter-te levado a reflexões íntimas.

O que não darias para ter o painel geral de nossas incursões físicas! É mistér, no entanto, dosar as revelações no Plano da Ordem e da Harmonia.

Assim, por ora, contenta-te em analisar as relações afetivas de parte do grupo Inconfidente, numa quadra de tempo, e, conforta-te ao considerar que Antonino, antes animoso quanto ao relacionamento de Leandro e Aspásia (Alvarenga e Bárbara), oficialhes os esponsais e o batizado dos filhos, com imenso júbilo, recomposto como o corajoso e amigo Padre Toledo!

Anima-te ao ver que Aleijadinho, havendo recuperado o equilíbrio emocional e físico, aceita a imposição de ser filho de escrava, para vencer a lembrança de antigo senhor, retornando à vida material, pelos braços amorosos de Leila, então escrava de seu pai, a não menos amada Izabel. Ele, segundo contaremos um dia, na permissão de Deus, em outro livro, tendo sublimado seu amor por Tomás Cavalieri em amizade pura, quando encarnado como Michelangelo, tudo faz por unir Marília e Tomás (Mariita e Artur), a quem, outrora, separara.

Maurício (Ascânio), espírito evoluído, totalmente desprendido dos bens materiais, ampara ao Mestre Lisboa, no seu resgate doloroso e, este reparte com ele os frutos recebidos de suas obras artísticas.

Anota que Apolônio não se aparta dele e retorna como Agostinho, sendo retratado por Atayde no fôrro da Igreja Francisco de Assis, de Ouro Preto, na figura do santo do mesmo nome (Santo Agostinho), bem como, retratou aos demais escravos de Lisboa, naquele mesmo fôrro.

Repara que Cornélio paga o preço da traição e da cobiça, carregando nos ombros fortes do então Januário, seu antigo senhor, martirizado pela hanseníase.

Observa que D. Maria I cumpre a vingança ideada por Terência, levando à força Tiradentes, e, comprometendo-se de uma forma terrível, que tanto lhe custa, no presente.

Ah! Querido leitor e amigo, por certo, muitas reflexões te passaram, e ainda passarão pela mente!

Se alguma dúvida, porém, te assalta o espírito, olha ao teu redor o quadro do sofrimento humano; perscruta o teu próprio íntimo e relaciona as dores que te crucificam e as inclinações inatas que te reconheces, e, encontrarás, em toda parte, a reencarnação como a resposta justa e eternal aos teus questionamentos e aos teus apelos.

QUE JESUS NOS PERMITA SERVE-LO SEMPRE!

TOMÁS.

FIM